UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Murilo Aranha Guimarães Marcello

RACISMO, DECOLONIALIDADE E CRÍTICA À IDEOLOGIA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO *PORTAL CAPOEIRA*

SOROCABA/SP
2023

Murilo Aranha Guimarães Marcello

RACISMO, DECOLONIALIDADE E CRÍTICA À IDEOLOGIA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO *PORTAL CAPOEIRA*

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes

SOROCABA/SP
2023

Ficha Catalográfica

Marcello, Murilo Aranha Guimarães
M263r Racismo, decolonialidade e crítica à ideologia: uma análise de discurso do Portal Capoeira / Murilo Aranha Guimarães Marcello. -- 2023.
293 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes.
Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2023.

1. Racismo. 2. Negros – Condições sociais. 3. Capoeira. 4. Análise do discurso. 5. Ideologia. 6. Comunicação e cultura. I. Lopes, Felipe Tavares Paes, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Elaborada por Maria Carla Pascotte Freitas Gonçalves – CRB-8/6721

Murilo Aranha Guimarães Marcello

RACISMO, DECOLONIALIDADE E CRÍTICA À IDEOLOGIA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO *PORTAL CAPOEIRA*

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 14/04/2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Luiz Peres-Neto
Universitat Autònoma de Barcelona

Profa. Dra. Mara Rovida Martini
Universidade de Sorocaba

Profa. Dra. Tarcyanie Cajueiro Santos
Universidade de Soroca

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer com palavras a todos e todas que me apoiam nos mais variados caminhos da minha vida, principalmente nos meus estudos.

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares, em especial meu pai e minha mãe, por representarem o mais intrínseco afeto na minha vida.

Agradeço ao meu irmão, um grande amigo.

Agradeço à pessoa mais especial, minha companheira, estando sempre ao meu lado, tanto nos momentos difíceis quanto nos afortunados.

Agradeço aos meus gatos, por sempre me animarem com situações peculiares e carinhosas, inclusive por estarem sempre presentes nos meus dias de leituras. Agradeço, principalmente, a Pietra, uma grande companheira que nos deixou enquanto eu escrevia essa tese.

Agradeço os colegas e as colegas do curso pelo apoio, pois o esforço para buscar o conhecimento sempre foi compartilhado.

Agradeço os professores e as professoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, que transmitiram o saber com excelência e maestria, dando condições para essa longa caminhada. Além de todas as outras pessoas, que fazem parte do apoio da Universidade de Sorocaba, desde as pessoas que compõe da secretária/apoio até as pessoas que realizam a limpeza e outros serviços essenciais na universidade.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes, grande parceiro, pessoa com conhecimento admirável, porém com uma modéstia maior ainda.

E, por último, agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa, que tive a oportunidade de contar com uma bolsa, pois caso isso não tivesse ocorrido não teria a mesma oportunidade de dar prosseguimento aos meus estudos e a minha carreira como pesquisador.

O Colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra.

(Grada Kilomba)

RESUMO

Esta pesquisa insere-se no campo de estudos sobre Comunicação, Cultura e Relações Raciais, focalizando as relações entre discurso e poder no universo da capoeira. Mais exatamente, tem como objetivo responder as seguintes questões: de que maneira a prática da capoeira é discursivamente construída por mestres/mestras e praticantes em artigos publicados no site Portal Capoeira no período de 2018 a 2022? E em que medida e como essas construções discursivas podem ser consideradas críticas à ideologia, desafiando, contestando e/ou transformando relações de dominação étnica ou racialmente fundamentadas? Para alcançar esse objetivo, adotamos a teoria social de John B. Thompson – especialmente, seu conceito de (crítica à) ideologia. Também nos apoiamos nos estudos étnicos-raciais e no pensamento decolonial, a fim de aprofundarmos a discussão sobre o racismo/antirracismo. No que diz respeito à metodologia, fizemos uso da análise crítica do discurso de orientação construcionista. A partir dessa metodologia, organizamos a pesquisa em três etapas. Na primeira, buscamos analisar o contexto sócio-histórico de produção e circulação dos discursos sob investigação, focalizando as relações de dominação que caracterizam esse contexto. Na segunda, buscamos analisar a organização interna desses discursos, suas características estruturais, padrões e relações. E na terceira, buscamos reinterpretar os resultados da análise discursiva à luz dos resultados da análise sócio-histórica. Ao reinterpretar esses resultados, concluímos, entre outras coisas, que as matérias examinadas possuem um caráter crítico à ideologia, na medida em que seus discursos tendem a estimular o debate sobre relações raciais na capoeira e a iluminar conflitos que costumam ficar na penumbra. Ademais, com frequência, fazem oposição a pontos de vista e posições racistas, contribuindo, portanto, para deslegitimar o fenômeno e, consequentemente, colocar em xeque relações de dominação racialmente fundamentadas.

Palavras-chave: comunicação; cultura; racismo; crítica à ideologia; capoeira.

ABSTRACT

This research is part of the field of studies on Communication, Culture and Racial Relations, focusing on the correlation between discourse and power in the universe of capoeira. More precisely, it aims to answer the following questions: how is the practice of capoeira discursively constructed by masters and practitioners in articles published on the Portal Capoeira website from 2018 to 2022?And to what extent and how can these discursive constructions can be considered critical of ideology, challenging, contesting and/or converting ethnicall domination or racially grounded relations? To achieve this goal, we adopt John B. Thompson's social theory – especially, his concept of (criticism of) ideology. We also rely on ethnic-racial studies and decolonial thinking in order to deepen the discussion on racism/anti-racism. With regard to methodology, critical analysis of the constructionist discourse was used. Based on this methodology, we organized the research into three stages. On the first stage, we seek to analyze the social-historical context of production and circulation of the discourses under investigation, focusing on the domination relations that characterize this context. On the second stage, we seek to analyze the internal organization of these discourses, their characteristics, patterns and correlations. And on the third stage, we seek to reinterpret the results of the discursive analysis in light of the results of the social-historical analysis. By reinterpreting these results, we conclude, among other things, that the examined subjects have a critical character to ideology, considering as their discourses tend to stimulate the debate about racial relations in capoeira and to illuminate conflicts that usually remain in the shadows. In addition, they often oppose racist views and positions, contributing, therefore, to delegitimize the phenomenon and, consequently, question racially based domination relations.

Keywords: communication. culture. racism. criticism of ideology. capoeira.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Modos de operação da ideologia.....50
Quadro 2 Arquitetura do Portal Capoeira.....122
Quadro 3 Ficha da matéria.....126
Quadro 4 Quadro Geral das Matérias.....128
Quadro 5 Contextos comunicativos das matérias selecionadas.....137
Quadro 6 Organização geral, tópicos gerais dos temas e estratégias semânticas locais das matérias selecionadas.....140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Teses e Dissertações Ciências Sociais Aplicadas 31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Teses e Dissertações na Ciências Sociais Aplicadas.....32

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....13
1 INTRODUÇÃO.....21
1.1 Problemática e objetivos da pesquisa.....27
1.2 Estrutura dos capítulos da tese.....28
2 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA.....30
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....44
3.1 O conceito de ideologia de John B. Thompson.....44
3.2 O conceito de racismo estrutural e o pensamento decolonial.....51
3.2.1 Raça e Colonização.....52
3.2.2 Conceituação do termo "racismo".....60
3.2.2.1 Concepções de racismo e racismo estrutural.....69
3.2.3 Colonialidade e Decoloconialidade: Uma perspectiva decolonial sobre Raça e Racismo.....76
4 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....101
4.1 Análise crítica do discurso - Estudos do Discurso (ED) e Estudos Críticos do Discurso (ECD).....101
4.2 Construção do *corpus*.....103
5 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A PRÁTICA DA CAPOEIRA.....105
5.1 Capoeira, cultura popular e mestres/mestras de capoeira.....105
5.2 As redes sociais digitais na difusão da capoeira.....113
5.3 Portal Capoeira.....116
6 ANÁLISE DISCURSO E (RE)INTEPRETAÇÃO DOS DISCURSOS.....124
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....160
REFERÊNCIAS.....163
ANEXO A - FICHAS DE LEITURA DAS MATÉRIAS ANALISADAS.....172

APRESENTAÇÃO

A presente tese de doutorado, sob auspícios da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), insere-se no campo de estudos sobre mídia, ideologia e relações raciais, e foi desenvolvida pela linha de pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Inicialmente, antes de me debruçar sobre o referido campo, apresentarei a minha trajetória acadêmica e os percursos enfrentados para a construção desta tese. Posteriormente, será introduzida sua temática.

Começo apresentando minha trajetória como pesquisador. Sou graduado em Administração (2013), com enfoque em Marketing, pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (Esamc). Na sequência, a fim de me adaptar ao mercado, iniciei uma pós-graduação *lato sensu*, realizando MBA em Gestão de Marketing e Comunicação Integrada (2015) pela Universidade da Cidade São Paulo (Unicid). Entretanto, com uma rotina de estudos mais aprofundada na pós-graduação, considerei esse momento uma exortação às atividades acadêmicas, visto que senti necessidade de ampliação desses horizontes. Esse foi um passo importante para a minha trajetória acadêmica como pesquisador, pois foi a partir dessa trajetória não planejada que tive o interesse de ingressar em um programa de pós-graduação *stricto sensu*.

Em 2015, iniciei, então, o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, na Universidade de Sorocaba, na linha de pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais, e me titulei mestre em 2017. O mestrado significou um novo parâmetro, pois tive nele as primeiras e verdadeiras inquietações intelectuais; o afloramento para o aprendizado tornou-se ainda mais prazeroso com a lucubração dos grandes pensadores e pensadoras. Na dissertação defendida, cujo título é "Jiu-Jitsu na mídia: análise do potencial ideológico dos discursos veiculados na revista Veja" (2017), abordei o processo de construção discursiva da categoria "praticante de jiu-jitsu", por meio da interpretação de matérias publicadas na revista Veja, durante o período de 1990 a 2016, com o objetivo analisar o potencial ideológico desses discursos, ou seja, estudei se e, se sim, em que medida e como esses discursos estabeleciam ou sustentavam relações de dominação.

Para tanto, adotei a concepção de ideologia de John B. Thompson (2011) e sua proposta metodológica: a hermenêutica de profundidade. Seguindo a estrutura tradicional dessa metodologia, a pesquisa foi estruturada em três partes: análise sócio-histórica, análise

formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. Na primeira, busquei (re)construir as condições sociais e históricas de emergência e consolidação do jiu-jitsu no Brasil, enfocando o papel da mídia nesse processo. Na segunda, cataloguei e analisei todas as matérias publicadas na revista Veja sobre esse esporte, durante o período de 1990 a 2016. Ao fazer isso, examinei, entre outras estratégias discursivas, as formas de designação e as características e ações atribuídas aos praticantes de jiu-jitsu. Na terceira e última, realizei uma síntese, por construção criativa, dos resultados das análises das etapas anteriores. Ao realizar essa síntese, foi possível considerar, entre outros aspectos, que as matérias examinadas possuíam um caráter ideológico potencial, na medida em que expurgam, com frequência, os praticantes de jiu-jitsu, construindo-os como pessoas más, perigosas e ameaçadoras.

Com a aspiração de tornar-me pesquisador, além de participar das aulas, realizar escritas e leituras, também participei como membro do grupo de pesquisa CNPq: Mídia e Cidade (MIDICID) até o ano de 2018, e, atualmente, sou membro do Grupo de Pesquisa Mídia, Esporte e Lazer (GPMEL). Esses dois grupos estão voltados aos estudos relacionados à Mídia e às Práticas Socioculturais.

Visando a discutir a temática da minha tese com os pares, participei de congressos, dos GTs (grupos de trabalho) ligados à Comunicação, Cultura, Estudos Culturais, Folkcomunicação, Mídias, Práticas Socioculturais, Estudos Étnico-raciais etc., dando destaque para congressos ligados à Comunicação, como Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), e Alaic (*Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación*). Além desses, participei de congressos como: Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, Congresso Internacional de Estudos sobre Linguagem, Congresso Internacional sobre Culturas etc.

Após essa breve apresentação da minha trajetória acadêmica, destaco as circunstâncias em que a pesquisa foi produzida. O doutoramento foi iniciado no primeiro semestre de 2019. Assim, após a aprovação nas etapas do processo seletivo, com a orientação, deu-se início à implementação do projeto de pesquisa. Essa fase contou com o levantamento e a avaliação de uma série de pontos, como problemática de pesquisa, revisão bibliográfica, leituras etc. Nesse processo, que contou com apoio do meu orientador, chegamos aos principais caminhos para a construção da tese.

Esse processo costuma ser comum nas pesquisas acadêmicas. Entretanto, entre o final de 2019 e o início de 2020, houve um acontecimento de uma magnitude transformadora na sociedade: a pandemia da Covid-19. Essa pandemia revelou-se uma das maiores “surpresas” anunciadas do século XXI. Com ela, ocorreram situações até então não presenciadas por

muitos, como aeroportos e fronteiras fechados, países e cidades inteiras isolados, pessoas impossibilitadas de circularam devido à quarentena etc. Essas medidas sanitárias, de extrema importância e necessárias, foram a única forma de conter a circulação do vírus da Covid-19, esse desastre sanitário, pois não contávamos com vacinas e medicamentos capazes de frear o alastramento da doença. Assim, esta espalhou-se rapidamente por todos os continentes, gerando mortes e perdas irreparáveis. Somente no Brasil, até o presente momento, foram contabilizadas 673 mil[1] mortes, sendo uma das maiores catástrofes sanitárias sofridas pelo país. Edgar Morin (2020) esclarece que uma crise sanitária dessa magnitude, como foi o caso também da gripe espanhola, pode representar uma série de mudanças na humanidade, de uma maneira macro ou subjetiva. Tal gripe causou, por exemplo, uma série de acontecimentos significativos na vida dele próprio, como a sua quase morte no nascimento, devido a complicações na saúde de sua mãe.

Como analisou Morin (2020, p.21), houve alguns outros alastramentos epidêmicos na história. No entanto, o evento pandêmico da Covid-19 representou uma megacrise global:

> É verdade que houve muitas pandemias na história. É verdade que a unificação bacteriana global ocorre desde a conquista das Américas, mas a novidade radical da Covid-19 está no fato de ele dar origem a uma megacrise feita da combinação de crises políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas, ou seja, complexas, no sentido original da palavra *complexus*, "o que é tecido junto".

Essa pandemia representou, portanto, um desafio para várias áreas da nossa sociedade, e, visto que não estavam a par dessa situação, a ciência, a educação e a pesquisa também foram impactadas.

Nesse cenário, com a necessidade de distanciamento social, universidades, escolas e outras instituições de ensino foram fechadas, assim como outros setores (religiosos, econômico, lazer etc.). Com os fechamentos das instituições de ensino, a solução para que os trabalhos tivessem continuidade passou pela adaptação do processo de ensino para a modalidade à distância. Dessa forma, muitas instituições entraram em modalidade on-line, com a utilização de videoconferências. Essa adaptação precisou ser realizada em um breve período, e, mesmo que já existisse o ensino no formato EAD (Educação à distância), ele não era significativo da maioria das universidades, as quais não estavam adaptadas para essa

[1] Balanço realizado pelo Consórcio de Veículos de Imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de saúde em 08/07/2022.

modalidade. Esse processo também passou a integrar a rotina dos eventos e congressos acadêmicos/científicos.

Por consequência, a pandemia da Covid-19 também impactou a presente pesquisa, provocando mudanças no projeto inicial. Assim, com a necessidade de distanciamento social, algumas decisões a respeito do andamento da pesquisa sofreram alterações significativas. Esse momento foi permeado pela incerteza sobre se a pandemia se alastraria e se prolongaria, ou se ela seria controlada e cessaria rapidamente; porém, o tempo nos mostrou que ela teria continuidade, mesmo que certas medidas tenham sido tomadas[2].

A princípio, planejei realizar uma série de entrevistas; no entanto, por questões de segurança de ambos os públicos (entrevistador/pesquisador e entrevistados), mudei de ideia – especialmente, porque objetivava entrevistar pessoas que faziam parte do grande grupo de pessoas de risco, os/as idosos/idosas.

A ideia inicial era analisar discursos de antigos mestres e mestras de capoeira, mas, como esse grupo é composto por pessoas com mais idade, entre 60 e 90 anos, realizar essas entrevistas seria uma falta de responsabilidade e de ética, pois colocaria as vidas desses/dessas entrevistados/entrevistadas em risco. E, nesse contexto, também estaria colocando em risco a vida de alguns familiares meus, que fazem parte do grupo de risco, principalmente por conta de comorbidades, como, por exemplo, asma.

Como segunda opção para esse novo contexto, pensamos em realizar as entrevistas de maneira remota, porém o público não era habituado às tecnologias emergentes, tendo em vista que alguns mestres/mestras de capoeira, por questões sociais/econômicas, não tinham acesso à tecnologia necessária. Esse detalhe mostrou-se bastante revelador também na área da Educação, de uma maneira geral, já que existe a falsa impressão de que o acesso a equipamentos digitais é democrático e disponível para todos/todas. Infelizmente, muitos alunos/alunas tiveram que parar de estudar por falta de acesso a essa tecnologia.

Diante dessas dificuldades, desistimos de realizar as entrevistas. Com isso, tivemos que alterar alguns caminhos já decididos e relevantes para o andamento da pesquisa, como problemática, objetivos e métodos.

Outra dificuldade encontrada para a presente pesquisa, diante dessa pandemia, foi o acesso a material para estudo e pesquisa, principalmente livros, uma vez que, além das universidades estarem fechadas, as bibliotecas encontravam-se inacessíveis. Logo, foi necessário que eu realizasse a compra de uma série de livros, uma vez que eles eram peças

[2] Mesmo como novas metodologias de combate (vacinas e medicamentos), o vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) mostrou-se com potencialidade para tornar-se uma doença endêmica.

fundamentais nas leituras para a construção do pensamento e da tese. Alguns livros, de certo modo, foram de difícil acesso até mesmo para sua compra, pois já eram edições que não contavam com novas publicações.

Ainda como forma de relato, não poderia deixar de mencionar questões ligadas à minha saúde mental, a qual, por conta de tudo que ocorreu no período da pandemia de Covid-19, sofreu uma série de impactos, ocasionados principalmente pelo isolamento social. Essa situação, em certos momentos, mostrou-se bastante desafiadora, gerando em mim quadros de ansiedade, depressão, pânico e hipocondria.

Considerei, portanto, fundamental fazer, nesta apresentação, esse pequeno relato dos impactos da pandemia de Covid-19 sobre esta pesquisa e autor, pois um fenômeno dessa magnitude acaba deixando marcas em cada um/uma de nós, como aconteceu com pessoas que perderam desde familiares até empregos.

Seguindo, agora, o percurso natural da pesquisa, passo a tratar sobre a construção da tese e seus caminhos. Esta tese, de maneira direta e indireta, dá continuidade aos estudos realizados por Lopes (2012) e pelo presente autor (MARCELLO, 2017), que abordam discursos veiculados na "grande" mídia a respeito de violência no esporte, esportes marginalizados e relações de dominação. Nos últimos anos, Lopes tem verificado como a categoria "torcedor violento" é construída simbolicamente nos meios de comunicação de massa. Já Marcello (2017), realizou um recorte na revista *Veja*, abordando a construção da categoria denominada "lutadores de jiu-jitsu", e apontando como é simbolicamente construída na mídia de massa.

Nesta pesquisa, abordarei questões relativas a mídia, cultura, ideologia e relações étnico-raciais, a fim de compreender, entre outras questões, um fenômeno complexo denominado racismo.

Um dos principais entendimentos necessários para estudar o racismo é compreender que ele é real e violento (KILOMBA, 2019) para um imenso grupo de pessoas que são racializadas, pois esse ato causou e ainda causa dor para muitas pessoas que são vítimas dessa problemática da sociedade. Assim, por se tratar de um tema sensível, buscarei tratar a temática por perspectiva respeitosa às vítimas, e por um viés antirracista (RIBEIRO, 2019).

Também aprendemos com a Psicologia Social Crítica que, para realizar uma pesquisa, é "condição *sine qua non* que o investigador saiba o lugar social e subjetivo de onde age, fala, observa e escreve" (SCHUCMAN, 2020, p. 25, grifos da autora). Mesmo não sendo esta uma pesquisa dessa área, e se inspirando em Lia Vainer Schucman (2020) – que estuda o fenômeno da branquitude –, eu passo a adotar esses pressupostos, principalmente por se tratar

de um tema sensível. Portanto, sendo eu homem, branco, brasileiro, de classe média e com ancestralidade de pessoas afro-brasileiras, pessoas nordestinas, pessoas paulistas e pessoas imigrantes europeus/europeias, é desse lugar que eu pesquiso e escrevo.

Venho de uma família de origem afro-brasileira, a qual, há quatro gerações, teve uma pessoa que foi escravizada pelo regime da escravidão de pessoas negras africanas no Brasil. Essa pessoa é minha tataravó materna. Este relato foi contado por minha avó, que ouviu de seu pai (meu bisavô), e de seu avô (meu trisavô), já que ela não chegou a ter convivência com a bisavó, comercializada como propriedade de um fazendeiro branco antes da abolição da escravidão no país. Por vezes, esse relato parecia ter sido esquecido até pelos/pelas meus/minhas familiares, exceto pela minha avó, que o contava para aqueles/aquelas que lhe perguntassem. Outro fato relacionado à minha família materna, além de não sabermos o paradeiro da minha tataravó, é que não temos a menor ideia de onde viveram, no continente africano, nossos/nossas ancestrais trazidos/trazidas daquela região e aqui escravizados/escravizadas. Esse assunto era muito pouco comentado, ou raramente comentado pelos demais integrantes da família, trazendo a sensação de que este era um pedaço da história familiar muito distante ou superado.

Já em contrapartida, no outro lado da minha família (o paterno), a história era bastante diferente, pois sempre ouvi histórias dos/das meus/minhas familiares que vieram como imigrantes de países da Europa, como, por exemplo, da Itália. Sempre falavam: “O seu bisavô era italiano, corre em nossas veias o ‘sangue italiano’”, “Seu bisavô nasceu na Caserta” etc. Essas trajetórias eram contadas sem que ninguém perguntasse, e bastava alguém começar a falar, que isso era logo exaltado. Mas essa exaltação com a Europa era ilusória, pois, exceto meu bisavô, que nasceu e viveu por um tempo na Itália, os/as outros/outras familiares, descendentes, nunca chegaram a ir para a Europa. Dessa forma, eu vivia duas realidades genealógicas, as quais geraram alguns questionamentos sobre a minha vida, que ainda busco entender presentemente.

Depois desse breve relato pessoal, posso mencionar que o racismo não seria um problema distante de mim, mesmo tendo a consciência que não estou no lugar de uma pessoa que o sofreu ou sofre com ele, já que sou considerado “branco”. Mesmo assim, pouco ouvi comentários sobre o tema, principalmente nas minhas famílias, tanto materna (origem africana) quanto paterna (origem europeia), o que corrobora a percepção de algo inexistente ou negado. Foi somente no mestrado, partindo principalmente de estudos críticos sobre a mídia, que tive o interesse em compreender o fenômeno do racismo, mas vim a aprofundar esse conhecimento somente nesta pesquisa. Hoje posso falar que escolhi o tema por motivos

acadêmicos e científicos, mas, principalmente, porque busco lutar contra a opressão e a subalternização das populações racializadas, oprimidas por uma sociedade apoiada em uma branquitude irrigada por privilégios.

Porém, como bem sabemos, "o racismo particular do brasileiro é a ideologia do branqueamento marcado por uma sociedade hierárquica de desigualdades sociais e racistas no que diz a respeito aos negros e aos índios" (SCHUCMAN, 2020, p. 26). Então, mesmo que eu tenha origens ancestrais afro-brasileiras, e que, por uma questão fenotípica, sou considerado "branco", ainda faria parte do grupo privilegiado, ou seja, mesmo tendo a compreensão e a consciência do que é racismo, ainda estaria sendo um dos protagonistas desse fenômeno da branquitude. Como Cida Bento (2022) bem avisa, em uma ideologia racial, os/as brancos/brancas produzem um senso de alienação, o qual os "isenta" da responsabilidade por problemas sociais de pessoas negras ou outros grupos não brancos, principalmente por não analisarem o próprio racismo. Cida Bento (2022) denominaria isso de "pacto narcísico da branquitude", o qual, "o indivíduo pode buscar uma nova maneira, mais confortável, de ser branco" (BENTO, 2002, p.49).

Acerca desse tal privilégio, pouco admitido pela branquitude, posso também fazer um relato de uma experiência que tive logo na adolescência. Com meus 15 anos, estávamos eu e meu primo andando em uma avenida movimentada de Sorocaba, cidade do interior do estado de São Paulo, até que fomos abordados por uma viatura da polícia – essa seria a minha primeira e única abordagem policial. O carro veio em nossa direção, subindo na calçada da rua e os policiais pediram para que nos encostássemos à parede. No momento da revista, um dos policiais me pediu para que eu ficasse no canto, esperando, enquanto eles revistariam meu primo, pois eu não seria revistado. Os policias levaram cerca de uns 15 minutos para revistarem meu primo e verificarem seus documentos, os meus não foram solicitados. Após algumas conversas entre ele e os policiais, as quais eu não consegui ouvir, ele mencionou que ele era filho de outro policial, sendo, assim, liberado. Continuamos nosso caminho até chegarmos à casa dele. Meu primo ainda falou que já havia sido parado anteriormente, e que já estava acostumado. E ainda comentou que os policiais o haviam insultado com palavras, como, "maloqueiro" ou "marginal".

Essa situação gerou em mim alguns questionamentos, principalmente, porque eu não havia tido o mesmo tratamento. Pensei primeiro na questão da roupa, mas o meu primo e eu estávamos com as vestimentas parecidas (camisetas, shorts, bonés e chinelos); logo, essa não seria uma justificativa. Pensei, então, que era devido à idade, já que ele era dois anos mais velho que eu, sendo essa a conclusão da época.

Entretanto, na época, eu não havia percebido o óbvio que teria acontecido. Nem mesmo meu primo, sendo a vítima da situação, chegou a associar o acontecimento ao racismo. Somente alguns anos à frente, já compreendendo que essa situação seria uma rotina de jovens negros/negras periféricos/periféricos, foi que eu percebi que meu primo havia sido vítima de racismo, pois dois meninos que andavam juntos, com as mesmas condições econômicas, as mesmas vestimentas e idades aproximadas, sofreram abordagens diferentes pela polícia, ou seja, aquele dia eu fui privilegiado pela branquitude, os policiais não me enxergaram como um possível infrator, mas o meu primo, sim.

Portanto, sabendo desses privilégios lançados pela branquitude, eu escrevo esta tese acerca dessa temática sensível para muitas pessoas que fazem parte de grupos racializados, oprimidos, dominados etc.

Escolhi a capoeira como um recorte, pela sua aproximação com as artes marciais, mas principalmente por ela ser originária da cultura de pessoas africanas escravizadas e das culturas afro-brasileiras e também por ter uma ampla ligação com os movimentos negros. Dessa forma, em certa medida, contaria com a presença daqueles/daquelas que participam dessa arte, e que, num passado não muito distante, foram perseguidos/perseguidas e criminalizados/criminalizadas, representando, atualmente, resistência, prestígio, orgulho e até mesmo o Brasil.

Dando sequência à escrita desta pesquisa, a próxima seção apresentará o leitor e à leitora a temática (capoeira), a problemática, os objetivos, a justificativa (revisão bibliográfica) e a estrutura da tese.

1 INTRODUÇÃO

Conforme já antecipamos[3], a presente pesquisa insere-se no campo de estudos sobre mídia, cultura, ideologia e relações étnico-raciais, focalizando o tratamento jornalístico especializado dado a uma modalidade esportiva: a capoeira. Com isso, busca contribuir para a compreensão do processo de produção, reprodução e/ou transformação do racismo pela mídia especializada na temática (capoeira). Entretanto, buscando novos percursos, optamos em focalizar os discursos críticos à ideologia, tendo em vista o protagonismo de mestres/mestras de capoeira que assinam textos/matérias na modalidade mídia/jornalismo, verificando o tratamento dado ao combate ao racismo.

A capoeira é um assunto recorrente nos estudos acadêmicos no Brasil, conforme indicou a revisão bibliográfica feita para esta tese. Nela, observamos uma ampla estrutura de disciplinas que abordam a temática, o que gerou inúmeras pesquisas a respeito desse assunto, o qual é recorrente, principalmente nas Ciências Humanas. Dessa forma, a maior parte desses estudos situa-se dentro dos limites das Ciências Humanas, abrangida por disciplinas como Sociologia, Antropologia, História etc. Entretanto, como segundo grupo que mais produz conhecimento sobre a capoeira, encontramos as Ciências Sociais Aplicadas, grande área em que esta pesquisa se insere. Alguns desses estudos sobre a capoeira, mais especificamente, os que fazem parte da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, terão um tratamento mais amplo no decorrer da tese, na revisão bibliográfica sobre o estado da questão, e serão examinados minuciosamente, ressaltando-se a temática e o campo da Comunicação e Cultura.

A fim de introduzir qual é o objeto em questão nesta tese, indicaremos, em um primeiro momento, o que se entende por "capoeira" e de que maneira essa pesquisa compreende essa prática. Por motivos pertinentes, a apresentação da capoeira será relacionada às questões relevantes para esta pesquisa, ou seja, não se buscará entender a prática da capoeira em si, mas, sim, o tratamento jornalístico sobre a prática e seus discursos. Sendo assim, não buscaremos (re)construir a fundo a história da capoeira, tendo em vista que já encontramos estudos que representariam mais adequadamente esse entendimento sobre a prática (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002); nesse caso, teríamos pouco a acrescentar. Ao falarmos sobre a capoeira nesta tese, objetivamos realizar uma aproximação do objeto com o campo da Comunicação e Cultura.

[3] Ao usar a primeira pessoa do plural empregado ao longo da pesquisa, procura-se evidenciar que, apesar de ser um texto com assinatura realizada por um autor, houve a colaboração inestimável de diversas pessoas, especialmente do Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes.

Após a apresentação da capoeira e dos pontos relevantes dessa prática para esta tese, o próximo passo será apresentar a explanação da problemática de pesquisa, a explicitação dos objetivos e a revisão bibliográfica, além de revelar a estrutura dos capítulos em que a tese está construída.

Inicialmente, a capoeira é reconhecida como uma das principais atividades esportivas do Brasil, estando diretamente ligada às culturas afro-brasileiras. Essa prática desenvolveu-se por pessoas negras escravizadas no Brasil, decorrente de uma das maiores atrocidades cometida pela humanidade, a diáspora africana e a colonização (FANON, 2020; 2021; 2022; GILROY, 2012; KILOMBA, 2019; MBEMBE, 2018a).

Como sabemos, o Brasil colonial foi estruturado pela escravidão de pessoas negras africanas e seus descendentes, estendendo-se por três séculos (SCHWARCZ; STARLING, 2018); não se pode deixar também de citar a escravidão de pessoas indígenas, também chamados de gentios da terra ou povos originários (SCHWARCZ; GOMES, 2018; SCHWARCZ; STARLING, 2018).

Num sistema *plantation e* colonial, por meio da opressão, obstinado pelo projeto de colonialidade/modernidade e civilização proposto pelo pensamento liberal-iluminista (ALMEIDA, 2020; CÉSAIRE, 2020; MBEMBE, 2019; 2018a; OLIVEIRA, 2021), essas pessoas negras escravizadas eram consideradas apenas um instrumento agrícola. Nesse sentido, elas eram de interesse do branco brasileiro-português dono dos engenhos de cana-de-açúcar, apenas como mão-de-obra escravizada e para comercialização (BASTIDE, 1961). Assim sendo, elas eram selecionadas apenas por critérios puramente comerciais, tratadas como objetos (coisificação da pessoa), e classificadas como propriedades, o que ocasionaria a elas a negação da humanidade (BASTIDE, 1961).

A abolição da escravidão no Brasil veio tardiamente, proclamada somente em 1888, sendo este país um dos últimos países a fazer o decreto. O autor brasileiro Lima Barreto, em seu romance “Clara dos Anjos”, alude, em sua obra de ficção, ao sofrimento dessas pessoas negras, que, mesmo em momentos finais de escravatura, penavam “sob os açoites e no suplício do tronco” (BARRETO, 2021, p.31).

Não podemos deixar de mencionar que, diante desse contexto, povos africanos de variadas etnias e de diferentes partes geográficas do continente africano trouxeram consigo

inúmeros aspectos culturais, tais como: línguas, costumes, crenças, simbolismos, artefatos e religiões, além de ter suas divindades próprias, os Orixás[4].

No entanto, mesmo com a abolição da escravatura, essas pessoas não puderam integrar-se devidamente à sociedade, pois foram racializadas e marginalizadas, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro, que era capital do Brasil no século XIX. Suas culturas, de maneira sistemática, tornaram-se alvos de perseguições, uma vez que o Brasil aspirava a tornar-se um país branco, com fundamentos eurocêntricos. Tanto que Roberto DaMatta (1986) nos indicaria alguns caminhos encontrados na construção da identidade brasileira e como isso estaria relacionado em certa medida com a corte portuguesa.

Diante dessa perseguição contra as culturas das pessoas negras, a capoeira também foi marginalizada e criminalizada. Como aponta o etnólogo Edison Carneiro, a capoeira sempre foi repreendida, atraindo a cólera das camadas tidas como superiores da sociedade: "foi sempre uma *vadiação* proibida, perseguida, e os negros que a ela se davam eram caçados nas ruas e escorraçados das cidades como desordeiros e malandros" (CARNEIRO, 2008, p. 51, grifos do autor).

Como podemos observar, as pessoas negras escravizadas, em um primeiro momento, tiveram sua humanidade negada ao serem tratadas como propriedade, e, posteriormente, com o fim da escravidão, tiveram suas culturas subalternizadas. Nesse contexto, a prática da capoeira é atravessada por uma história intrincada, movida por uma trajetória de perseguição e de resistências; então, é extremamente complexo determinar sua origem. Segundo uma pesquisa/dossiê levantada pelo IPHAN (2014), com a colaboração de uma série de pesquisadores/pesquisadoras, existem três mitos fundadores da capoeira: "a capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados; a capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil; a capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo" (IPHAN, 2014, p. 19).

Entretanto, essas hipóteses ainda são altamente questionáveis e não são conclusivas sobre a origem da prática. Conforme o IPHAN (2014), mesmo com estudos que mostrem algumas práticas similares em países do continente africano, principalmente na África Central; mesmo com a comprovação da raiz africana da capoeira, é notável o desenvolvimento da prática no Brasil, e "é preciso reconhecer as mudanças e as contribuições que ocorreram em solo brasileiro" (IPHAN, 2014, p. 19). Para o IPHAN (2007, p.12), a

[4] Orixás são ancestrais africanos/africanas divinizados/divinizadas, suas nomeações podem mudar dependendo da Nação do Candomblé, como *vodun*, *nkisi* etc. Na nação Ketu, temos alguns dos Orixás mais conhecidos, como, por exemplo, Oxalá, Iemanjá, Oxum, Ogum, Xangô, Iansã, Exu, Oxóssi etc.

dificuldade em definir a origem se dá pela diversidade, que gera contornos específicos, como indica o seguinte trecho:

> A dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos pode ser explicada devido a sua diversidade. Manifestação intimamente ligada às culturas locais, ganhou contornos específicos de acordo com os contextos em que se desenvolveu.

Outro problema para se descobrir a origem da capoeira ocorre pela dificuldade de encontrar registros sobre a prática. Como é ressaltado por Cruz (2003), conhecido também como mestre Bola Sete, o governo republicano de Deodoro da Fonseca (1889-1891), por ordem de Ruy Barbosa, ministro da Fazenda na época, ordenou que fossem queimados todos os documentos que continham informações referentes à escravidão e às pessoas africanas escravizadas; no caso, essas ações também atingiram diretamente a capoeira. Outra linha de pensamento sobre a origem da capoeira mostra que a dificuldade para a comprovação da origem da prática deve-se à tradição de "história oral como fonte da transmissão do conhecimento sendo a mesma passada de geração a geração" (SILVA, SANTOS, MILDER, 2014, p.2). Esse aspecto é também encontrado em outras práticas culturais afro-brasileiras, como o candomblé, por exemplo. Não é de surpreender que os primeiros registros documentais encontrados sobre a capoeira são de 1789, em documentos que tratam da libertação de uma pessoa escravizada chamada Adão, o qual foi preso pela polícia nas ruas do Rio de Janeiro por capoeiragem. Tal documento foi encontrado e o caso foi relatado pelo jornalista Nireu Cavalcanti (2004). Edison Carneiro (2008, p.51) ainda complementa dizendo: "Todas as notícias históricas que conhecemos acerca da capoeira se referem a medidas de repressão tomadas pelas autoridades a fim de suprimi-la – e suprimir os capoeiristas".

Como já mencionamos, mesmo com a abolição da escravidão em 1888, a perseguição aos capoeiristas por parte da polícia e a estigmatização desse grupo pela sociedade continuaram (CRUZ, 2003; FONTOURA; GUIMARÃES, 2002; SANTOS; BARROS, 2001). Assim como a capoeira, o candomblé e o samba também tiveram suas práticas proibidas na constituição de 1824. Com sistemáticas perseguições e assaltos, em um primeiro momento, pelos "senhores" de pessoas escravizadas, e, posteriormente, pela polícia, além de elas não terem acesso à alfabetização, a maioria dos segredos da capoeira só eram revelados de maneira oral, e somente para pessoas de confiança. Ainda, hoje, mesmo com a descriminalização dessas práticas, permanece muito forte essa tradição na transmissão de informações.

Tratando mais especificamente sobre a prática da capoeira moderna, segundo o IPHAN (2007), a prática possui uma vasta diversidade de vertentes, sendo as principais a Capoeira Angola e a Capoeira Regional. Sobre os estilos contemporâneos da capoeira, Vieira e Assunção consideram que

> A modernização e a desportivização da capoeira a partir da década de 1930 resultou na formação de dois estilos distintos. O primeiro estilo moderno, a capoeira regional, foi criado pelo Mestre Bimba (1900-1974) apoiado por um grupo de alunos. Bimba partiu de uma crítica da antiga "vadiação baiana", que não estaria à altura das novas lutas que vinham desafiando a capoeira nos ringues de luta livre da época. Bimba selecionou as técnicas que lhe pareciam mais adequadas, eliminou outras que considerava ultrapassadas e integrou alguns golpes novos – geralmente de grande eficácia – à sua "luta regional baiana". Mais importante ainda foi o desenvolvimento de uma didática, a formalização do ensino na academia – treinos com uniforme – e a imposição de uma disciplina e uma ética desportiva. Mas, apesar de grande sucesso, principalmente a partir da década de 1960, seu estilo não logrou unanimidade entre os capoeiras baianos. Outra corrente, liderada a partir da década de 1940 por Mestre Pastinha, se propôs a manter justamente aqueles elementos da antiga capoeira que a regional decidiu descartar, como as "chamadas", o "jogo de dentro" mais lento, a teatralidade na roda, assim como uma série de rituais (começando pelas ladainhas iniciais). Enquanto Bimba destacava a inovação, Pastinha e seu grupo enfatizavam o resgate da tradição. Por essa razão, escolheram a denominação capoeira (de) angola para designar seu estilo, ressaltando, dessa forma, a continuidade em relação às origens africanas da arte (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p. 13).

A capoeira conta com mestres/mestras, contramestres/contramestras, professores/professoras, instrutores/instrutoras e praticantes; está difundida em um espaço geográfico de cinco continentes, e presente em 150 países (IPHAN, 2007). O universo da capoeira é abarcado por uma série de tradicionalidades, resguardadas pelos mestres de capoeira.

Um fato intrigante sobre a capoeira é sua caracterização como multidimensional (IPHAN, 2007; 2014). Essa multidimensionalidade está relacionada às variadas facetas da prática dessa atividade, de forma que a complexidade na assimilação depende muito do ponto de vista e da subjetividade do praticante ou do/da observador/observadora. É por isso que a capoeira pode ser anunciada\entendida como esporte ou manifestação cultural. Essa dualística é abarcada pela história, gerando duas principais facetas: uma cultural/artística e outra como luta/esportiva (IPHAN, 2007). Tal dualidade é reconhecida tanto por praticantes quanto por espectadores/espectadoras; nesse contexto, encontram-se mestres e mestras de capoeira que a classificam como uma prática altamente cultural; outros que a classificam como um esporte de alto rendimento e competitivo, enquanto outros podem classificá-la em ambos os aspectos. Apesar de existir essas distinções na capoeira, não nos limitaremos a classificá-la através

dessa dicotomia, pois entendemos que uma prática esportiva também seria classificada como parte de uma cultura.

A capoeira ainda pode ser observada como uma prática marcial, identitária, artística, musical, de dança, de resistência e filosófica; essas peculiaridades a tornam diferenciada das outras modalidades esportivas.

Entretanto, alguns/algumas praticantes apontam que na sua face cultural/artística, é observado aspectos como a musicalidade, confecção de instrumentos (berimbau, caxixi etc.) e ritualística (batismos, ritos, chamada etc.), fundamentados por uma tradicionalidade (IPHAN, 2007). Já na sua face esportiva, são apontados os elementos de luta e de ginástica trazem uma plasticidade corporal (IPHAN, 2007). Nesse sentido, para o Iphan (2007), as rodas de capoeiras e as práticas de capoeira contemporâneas não coexistem sem esses dois aspectos, e seus sentidos podem ser mais aguçados para certo aspecto, dependendo do estilo ou da vertente adotado/adotada pelo/pela mestre/mestra, ou grupo. Nesta pesquisa, a capoeira será abordada de maneira ampla, como forma de cultura/esporte/identidade/comunicação/resistência.

Atualmente, a prática da capoeira é abarcada por reconhecimento e prestígio, tendo como data especial o ano de 2008, e cuja proposta de registro analisada – Ofício dos Mestres de Capoeira no Livro dos Saberes e Roda de Capoeira no Livro das Formas de Expressão – teve sua aprovação no Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tornando-se, assim, uma manifestação reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial (LOBO, 2008). Porém, esse reconhecimento não ficaria concentrado no Brasil, já que, em 2014, a Roda de Capoeira torna-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Unesco.

A capoeira mostrou-se um elemento fundamental das culturas afro-brasileiras em variados aspectos, e, como é mencionado pelo folclorista Edison Carneiro, “a capoeira continuou a ser uma das diversões mais queridas pelo negro Angola, transformou-se na sua arma e, finalmente, se revelou a sua melhor maneira de se afirmar, individualmente, na sociedade – e de sobreviver” (CARNEIRO, 2008, p.51). Esse trecho nos revela que a capoeira, que era a princípio um modo de luta corporal, sendo uma maneira de se defender, no final, tornou-se um dos meios de sobrevivência e resistência dos povos negros, principalmente como afirmação.

A partir dessa breve introdução sobre a capoeira, damos andamento ao trabalho, com a pergunta que irá nortear essa tese.

1.1 Problemática e objetivos da pesquisa

Sabendo-se que as pessoas negras e seus/suas descendentes, diante da história da diáspora e escravidão africana, vêm passando por desumanidades e sofrimentos por gerações e séculos, e que a sociedade contemporânea é estruturada por um racismo que transcende o âmbito da ação individual, e na qual as relações raciais são constituídas pelo poder, sendo principalmente exercido de um grupo a outro grupo, fazendo parte de estrutura social (ALMEIDA, 2020); também considerando-se que existem grupos que dominam e outros que são dominados, envolvidos por relações de dominação e as formas simbólicas ideológicas (THOMPSON, 2011); no qual os meios de comunicações e a mídia, por um discurso realizado pelas elites simbólicas, embarcados em um processo de reprodução diária do racismo, por meio do discurso (VAN DIJK, 2019; 2020), evidencia-se a importância social e de resistência da capoeira nas culturas afro-brasileiras. Contudo, diante dos inúmeros discursos racistas, surgem, em contrapartida, os discursos antirracistas (VAN DIJK, 2021), que visam a minar a reprodução de um racismo estrutural, institucional ou individual, ou seja, tendo potencialidade crítica à ideologia. Então, diante desse contexto, propõem-se as seguintes perguntas: De que maneira a prática da capoeira é discursivamente construída por mestres/mestras e praticantes desse esporte em artigos publicados no site *Portal Capoeira,* no período de 2018 a 2022? E em que medida e como essas construções discursivas podem ser consideradas críticas à ideologia, desafiando, contestando e transformando relações de dominação étnica ou racialmente fundamentadas?

Diante disso, nesta tese, temos como objetivo principal apreender o processo de construção discursiva sobre a capoeira por meio da interpretação do potencial crítico à ideologia dos discursos de mestres/mestras e praticantes desse esporte, veiculados pelo website *Portal Capoeira* (2018-2022), sobre essa modalidade cultural/esportiva. Para alcançar esse objetivo, buscamos: 1 – analisar o contexto sócio-histórico de produção e circulação dos referidos discursos, focalizando as relações de dominação que caracterizam esse contexto; 2 – analisar a organização interna desses discursos, suas características estruturais, padrões e relações, e 3) reinterpretar os resultados da análise discursiva à luz dos resultados da análise sócio-histórica.

As perguntas que norteiam esta tese surgiram diante da dúvida de como uma mídia especializada, que conta com grande maioria de seus colaboradores/colaboradoras mestres/mestras, construiria discursivamente a prática da capoeira, e de como esses discursos, em certa medida, tratariam o racismo/antirracismo, fazendo possivelmente uma crítica à

ideologia. Nesse sentindo, o problema de pesquisa surge na intenção de verificar os discursos proferidos por praticantes de capoeira, mas com a aproximação midiática, ou seja, como seriam construídos os discursos desses/dessas praticantes no meio midiático, no caso recorremos ao *Portal Capoeira*. Além disso, por meio deste recorte, ainda pretendemos compreender como a crítica à ideologia pode ser reproduzida nos meios de comunicações, e ainda compreender e interpretar se esses discursos estariam posicionados para um pensamento decolonial e antirracista.

1.2 Estrutura dos capítulos da tese

A fim de melhor desenhar os contornos desta pesquisa, a seguir serão realizados os esclarecimentos sobre a estrutura da tese, tendo como objetivo facilitar a compreensão do que foi proposto para cada parte.

No primeiro capítulo da tese, buscamos demonstrar o contexto de produção do objeto de pesquisa; assim, realizamos uma revisão bibliográfica sobre as produções que tratam do tema "capoeira" (2012-2022) no campo das Ciências Sociais Aplicadas, dando destaque especial para a Comunicação e Informação, para, posteriormente, apresentar e justificar nosso referencial teórico.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos, inicialmente, o conceito de ideologia desenvolvido por J. B. Thompson (2011). Esse primeiro tecimento teórico foi desenvolvido tendo o propósito de abarcar nossa discussão sobre as formas simbólicas nos meios midiáticos, neste caso, o discurso jornalístico especializado.

Dando andamento ao aporte teórico, apresentamos e justificamos também os estudos étnico-raciais que orientam e embasam esta tese. Esses estudos foram desenvolvidos por autores e autoras negros/negras, o que, em princípio, contribui para desenvolver um posicionamento antirracista (RIBEIRO, 2019) e decolonial (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020). Diante desse posicionamento, dialogamos com pensadores/pensadoras como: Achille Mbembe (2018a; 2018b; 2019; 2020; 2022), Dennis de Oliveira (2021), Frantz Fanon (2020; 2021), Grada Kilomba (2019), Muniz Sodré (2017; 2015), Silvio Almeida (2020), etc. Nessa seção, também discutimos raça, racismo estrutural, colonização e decolonialidade. Com a revisão dessas noções e conceitos, e tendo em vista uma perspectiva decolonial (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020) e antirracista (RIBEIRO, 2019), buscamos apresentar as noções que norteiam esta tese: o conceito de racismo estrutural e a decolonialidade.

Após a explanação do aporte teórico, apresentamos, no terceiro capítulo, o nosso percurso metodológico, indicando, num primeiro momento, nossa visão de análise de discurso, que se apoia em autores como Ibáñez Gracia (2004), Luiza Rojo (2004), Lupicinio Iñiguez (2004a; 2004b) e Teun van Dijk (2003; 2019; 2020; 2021), e apresentamos, num segundo momento, as estratégias de construção *corpus* desta tese.

Feitos os apontamentos teóricos e metodológicos desta pesquisa, partimos para o quarto capítulo, que busca compreender o contexto sócio-histórico de produção e circulação dos discursos sobre a prática da capoeira sob análise. Para tanto, relacionamos a capoeira com a cultura popular e com o ativismo antirracista; além disso, discorremos sobre a capoeira e sua analogia com a "mídia", dando destaque para os mestres e mestras de capoeira. Também desenvolvemos uma breve análise do site informativo/jornalístico *Portal da Capoeira*.

Após esses esclarecimentos sobre o contexto de produção e circulação dos discursos sob investigação, partimos, no quinto capítulo, para a análise de discurso. Assim, seguindo o plano metodológico, apresentamos o contexto institucional dos discursos analisados e, em seguida, analisamos sua organização interna. Para isso, selecionamos discursos/artigos do *Portal Capoeira* que fossem representativos daqueles que abordam a capoeira e temáticas sobre racismo, tendo como recorte específico o período de 2018-2022, que é emblemático por representar uma mudança política no Brasil, com a entrada do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro (2019-2022); ainda incluímos o ano de 2018 por considerarmos importante considerar o período de eleições. Nessa seção, os resultados alcançados na análise de discurso, também serão interpretados e reinterpretados, buscando averiguar se os discursos sob análise possuem aspectos potencialmente contra ideológico e antirracista, e se, assim, servem para minar relações de dominações racialmente estruturadas.

2 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Para estudar a capoeira de modo aprofundado, assim como qualquer outro objeto de pesquisa, faz-se necessário realizar uma revisão bibliográfica do que já foi pesquisado pelo meio científico. Nesta tese, buscamos pesquisas na área das Ciências Sociais Aplicadas, realizando um breve recorte do que foi realizado no campo da Comunicação e Informação, sendo realizado um levantamento sobre as principais dissertações e teses, utilizando e cruzando as seguintes palavras-chave: "capoeira"; "capoeira, comunicação e cultura"; "capoeira e mídia"; "capoeira e racismo"; "capoeira e antirracismo"; "capoeira e resistência"; "capoeira e culturas afro-brasileiras"; "capoeira identidade"; "capoeira"; "roda de capoeira".

Para a busca dessas teses e dissertações, utilizamos o banco de teses e dissertações da CAPES, devido à sua concentração de produções e importância para a ciência brasileira. Também optamos por fazer uma delimitação de tempo; sendo assim, buscamos teses e dissertações que tivessem sido escritas nos últimos dez anos, ou seja, a partir de 2012. Tendo como justificativa desse recorte, uma delimitação que indicaria uma breve revisão dos estudos relacionados aos programas de pós-graduação no Brasil.

Ao utilizar a palavra-chave "capoeira", no banco de teses e dissertações da CAPES, encontramos 1090 resultados, nas mais diversas áreas da Ciência. No entanto, observamos que o termo é também utilizado em outras áreas que não se concentram em Sociais Aplicadas e Humanas, como, por exemplo, Ciências Agrarias. Nessa área, a palavra "capoeira" é denominada para identificar o "mato fino" que cresce em locais derrubados na mata virgem. Sendo assim, foram eliminadas as referências dessa categoria, e mantidos 339 resultados. Diante desse número ainda significativo de produções, concentramo-nos nas pesquisas que tratam da capoeira e que, ao mesmo tempo, abordam outros temas relevantes para este estudo, tais como: comunicação, cultura, relações de dominação, relações étnico-raciais, raça, racismo, mídia, discurso, identidade e representação do "outro".

Entretanto, com a finalidade de fazer um recorte mais significativo para essa tese, verificamos as produções de teses e dissertações em Ciências Sociais Aplicadas. Essa busca apresentou um pequeno número de dissertações e teses, se comparada, por exemplo, com as de Ciências Humanas, que apontaram 286 trabalhos. Com um recorte menor, foi possível encontrar facilmente as que melhor fariam parte da nossa revisão.

Dessas pesquisas, encontramos 27 que faziam parte da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, sendo que 13 fazem parte do catálogo da área de avaliação de Comunicação e Informação. Porém, em se tratando mais especificamente da subárea da Comunicação, foram

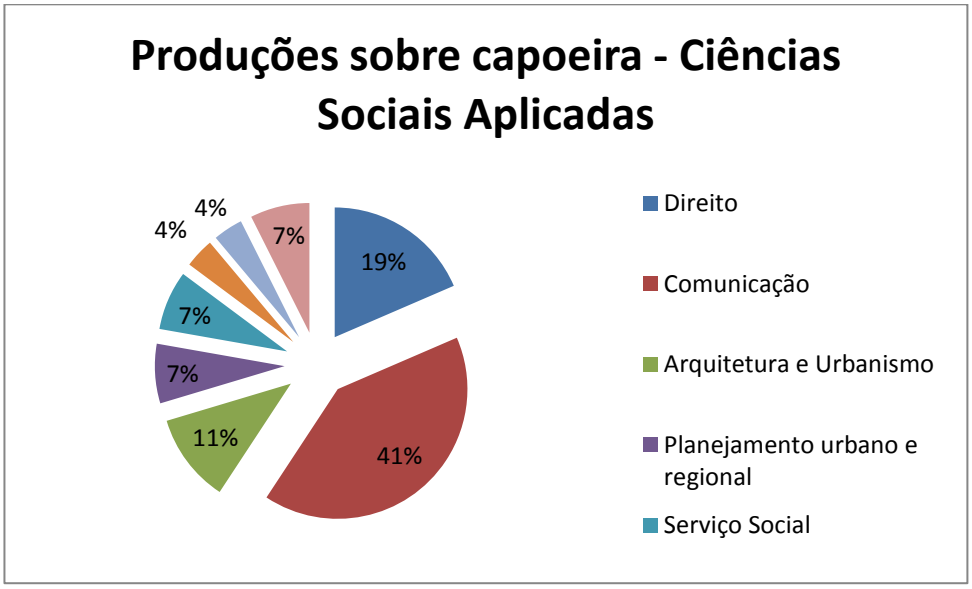
encontrados 11 trabalhos. Dentro dessa nossa delimitação, as produções sobre capoeira, no campo da Comunicação, representam 41% do total de teses e dissertações da área de Ciências Sociais Aplicadas, significando que grande parte do interesse sobre capoeira advém dos estudos da Comunicação. Para uma melhor visualização, elaboramos a tabela (tabela 1) com as pesquisas divididas por subáreas, e um gráfico (gráfico 1) com as devidas porcentagens de produções por subáreas, apresentando um panorama do que foi produzido sobre o objeto (capoeira) nessa grande área nos últimos dez anos.

Tabela 1 – Teses e Dissertações Ciências Sociais Aplicadas

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	
Subárea	**N°**
ÁREA DE AVALIAÇÃO: DIREITO	
Direito	5
ÁREA DE AVALIAÇÃO: COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	
Comunicação	11
Ciências da Informação	2
ÁREA DE AVALIAÇÃO: ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	
Arquitetura e Urbanismo	3
ÁREA DE AVALIAÇÃO: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA	
Planejamento urbano e regional	2
ÁREA DE AVALIAÇÃO: SERVIÇO SOCIAL	
Serviço Social	2
Política Social	1
ÁREA DE AVALIAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	
Administração	1
Total	27

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 1 - Teses e Dissertações na Ciências Sociais Aplicadas



Fonte: Elaboração própria.

Esses dados quantificados revelam-nos as seguintes análises: primeiro, a maioria das produções sobre capoeira concentra-se na área de avaliação da Comunicação e Informação, mas a maior parcela dessa área de avaliação fica com a subárea Comunicação, como foi mencionando anteriormente. Porém, isso não significa que essa temática esteja no topo de prioridades da Comunicação e Informação. Fazendo uma rápida comparação, encontramos, no banco de teses e dissertações da CAPES, especificamente na área de Comunicação, um total de 143 produções sobre futebol. Esses números tornam-se mais desproporcionais ainda se comparadas as produções entre capoeira e futebol, na grande área de Ciências Sociais Aplicadas, chegando-se ao seguinte resultado: futebol, com 497 produções, e a capoeira, com 27 produções.

A segunda conclusão a que podemos chegar é que a subárea com o segundo maior número de concentração de pesquisas sobre capoeira foi o Direto. Entre as pesquisas relacionadas a essa área, algumas estavam interessadas na temática sobre criminalização/violência (TONINI, 2002; SALEM, 2003) e diretos humanos (NOBREGA, 2010), ou seja, de certa forma, o interesse baseia-se em questões sociais relacionadas à criminalização que envolva a prática desse esporte.

E, por último, cabe destacar que a grande maioria das pesquisas foram realizadas em universidades da Região Sudeste, principalmente no Rio de Janeiro, dando-se destaque para o

programa de pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, programa que conta com o pesquisador e professor Muniz Sodré, aluno do mestre de capoeira Bimba.

Diante dessas primeiras seleções de estudos sobre a capoeira e análises realizadas, determinamos quais teses e dissertações comporiam a revisão bibliográfica e que, portanto, seriam lidas de maneira mais assídua e atenta. Para essa seleção, consideramos produções realizadas nos últimos 10 anos (iniciando-se em 2012). A partir dos critérios de seleção, chegamos ao número de 12 dissertações e teses, atentando, principalmente, para as produções sobre a capoeira na área da Comunicação e Informação.

Considerando-se, de forma geral, o material que foi selecionado para compor a revisão bibliográfica, pode-se notar que entre os 12 estudos selecionados, a maioria das leituras concentrou-se na subárea da Comunicação (8). Na sequência, vêm as áreas das Ciências Sociais Aplicadas, como Desenvolvimento Urbano (1), Serviço Social (2) e Ciências da Informação (1).

Dentre as teses e dissertações da área de Comunicação, chegamos aos seguintes trabalhos e autores: "A roda em rede: As transformações culturais da capoeira nos ambientes midiáticos digitais", de Mariana Marchesi (2012); "O convívio da diferença: práticas biopolíticas no jogo de dentro e no jogo de fora", de Livia Rios (2018); "A Reinvenção dos Arquivos da Capoeira: uma arqueologia audiovisual e biopolítica", de Bruno Ferreira (2016a); "Corpo-Comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira", de Raquel Dantas (2020); "O Dispositivo da Capoeiragem: escritas, técnicas e estéticas da existência", de Bruno Ferreira (2013); A casa do Mestre Ananias e o atravessamento da Capoeira ancestral na metrópole paulistana: Comunicação, culturas urbanas e identidades", de João Brás (2021); "Ritmomídia: Do ritualístico ao midiático. A midiatização das culturas populares de raiz de matriz africana na perspectiva da Capoeira Angola", de Carem Abreu (2012); e "Comunicação e Infância: Um estudo de caso sobre produção cultural na Educação Infantil", de Andrei Muzel (2013). E compondo as demais pesquisas selecionadas nas Ciências Sociais Aplicadas, temos: "A capoeira sob a ótica de Gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira", de Tarcísio Ferreira (2016b); "O mundo cabe na roda: a apropriação do espaço público do Sítio histórico de Olinda – PE pelas rodas de Capoeira à luz do direito à cidade", de Danielli Silva (2020); "Do Campo de Mandinga à Carta do ABC - do imaterial ao material: o corpo de saberes da Capoeira Angola-ancestral. Mediação, Performance e Memória Cultural", de Luiz Flecha (2021); e "Capoeira: Lócus de Cultura e Resistência", de Marla Ribeiro (2017).

Ao observar esse panorama, notamos que as pesquisas desenvolvidas na Comunicação abordavam variados temas, como: as transformações culturais da capoeira nos ambientes digitais em rede (MARCHESI, 2012), a questão da diferença na capoeira e como ela é explorada como forma de comunicação com o "Outro" (RIOS, 2018), arqueologia de produções audiovisuais dos mestres de capoeira (FERREIRA, 2016a), o corpo na capoeira em um contexto da comunicação sob uma perspectiva feminista decolonial (DANTAS, 2020), a "tradução" da capoeira do século XX através dos meios impressos e audiovisuais (FERREIRA, 2013), tradições ancestrais negras da capoeira angola e a compreensão de sentidos que produzem significados sobre a capoeira em uma cosmologia ocidental branca (BRAS, 2021), a capoeira angola como processo de midiatização de manifestações culturais de raiz afro-brasileiras (ABREU, 2012) e a capoeira como produção cultura na educação e sua relação com a comunicação infantil (MUZEL, 2013).

Percebemos que, na área de Comunicação, de uma maneira geral, são investigadas as relações da capoeira com as mídias e os processos comunicacionais, procurando investigar quais os meios comunicacionais em que a capoeira foi apresentada ou construída, como, por exemplo, meios impressos, audiovisual e redes digitais. Mas também uma parcela de estudos é concentrada na perspectiva mídia-corpo, fenômeno comunicacional recorrente para análise e interpretação da capoeira. Percebemos, ainda, que existe um interesse significativo sobre os estudos de capoeira nas Ciências Sociais Aplicadas a partir de discussões pertinentes sobre as relações de gênero e o feminismo, em especial o feminismo negro. Outro ponto revelador é que alguns trabalhos recorreram a um aporte teórico decolonial, no qual pensadores e pensadoras buscam desconstruir o pensamento colonial/eurocêntrico e focalizar os processos de resistência e reexistência das populações afrodiaspóricas brasileiras, africanas, caribenhas e norte-americana (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020).

Após a apresentação desse panorama norteador, estabeleceremos um diálogo com essas pesquisas a fim de aprofundar a discussão sobre as maneiras pelas quais a capoeira vem sendo pesquisada, sendo que, nas linhas abaixo, apresentamos uma síntese das dissertações e teses encontradas na revisão bibliográfica.

Entre os estudos selecionados, percebemos que certa parcela procurava, numa perspectiva comunicacional, aproximar-se dos estudos midiáticos para investigar a prática da capoeira. Nesse contexto, as pesquisas buscaram relacionar as influências midiáticas sobre a capoeira, nos ambientes em redes sociais digitais, ou até mesmo na escrita e na oralidade.

Nesse aspecto, a pesquisadora Mariana Marchesi, em sua dissertação de mestrado, denominada "A roda em rede: As transformações culturais da capoeira nos ambientes midiáticos digitais", realizada em 2012, tem, como questionamento norteador: "a mídia é o novo local de cultura na contemporaneidade?" (MARCHESI, 2012, p.4). Nessa dissertação, ela investigou a influência da mídia digital, em especial, nos processos de reprodução e transformação de culturas tradicionais contemporâneas. Para responder ao referido questionamento, Marchesi (2012) fez da capoeira seu objeto de pesquisa, discutindo de que forma a mídia digital apresenta essa prática, o que, segundo a autora, é uma das formas culturais contemporâneas: digital e em rede.

Para Marchesi (2012), a capoeira consegue adaptar-se e recombinar-se diante das diferenças culturais, fazendo-se presente nas redes sociais digitais, o que representa uma conquista de novos territórios e representa as culturas locais-globais em deslocamento. Outro ponto destacado pela autora é que a capoeira faz parte das culturas da diáspora, tendo como aporte teórico o Atlântico negro, termo desenvolvido pelo autor britânico Paul Gilroy (2012). A autora, ao apoiar-se no conceito do Atlântico negro, menciona que, assim como outras culturas negras advindas da diáspora, a capoeira é, também, uma das formas primárias das culturas realmente modernas.

Em linhas mais gerais, essa pesquisa buscou investigar as transformações a partir dos deslocamentos e habitares da capoeira nos ambientes midiáticos digitais e quais seriam os diálogos com elementos humanos ou não-humanos. Para chegar a esse percurso, Marchesi (2012) buscou fazer um recorte dos produtos midiáticos sobre a capoeira de variados formatos, por exemplo, a escrita (destacando obras de Jorge Amado), e mídia eletrônica (desde documentários a ficções televisivas). Esse percurso abriu caminho para a mídia que, de fato, interessou à investigação da autora: as mídias sociais digitais. A fim de chegar aos resultados esperados, e devido à mídia que se priorizou, a autora utilizou como metodologia a etnografia virtual, realizada em ambientes como: *Facebook*, *Youtube* e websites. Entre outras considerações, a autora observa que o que impulsiona os capoeiristas a estarem nesses ambientes digitais é "[...] a vontade de colaborar e contribuir para a comunidade global da capoeira" (MARCHESI, 2012, p. 354).

Ainda nessa direção de estudos que buscam investigar os processos midiáticos da capoeira, encontramos a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Bruno Ferreira (2013; 2016a). Em sua dissertação, intitulada "O Dispositivo da Capoeiragem: escritas, técnicas e estéticas da existência", o autor buscou estudar como a capoeira foi "traduzida" através do meio impresso e do audiovisual no decorrer do século XX, e, dentro da sua

proposta e utilizando-se de uma linguagem foucaultiana, analisou as formas como os sujeitos empregaram tecnologias e estéticas comunicacionais para a transmissão de conhecimentos corporais (FERREIRA, 2013). Para isso, esboçou uma história da capoeira partindo do contexto cultural brasileiro e dos primeiros enunciados da capoeira. Com a finalidade de reunir os arquivos sobre a capoeira, analisou as "escritas prescritivas" derivadas do início século XX. Acerca das "escritas prescritivas", podemos citar o seguinte trecho, no qual é apresentado o entendimento do autor:

> De maneira geral, essas escritas apresentam descrições e ilustrações dos movimentos característicos da capoeira, bem como algumas de suas peculiaridades. Chamamos elas de "escritas prescritivas" justamente por proporem regras gerais de conduta, atuando como reguladoras das suas ações coletivas em detrimento de sua marginalização (FERREIRA, 2013, p. 11).

Dessa forma, Ferreira buscou identificar o "sujeito capoeira", o qual, de acordo com o autor, realiza uma partilha estética, traduzindo a corporalidade da prática. Nesse sentido, o autor compreende que essas coletâneas textuais e visuais sobre as corporalidades e técnicas da capoeiragem foram produzidas, de maneira inicial, com o intuito de salvaguardar memórias, além de pretender contextualizar conhecimentos corporais, sendo uma partilha entre sujeitos (FERREIRA, 2013). Dessa proposta realizada pelo autor, o ponto mais relevante para esta tese é sua investigação sobre como "[...] os próprios capoeiras estabeleceram uma escrita de si e de suas experiências e como se relacionaram com diferentes formas de poder e de controle" (FERREIRA, 2013, p. 10).

Diante desse panorama, Ferreira (2013, p14) apoia-se no conceito de "dispositivo" de Deleuze e na obra de Michel Foucault, para os quais dispositivo "é uma tecnologia que permite aos sujeitos um campo de ações, de visibilidades, nas quais eles articulam enunciados, que são os pontos onde ocorrem conexões entre os discursos (presentes no próprio dispositivo) e as práticas dos sujeitos".

Entre as suas considerações e resultados, o autor menciona que as "escritas prescritivas" permitiram que ele identificasse alguns gestos de sujeitos que tivessem a intenção de partilhar, principalmente suas memórias corporais e coletivas. Assim, contribuíram para a "[...] constituição do saber-poder na capoeira e possibilitaram a leitura dos conhecimentos pela ótica de seus praticantes" (FERREIRA, 2013, p.146).

Bruno Ferreira (2016a) deu continuidade a essas reflexões em sua tese de doutorado. Nela, propõe, utilizando novamente uma linguagem foucaultiana, realizar uma arqueologia dos poderes e saberes estabelecidos entres os praticantes de capoeira, as tecnologias

audiovisuais e as instituições do Estado brasileiro. Para isso, optou por buscar arquivos nos meios digitais, como Google Imagens e redes sociais digitais (*Facebook* e *YouTube*).

Para obter os resultados esperados, Ferreira (2016a) localizou produções audiovisuais produzidas por mestres de capoeira consideradas pioneiras e que enunciassem a emergência da capoeira existente, para, posteriormente, discorrer sobre materiais produzidos pelos mestres na atualidade.

Com esse método de arqueologia, o autor reflete sobre os arquivos e a memória, considerados elementos constituintes fundamentais para os jogos estratégicos de saber e poder. Dessa forma, o autor parte dessas produções audiovisuais dos mestres de capoeira e realiza uma análise das relações estratégicas desses mestres (sujeitos) com o estado brasileiro. Para isso, é feita uma análise desde o surgimento dos primeiros enunciados da prática até os relatos junto ao IPHAN.

Em relação aos resultados, Ferreira (2016a) analisa o que é atual nos saberes da capoeira, notando diversas camadas que foram construídas em tempos passados, encontrando também articulações recentes, mas que ainda são compreendidas como tradicionais. Também menciona que, por meio da metodologia que utilizou, conseguiu visualizar certas linhas que constituíam a formação da memória.

Ainda sob o prisma das mídias, encontramos o seguinte trabalho sobre capoeira: "Ritmomídia: Do ritualístico ao midiático. A midiatização das culturas populares de raiz de matriz africana na perspectiva da Capoeira Angola", de Caren Abreu (2012). Essa autora propõe que os saberes na capoeira, assim como em outras culturas afro-brasileiras, são transmitidos pela presença e pela oralidade. Diante disso, indaga como esses/essas capoeiristas se apropriam dos dispositivos sócio-técnico-virtuais, e os utilizam, principalmente nas redes sociais (ABREU, 2012). Para isso, o estudo teve como investigação, no período de 2010 a 2012, o processo de midiatização da capoeira angola, focalizando-se em grupos angoleiros de Belo Horizonte.

Pretendendo identificar as mudanças de uma dada estrutura nos campos simbólicos, sociais e midiáticos, Abreu (2012) desenvolve o termo "ritmomídia". Como compreensão desse termo, a autora sugere

> [...] um movimento de troca simbólica, que provavelmente possa estar ocorrendo no padrão da tradição das culturas populares de raiz de matriz africana, através da união bilateral e contínua, entre expertises advindas da ritualização dos contatos face a face, dentro do campo virtual de mediação tecnológica (ABREU, 2012, p. 13).

Seguindo esse caminho, Abreu (2012) tem como principal objetivo investigar se ocorre a apropriação midiática por parte desses capoeiristas, considerados, na pesquisa, parte das culturas tradicionais. Outra discussão abordada pela autora é se o acesso a websites, blogs e redes sociais por esses grupos angoleiros poderia estar criando lugares políticos de enunciação e de reafirmação identitária. Para realizá-la, utilizou-se da semiótica e da etnografia. Entre os resultados, a autora considera que esses grupos estão em processo de midiatização, existindo inclusive a possibilidade de transmissão desses saberes ancestrais nesses meios, mesmo que eles sejam realizados nos formatos tradicionais da oralidade, em websites, blogs e redes sociais.

Pelo viés da Comunicação, ainda, encontramos a pesquisa denominada "O convívio da diferença: práticas biopolíticas no jogo de dentro e no jogo de fora", de Livia Rios (2018). Nesse estudo, a autora busca investigar se a capoeira é uma forma de comunicação com o "Outro". Para isso, a capoeira é situada como uma prática que exercita a cooperação, sendo uma ação cognitiva que reconfigura as leituras de mundo (RIOS, 2018). A partir dessa perspectiva, a autora identifica as relações de poder desenhadas pela razão neoliberal, que dão foco às novas formas de comunicação.

Rios (2018) pressupõe que a comunicação só pode ser realizada com o "Outro", e, apoiando-se em Senett, propõe que a capoeira é um caminho para uma vida mais cooperativa, sendo uma relação de mão dupla. Essa leitura é realizada também com o apoio da biopolítica, teoria desenvolvida por Foucault (2010), pois Rios entende que o sistema neoliberal age de maneira descarada sobre a vida. A autora parte também de uma teoria corpo-mídia para discutir que corpo é esse de que se trata na capoeira.

Na revisão bibliográfica, encontramos também uma pesquisa que tinha o interesse de relacionar Educação e Comunicação: a dissertação intitulada "Comunicação e Infância: Um estudo de caso sobre produção cultural na Educação Infantil", de Andrei Muzel (2013). Nessa pesquisa, o autor analisou a relação da comunicação na infância, tendo, entre outras práticas, a capoeira como produção cultural das crianças. Tratando-se de uma pesquisa empírica, o autor buscou fazer uma análise de 22 encontros com crianças, concentrando-se nas suas brincadeiras e atividades planejadas, entre elas aulas de capoeiras. Entre os resultados encontrados, especificamente sobre a capoeira, Muzel (2013) observou que a prática seria uma manifestação utilizada regularmente na instituição em que foram realizados os encontros. Aponta, assim, que a capoeira proporciona uma facilidade para a reconstrução da cultura no campo da infância, "seja nos elementos do movimento físico, nas letras das canções e até mesmo no contato com os instrumentos musicais" (MUZEL, 2013, p. 126). Para o autor, a

capoeira é uma prática que facilita a autonomia das crianças, principalmente as menores, pois privilegia, de modo direto, a expressão de seus corpos e, nesse sentido, tal expressão corporal estaria, por meio da capoeira, carregada de elementos culturais.

Na tese intitulada "A casa do Mestre Ananias e o atravessamento da Capoeira ancestral na metrópole paulistana: Comunicação, culturas urbanas e identidades", João Brás (2021) realiza um recorte sobre as identidades negras, na área central da cidade de São Paulo, mais especificamente no cotidiano da região do Bexiga. Ao fazer isso, busca compreender a produção de significados, que, segundo ele, negociam, e, em certos momentos, são contraditórios, para uma cosmologia ocidental branca, ou seja, passando por uma questão de branquitude. O autor ainda usa uma metáfora: que estaria em busca de um escurecimento do pensamento para chegar ao clareamento dessa compreensão, dando a entender que ele se aproximaria de teorias da negritude. Para tanto, Brás busca quais são as identidades de protagonismo no espaço de ação determinado, sendo essa uma maneira de organizar a complexidade do ser e estar da vida na cidade (BRÁS, 2021).

Nesse contexto, Brás (2021) identifica a Casa do mestre de capoeira Ananias como um local de diversidade, a qual, entretanto, passa despercebida e não inclusiva pela cidade. O autor afirma ainda que os sujeitos, nesse contexto, não se percebem como representados e valorizados. Brás ainda menciona que esse espaço é uma referência residual dos costumes baianos, de pessoas que, em outros tempos e espaços, são construídos por ideais humanos e democráticos. Porém, esses espaços são desarticulados diante da subalternização dessas identidades, e dos quais a capoeira também faz parte (BRÁS, 2021).

Levando adiante a revisão bibliográfica sobre a capoeira, é significativa a produção sobre essa atividade na perspectiva feminista. Entre esses estudos, destacamos o de Raquel Dantas (2020) e o de Tarcísio Ferreira (2016b).

Na pesquisa intitulada "Corpo-Comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira"', Raquel Dantas (2020) situa o corpo na comunicação sob o prisma do feminismo, recorrendo ao pensamento decolonial, ou seja, novamente vemos uma pesquisa que recorre aos reflexos sobre o corpo-comunicação. Essa articulação é realizada tendo as mulheres capoeiristas angoleiras. A pesquisa busca fazer uma relação entre o campo teórico-acadêmico e o prático-ativista. Um dos objetivos principais desse estudo foi discutir as relações de gênero e raça, indicando suas assimetrias. Ao desenvolver essa discussão, a autora adota o viés do pensamento decolonial sobre a comunicação, indicando os saberes do corpo em jogo, especificamente o corpo da mulher capoeirista angoleira. Nas suas palavras: "o corpo teórico desta tese se constitui majoritariamente feminino" (DANTAS, 2020, p. 16). A autora fala que,

diante da ginga da capoeira como epistemologia feminista, a escolha em especial de autoras, principalmente aquelas que buscam eliminar as desigualdades pautadas pela relação de posse na capoeira, se dá pela busca por minar as disparidades encontradas nas relações de gênero e de raça.

Diante de um contexto de colonização, escravidão, racismo e diferenças raciais que transformaram o Brasil, a autora procura fazer a seguinte indagação: "De que maneira a atuação de mulheres angoleiras vem transformando práticas racistas e sexistas presentes na cultura contemporânea da capoeira?" (DANTAS, 2020, p. 19).

Ao recuperar o movimento das mulheres capoeiristas angoleiras das últimas décadas, a autora indica que as próprias estruturas da Comunicação deveriam ser repensadas, uma vez que elas estariam estruturadas por um eurocentrismo; logo, deveria ser considerado, principalmente, um pensamento latino-americano, ocasionando uma comunicação territorializada, que geraria outra existência e compreensão de mundo (DANTAS, 2020).

Ainda nesse prisma do feminismo na capoeira, encontramos a pesquisa "A capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira", de Tarcísio Ferreira (2016b). Esse estudo foi realizado na área de Serviço Social, iniciando-se a partir da seguinte indagação: "Qual o papel das mulheres nos grupos de capoeira?" (FERREIRA, 2016b, p. 10). Esse interesse do autor deve-se às suas observações nos grupos de capoeiras, nos quais as questões de gênero, entre outras considerações, influenciavam as participações das mulheres. O autor ainda menciona que, nos grupos de capoeira observados por ele em Brasília, o número de mulheres praticantes era inferior ao de homens, sendo essa disparidade refletida nas ocupações de cargos de professoras ou mestras. Com isso, o autor objetiva identificar e analisar o espaço de luta dessas mulheres nesses grupos de capoeira.

Ferreira (2016b) faz considerações sobre essas mulheres, apontando, nos resultados, que elas seriam resilientes, tendo que se reafirmar e perseverar nos espaços da capoeira, em um processo de uma luta diária. O autor menciona que, nas entrevistas realizadas com as capoeiristas, foi identificado, em suas falas, o teor de discriminação que elas sofreriam (FERREIRA, 2016b). Ferreira ainda menciona que isso não significaria um abalo na vontade dessas mulheres capoeiristas em ocuparem esses espaços.

No âmbito dos estudos das Ciências Sociais Aplicadas, mais especificamente, na subárea de Desenvolvimento Urbano, encontramos, ainda, a pesquisa denominada "O mundo cabe na roda: a apropriação do espaço público do Sítio histórico de Olinda – PE pelas rodas de Capoeira à luz do direito à cidade", de Danielli Silva (2020). Essa pesquisa analisou, na perspectiva da capoeira, os processos de apropriação dos espaços públicos em Olinda, e

buscou responder a seguinte questão: “As Rodas de Capoeira existentes do Sítio Histórico da cidade de Olinda atuam como movimento de Direito à Cidade?” (SILVA, 2020, p. 15). Para respondê-la, o autor realizou observações, que indicaram quais valores eram transmitidos pela capoeira, agindo como catalisadores de movimentos de resistência urbana nos espaços públicos, sendo ainda mencionado que isso geraria uma construção de formas e espaços de identidade cultural negra.

Nas suas últimas considerações sobre essa pesquisa, Silva faz um relato sobre a capoeira e seu estudo:

> Após algumas horas de balanços, esquivas e pernadas, as músicas cantadas na Roda de Capoeira parecem anunciar um novo momento em torno do círculo que se formou. Elas já contaram as histórias dos antepassados, do sofrimento e da luta presente na história da Capoeira e de seus praticantes e agora apresentam o novo momento: é chegada hora da despedida. No entanto, o adeus cantado faz parte de um momento de celebração, onde os/as capoeiristas se despedem, mas também festejam. É um adeus tomado por um até breve. E é assim que compreendemos o campo de estudos da Capoeira: uma Roda infinita de saberes (SILVA, 2020, p. 124).

Nesse relato, Danielli Silva (2020) faz uma reflexão sobre as contribuições da capoeira para as questões urbanas, e aponta que, por meio dela, é possível ampliar o campo de lutas e direitos. A autora ainda menciona que, pela capoeira, pode-se compreender uma série de “[...]temáticas étnico-raciais, relações de gênero, cultura, religiosidade, práticas pedagógicas, promoção da saúde física, social e intelectual, e muitas outras que, dentro da Roda, tomam corpo e materializam suas demandas” (SILVA, 2020, p. 124). Ela finaliza mencionando que pensar a capoeira através do espaço público permitiu realizar uma construção histórica, simbolizando o sentimento de liberdade (SILVA, 2020).

Na subárea Ciência da Informação, encontramos ainda o trabalho “Do Campo de Mandinga à Carta do ABC - do imaterial ao material: o corpo de saberes da Capoeira Angola-ancestral. Mediação, Performance e Memória Cultural”, de Luiz Flecha (2021). Por meio de registros etnográficos, o autor buscou informações sobre a performance da mediação da informação do corpo de saberes da capoeira angola, sendo isso considerado um conjunto de conhecimentos vivos, realizados por mestres/mestras da capoeira. O autor ainda menciona que esses/essas mestres/mestras são orientados/orientadas por uma vasta presença da memória africana (FLECHA, 2021). Esse estudo, assim como outros mencionados anteriormente, foi interpretado a partir de um pensamento decolonial, compreendendo a capoeira como: “luta corporal, intelectual e política criada em solo brasileiro por diversos africanos e seus descendentes diretos, a partir da “forja” dos diferentes saberes vindos em seus corpos, saberes estes de diferentes complexos culturais de África” (FLECHA, 2021, p. 14).

Essa pesquisa, em especial, destacou a relevância do contexto da colonização e da diáspora africana, de iniciativa eurocêntrica iluminista-liberal, partindo de reflexões construídas a partir de memórias e fragmentos das relações sociais e políticas, que, segundo o autor, foram performadas pelos/pelas antigos/antigas mestres/mestras de capoeira angola (FLECHA, 2021). Por meio da análise das experiências de Mestre Primo, o autor ainda faz uma reflexão "sobre como suas trajetórias na capoeiragem e na vida movimentam o giro decolonial mediante o compartilhamento de informação na condição de protagonistas, re-existentes e resistentes ao contexto da narrativa de modernidade/colonialidade" (FLECHA, 2021, p. 138). E, ao apontar um fluxo de informação desse corpo de saberes que se encontra na capoeira angola ancestral, o autor considera que é vivenciando essas relações do tecido social que se produz um processo de aprendizagem e compartilhamento de informações, os quais são indicados pelos/pelas mestres/mestras da capoeira.

E, para finalizar a revisão bibliográfica, podemos citar o trabalho "Capoeira: Lócus de Cultura e Resistência", de Marla Ribeiro (2017), cujo objetivo é analisar a capoeira como forma de manifestação, tanto cultural quanto de resistência. Para a autora, o desenvolvimento sócio-histórico da capoeira perpassa pelo desenvolvimento sócio-histórico do Brasil, e o jogo da capoeira representaria o "jogo da vida", por lutas e opressões (RIBEIRO, 2017).

Nesse contexto, Ribeiro (2017) menciona os momentos em que o Estado tentou desmobilizar a prática da capoeira, no governo de Getúlio Vargas, em que, mesmo realizando o processo de descriminalização, tentou caracterizá-la somente como prática esportiva, desvinculando a capoeira dos movimentos negros. A autora afirma que, nesse momento, existiu um processo de resistência na própria capoeira, para que, assim, ela pudesse continuar existindo; e finaliza dizendo que, ao existir e resistir, a capoeira entra no cenário de lutas sociais, como uma manifestação cultural.

Nesse recorte de estudos realizados nas Ciências Sociais Aplicadas, em especial na Comunicação, indicou-se que a capoeira é um objeto de pesquisa que demanda, em sua compreensão, certa complexidade, gerando questionamentos epistêmicos, empíricos e analíticos e, muitas vezes, políticos. Como se observou, algumas dessas pesquisas eram motivadas por questões políticas, seguindo, por vezes, um caminho pesquisa-denúncia. Em uma parte considerável desses estudos, encontramos debates pertinentes para a atualidade e, em algumas pesquisas, notamos que foram abordados temas sobre as relações étnico-raciais, o racismo e o antirracismo, as relações de gênero, o machismo e a misoginia, o pensamento colonial e o decolonial etc. Também encontramos alguns trabalhos que nem sequer mencionam questões que atravessam a temática da capoeira, como escravidão, criminalização,

perseguição ou racismo, elementos esses considerados chave no processo histórico da capoeira, já que esta adveio da diáspora dos povos africanos.

Outro ponto importante é que os trabalhos na Comunicação, de maneira ampla, buscaram estudar a capoeira pelo prisma das mídias. Embora a compreensão da mídia difira nesses trabalhos, sua intenção principal é investigar como os capoeiristas e as capoeiristas constroem seus processos comunicacionais e formas de se comunicar. Com esse propósito, encontramos variados tipos de mídias, os quais vão desde o corpo-mídia até as mídias digitais em rede. Entretanto, não encontramos nenhuma dissertação ou tese que tivesse especificamente interesse em estudar a relação da capoeira com mídias especializadas, como, por exemplo, um portal de notícias sobre a capoeira. Essa é, certamente, uma lacuna importante, uma vez que tal mídia é considera formadora de opinião, principalmente, do universo em questão.

Diante desses estudos, conseguimos sistematizar, em certa medida, qual seria o quadro disponível para compreender os estudos sobre a capoeira, jogando luz nos próximos passos desta tese.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O conceito de ideologia de John B. Thompson

A nossa sociedade é permeada por formas simbólicas; assim, encontra-se certa complexidade linguística a respeito de alguns termos e palavras, tornando-se necessário, em certos casos, um debruçamento obstinado para entender seus significados. Nesse panorama, tais palavras abarcam uma série de significados e interpretações, que podem variar, dependendo do conceito ou tecimento teórico. O professor de literatura inglesa Terry Eagleton (2011), da Universidade Oxford, classifica as palavras "cultura" e "natureza" entre as mais complexas da linguística, ressaltando ainda que a palavra "natureza" é tida como a mais complexa de todas. E essas palavras são consideradas tão complexas e colocadas em destaque simplesmente por seus significados amplos, ou seja, essas palavras são impregnadas de concepções, as quais facilmente mudam de pensadores/pensadoras para pensadores/pensadoras, podendo haver livros inteiros sobre elas.

A palavra "ideologia" também se encontra nesse grupo de as palavras mais complexas, já que é altamente conceitualizada. Há já algum tempo, ela ocupa um lugar central no pensamento político e social e tem sido utilizada como uma arma nas batalhas políticas travadas no campo da linguagem (THOMPSON, 2011). Nesses campos de batalhas linguísticas, encontramos a palavra ideologia sendo relacionada a outros termos, como, "ideologia de gênero" ou "ideologia de esquerda ou direita".

Seguindo esse trajeto, o termo "ideologia", ao longo do processo histórico, teve um caminho intrincado, com mudanças de sentidos, alimentando debates e controvérsias teóricas (THOMPSON, 2011). Esse termo foi apresentado pela primeira vez pelo filósofo francês Destutt de Tracy como *idéologie*, em tempos de Revolução Francesa, no século XVIII. Foi utilizado para descrever o seu ambicioso projeto filosófico de elaborar uma nova ciência. Para Destutt, essa nova ciência seria interessada na análise das ideias e sensações, e, para ele, seria a "Ciência das Ideias", classificando-a como a primeira das ciências.

Polêmico e controverso, o conceito de ideologia suscitou uma imensa quantidade de estudos. Entre seus estudiosos mais relevantes, encontramos John B. Thompson[5] (2011). Partindo de suas análises apresentadas na obra *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, nesse tópico, apresentaremos e justificaremos a adoção do seu conceito de ideologia. É importante, também, salientar que

[5] John Brookshire Thompson é um sociólogo e professor da Universidade de Cambridge.

esse conceito difere do pensamento de alguns/algumas outros/outras autores/autoras utilizados/utilizadas nesta tese, como Teun van Dijk (2020). Assim, seria importante apontarmos tal diferença encontrada no conceito de van Dijk, no qual, para o estudioso holandês, o conceito de ideologia:

> [...] pressupõe-se, em geral, que o termo refere-se à "consciência" de um grupo ou classe, explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico, que subjaz às práticas socioeconômicas, políticas e culturais dos membros do grupo, de forma tal que seus interesses (do grupo ou da classe) materalizam-se (em princípio da melhor maneira possível). Tanto a ideologia em si quanto as práticas ideológicas derivadas dela são frequentemente adquiridas, exercidas ou organizadas por meio de várias instituições, como o Estado, os meios de comunicação, o aparato educacional, a Igreja, bem como por meio de instituições informais, como a família (VAN DIJK, 2020, p. 47).

Como veremos mais adiante, para Thompson a conceituação de ideologia teria outra compreensão.

Thompson (re)traça os contornos históricos da conceptualização do termo "ideologia", quando vai além e o reformula, propondo uma definição original. Ao analisar a trajetória conceitual do termo, o autor afirma que: "foram os escritos de Marx e Weber, de Durkheim, Siromel, Mannheim e outros que, sob muitos aspectos, estabeleceram a agenda para os debates teóricos contemporâneos" (THOMPSON, 2011, p. 10). É por meio desse debate teórico, que Thompson realiza uma linha temporal do conceito, tratando-se de uma contextualização histórica da ideologia. Essa contextualização é feita como base para sua conceituação, superando a intenção de realçar um itinerário intelectual complexo acerca da história dessa palavra.

Thompson (2011) comenta que a ideologia defendida pelo filósofo francês Destutt de Tracy refere-se à ciência que estaria interessada na análise sistemática das ideias e sensações, apontando que esse conceito de ideologia logo foi questionado por uma série de teóricos. Sobre o conceito de Tracy, Thompson comenta:

> Imbuído, originalmente, de toda a confiança e do espírito afirmativo do Iluminismo europeu, para o qual a ciência, por ele descrita, era aceita como que representando um estágio culminante, a "ideologia", rapidamente, tomou-se um termo abusivo que mostrava o vazio, a preguiça e a sofisticação de certas ideias (THOMPSON, 2011, p. 43).

O projeto de Destutt entrou em declínio, principalmente, depois do golpe de estado dado por Napoleão Bonaparte, que desconfiava do filósofo e de suas ideias, devido à aproximação com o republicanismo, o que representava, para ele, uma ameaça. Thompson (2011, p. 46)

comenta que Napoleão inicia um processo de ridicularizarão da ideologia como ciência das ideias; esta, na visão do estadista francês, era "[...] uma doutrina especulativa abstrata, que estava divorciada das realidades do poder político", em outras palavras, a ideologia, agora, seria um projeto a serviço da ilusão.

Ao se debruçar sobre a história do conceito de ideologia, Thompson (2011) identifica duas concepções de formulação geral: neutra e crítica. Na concepção *neutra,* proposta por autores como Destutt de Tracy, Lenin, Lukács e Manheim (na sua formulação geral), os fenômenos ideológicos são caracterizados como um fenômeno qualquer, que não é necessariamente mais problemático do que outros. Dessa forma, para este tipo de concepção, certos fenômenos podem não ser considerados enganadores ou ilusórios, o que nesses casos, não presumiria sua condenação, e, por vezes, a extinção desse fenômeno. Pressupõe-se aqui que a ideologia é visão de mundo, sendo esta um aspecto da vida social (THOMPSON, 2011). No trecho a seguir, o autor aprofunda essa concepção:

> Um tipo geral é o que chamo de "concepções neutra de ideologia". Concepções neutras são aquelas que tentam caracterizar fenômenos como ideologia, ou ideológicos, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados com interesse de algum grupo em particular. Ideologia, de acordo com as concepções neutras, é um aspecto da vida social (ou uma forma de investigação social) entre outros, e não é nem mais nem menos atraente ou problemático que qualquer outro (THOMPSON, 2011, p. 72).

Desse ponto de vista, a ideologia pode estar presente em qualquer lugar, em diferentes programas políticos, por exemplo. Um programa político, sendo ele de esquerda ou de direita, de restauração ou de reforma, estaria envolto por ideologias e ideias. Nessa concepção, um grupo minoritário ("minorias" ou "maiorias não representadas", como, por exemplo, os grupos de pessoas racializadas), também estariam explanando suas ideologias, mesmo não alcançando espaços de visibilidade social, como o da política.

Para Thompson (2011), em antagonismo à concepção neutra, existe a concepção crítica, elaborada por autores como Napoleão, Marx e Manheim (na sua formulação restrita). Aqui, entende-se que os fenômenos caracterizados como ideológicos são negativos, e devem ser explicitamente combatidos. Tais fenômenos, nessa concepção, seriam errôneos, ilusórios e/ou expressariam os interesses da classe dominante e/ou estariam a serviço da dominação. Por conseguinte, tratar-se-ia de um fenômeno a ser combatido. Esse tipo de concepção serviu de base para uma série de estudos sociais, principalmente de base marxista. Para o autor, essa concepção estaria sujeita, diante dessas características, a críticas, conforme o seguinte trecho:

> Concepções críticas são aquelas que possuem um sentido negativo, crítico ou pejorativo. Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia - ou como ideológico - é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos (THOMPSON, 2009, p. 73).

Assim, para Thompson (2011, p.73), a ideologia, de um ponto de vista crítico, sempre deve ser questionada: "Todas elas possuem um sentido negativo e supõem que os fenômenos caracterizados como ideologia são susceptíveis de crítica". Ainda é presumível que, nessa concepção, a ideologia esteja ligada ao poder de grupos dominantes.

Ao elucidar essas duas concepções, Thompson nos orienta que o conceito é carregado de termos e tem muitos usos, os quais, embora desbotados, caracterizam sua história, já que o conceito foi puxado e empurrado de um lado a outro, e se tem recorrido a ele nas batalhas políticas da nossa vida cotidiana, principalmente no campo da linguagem (THOMPSON, 2011). Assim, resta aos estudiosos definirem bem qual conceito é empregado ao se falar de ideologia, a fim de não se cometerem certos equívocos teóricos a respeito do termo.

Feita essa contextualização da trajetória intelectual do conceito de ideologia, o autor apresenta sua própria definição. Ao debruçar-se sobre o conceito, define-o como o sentido a serviço da dominação, conforme explica a seguir:

> [...] combater o que descrevi como a neutralização do conceito de ideologia. Tentarei formular uma concepção crítica de ideologia, apoiando-me em alguns temas implícitos nas concepções anteriores e abandonando outros; procurarei mostrar, ainda, que esta concepção pode oferecer uma base para um enfoque útil e defensável para a análise da ideologia, um enfoque que está orientado para a análise concreta dos fenômenos sócio-históricos, mas que, ao mesmo tempo, mantém o caráter crítico transmitido a nós pela história do conceito. Análise da ideologia, de acordo, com a concepção que irei propor, está primeiramente interessada com as maneiras com as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder (THOMPSON, 2011, p. 75).

Diante dessa concepção, o autor entende que as formas simbólicas podem ser consideradas ideológicas quando, sob determinadas circunstâncias, estabelecem e sustentam relações de dominação. Ele salienta que compreende por relações de dominação relações de poder que são sistematicamente assimétricas; tratando, portanto, poder e dominação como fenômenos diferentes (THOMPSON, 2011).

Assim, com a análise da ideologia, segundo Thompson (2011, p. 16), deveríamos enxergar a ideologia como uma parte associada de um interesse mais habitual, o qual está relacionado "às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à

natureza da estrutura social, à reprodução e a mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papeis na vida social".

A concepção de Thompson, apesar de aproximar-se da de Marx (concepções latente e polêmica), se distancia dela ao não carregar seu peso epistemológico. É importante recordar que, em "A ideologia alemã", os pensadores Marx e Engels (2007) apresentam a ideologia no modo de produção capitalista como ilusória, e fazem uma analogia com a câmara escura. Na câmara escura, as pessoas aparecem de cabeça para baixo; a ideologia operaria de maneira semelhante, uma vez que esta permaneceria em uma planificação imediata do aparecer social. Assim, diante da divisão historicamente emergente entre trabalho mental e trabalho físico no capitalismo, as ideias, por meio da ideologia, apareceriam como autônomas e eficazes, desvelando a real forma como as pessoas se relacionam concretamente nesse sistema.

Como já mencionado, existe uma proximidade entre ambos os conceitos, mas há diferenças, e estas são essenciais para se definir o avanço da proposta de Thompson, tanto de forma teórica/conceitual quanto analítica/metodológica. Assim como Marx, Thompson (2011) defende que as sociedades são caracterizadas por relações de dominação. Porém, para Thompson, a dominação de classe não se sobressai em relação às demais: "É importante enfatizar que relações de classe são apenas *uma* forma de dominação e subordinação, constituem apenas *um* eixo da desigualdade e exploração; as relações de classe não são, de modo algum, a *única* forma de dominação e subordinação" (THOMPSON, 2011, p.77 grifos do autor). Diante dessa proposta de Thompson, uma forma simbólica pode ser ideológica em um aspecto e contestatória em outro, podendo, por exemplo, criticar as relações de classes e, simultaneamente, legitimar relações racistas. Essa importante característica amplia o campo de análise da ideologia.

A segunda característica é que a ideologia pode ser utilizada no intuito de construir uma relação de dominação, e não apenas sustentar uma relação já existente. Como exemplo disso, podem-se citar os discursos contra o Islã, criados a fim de gerar um/uma novo/nova inimigo/inimiga para o ocidente. A crítica que Thompson faz à ideologia de Marx (concepção latente) concentra-se na visão de que "ela tende a menosprezar o quanto as formas simbólicas e o sentido assim mobilizados são *construtivos* da realidade social" (THOMPSON, 2011, p. 78, grifos do autor).

Ao abrir o campo de investigação, Thompson (2011) amplia o nível de investigação da ideologia, superando certas limitações, principalmente no que diz respeito às relações de dominação. Sabe-se que essas relações, em nossa sociedade contemporânea, tornaram-se mais complexas, ou melhor, elas existam e já faziam parte de nossa sociedade, porém

multiplicavam-se em um âmbito nebuloso do conhecimento. Por exemplo, a desigualdade estruturada pelo racismo, o qual, no Brasil, em especial, foi maquiado pelo mito de "democracia racial", abarcada pelo pensamento freyriano (FREYRE, 2003), afrouxou o combate ao racismo.

O autor argumenta: "Interpretar a ideologia é *explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estebelecer e sustentar*" (THOMPSON, 2011, p. 379, grifos do autor). Thompson, ao engajar-se nesse pensamento, põe, como ponto fundamental, a análise da sociedade moderna e sua relação com os meios de comunicação de massa, pois, com os meios de comunicação, o raio de alcance da ideologia adquire um tamanho sem precedentes.

Para Thompson (2011; 1998), a nossa cultura encontra-se em uma estrutura centralizada por meios de comunicação. Com a sociedade sendo amparada por esses meios de massa, tem-se ampla circulação de formas simbólicas, que, por vezes, podem ser ideológicas; o autor exalta esse ponto como um dos principais para compreender as relações de poder em uma sociedade. Como indicado no trecho a seguir, a sociedade (ocidental) revela-se altamente consumidora de produtos de informação, tornando-se cada vez mais raras sociedades que não estejam engajadas com as indústrias de comunicação.

> Em muitas sociedades industriais do Ocidente de hoje pessoas adultas gastam entre 25 a 30 horas por semana olhando televisão - e isso sem contar o tempo que eles empregam escutando rádio ou música estereofônica, lendo jornais, livros e revistas e consumindo outros produtos do que são hoje as indústrias de comunicação transnacionais de grande porte. Ainda mais: há poucas sociedades, hoje, que não foram atingidas pelas instituições e mecanismos da comunicação de massa, e, como consequência, que não estejam abertas a circulação das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa (THOMPSON, 2011, p. 9-10).

Entretanto, não se pode considerar todas as formas simbólicas como ideológicas em si. Thompson (2011, p. 76) afirma que, para serem assim consideradas, elas devem ser analisadas à luz do seu contexto *sócio-histórico* de produção, circulação e recepção, ou seja, devemos considerar "como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados" (THOMPSON, 2011, p. 76). Nas palavras do autor:

> Estratégias particulares de construção simbólica ou tipos particulares de formas simbólicas não são ideológicos em si mesmos: se o sentido gerado pelas estratégias simbólicas ou difundido pelas formas simbólicas serve para estabelecer ou sustentar relações de dominação, é uma questão que deve ser respondida somente pelo exame dos contextos específicos dentro dos quais as formas simbólicas são produzidas e recebidas, somente através do exame dos mecanismos específicos pelos quais elas

> são transmitidas dos produtores para os receptores, e somente através do exame de sentido que essas formas simbólicas possuem para os sujeitos que as produzem e as recebem (THOMPSON, 2011, p. 89).

Com o conceito de ideologia supramencionado, Thompson (2011) faz um posicionamento político e crítico, situando-se no campo da Teoria Social Crítica, trazendo no seu âmago a questão de poder na sociedade, principalmente nas relações de dominação. Esse conceito não é no sentido epistemológico, justamente porque não diz nada sobre como conhecemos a realidade, abrindo espaço para uma análise ou investigação. Para ele, é necessário investigar o sentido da ideologia, pois ela colabora para a construção de realidade.

Diante dessa concepção, torna-se mensurável, porém bastante complexa, a análise e a interpretação da ideologia; e Thompson (2011), a fim de organizar e ensejar a análise, propõe alguns modos gerais de operação da ideologia: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

Quadro 1 - Modos de operação da ideologia

Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Externalização Nominalização/passivização

Fonte: Thompson, 2009, p. 81.

Apesar de o quadro 1 representar um meio metodológico de análise, Thompson (2011) reafirma que, por meio dele, não se podem identificar todos os modos possíveis de operação da ideologia, ou seja, não se reduz a ideologia somente a esses modos e estratégias, os quais são apenas um esboço de análise. Por exemplo, baseando-se na obra de Fúlvia Rosemberg, Felipe Tavares Paes Lopes (2019) compreende que a estigmatização é um importante modo de operação da ideologia no debate público sobre violência no futebol brasileiro.

3.2 O conceito de racismo estrutural e o pensamento decolonial

"O racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, às vezes o mais grosseiro, em suma, de uma dada estrutura" (FANON, 2021, p.70). Com esse trecho de Frantz Fanon – um dos maiores teóricos do racismo e do decolonialismo – abrimos este capítulo sobre racismo. O que o pensador martinicano nos indica aqui é que, em uma determinada sociedade, o racismo pode não representar todos os problemas sociais; no entanto, ele é o elemento mais visível, surgindo no cotidiano por vezes de forma violenta e brutal. Com a referida citação, Fanon também nos indica que o racismo faz parte de uma dada estrutura, isto é, o racismo é, em essência, um dos elementos estruturantes da sociedade.

Como objetivamos averiguar os possíveis discursos críticos à ideologia/antirracistas na capoeira, neste tópico, optamos por voltar nossa atenção aos conceitos de raça, racismo, colonialidade e decolonialidade. Para tanto, tomamos como base as reflexões de pensadores e pensadoras como Achille Mbembe (2018a; 2018b; 2019; 2020; 2021), Frantz Fanon (2020; 2021; 2022), Grada Kilomba (2019), Paul Gilroy (2012) e Silvio Almeida (2020), mas também buscamos respaldo de pensadores da área da Comunicação, como Dennis de Oliveira (2021) e Muniz Sodré (2015; 2017). Mais precisamente, ao discorrermos sobre essas noções, buscaremos apresentar e justificar a concepção de racismo estrutural adotada nesta tese (ALMEIDA, 2020), a qual se afasta da noção de "democracia racial" que seria interpretada a partir das obras freyrianas (FREYRE, 2003). Essa noção já foi desmistificada por pensadores e pensadoras brasileiros, que demonstraram seus posicionamentos intervencionistas contra uma ciência colonial (FERNANDES, 2008; GONZALEZ, 2020; NASCIMENTO, 2016).

Para a construção deste capítulo teórico, especificamente sobre o racismo e as relações étnico-raciais, priorizamos intelectuais negros e negras, que aprofundaram seus pensamentos visando a desenvolver os estudos sobre o racismo com rigor e, simultaneamente, a partir de suas posições específicas na estrutura social. Esta tese busca, nesse sentido, além de priorizar esses grandes pensadores negros e negras, desenvolver uma construção teórica de essência antirracista (RIBEIRO, 2019) e decolonial, afastando-se, em certa medida, de um pensamento eurocêntrico e colonial das ciências. Por isso, priorizamos, ao menos para discutir a questão racial, estudiosos da África, da América Latina, da América do Norte e do Caribe.

Nesse caminho, já existem autores e autoras que abordam o tema em questão com maior profundidade e erudição. Esses estudos ainda abrem novos caminhos teóricos/conceituais e metodológicos que trazem profunda contribuição para os estudos em

variados campos, mas principal e substancialmente, para combater o racismo (MBEMBE, 2018a; ALMEIDA, 2020; FANON, 2020, 2021).

3.2.1 Raça e Colonização

Para o filósofo brasileiro Silvio Almeida (2020), são duas as teses fundamentais para a compreensão do racismo: a primeira é que sem os conceitos de raça e racismo não poderíamos compreender a nossa sociedade contemporânea, e a segunda é que os significados de raça e racismo necessariamente exigem uma teoria social sólida. Diante dessas teses, esta pesquisa busca aprofundar-se nas noções e conceitos de raça e racismo, invocando autores e autoras que tratam o conceito de maneira espessa.

A ideia de que raça é um fenômeno que está, em certa medida, ligado ao estabelecimento da classificação, perpassando plantas e animais, tem origem nas Ciências Naturais e Biológicas. Entretanto, essa noção de raça, em dado momento do século XVI, passa a categorizar seres humanos em grupos e subgrupos, sendo uma característica a que se recorre amplamente na colonialidade/modernidade para gerar "diferença" (ALMEIDA, 2020). Essa classificação/categorização humana significaria um ponto crucial para as novas relações de poder entre os humanos modernos. Segundo Almeida, "por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional* e *histórico*" (ALMEIDA, 2020, p. 24, grifos do autor). O autor ainda menciona que, num contexto de expansão comercial burguesa e da cultura renascentista, motivada pela descoberta do "novo mundo", teve-se uma reflexão da unidade e da multiplicidade da existência humana, transformando, mediante um ideário filosófico, o "homem" europeu no "homem" universal (ALMEIDA, 2020). Estando esse "homem" universal (europeu) no centro dos povos e culturas, cria-se, assim, um parâmetro para classificar os "outros" povos e culturas (supostamente) menos evoluídos. Esse "homem", como lembrado por Almeida, seria "um dos produtos mais bem-acabados" (ALMEIDA, 2020, p.25), construído pela complexidade filosófica, no qual a ideia de raça ganha relevância social para sua compreensão, isto é, a forma de pensar o "homem" moderno foi premeditadamente construída, respaldada pelo pensamento filosófico, e, em certa medida, com apoio teológico da Igreja Católica (ALMEIDA, 2020).

Como Almeida (2020, p.25, grifos do autor) nos orienta, o projeto iluminista tinha o "*homem como seu principal objeto*". Isso significa que, a partir do século XVIII, diante dos saberes filosóficos do Iluminismo, o "homem" iluminista, além de sujeito, passa a ser objeto

do conhecimento. O Iluminismo traz uma nova perspectiva sobre o "homem" e suas diferenças, possibilitando a comparação e a classificação (ALMEIDA, 2020). Almeida ainda complementa que: "surge então a distinção filosófico-antropológica entre *civilizado* e *selvagem*, que no século seguinte daria lugar para o dístico *civilizado* e *primitivo*" (ALMEIDA, 2020, p. 26, grifos do autor). Essa noção de "selvagem" foi subitamente relacionada aos povos tribais e indígenas (povos originários). Para Mbembe (2018a, p. 42), "a noção de raça permitia representar as humanidades não europeias como se tivessem sido tocadas por um ser inferior". Sobre esse projeto iluminista de "homem" ideal e as pessoas que seriam jugadas como "selvagens", ainda podemos complementar com o trecho abaixo, demonstrando que o projeto iluminista sobre o "homem" estaria mais interessado na construção do "outro" e na "diferença" do que na semelhança:

> Seriam reflexo depauperado do homem ideal, de quem estariam separadas por um intervalo de tempo intransponível, uma diferença praticamente insuperável. Falar delas era, antes de mais nada, assinalar uma ausência – a ausência do mesmo – ou ainda a presença alheia, a de *monstros* e fósseis (MBEMBE, 2018a, p. 42, grifos do autor).

Essa nova distinção dos "homens" entre civilizado e primitivo será primordial para estrutura da modernidade, pois foi por meio da convicção iluminista que muitas revoluções liberais tiveram o intuito de libertar o mundo das trevas, principalmente da religião. Temos como grandes exemplos dessas revoluções liberais as revoluções inglesa, francesa e americana. Nesse contexto, o mundo reorganizou-se, passando da sociedade feudalista para a sociedade capitalista, almejando uma vitória da civilização (ALMEIDA, 2020). Entretanto, com esse pretexto de avanço civilizador, surge a intenção de civilizar os povos considerados primitivos, e, com isso, fundou-se um processo de destruição e morte, denominado de colonização, por vezes chamado de imperalismo. No entanto, essa busca pela liberdade e pela igualdade universal se revelaria como falácia, principalmente na Revolução negra no Haiti (ALMEIDA, 2020; MBEMBE, 2018a; 2019). Com a independência do Haiti, pelos povos negros escravizados, tem-se a exposição de que o projeto liberal-iluminista não busca liberdade e igualdade para todos/todas os/as humanos/humanas. Nesse sentido, as revoluções francesa e haitiana mostram-se antagônicas, a primeira sendo exemplo de igualdade e liberdade e a outra de medo e desconfiança (ALMEIDA, 2020). Almeida (2020, p. 28) ainda aponta que a independência haitiana seria um ponto crucial para o desenvolvimento de uma teoria sobre raça, pois "é nesse contexto que a raça emerge como um conceito central".

Mbembe (2018a) fala que o ocidente precisou de um mito fundador para fundamentar seu poder. Nesse mito, o "centro" do mundo seria o ocidente, sendo a civilização ocidental mais civilizada, um espelho do mundo, o "universal". O autor sobre isso explica:

> Em sua ávida necessidade de mitos destinados a fundamentar seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro do globo, a terra natal da razão, da vida universal e da verdade da humanidade. Sendo o rincão mais "civilizado" do mundo, só Ocidente foi capaz de inventar um "direito das gentes". Só ele conseguiu edificar uma sociedade civil das nações compreendida como um espaço público reciprocidade do direito. Só ele deu origem a uma ideia de ser humano dotado de direitos civis e políticos, permitindo-lhe exercer seus poderes privados e públicos como pessoa, como cidadão pertencente ao gênero humano e, enquanto tal, interessado por tudo o que é humano. Só ele codificou uma gama de costumes aceitos por diferentes povos, que abrangem os rituais diplomáticos, as leis das guerras, os direitos de conquista, a moral pública e as boas maneiras, as técnicas do comércio, da religião e do governo (MBEMBE, 2018a, p. 29).

O filósofo completa que, diante desse mito ocidental, existiria o "Resto", que seria representado principalmente pela África e pelo "negro", sendo esse último termo o símbolo de "um ser-outro" pelo eurocentrismo. Mbembe (2018a, p. 29) fala: "O Resto – figura, se tanto, do semelhante, da diferença e do poder puro negativo – constituída a manifestação por excelência da existência objetificada".

Essa imagem de "humano", desenvolvida pelo ocidente, tem claros fundamentos que, mais tarde, seriam chamados de branquitude, e passa a ser a norma do que seria "humano", "quase humano" ou "não humano" (MBEMBE, 2018a). Ao tratar do "humanismo", evocado pelo projeto iluminista-liberal, o estudioso da comunicação Muniz Sodré fala sobre a questão epistêmica da relação do/da europeu/europeia com o/a "Outro/Outra", e como isso seria uma justificativa para a abertura de caminho para as violências mais abomináveis contra as pessoas não europeias, principalmente de origem africana:

> Mas essa ideia de "humanidade" – fachada ideológica para a legitimação da pilhagem dos mercados do Sudeste Asiático, dos metais preciosos nas Américas e da mão de obra na África – consolida-se conceitualmente, na medida em que contribui para sustentar o modo como os europeus conhecem a si mesmos: "homens plenamente humanos" e aos outros como "*anthropos*", não tão plenos. O *humano* define-se, assim, de dentro para fora, renegando a alteridade a partir de padrões hierárquicos estabelecidos pela cosmologia cristã e implicitamente referendados pela filosofia secular. Dessa provém o juízo epistêmico de que o *Outro* (*anthropos*) não tem plenitude racional, logo, seria ontologicamente inferior ao humano ocidental (SODRÉ, 2017, p.13-14, grifos do autor).

Ainda tratando sobre o conceito de raça, conforme o professor e filósofo camaronês Achille Mbembe (2018b), esta seria um ponto determinante na política ocidental, principalmente na colonização e o liberalismo, como argumenta o autor:

> Afinal de contas, mais do que pensamento de classe (ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles (MBEMBE, 2018b, p.18).

A raça foi ainda utilizada como pretexto para o colonialismo, sendo o ponto central para a dominação europeia sobre os outros espaços. Sobre isso, Mbembe (2019, p. 9) menciona que: "há meio século, a maioria da humanidade vivia sob o jugo colonial, uma forma particularmente primitiva de dominação da raça". Para o filósofo africano, ainda por mais brutal que o colonialismo tenha sido, esse evento não deixou sua marca no espírito filosófico, questionando se seria, assim, a colonização o "espetáculo por excelência da comunidade impossível" (MBEMBE, 2019, p. 9).

Nesse contexto, a raça emerge como conceito central, apontado por Almeida (2020) como uma tecnologia para a legitimação das mortes e destruição na escravidão e no colonialismo. Almeida (2020, p. 28) ainda menciona que, dessa forma, "a classificação de seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico", isto é, a classificação humana seria, de fato, utilizada como uma tecnologia de dominação sobre pessoas, atuando como pretexto da sua desumanização, e justificando até mesmo sua brutalidade e mortandade. Nesse processo de desumanização, como ocorreu com os povos indígenas e negros, e, mais tarde, na Europa, com os judeus, a raça torna-se o âmago dos grandes genocídios.

Ainda tratando do escrutínio de "raça", o filósofo Michel Foucault (2010), na formulação de suas análises sobre a biopolítica, mais precisamente sobre o biopoder, aponta a priorização da raça nas divisões entre as pessoas que devem morrer ou viver, e nesse sentido Foucault aponta que o poder reside em quem tem essa capacidade de decisão. No entanto, um dos pontos mais relevantes do biopoder seria o controle operado a partir da diferença, e tal poder seria definido com base em uma relação entre poder e um campo biológico (corpo), pressupondo que esse controle necessariamente passa por uma divisão de grupos e subgrupos da espécie humana. É assim que Foucault classifica raça, mais precisamente o racismo. Para Mbembe (2018b), pensar "raça" nos termos foucaultianos significa propor que ela é uma tecnologia que permite o exercício do biopoder, isto é, o direito soberano de matar pessoas. Mbembe ainda menciona que, na economia do biopder, o racismo apresenta a função de regular "a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado" (MBEMBE, 2018b, p.18). Nesse sentido, a raça e o racismo também seriam uma forma

mecanizada para execuções em massas de povos, como, por exemplo, as pessoas judias executadas nos campos de concentração pelo estado nazista.

Levando adiante o conceito de biopolítica e de biopoder de Foucault, Mbembe (2018) desenvolve a conceituação de necropolítica e necropoder. Mbembe propõe, com o conceito de necropolítica, "que as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror" (MBEMBE, 2018b, p.71), argumentando que a noção de biopoder não seria suficiente "para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte" (MBEMBE, 2018b, p.71). O que o filósofo camaronês faz é relacionar a noção de biopoder de Foucault a outros dois conceitos: o estado de exceção e o estado de sítio. Entretanto, o mais importante para os objetivos deste capítulo é que Mbembe propõe que as primeiras experimentações de biopolítica estão diretamente relacionadas à escravidão de pessoas negras, como é demonstrado no seguinte trecho: "Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação da biopolítica" (MBEMBE, 2018b, p. 27). Para o autor camaronês, foi na estrutura do sistema *plantation* que ocorreu a figura emblemática do estado de exceção, no qual a humanidade do escravo é negada, e essa pessoa negra passa a ser uma mercadoria de um "senhor" (MBEMBE, 2018b). Assim, Mbembe menciona que a condição de escravo dessas pessoas negras passa a resultar em uma tripla perda: "perda de um "lar", perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político" (MBEMBE, 2018b, p. 27). Com o estado de exceção no *plantation*, os direitos são negados às pessoas escravizadas, e, ao invés de ser uma suspensão temporária do estado de direito (AGAMBEN, 2004), na escravidão, esse estado passa a ser permanente. Não à toa, para Mbembe (2018b, p. 29), "a vida do escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte-em-vida".

Assim, a vida do "outro"/"outra" na *plantation* torna-se mercadoria de um comércio. Mbembe (2018b) menciona que a condição de pessoa escravizada cria uma contradição entre liberdade de propriedade e liberdade da pessoa, e que esse poder sobre o outro, na escravidão, cria uma condição de não humanidade, a qual exclui os diretos de determinada pessoa passando-os para outra, isto é, a pessoa escravizada é destituída de sua humanidade e seus direitos passam a pertencer a um/uma "senhor"/"senhora".

A raça, como intuito de divisão humana, foi, ainda no século XIX, diante do positivismo, utilizada como uma indagação científica, passando pelos campos da biologia e da física. Almeida (2020) menciona que o "homem" passa a ser objeto científico, e que essas áreas tentariam dar respostas para a diversidade humana, principalmente com a justificativa

das raças. O professor, a respeito disso, diz: “Esse tipo de pensamento, identificado como *racismo científico*, obteve enorme repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos do século XIX” (ALMEIDA, 2020, p. 29, grifos do autor). Sendo mais específico, no Brasil, temos, como um dos principais estudos desse tipo, a obra de Nina Rodrigues (1988, 2021), que realizou estudos sobre os povos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil, observando por perspectivas racistas.

Nesse contexto de centralidade da raça, no qual os percursos teóricos racistas buscavam explicações científicas para justificar as distinções entre europeus brancos e não europeus, tenta-se provar um suposto primitivismo intelectual e emocional daqueles/daquelas que não seriam brancos/brancas europeus/europeias para, dessa forma, fundamentar as “diferenças” propagadas pelo racismo, conforme demonstra Frantz Fanon:

> Como as Escrituras se mostraram insuficientes, o racismo vulgar, primitivo, simplista pretendia encontrar no biológico a base material da doutrina. Seria fastidioso relembrar os esforços então empreendidos: formato comparado do crânio, quantidade e configuração dos sulcos do encéfalo, características das camadas celulares do córtex, dimensões das vértebras, aspectos microscópicos da epiderme etc. O primitivismo intelectual e emocional aparecia como uma consequência banal, um reconhecimento de existência (FANON, 2021, p.70).

Tais afirmações são apontadas por Fanon (2021) como brutais e maciças, e atravessavam o discurso científico, que buscaria amenizar o racismo praticado com bases cientificas e acadêmicas, que outrora haviam sido apoiadas pela teologia da Igreja Católica. Essa prática de estudos racistas contemplaria a maioria dos primeiros estudos sobre os/as afrodescendentes no Brasil.

Os estudos e debates sobre raça transpassam o século XIX para o século XX, período esse, que parte da antropologia busca demonstrar a inexistência de determinações biológicas de divisão do ser humano, provando-se que não existiria naturalmente nada que sustentasse o argumento biológico de raça (ALMEIDA, 2020). Ainda no século XX, com a Segunda Guerra Mundial, a noção de raça torna-se um elemento essencialmente político.

Sobre essas mudanças acerca do conceito de “raça”, principalmente sobre a “raça negra”, durante a colonialidade/modernidade, Mbembe (2018a) aponta que a “raça” faria parte de um delírio do/da branco/branca europeu/europeia, no qual o pensamento europeu criaria um mundo de relação de si com si mesmo – o “humano” universal –, e essa lógica traria consequências diretas para pessoas negras. Nesse propósito, o autor pontua:

> Em contrapartida, interessa compreender que, como consequência direta dessa lógica de autoficção, de autocontemplação e até mesmo de enclausuramento, o negro

> e a raça têm sido sinônimos, no imaginário das sociedades europeias. Designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa, a aparição de uma e de outra no saber e no discurso modernos sobre o homem (e, por consequência sobre o "humanismo" e a "humanidade") foi, se não simultâneo, pelo menos paralelo; e, desde o início do século XVIII , constituíram ambos o subsolo (inconfesso e muitas vezes negado), ou melhor, o complexo nuclear a partir do qual se definiu o projeto moderno de conhecimento – mas também de governo (MBEMBE, 2018a, p.12).

Mbembe (2018a) argumenta que tanto a "raça" quanto o termo "negro"[6] representariam figuras gêmeas do delírio europeu, o qual a modernidade chegaria a produzir. O filósofo africano responde o porquê de esse delírio da branquitude sobre a "raça" e o termo "negro" existirem, tornando-se, por vezes, sinônimos de um mesmo conceito. Tal delírio, conforme as reflexões do autor:

> Primeiro, deve-se ao fato de o negro ser este (ou então aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Onde quer que apareça, o negro desencadeia dinâmicas passionais e provoca exuberância irracional. Em seguida, deve-se ao fato de que ninguém – nem aqueles que o inventaram e nem os que foram englobados nesse nome – gostaria de ser negro ou, na prática, de ser tratado como tal.
> [...] Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada (MBEMBE, 2018a, p.12-13).

Mbembe ainda acrescenta: "Além do mais, como explicou Guilles Deleuze, 'há sempre um e negro, um judeu, um chinês, um grão-mongol, um ariano no delírio', pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças" (DELEUZE, 2016 *apud* MBEMBE, 2018a, p. 13). Assim, a "raça" estaria na origem de catástrofes, de crimes e de massacres de povos, além de ser a causa de devastações psíquicas (FANON, 2020), pois

[6] Assim, como Sebastião Nascimento, o tradutor, do livro *Crítica da Razão Negra* (2018a), teve a sensibilidade de criar uma nota de esclarecimento sobre o sentido da palavra "negro", seria importante esclarecermos, que dependendo da língua ou da localidade, o termo "negro" atribuí diferentes significados. Por exemplo, na língua francesa o termo "nègre" (negro) é utilizado como substantivo, de caráter pejorativo, seguindo as lógicas da colonialidade, portanto, racistas, sendo o termo "negro" cunhado para nomear as pessoas escravizadas. Assim, na língua francesa, o termo a que se recorre para se referir a pessoas negras sem o sentido depreciativo seria *noir* (preto). Nas línguas inglesa e alemã, utiliza-se a palavra *black* (preto), e no caso do termo "negro" utiliza-se a abreviatura *N-word* e N., como forma de não reproduzir a violência que a palavra implicaria. No português europeu, o caráter injurioso mais evidente, utilizado por muito tempo com uma carga arbitrária, foi a palavra "preto", termo que seria utilizado como insulto direto e ligado a pessoas negras escravizadas, sendo essa expressão advinda da colonialidade. No português brasileiro, porém, é menos evidente o sentido depreciativo no termo "negro", o qual é amplamente aceito; assim, a palavra é utilizada tanto como adjetivo quanto como substantivo, como é indicado por Sebastião Nascimento. Nesse sentido, Achille Mbembe (2018a) emprega o termo em seu texto (escrito originalmente em francês), por vezes, no sentido da palavra "*nègre*", sendo este considerado depreciativo ou pejorativo de extração colonialista. Sobre a linguagem e termos da colonialidade, encontramos mais referências sobre o assunto nas leituras de Kilomba (2019) e Mbembe (2018a).

funcionaria como uma categoria originária, material e até mesmo fantasmagórica (MBEMBE, 2018a).

Nesse sentido, para Mbembe (2018a), a "raça" não seria nada mais que uma constituição do/da "outro"/"outra" e não um/uma semelhante, mas, sim, uma ameaça. Segundo Mbembe (2018a), pessoas marcadas pela "raça" teriam um fantasma que as perseguiria, em detrimento da exclusão. Nas palavras do autor sobre raça:

> Vista em profundidade, a raça é ademais um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbações do pensamento e terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Em sua dimensão fantasmagórica é uma figura da neurose fóbica, obsessiva e, por vezes, histórica. De resto, consiste naquilo que se consola odiando, manejando o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o outro não como *semelhante a si mesmo*, mas como objeto propriamente ameaçador, do qual é preciso se proteger, desfazer, ou ao qual caberia simplesmente destruir, na impossibilidade de assegurar seu controle total (MBEMBE, 2018a, p. 27, grifos do autor).

Ainda é importante fazer uma retrospectiva histórica sobre o surgimento do termo "negro", que Mbembe (2018a) apresenta como sendo um coengendramento que ligaria o termo à África, de forma que um evocaria o outro. Sobre o surgimento do termo, podemos citar o seguinte trecho:

> É comumente aceito que, de origem ibérica, esse termo só viria a aparecer num texto escrito em língua francesa no início do século XVI. Será, contudo, apenas no século XVIII, isto é, no zênite do tráfico de escravos, que entrará por definitivo no uso corrente (MBEMBE, 2018a, p.79).

Porém, o termo passa a tornar-se estigma de um povo – africano – a partir do século XIX, tornando-se também marca de uma "raça". Nesse sentido, Mbembe (2018a) menciona que existira um movimento para tornar as pessoas africanas sujeitos raciais, conforme demonstra o seguinte trecho:

> A partir do século XIX, essa casca e essa chaga ganham existência quase autônoma, funcionando ora como motivo ornamental, ora como imagem de um duplo e, de modo ainda mais sinistro, de uma *carcaça* – o que sobra do corpo depois de ter sido destrinchado ou descarnado. De um ponto de vista estritamente histórico, a palavra "negro" remete, em primeiro lugar a uma fantasmagoria [...] E o processo de transformação das pessoas de origem africana em "negros", isto é, em corpos de extração e em sujeitos raciais (MBEMBE, 2018a, p. 81, grifos do autor).

Ainda nessa discussão sobre raça, em uma perspectiva contemporânea, Muniz Sodré (2015) reflete que, embora biologicamente exista uma consciência de que raça existente é uma só, a raça humana e suas diferenças são principalmente fenotípicas, tratando-se da cor de

pele, entre "claros" e "escuros". Portanto, seria importante "[...] consideramos que não se pode ocultar sob as veleidades filosóficas do Esclarecimento e do Progresso globalitários a reiterada importância dessas distinções que, embora insuficientes para fundar cientificamente o conceito de raça, sustentam socialmente a *relação racial*" (SODRÉ, 2015, p. 9, grifos do autor). O autor ainda menciona que em torno disso são mantidos os privilégios de classe, barreiras alfandegarias e discriminações alfandegarias que constroem identidades e nacionalidades, alimentadas pela utopia do liberalismo e da "globalização", que se esquecem das desigualdades e conflitos existentes nas diferenças econômicas, políticas e simbólicas (SODRÉ, 2015). Sobre isso, podemos ainda mencionar a fala de Mbembe (2018a, p. 28) sobre a raça: "A raça não existe como enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica" (MBEMBE, 2018a, p. 28). Nesse sentido, a raça "é também uma maneira de estabelecer e de afirmar poder" (MBEMBE, 2018a, p.69).

Para finalizarmos a explanação sobre a questão da raça e partirmos para a próxima discussão importante para esta tese, o racismo, ainda invocamos o filósofo Mbembe, que faz a seguinte reflexão sobre a raça:

> Enfim, a raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o *excedente*, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispendida sem reservas. Pouco importa que ela não exista enquanto tal, e não só devido à extraordinária homogeneidade genética dos seres humanos. Ela continua a produzir efeitos de mutilação, porque originariamente é e será sempre aquilo em cujo nome se operam cesuras no seio da sociedade, se estabelecem relações de tipo bélico, se regulam as relações coloniais, se distribuem e se aprisionam pessoas cuja vida e presença são consideradas sintomas de uma condição-limite e cujo pertencimento é contestado porque elas provêm, nas classificações vigentes, do excedente (MBEMBE, 2018a, p.73, grifos do autor).

3.2.2 Conceituação do termo "racismo"

Como apresentamos anteriormente, o conceito de raça foi construído e ele é um respaldo para a conceituação de racismo, sendo, por isso, fundamental fazermos apontamentos conceituais sobre essa problemática. O racismo é um dos principais problemas que envolvem as estruturas da sociedade brasileira, o fenômeno passou e passa por transformações tanto conceituais quanto na sua reprodução. A partir desse entendimento, traremos autores e autoras que debatem a temática, a fim de apresentar essas conceituações e aprofundar reflexões sobre o fenômeno.

A partir do seguinte trecho, em que Fanon (2021, p. 70), fala sobre as transformações do racismo com o passar do tempo – "O racismo não pôde se esclerosar. Ele precisou renovar-se, nuançar-se, mudar de fisionomia. E teve de cumprir o destino do conjunto cultural que lhe dava forma" –, podemos compreender que o racismo não é estático: ele é mutável, transformando-se, em diferentes contextos, inclusive culturais. Contudo, não podemos deixar de mencionar que as evoluções na sua teorização/conceituação e no seu combate também tiveram diferentes contornos no decorrer da história. Podemos citar, como exemplo, a teoria antirracista e os discursos antirracistas. E nesse sentido adotamos a mesma noção de antirracismo proposta por Van Dijk (2021, p.10), e apontada no seguinte trecho:

> Como a própria noção de antirracismo implica, o primeiro aspecto conceitual de uma teoria do antirracismo requer análise em termos de oposição, dissidência, luta e outras noções em torno da *resistência* contra qualquer outro aspecto do sistema de racismo (VAN DIJK, 2021, p.10, grifos do autor).

Neste tópico, apontaremos, então, como o conceito de racismo modificou-se, tendo passado por avanços e transformações, e focalizando o conceito de racismo estrutural em que iremos nos apoiar.

Como é mencionado pela filósofa e escritora portuguesa Grada Kilomba (2019, p.71), "o racismo é uma realidade violenta". Esse trecho torna-se significativo, pois, como apontamos anteriormente, a "raça" não passaria de uma ficção construída. Entretanto, o racismo está longe de ser uma ficção, pois é real e sempre violento.

Nesse contexto, podemos apontar que o racismo sempre foi ponto fundamental para o desenvolvimento da política europeia, que, por projetos seculares – como a escravidão, a colonização, as políticas de fronteira etc. – transformou o racismo em tecnologia de dominação.

Para o professor Dennis de Oliveira (2021), esse projeto seria apoiado por uma ideologia eurocêntrica que sustentaria, inclusive, a branquitude, conforme apresenta o seguinte trecho:

> O eurocentrismo é uma narrativa ideológica que simplifica o processo civilizatório das tradições helênicas até o Renascimento e é com base nisso que se estabelece um padrão normativo racional que sustenta a hegemonia da "branquitude". Esta branquitude normativa que se posiciona como centro hegemônico de uma tipologia de classificação racial que se expressa, primeiramente na vertente metafísica/religiosa (brancos cristãos e demais etnias não cristãs); passando pela "racional-científica" (teorias da eugenia, darwinismo social) e depois cristalizada a partir dos sentidos civilizatórios (povos desenvolvidos e não desenvolvidos) (OLIVEIRA, 2021, p.66-67).

Mbembe (2018a) ainda relaciona o eurocentrismo a uma questão de identidade, sendo esta uma relação de europeus/europeias com eles/elas mesmos/mesmas. Tal visão é apontada pelo filósofo como uma lógica de autoficção e de autocontemplação, até por enclausuramento, na qual os termos "negro" e "raça" seriam sinônimos dos imaginários europeus, como sugere o seguinte trecho:

> [...] o pensamento europeu sempre tendeu a abordar a identidade não em termos de pertencimento mútuo (copertencimento) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo com o mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro ou, ainda, em seu próprio espelho (MBEMBE, 2018a, p. 11-12).

Fanon (2021) fala ainda sobre a relação entre o racismo e a cultura. Para o pensador martinicano, o racismo nunca foi um elemento que seria adicionado posteriormente, que seria uma descoberta por acaso de alguma pesquisa em que se revelam certos dados culturais de um determinado grupo. Para Fanon (2021, p. 75), "a constelação social, o todo cultural são profundamente modificados pela existência do racismo". O autor aponta ainda que deveríamos buscar incessantemente as repercussões desse problema nos mais variados níveis da sociabilidade, fazendo a seguinte afirmação: "Hoje em dia se diz que o racismo é uma chaga da humanidade. Mas não se deve ficar satisfeito com essa frase" (FANON, 2021, p. 75). Afinal, para ele, "numa cultura com racismo, o racista é, portanto, normal" (FANON, 2021. p.79).

A conceituação do racismo seria apenas a nomeação de um problema abominavelmente visível, presente por séculos – mesmo com suas modificações ou reformulações. Mas uma questão importante para apontarmos sobre o racismo é que, desde o seu princípio, a dominação sempre esteve presente. Sobre isso, Fanon fala:

> Nós repetimos: o racismo não é uma descoberta acidental. Não é um elemento secreto, dissimulado. Não são necessários esforços sobre-humanos para evidenciá-lo. O racismo salta aos olhos precisamente por fazer parte de um todo bastante típico: o da exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro grupo, que atingiu um estágio de desenvolvimento técnico superior. É por isso que a opressão militar e econômica, na maior parte do tempo, precede, possibilita e legitima o racismo (FANON, 2021, p.77).

O Brasil, assim como outras colônias europeias, não teria destino diferente, e, diante dos contextos de colonialismo e colonialidade, é necessário ter a noção de que o racismo faz parte das estruturas; por isso, seria importante debruçarmo-nos sobre o conceito de racismo estrutural. A fim de nos apoiarmos nesse conceito de racismo estrutural, trazemos o entendimento de dois autores, Silvio Almeida (2020) e Dennis de Oliveira (2021). Almeida e

Oliveira, mesmo com caminhos diferentes, empenham-se no conceito de racismo estrutural, tendo em vista sua complexidade teórica. No entanto, é importante mencionarmos que existem outras perspectivas de compreender o racismo, as quais são apresentadas por grandes autoras e autores contemporâneos. O racismo pode ser estudado, por exemplo, pelo víeis da psicanálise (FANON, 2020; GONZÁLEZ, 2020; MBEMBE, 2018a), pelos estudos da branquitude (BENTO, 2002; BENTO, 2022; SCHUCMAN, 2020), a partir dos estudos culturais (GILROY, 2012), entre outros.

Almeida, em seu livro *Racismo Estrutural* (2020), discute questões sobre raça e racismo, indicando que os dois conceitos têm significados distintos, embora um seja necessário para o outro. Porém, o foco principal do autor, nesse livro, é a discussão sobre o racismo, que, por vezes, tem a semântica confundida até com outras palavras, como preconceito e discriminação.

Nesse sentido proposto, primeiro é necessário apresentar o conceito de racismo, que, para Almeida (2020, p. 32, grifos do autor), é "*uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam*". O autor acrescenta que, apesar de esse conceito estar relacionado com os conceitos de preconceito racial e de discriminação racial, eles diferem entre si.

Conforme explica Almeida (2020), o preconceito racial está relacionado ao juízo baseado em estereótipos sobre certos grupos de pessoas, e, principalmente se esses indivíduos pertencerem a um grupo racializado, esse preconceito pode ou não gerar práticas discriminatórias. Nesse tipo de ação, encontramos, como estereótipos preconceituosos, certas características dadas a uma pessoa de determinadoo grupo, como dizer que os/as latinos/latinas são "violentos"/"violentas", moradores/moradoras da periferia são "bandidos"/"bandidas" etc.

Já a discriminação, segundo Almeida (2020), seria o tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados, sendo o poder condição para essa atribuição. Desse modo, com o poder, certos grupos dominantes poderiam discriminar os grupos dominados, podendo ocorrer até mesmo, de maneira efetiva, o uso da força para atribuir vantagens e desvantagens para pessoas racializadas. O autor ainda nos informa que essa discriminação pode ocorrer de forma direta ou indireta, tendo cada uma sua intensidade medida conforme o tipo. Assim, a discriminação racial realizada diretamente pode ser caracterizada como um "repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial" (ALMEIDA, 2020, p. 32). Nessa característica direta da discriminação, encontramos

formas mais contundentes, por exemplo, quando pessoas negras que moram nos morros do Rio de Janeiro são obrigadas a andar com a carteira de trabalho para ter acesso a certos lugares ou quando imigrantes africanos/africanas são impedidos de entrar no continente europeu. Esse tipo de situação também pode ocorrer de maneira mais sutil, mas não menos violenta, como quando uma pessoa negra é acompanhada por seguranças em certa loja de luxo.

Finalmente, por discriminação indireta, Almeida (2020) entende que ela ocorre quando um certo grupo minoritário passa por um processo de "neutralidade racial", sendo assim ignorado, não se considerando as diferenças sociais expressivas. Esse tipo de discriminação é marcado pela ausência de intencionalidade explícita. O autor cita como exemplos a discriminação pelo direito e a discriminação por impacto adverso.

O pensador Sodré (2017) relata um caso que podemos interpretar como ato discriminatório e segregacionista, típico do racismo. Segundo o autor, esse caso teria ocorrido, no Brasil, no período da ditadura civil-militar (1964-1985), no qual o Estado, por meio de uma ação policial, teria prendido uma pessoa sem motivos aparentes, conforme descreve no seguinte trecho:

> [...] um pequeno episódio da época da ditadura militar no Brasil é sintomaticamente revelador de uma totalidade opressiva: Ao ser detido quando passeava à noite numa rua em São Paulo, um artista ouve do policial a justificativa "vai ser preso porque é preto". Em princípio, a rejeição à diferença de cor teria deflagrado ação arbitrária do policial, mas é muito mais provável que a motivação se deva à diversidade, ou seja, ao fato de o suposto diferente ter sido surpreendido num espaço que não deveria estar trilhando àquela hora, uma região supervalorizada da cidade, ocupada por gente "clara" e descendente dos antigos mestres de escravos (SODRÉ, 2017, p.19).

Esse relato é revelador, pois, assim como Sodré menciona, o artista teve sua liberdade perdida, por ser uma pessoa racializada e, principalmente, por estar frequentando uma área marcada pelas distinções racistas e segregacionistas, a qual seria provavelmente frequentada por uma "elite" dominante branca.

Sobre essa questão de pessoas racializadas e segregação em localizações, Kilomba (2019, p. 56) diz que existem hierarquias que introduzem "uma dinâmica na qual a *negritude* significa não somente "inferioridade", mas também "*estar fora do lugar*" enquanto a branquitude significa "*estar no lugar*"". Kilomba fala que os corpos de pessoas negras são construídos pelo racismo como um corpo "fora do lugar", como menciona o seguinte trecho:

> No racismo, corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão "*fora do lugar*" e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos

> brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão "no lugar" (KILOMBA, 2019, p. 56, grifos da autora).

Retomando as diferenças entre racismo e discriminação, ao tratar das práticas discriminatórias (direta e indireta), Almeida (2020) observa uma série de consequências que, no decorrer de um período extenso de tempo, submeteria esses grupos racializados a um processo de estratificação social, acarretando uma menor chance de ascensão social, e levando a outras consequências, como o empobrecimento sistemático.

Almeida (2020) ainda faz algumas considerações sobre o termo "racismo". A principal seria que o racismo é caracterizado por ser sistêmico, não podendo, assim, ser tratado como um ato ou conjunto de atos, sejam eles discriminatórios ou preconceituosos. Para ele, o racismo seria um processo de distribuição de condições subalternas que seriam partilhadas por grupos racializados, e que seriam reproduzidas em vários âmbitos, como o político, o econômico, a educação, a saúde etc., atravessando as relações cotidianas. O autor ainda esclarece que o racismo seria articulado mediante a segregação racial, entendida como uma divisão de pessoas racializadas em localidades especificadas (ALMEIDA, 2020). No Brasil, encontramos, como exemplo, os bairros periféricos denominados de comunidades ou favelas, onde as pessoas vivem com nenhum ou com um mínimo de apoio do Estado. Outro exemplo de segregação racial é o *apartheid* na África do Sul.

A filósofa decolonial portuguesa Kilomba (2021) menciona que a prática do racismo, muitas vezes, é vista como um fenômeno periférico e marginalizado, visão tendenciosa bastante recorrente nos países europeus. A autora metaforiza que, nessa visão, o racismo seria apenas uma "camada de tinta" e, portanto, superficial e fácil de resolver. Para Kilomba, essa visão equivocada sobre o racismo seria uma fantasia, como podemos confirmar no seguinte trecho:

> Essa imagem da "camada de tinta" ilustra a fantasia predominante de que o racismo é "algo" nas estruturas das relações sociais, mas não um determinante dessas relações. De modo tendencioso, o racismo é visto apenas como uma "coisa" externa, uma "coisa" do passado, algo localizado nas margens e não no centro da política europeia (KILOMBA, 2019, p. 71).

No Brasil, essa visão foi e ainda é permeada pelo mito da democracia racial, pelo qual as pessoas acreditavam e ainda acreditam que o racismo é coisa do passado ou de outras localidades, como, por exemplo, os Estados Unidos, ideia questionada por Florestan Fernandes (2008). Para Petrônio Domingues (2005, p.116) o conceito de democracia racial, amplamente discutido, "a rigor, significa um sistema racial desprovido de qualquer barreira

legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação".

A ideia de um mito da democracia racial, como é demonstrada por Domingues (2005), surge a partir da leitura da obra de Gilberto Freyre (2003). Porém, essa ideia, apesar de não aparecer com essas palavras nas obras de Freyre, os ensaios do sociólogo teriam sidos considerados catalisadores para o termo, sendo posteriormente construído como mito histórico pelas classes dominantes no Brasil. Sobre isso podemos apontar o seguinte trecho:

> [...] é necessário fazer a seguinte reflexão. Ao racionalizar teoricamente o que a *posteriori* foi chamado de "democracia racial", Gilberto Freyre, na obra Casa-Grande & Senzala, 29 de 1933, catalisou os fundamentos de um mito construído historicamente pela classe dominante, contudo aceito, no geral, por camadas das demais classes sociais e, em particular, por um setor da população negra. O lançamento de Casa-Grande & Senzala teve menos importância pela originalidade das proposições colocadas e mais pela capacidade de canalizar a representação popularizada das relações entre negros e brancos do país e transformá-la na ideologia racial oficial. Entre 1889 e 1930, em São Paulo, o sentido da democracia racial, no plano das idéias, era senso-comum. Portanto, Gilberto Freyre não fundou o mito da democracia racial, mas o consolidou, elevando ao plano considerado científico um imaginário das relações raciais, fortemente arraigado no pensamento nacional (DOMINGUES, 2005, p.127).

Nesse sentido, a propagação do discurso do mito da democracia racial acabaria fundamentando a negação do racismo no Brasil.

Kilomba (2019) ainda lembra que a negação do racismo ocorreu por muitos anos, e que, por vezes, não seria enxergado e foi refletido pelo discurso acadêmico como um problema teórico. A autora aponta como mais grave ainda o desrespeito com aqueles que experienciam o racismo. Segunda ela, a maioria dos estudos se preocupa com as estruturas sociais e políticas do racismo, dando visibilidade ao agressor ou agressora e não vendo as vítimas como sujeitos. A autora aponta, também, que em casos de racismo, principalmente na Europa, o que se vê é uma extrema atenção, tanto midiática quanto acadêmica, aos agressores/agressoras, o que espelharia "a desimportância dos *negros* como *sujeitos* políticos, sociais e individuais" (KILOMBA, 2019, p. 72, grifos da autora). A respeito disso, no Brasil, podemos ainda evocar o estudioso da comunicação Sodré, que fala:

> A liturgia dos africanos e de seus descendentes prestou-se a objeto de ciência (antropológica, sociológica, psiquiátrica, psicanalista) no panorama dos estudos brasileiros. Nenhum deles deu a palavra ao negro. Este, na Modernidade assim como na antiguidade europeia, sempre foi tido como *aneu logon*, isto é, sem voz (SODRÉ, 2017, p. 12).

Essa passagem mostra que, com o racismo, as pessoas racializadas passam por processos de objetificação, e, por isso, pelo silenciamento. Fanon, um dos maiores estudiosos das relações raciais, afirma que as pessoas negras são objetificadas e desumanizadas pelo racismo. No trecho a seguir, ele demonstra a sua experiência com os atos racistas:

> Negro imundo! Ou simplesmente: "Olhe, um negro!". Vim ao mundo preocupado em suscitar um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos (FANON, 2020, p. 123).

Fanon ainda demonstraria como o racismo age, fazendo novamente um relato sobre o racismo e como ele estaria a serviço de separar as pessoas de grupos racialiados e de promover um processo discriminatório:

> [...] quando um antilhano bacharel em filosofia opta por não disputar uma vaga de docente, tendo em vista sua cor, digo que a filosofia nunca salvou ninguém. Quando um outro insiste em me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, digo: tampouco a sua inteligência nunca salvou ninguém, e isso é verdade, pois, se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, é também em nome delas que se decide pelo extermínio desses mesmos homens (FANON, 2020, p. 43).

Novamente, acerca do racismo, Kilomba (2019) aponta três características: a construção de/da diferença, as diferenças construídas estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos e, por último, ambos os processos estão envoltos em relações de poder.

Em relação à primeira característica, a autora aponta que as pessoas são vistas como "diferentes" devido ao pertencimento a um grupo de origem racial ou religioso; nessa perspectiva, tornam-se "diferentes", pois o grupo que detém o poder, acaba se definindo como a norma, a qual é fixada como a "norma branca". Então, a autora aponta que "a branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os "*Outras/Outros*" raciais "diferem" (KILOMBA, 2019, p.75, grifos da autora). A autora ainda complementa que, nesse prisma da construção da diferença, "não se é "diferente", torna-se "diferente" por meio do processo de discriminação" (KILOMBA, 2019, p.75).

A segunda característica apontada por Kilomba não se verifica somente pela pessoa ser construída como "diferente", mas por uma articulação da diferença por meio do estigma, principalmente da inferioridade. Ela ainda complementa que o processo de naturalização é implicado por tais valores hierarquizados, sendo, assim, aplicado a todas as pessoas de um mesmo grupo. Sobre essas duas características, Kilomba (2019, p. 76, grifos da autora) fala que "formam o que também é chamado de *preconceito*". Sobre isso, em seus estudos, Fanon

afirma: “A inferiorizarão é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*” (FANON, 2020, p. 107, grifos do autor).

Mas, dentre as características que se encontram presentes no racismo, que são apontados por Kilomba (2019), a terceira é a fundamental para a nossa compreensão e entendimento, principalmente de por que racismo difere de preconceito ou discriminação. É apontado pela autora que a última característica seria o poder, e que este acompanharia os processos anteriores. Nesse sentido, o poder estaria entrelaçado aos aspectos histórico, político, social e econômico. Assim, o racismo seria formado pela combinação do preconceito e do poder.

Essa última característica torna-se, portanto, fundamental para o aprofundamento teórico sobre o racismo, pois ela nos dá certa limitação da interpretação do que seria racismo e justifica por que todos os casos de preconceito não seriam racismo. A partir dessas características, principalmente pela questão do poder, podemos definir o racismo, então, principalmente como uma supremacia branca. Sobre o poder como característica fundamental do racismo, apresentamos o seguinte trecho:

> [...] nesse sentido, o *racismo é a supremacia branca*. Outros grupos raciais não podem ser racistas nem performar o racismo, pois não possuem esse poder. Os conflitos entre eles ou entre eles e o grupo dominante *branco* têm de ser organizado sob outras definições, tais como preconceito. O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc. (KILOMBA, 2019, p. 76, grifos da autora).

Mbembe (2022, p.143, grifos do autor) faz a seguinte reflexão sobre o racismo e a nossa época: “Acima de tudo, uma das principais transformações antropológicas da nossa época é a divisão da humanidade em múltiplas frações de *classes racialmente tipificadas*”, o que ele chamaria de “distinção entre pessoas humanas solventes e pessoas insolventes”.

Diante do entendimento dessas diferenças entre preconceito, discriminação e racismo, o nosso próximo passo será mostrar quais são os tipos e concepções de racismo, chegando ao conceito em que nos apoiamos, o do racismo estrutural.

3.2.2.1 Concepções de racismo e racismo estrutural

O conceito de racismo perpassa outras tramas teóricas, o que acaba gerando variados entendimentos, por vezes antagônicos. Logo, é de suma importância diferenciá-los e apontar suas diferenças, já que algumas definições de racismo partiriam de disputas teóricas e certos avanços da área de estudo das relações sociais. Apontaremos as definições de racismo, apoiando-nos novamente em Almeida (2020).

O autor, em seu livro *Racismo Estrutural* (2020), visa principalmente a compreender as tramas teóricas que o conceito de racismo estrutural pode proporcionar, apresentando os debates que decorrem das mais diferentes definições. Almeida (2020) destrincha o conceito de racismo apontando que este pode ser: individual, institucional ou estrutural. O autor faz uma menção de esclarecimento para esse percurso, principalmente entre racismo institucional e estrutural, já que "*ao contrário de grande parte da literatura sobre o tema que utiliza os termos indistintamente, diferenciamos o racismo institucional do racismo estrutural*. *Não são a mesma coisa e descrevem fenômenos distintos*" (ALMEIDA, 2020, p. 35, grifos do autor). Com esse rigor teórico, o autor aponta as relações entre racismo e subjetividade, Estado e economia, os quais "*representam dimensões específicas do racismo, com significativos impactos analíticos e políticos*" (ALMEIDA, 2020, p. 36, grifos do autor).

Como é demonstrado por Almeida (2020), o racismo individual é caracterizado como um fenômeno ético ou psicológico, podendo ser individual ou grupal. Nesse caso, o racismo pode ser apontado como uma "patologia" ou uma "irracionalidade" que deve ser combatida por medidas jurídicas, já que ele seria imoral e criminoso. Assim, os indivíduos que o cometessem deveriam ser responsabilizados por seus atos. Sobre o prisma desse conceito, "*não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo*" (ALMEIDA, 2020, p. 36, grifos do autor). Nesse sentido, esse mal seria um fenômeno comportamental e o fármaco para ele seriam a educação e a conscientização. Entretanto, Almeida (2020, p.37) aponta que essa concepção, "por ser frágil e limitada, tem sido a base de análises sobre o racismo absolutamente carentes de história e reflexão sobre seus efeitos concretos". O autor ainda menciona que, sob esse prisma do racismo, o qual é apontado como uma característica comportamental e essencialista, deixa-se de considerar "o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados 'homem de bem'" (ALMEIDA, 2020, p. 37). Sodré (2017, p.14) confirma essa

visão ao lembrar “quando se leva em conta que o nazi-fascismo nasceu e desenvolveu-se no interior de padrões de quilate humanista”.

Ainda sobre o racismo na forma individual, o professor e jornalista Oliveira (2021) lembra um caso de racismo, ocorrido em 2018, o do jornalista William Waack, que proferiu palavras racistas nos bastidores de uma reportagem. Esse caso teve grande repercussão nas redes sociais, e o jornalista foi demitido pela Rede Globo de televisão. No entanto, o mais revelador desse caso, citado por Oliveira, é o fato de uma parte dos jornalistas saírem em defesa ao jornalista William Waack. Oliveira ainda reflete sobre o caso, falando: “O interessante da lógica dos argumentos é a oposição entre *erudição* e *comportamento racista*, o que vincula diretamente o preconceito racial a uma não erudição, a uma ignorância ou um comportamento desviante” (OLIVEIRA, 2021, p. 65-66). Aqui podemos observar que o caso de racismo seria tratado como uma “patologia”, uma irracionalidade e, por vezes, como uma falta de conhecimento. Essa colocação se aproxima muito da fala de Kilomba (2019), de que o racismo seria tratado de maneira equivocada como um problema periférico, como foi mencionado anteriormente.

Almeida (2020) ressalta que, por mais importante que seja punir os casos de racismo individual, isso ainda não seria suficiente para resolver o problema na totalidade, principalmente no Brasil. Para Fanon (2021, p.77), “o hábito de considerar o racismo como uma disposição de espírito, uma tara psicológica, deve ser abandonado”. Assim, “esquecendo o racismo como consequência, combate-se encarniçadamente o racismo como causa” (FANON, 2021, p. 80).

Agora, daremos andamento à reflexão sobre tipos de racismo apontando para outra concepção, a institucional. Sobre essa concepção, Almeida (2020) indica que o racismo seria o resultado do funcionamento das instituições conferindo privilégios e desvantagens para pessoas racializadas, deixando, assim, de ser limitado a comportamentos individuais. Para o autor, essa concepção seria um avanço teórico para os estudos das relações sociais, pois se assume que certas instituições, como a Alemanha nazista (Estado) ou *apartheid* na África do Sul agiriam de maneira racista. Nessa concepção, o poder seria o elemento central das relações raciais, ou seja, o racismo seria uma tecnologia a serviço da dominação, servindo para manter a hegemonia de determinado grupo racial no poder (ALMEIDA, 2020). No caso do Brasil, é observado o domínio de instituições – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades, diretorias executivas etc. – por homens brancos.

Silvio Almeida menciona que “o conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais” (ALMEIDA, 2020, p. 46), levantando

alguns motivos para essa devida colocação. Segundo o autor, o primeiro seria que o racismo é transcendente ao âmbito da ação individual, ou seja, para que ele exista, não basta relacioná-lo apenas às ações de um indivíduo ou grupo em particular, como algo patológico, e o segundo motivo é a importância em "frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais" (ALMEIDA, 2020, p.46-47), demonstrando, dessa forma, ser possível que determinado grupo dominante possa submeter outros grupos dominados a certo aparato institucional.

Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da Plantação*, no qual a autora busca fazer um estudo sobre o racismo em bases psicanalíticas e subjetivas, fazendo intersecção com o feminismo negro, apresenta e utiliza, em suas análises, outro tipo de conceito, o racismo cotidiano. Não poderíamos deixar de comentar essa concepção, que indica que o racismo é o produto de um cotidiano, ou seja, que o fenômeno é reproduzido no vocabulário, discursos, imagens etc. no dia a dia de pessoas negras. A autora argumenta que, no racismo cotidiano, as pessoas negras seriam utilizadas como uma tela para as projeções do que a sociedade branca teria tornado tabu; por isso, uma pessoa negra, dentro dos medos e fantasias brancas, poderia ser "intimidante" em um instante e "desejável" no seguinte (KILOMBA, 2019).

Nas palavras da filósofa, assim se conceitua essa forma de racismo:

> O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como "*Outra/o*" – a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido – mas também como Outroridade, isto, é como personificação dos aspectos reprimidos na sociedade *branca*. Toda vez que sou colocada como "outra" – seja a "outra" indesejada, a "outra" intrusa, a "outra" perigosa, a "outra" violenta, a "outra" passional, seja a "outra" suja, a "outra" excitada, a "outra" selvagem, a "outra" natural, a "outra" desejável ou a "outra" exótica –, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar personificação daquilo com que o *sujeito branco* não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o "*Outra/o*" da branquitude, não o *eu* – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual (KILOMBA, 2019, p. 78, grifos da autora).

A autora ainda menciona que o adjetivo "cotidiano" desse racismo refere-se ao fato de que essas experiências ocorrem de forma não pontual, ou seja, são fatos que ocorrem de maneira sistemática na vida de pessoas negras. Essa forma de racismo mais sutil, porém não menos violento para as pessoas que o sofrem, é denominada por Mbembe (2020) nanorracismo, sobre o qual podemos considerar o seguinte trecho:

> Mas o que se deve entender por nanorracismo, senão essa forma narcótica do preconceito de cor que se expressa nos gestos aparentemente inócuos do dia a dia, por causa de sua insignificância, uma afirmação aparentemente inconsciente, uma brincadeira, uma alusão ou uma insinuação, um lapso, uma piada, algo implícito e,

> que se diga com todas as letras, uma malícia voluntária, uma intenção maldosa, um menosprezo ou um estorvo deliberados, um obscuro desejo de estigmatizar e, acima de tudo, de agredir, de ferir e humilhar, de profanar aquele que não consideramos como sendo dos nossos? (MBEMBE, 2020, p.98-99).

Como se demonstra, o racismo pode ter concepções divergentes e complementares, tendo em vista que é um problema de estratificação complexa. Entretanto, para nós, o conceito que será levado adiante, como aporte teórico, será o conceito de racismo estrutural, que buscaremos compreender a seguir.

Como bem demonstra o professor Almeida (2020), os conceitos de racismo individual e institucional não seriam, sozinhos, capazes de jogar luzes sobre as relações raciais, principalmente sobre o conceito de racismo, tendo algumas questões persistentes para serem respondidas. Para ele, por mais que consigamos compreender que determinadas instituições reproduzam condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social, e que essas instituições possam agir por ações racistas (racismo institucional), é importante mencionar que essa atuação está "condicionada a uma estrutura social previamente existente" (ALMEIDA, 2020, p.47), e, dessa forma, o racismo que seria expresso e reproduzido por essas instituições faria parte também dessa mesma estrutura. Sendo assim, Almeida (2020, p. 47) faz uma consideração sobre as instituições: "[...] são racistas porque a sociedade é racista". Então, nas palavras de Almeida, o racismo é:

> [...] uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, o modo "normal" da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo o racismo é a regra e não exceção (ALMEIDA, 2020, p. 50).

Nesse sentido, o racismo é considerado parte da ordem social, privilegiando determinados grupos raciais e criando certos padrões de funcionamento nas instituições, ou seja, não seria o racismo criado por uma determinada instituição, mas, sim, reproduzido por ela (ALMEIDA, 2020). Assim, determinada instituição pode reproduzir as práticas racistas vistas como "normais" e promover as desigualdades raciais. Porém, Almeida (2020) ainda deixa claro que, em uma estrutura social, existem inúmeros conflitos na sua constituição, como de classe, de gênero, raciais, sexuais etc.

Nessa perspectiva, ao se tratar o racismo como parte da estrutura social, mostra-se que o conceito teve um avanço teórico, o que indicaria novos caminhos analíticos, pois esse fenômeno seria apresentado como a norma e não como a exceção (patologia). Assim, "além

de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas" (ALMEIDA, 2020, p. 50), pois, na concepção estrutural, ele é expresso de maneira concreta através das desigualdades social, política, econômica, jurídica etc.

Kilomba ainda aponta que pessoas negras são sistematicamente excluídas da maioria das estruturas sociais, e, por isso, o racismo seria classificado como estrutural. Nas palavras da autora:

> O racismo é revelado em um nível estrutural, pois a pessoas *negras* e *People of Color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus *sujeitos brancos*, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes (KILOMBA, 2019, p. 77, grifos da autora).

Almeida (2020) reflete que a utilização do termo "racismo estrutural" não limitaria o combate ao racismo. Para ele, o termo não traz em si o peso de uma condição incontornável, em que ações e políticas antirracistas seriam inúteis. No caso, é enfatizado que o racismo, sob esse prisma, seria um processo histórico e político, criador de condições sociais desiguais para indivíduos ou grupos racializados identificados, as quais seriam sistemáticas, contribuindo para a discriminação.

O autor ainda menciona a importância das medidas tomadas contra atos discriminatórios individuais e que pessoas que cometem atos racistas devem ser responsabilizadas, mas frisa que "[...] o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade racial" (ALMEIDA, 2020, p. 51). Logo, sendo o racismo parte da estrutura, devem-se empreender outras formas de combatê-lo, complexando-o e afastando análises superficiais. Porém, por outro lado, "[...] pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é álibi para racistas" (ALMEIDA, 2020, p.51), ou seja, práticas de racismo individual devem ser julgadas e combatidas com o mesmo rigor pela Justiça.

Ao adotar o racismo como estrutural, a responsabilidade por combatê-lo passa a ser de todos/todas; então, com essa consciência, calar-se diante de atos racistas, por mais que não haja culpabilidade ou responsabilidade jurídica, torna-se uma ação de manutenção do racismo, o que implicaria responsabilidades éticas e políticas (ALMEIDA, 2020). Para alcançarmos uma mudança em uma sociedade racista, seria necessário não apenas a realização de denúncias ou repúdios morais ao racismo, mas, principalmente, que sejam adotadas pelas

pessoas práticas antirracistas (ALMEIDA, 2020). No que diz respeito a práticas antirracistas, podemos citar as ideias de Van Dijk (2021), que entende que, para uma transformação social com antirracismo, a sociedade deveria partir de algumas ações antirracistas, como: legislação antirracista, ações afirmativas e a divulgação da história negra.

Voltando a falar sobre o racismo estrutural, Almeida entende que o racismo, como parte das estruturas sociais, colocaria a raça como uma relação social, conforme indica o seguinte trecho:

> Assim sendo, raça é um conceito cujo significado só pode ser recolhido em perspectiva relacional. Ou seja, raça não é uma fantasmagoria, um delírio ou uma criação da cabeça de pessoas mal-intencionadas. É uma relação social, o que significa dizer que raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos (ALMEIDA, 2020, p. 52).

Diante do racismo estrutural, Almeida (2020) infere que o racismo, sob esse viés, se desdobraria tanto em processo político quanto em processo histórico. Para ele, o fenômeno seria político pela característica sistêmica de discriminação, que acabaria influenciando a organização da sociedade, e dependeria de poder político. Isso já eliminaria a possibilidade de racismo reverso, pois tornaria sem sentido a dominação de maiorias por minorias, já que estas, por mais que possam ser preconceituosas ou praticar algum tipo de discriminação, não se livrariam de desvantagens sociais. E seria processo histórico, uma vez que o racismo está ligado às transformações sociais, pois "as características biológicas ou culturais só são significantes de raça ou gênero em determinadas circunstâncias históricas" (ALMEIDA, 2020, p. 55-56). Como estamos tratando do Brasil, o país passou por variados processos de formação nacional dos Estados, produzidos por projetos políticos, tendo a raça como fator determinante para a definição das hierarquias sociais, o que demonstra a existência de distintos modos de classificação racial (ALMEIDA, 2020).

Ainda sobre o assunto, podemos evocar Oliveira (2021), que analisa o racismo estrutural a partir de uma perspectiva histórico-crítica. Oliveira menciona a questão de "naturalizar-se" o racismo, o que, por vezes, parte de uma visão essencialista e de caráter múltiplo. Para exemplificar o que seria o racismo estrutural, o autor cita um breve relato do cotidiano:

> Dia de semana, uma cidade como São Paulo, por volta do meio dia. Uma cena que se "naturalizou" é meninas e meninos de dez anos ou até menos vendendo doces ou limpando vidros de automóveis nos cruzamentos das ruas. A cor dessas crianças é negra. E se andarmos para determinados lugares, particularmente onde existem escolas particulares, vemos crianças brancas saindo alegremente das aulas e entrando em carros particulares dos seus pais, indo para casa descansar (OLIVEIRA, 2021, p. 59).

Para esta pesquisa, as reflexões de Oliveira (2021) trazem pontos interessantes e relevantes sobre o racismo, pois o autor nos apresenta um ponto de vista do racismo estrutural pela sociedade midiatizada, o que gera certas diferenças na compreensão do problema e até mesmo do seu combate. Oliveira ainda faz algumas críticas a certos equívocos sobre o racismo, principalmente ao conceito estrutural, que a midiatização poderia ampliar.

Sobre racismo e mídia contemporânea, Oliveira (2021, p.59) expõe: "Com a maior visibilidade do racismo e da luta contra o racismo ocorrendo em uma sociedade midiatizada pelas redes sociais, todas essas narrativas aparecem em um mesmo momento, dificultando muitas vezes a construção de uma reflexão sobre fenômeno do racismo". O autor aponta que essas narrativas encontradas nas redes sociais podem reduzir o racismo ou equipará-lo apenas a questões comportamentais ou a uma conduta de desvio, trazendo, inclusive, um entendimento equivocado sobre o racismo estrutural. Este, segundo o autor, seria até uma tentativa de transvestir o racismo individual pelo estrutural, fazendo, assim, com que o racismo estrutural passe a ser uma concepção estruturalista de racismo. Para melhor compreensão, nas palavras do autor:

> A ideia de "racismo estrutural" nessa perspectiva é sedutora por dois motivos. Primeiro, porque resolve o problema, fecha questão e pode ser explicada nessa gramaticalidade das narrativas das redes sociais em apenas 280 caracteres. Um bálsamo para os que aspiram ser *digital influencers* e serem celebridades midiáticas (a tal galera da "lacração"), mas uma tragédia para qualquer debate intelectual mais sério. Segundo, porque gera uma zona de conforto construída nas bolhas sociais, essa nova forma de sociabilidade imposta pela sociedade midiatizada que faz com que manifestos e cartas de repúdio sejam socializados entre os próprios signatários (OLIVEIRA, 2021, p. 60).

A partir dessas considerações, o autor ainda nos traz reflexões pertinentes sobre o conceito, apontando que esse tipo de tentativa de classificação do racismo estrutural como uma concepção essencialista ou estruturalista acaba não ajudando em nada a resolver problemas como o relatado anteriormente, sobre os meninos e as meninas negros vendendo doces nas avenidas. Oliveira (2021, p. 61) enfatiza: "Uma compreensão do racismo meramente como atitude individual/comportamental pode levar à ilusão de que processos educativos ou mesmo mecanismos dissuasórios por meio de normas punitivas seria o suficiente". Ainda é mencionado por Oliveira que, no âmbito da Comunicação, mais especificamente na Publicidade, há poucas pessoas negras nos anúncios publicitários.

Para Oliveira (2021, p. 65), a concepção de racismo estrutural estaria relacionada ao ponto de vista da luta pela hegemonia da concepção materialista de racismo, pois não trataria

apenas de uma dimensão da percepção do racismo, mas, sim, “de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas”.

Em se tratando dessa produção, Mbembe (2018a, p. 88) ainda fala que a branquitude seria uma categoria construída em detrimento da força de trabalho. Por esse viés, “nas colônias de povoamento, como, por exemplo, os Estados Unidos, o “branco” é uma categoria racial que foi pacientemente construída no ponto de encontro entre o direito e os regimes de extorsão da força de trabalho”, ou seja, ser branco/branca era ter controle sobre a força de trabalho. Mbembe (2018a, p.90) ainda complementa apresentando o que ele chama de “fantasia do branco”, que seria “uma constelação de objetos de desejo e de marcadores públicos de privilégio”.

Dessa forma, para Oliveira (2021), falar sobre o racismo na sua concepção estrutural implicaria deslocar-se à raiz do problema, ou seja, à sua radicalidade, fazendo-se necessário, para sua compreensão, no Brasil, atravessá-lo por uma perspectiva histórico-crítica. Para isso, o autor parte do pressuposto de que o racismo, como conhecido hoje, seria um produto de uma tipologia de classificação racial aprimorada no século XVI, e essa classificação faria parte do projeto eurocentrista. Essa é uma definição em que muitos autores e autoras decoloniais também se apoiam. O autor define como sendo esse processo uma ideologia eurocêntrica, pontuando que o racismo estaria relacionado à emergência do capitalismo. Porém, ressalta que é “evidente que o racismo não nasceu com o capitalismo, mas *o racismo como se expressa hoje, baseado nessa classificação racial*, sim” (OLIVEIRA, 2021, p. 66, grifos do autor). O autor ainda menciona que um dos fundamentos da perspectiva histórico-crítica do racismo estrutural seria a questão colonial e da modernidade, e, sobre esse tema, discorremos mais adiante ao tratar do pensamento decolonial.

3.2.3 Colonialidade e Decoloconialidade: Uma perspectiva decolonial sobre Raça e Racismo

Como mencionamos anteriormente, raça, racismo e colonização estão umbilicalmente ligados. Suas lógicas são perpassadas não somente por uma questão cronológica, mas também por uma questão de lógica dominante e de conflitos. Isso quer dizer que, mesmo em países que passaram por um processo de independência ou descolonização, ainda são encontradas certas lógicas coloniais, como o racismo, por exemplo.

Esse regime brutal, que foi investido pela Europa, é denominado "colonização" ou "imperialismo" (MBEMBE, 2018a). Mbembe (2018a, p.108-109), a fim de elucidar o que ocasionaria uma gigantesca imigração de povos, propõe uma análise sobre a "colonização", a qual o autor divide em quatro formas:

a) A primeira seria o extermínio de povos inteiros, principalmente nos continentes americano e africano;

b) A segunda forma seria a deportação de pessoas, em condições desumanas, o que ocasionaria o transporte forçado de muitos milhões de africanos/africanas para as Américas (Novo Mundo), sendo esse um sistema econômico fundado na escravidão de pessoas negras, que contribuiu para a acumulação primitiva de capital;

c) A terceira seria a conquista, anexação e ocupação de vastas terras até então desconhecidas da Europa e a submissão dos habitantes dessas regiões às leis do/da estrangeiro/estrangeira, sendo que essas pessoas anteriormente se governavam a si mesmas com modalidades de governo diversas;

d) A quarta se refere à formação de Estados racistas e às lógicas de "autoctonização" dos/das colonos/colonas.

Como engrenagens essenciais de um cálculo e de uma consciência planetária, a *plantation* e a colônia seriam um esboço do liberalismo e a mercadoria seria uma forma elementar da riqueza, sendo este um modo de produção (MBEMBE, 2018a). Segundo Mbembe, essa seria a nova razão governamental do Ocidente:

> É verdade que, de um ponto de vista histórico, a emergência de instituições como a *plantation* e a colônia coincide com o longo período em que se esboça e, por fim, se afirma uma nova razão governamental no Ocidente. Trata-se da razão mercantil, que tem no mercado o mecanismo por excelência das trocas e o local privilegiado de veridicação tanto da política quanto do valor e da utilidade das coisas em geral. A expansão do liberalismo como doutrina econômica e a arte específica de governar foi financiada pelo comércio de escravos, num momento em que, submetidos a uma acirrada concorrência, os Estados europeus se esforçavam para ampliar seu poder e consideravam o resto do mundo sua propriedade e seu domínio econômico (MBEMBE, 2018a, p. 144-145).

Ainda sobre a colonialidade, Mbembe (2020) menciona que colonialidade/modernidade seria uma era em que teria ocorrido um estreitamento do mundo e o repovoamento da Terra, seja ele devido ao descolamento voluntário ou por uma implantação forçada de populações (por exemplo, a diáspora dos povos africanos). Ele completa dizendo que, a costa atlântica do planeta – o que Paul Gilroy (2012) mais especificamente chamaria de *Black Atlantic* (Atlântico Negro) –, seria o local onde ocorreria uma redistribuição global de populações, em

decorrência também da expansão do capitalismo, sendo esses momentos decisivos para a chegada da modernidade.

A colonização das Américas também estaria diretamente ligada ao tráfico de pessoas negras, que seriam escravizadas, o que ocasionaria o deslocamento forçado de populações inteiras, levando a um desenraizamento geográfico e cultural (MBEMBE, 2020). Mbembe (2020) aponta que esse momento também estaria por trás do pensamento mercantil ocidental, porém, o autor alega que esse momento não seria apenas um dispositivo econômico, pois traria mudanças com proporções violentas imagináveis para essas pessoas, ou seja, falar sobre colonização é também falar sobre violência. Como sugere o trecho a seguir, essas pessoas ainda seriam classificadas como mercadorias e até mesmo como moeda:

> A *plantation*, no entanto, não era apenas um dispositivo econômico. Para os escravos transplantados ao Novo Mundo, ela era também o cenário em que se encenava um outro começo. Nela tinha início uma vida dali em diante vivida de acordo com um princípio essencialmente racial. Mas, longe de ser um mero significante biológico, a raça, assim compreendida, remetia a um corpo sem mundo e sem chão, um corpo de energia combustível, uma espécie de dupla natureza, que se podia transformar, por meio de trabalho, em ativo ou capital disponível (MBEMBE, 2020, p. 27).

Mbembe (2020, p. 27) esclarece ainda que a colonização "funcionava, por seu turno, com base na excreção daquelas e daqueles que, sob diversos aspectos, eram tidos como supérfluos ou excedentes no seio das nações colonizadoras", ou seja, os locais colonizados eram destino daqueles/daquelas que seriam classificados como excedentes nas metrópoles, sendo um expurgo de pessoas não desejadas; por exemplo, pessoas em situação de pobreza e rua ou criminosos/criminosas na Europa eram enviadas para as colônias.

As colônias eram dívidas em duas distintas modalidades. Elas poderiam ser classificadas como comerciais ou de povoamento, no entanto, em ambos os casos, tinham um objetivo principal, o enriquecimento da metrópole (MBEMBE, 2020). A principal diferença era que nas colônias comerciais, o objetivo principal era exploração de recursos e de trabalho e as de povoamento seriam uma extensão da metrópole. Tanto que é percebida a diferença no número de pessoas negras levadas a países como Estados Unidos (colônia de povoamento) se comparada ao Brasil (colônia de feitoria ou exploração), onde a quantidade de pessoas africanas escravizadas foi muito maior, estimando-se que 40% das pessoas que foram escravizadas, vindas à força da África, teriam vindo para o Brasil.

Ao se falar sobre colonização, faz-se necessário comentar também sobre descolonização, termo sobre o qual o pensador decolonial Nelson Maldonado-Torres faz

reflexões. Para ele, uma generalizada explicação realizada pelo historiador Chamberlian (1985 *apud* MALDONALDO-TORRES, 2020) sobre descolonização significa tratá-la como um processo de independência que os povos do terceiro mundo teriam sobre os colonizadores, estando esse termo em contraste com o de outros pesquisadores de ex-colônias que apresentariam descolonização como sinônimo do conceito de "libertação". O autor menciona que essa perspectiva de Chamberlian (1985) pode até ser adequada, pois o historiador buscaria, dentro do termo, um "equilíbrio" e uma "perspectiva mais longa" para analisar a descolonização. Entretanto, Maldonado-Torres (2020) pondera que, diante dessas considerações de Chamberlian, existiriam algumas limitações óbvias: primeiro, porque os impérios europeus permaneceriam como uma unidade principal de análise; segundo, porque grande parte do livro do historiador se concentraria no Império Britânico; e, terceiro e último, porque o historiador deixaria de lado os vastos impérios espanhol e português, citados brevemente. Maldonado-Torres ainda reforça que o texto de Chamberlian não ofereceria considerações sobre a relevância das doutrinas da "descoberta".

Trazemos essa reflexão de Maldonado-Torres (2020), pois ela demonstra quais seriam as lógicas de interpretação da decolonialidade, a qual trata de assuntos relacionados à modernidade/colonialidade, não como um traço do passado, mas, sim, como um presente vivo. Nas palavras do autor:

> Essa "perspectiva mais longa" é crucial para se entender a colonização e descolonização, especialmente quando grupos colonizados e outrora colonizados tendem a experimentar partes dessa história não como um passado que existe como um traço, mas sim como um presente vivo. Essa transformação do tempo em si, de tempo histórico-cronológico para o que parece ser uma forma de temporalidade anacrônica por meio da qual grupos são expostos a lógicas e conflitos que são considerados como não mais existentes, é parte dos legados da colonização e um alvo central da crítica dos esforços decoloniais (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 28).

Ainda sobre descolonização, Maldonado-Torres equipara o termo a libertação; nesse sentido, ele utiliza "descolonização como um conceito que está fundamentalmente alinhado com o conceito de libertação, pelo menos que tem sido usado pelos movimentos que se opõem à colonização" (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 28). Para o autor, essa seria uma forma de tornar-se emancipado, ou seja, uma forma desses/dessas colonizados/colonizadas de organizarem e obterem suas próprias liberdades. Nas palavras do autor, independência significaria:

> Um objetivo típico desses esforços tem sido tanto a independência política quanto econômica. Independência, todavia, não necessariamente implica descolonização na medida em que há lógicas coloniais e representações que podem continuar existindo depois do clímax específico dos movimentos de libertação e conquista da independência. Nesse contexto, decolonialidade como conceito oferece dois lembretes-chave: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política (MALDONADO-TORRES, 20, p. 28).

Maldonado-Torres (2020) demonstra que o conceito de modernidade ocidental parte de uma tese errada, proposta pelo projeto do Iluminismo europeu, e que seria sistematicamente entendida como a época mais avançada na forma de civilização, principalmente em comparação a outros povos supostamente considerados "menos civilizados" ou "primitivos". Esse período foi "considerado o principal e, às vezes, o único período histórico relevante para o entendimento ideal de civilização ocidental moderna" (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 30). Porém, o autor informa que recusar essa tese, apesar de necessário, não seria o suficiente para mudar uma lógica colonial, como podemos demonstrar no seguinte trecho:

> A rejeição das teses de uma hierarquia de culturas superiores e da superioridade da modernidade ocidental pode ser necessária, mas não é de forma alguma suficiente para desafiar as bases de uma ordem internacional e de instituições que têm esse tipo de lógica e *ethos* colonizante. A razão para isso é que o significado e a estrutura de instituições, práticas e representações simbólicas ocidentais modernas já pressupõem conceitos de progresso, soberania, sociedade, subjetividade, gênero e razão, entre muitas outras ideias-chave que têm sido definidas como pressuposto de uma distinção fundamental entre moderno e o selvagem ou primitivo, hierarquicamente entendidas ou não. E, sendo assim, há caminhos outros múltiplos nos quais conceitos de civilização e de modernidade têm sido definidos por meio de dicotomias e definições essencialistas. É portanto necessário refletir criticamente sobre o enredamento de marcadores de civilização com ideias que postulam outros povos como primitivos ou selvagens, e sobre as formas nas quais a modernidade ocidental sempre pressupõe definições e distinções coloniais dessa natureza (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 30).

Maldonado-Torres (2020) esclarece que um desses marcadores seria o termo "descoberta", utilizado para denominar a conquista de outros continentes e seus povos. Esse termo traria "implicações profundas múltiplas, bem como um grande impacto sobre a noção de ser civilizado" (MALDONADO-TORRES, 2020, p.30).

Um ponto fundamental para entendermos a decolonialidade seria primeiro compreender que colonialidade difere de colonialismo e que decolonialidade difere de descolonização, mesmo que, por vezes, esses conceitos sejam empregados com o mesmo sentido. Maldonado-Torres (2020) ainda menciona que esses conceitos seriam relacionados erroneamente com outros tipos de impérios, como o Império Romano, o que causaria uma confusão massiva,

esvaziando a relevância contemporânea do colonialismo e da descolonização. Segundo o autor:

> Tendências usuais no esforço de fazer o colonialismo e a descolonização parecerem irrelevantes incluem suas relativizações e interpretações como assuntos que somente se referem ao passado. Colonialismo e descolonização são às vezes definidos de modo tão generalizante, que acabam se aplicando a todas as formas de construção do império e de resistência, desde o começo da humanidade. Mas quando sujeitos colonizados apontam para a relevância da colonização e da descolonização, eles tendem a se referir particularmente às formas modernas de colonização (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 35).

Maldonado-Torres argumenta que, nos esforços para esclarecer os significados e a importância desses termos, seria importante primeiro distinguir colonialismo, colonialismo moderno e colonialidade. Nesse sentido, esses termos poderiam ser compreendidos assim:

> Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a "descoberta"; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 35-36).

O autor complementa que a conquista das Américas (Novo Mundo) e a escravidão que foi resultante desse evento seriam eventos-chave que serviriam como fundamento para a colonialidade. Outro termo usualmente utilizado pelos estudiosos/estudiosas da decolonialidade para referir-se a esse processo seria o uso do termo modernidade/colonialidade, o que representaria uma forma complementar de dirigir-se à modernidade ocidental (MALDONADO-TORRES, 2020).

Assim, o termo "descolonização" seria também revelador de "momentos históricos em que os sujeitos coloniais se insurgiriam contra os ex-impérios e reivindicaram a independência" (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 36), e a decolonialidade "refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos" (MALDONADO-TORRES, 2020, p.36). E, como Maldonado-Torres (2020) indica, às vezes, o termo descolonização é utilizado no sentido que decolonialidade propõe, assim como colonialismo seria utilizado, às vezes, no sentido de colonialidade.

A modernidade/colonialidade, como é proposta pelos estudiosos/estudiosas da decolonialidade, traria efeitos imediatos aos povos colonizados, incluindo ações legítimas pautadas pela legalidade. Entre eles:

> Extermínio, expropriações, dominação, exploração, morte prematura e condições piores que a morte, tais como tortura e o estupro, são ações predominantes nos conflitos beligerantes. Algumas delas são às vezes consideradas legalmente legítimas até um certo ponto, e outras são tidas no máximo como temporárias ou são concebidas como tendo efeitos não pretendidos (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 41).

Segundo Mbembe (2022, p. 130), a colonialidade ainda estaria entrelaçada com o patriarcalismo, ou seja, "patriarcado e colonialidade formam uma mesma trama" assim, "um é a condição de possibilidade do outro" (MBEMBE, 2022, p. 130). Nesse prisma, o patriarcado seria interpretado como um dispositivo que confere ao homem branco o poder.

Maldonado-Torres (2020) ainda propõe que uma das expressões mais básicas da decolonialidade estaria no nível da atitude decolonial. Assim, o/a colonizado/colonizada, que Maldonado-Torres chama de "condenado" – como Fanon (2022) também o faz –, seria criado a partir do cruzamento da colonialidade do saber, poder e ser. E como o autor complementa, "a emergência do condenado como um questionador, um orador, um escritor e um sujeito criativo é um evento impossível dentro da lógica e dos termos do mundo moderno/colonial" (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 49).

Nesse sentido, a decolonialidade seria apontada como um projeto coletivo (MALDONADO-TORRES, 2020), buscando reparar os efeitos devastadores que a modernidade/colonialidade teria causado aos condenados/condenadas.

Antes de falarmos sobre as perspectivas de raça e racismo a partir dos estudos decoloniais, e após um recálculo epistêmico sobre colonialidade e decolonidade, assim como Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) fazem, é necessário apontarmos que o conhecimento é uma preocupação fulcral nos estudos sobre descolonização e decolonialidade (CASTRO-GOMEZ; GROSFOGUEL, 2007; MALDONADO-TORRES, 2011; BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020).

Para os estudos que abordam a decolonialidade, a colonização é realizada também no âmbito do conhecimento, ou seja, o conhecimento também seria um produto de um extenso período do processo de colonialidade que continuaria reproduzindo as lógicas da colonização, como lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência etc. (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020), inclusive culturais. Nesse sentido, a reprodução de lógicas racistas/raça não ficaria denegada desse processo. A filósofa Grada Kilomba relaciona o conhecimento ao que ela chama de mito da objetividade. Essa lógica colonial estaria nas estruturas da validação do conhecimento, como podemos ver no seguinte trecho:

> [...] as estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição "de verdade" e válida, são controladas por acadêmicas/os brancas/os. Ambos, homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. Enquanto posições de autoridade e comando na academia forem negadas às pessoas *negras* e às *People of Color* (PoC) a ideia sobre o que são ciência e erudição prevalece intacta, permanecendo "propriedade" exclusiva e inquestionável da branquitude. Portanto, o que encontramos na acadêmica não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de "raça" (KILOMBA, 2019, p. 53, grifos da autora).

Assim, na decolonialidade/descolonização, o conhecimento, inclusive acadêmico e científico, é um lugar de poder (KILOMBA, 2019), ou seja, um local de disputas.

Segundo os autores Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020), essas lógicas coloniais seriam associadas à modernidade/colonialidade, e remontam ao século XVI. No entanto, esses autores ainda falam que, após a identificação de diversos momentos, que incluem ações, eventos de resistências tanto políticas quanto epistemológicas, é possível identificar um projeto decolonial, também conhecido como giro decolonial, ou simplesmente decolonialidade (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020).

A decolonialidade é uma teoria que, de certa maneira, foi elaborada e entendida pelo grupo da investigação da modernidade/colonialidade, que conta com forte presença de pensadores/pensadoras latino-americanos/latino-americanas, norte-americanos/norte-americanas e caribenhos/caribenhas. Entretanto, salientamos que esse tipo de estudo pode ser entendido por uma definição mais ampla, por exemplo, compreendendo os processos de resistência e a luta pela reexistência das populações afrodiaspóricas (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020).

Sobre a importância do projeto acadêmico-político da decolonialidade, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) mencionam que uma das vantagens seria a capacidade de esclarecer e sistematizar o que estaria em jogo com a colonialidade, tendo elucidações históricas da colonialidade do poder, do ser e do saber. Os autores ainda apontam que a decolonialidade ajudaria a pensar estratégias para transformar a realidade, como o racismo. Porém, os autores acrescentam que, na tradição acadêmica brasileira, um dos riscos do projeto decolonial seria torná-lo apenas um projeto acadêmico "que inviabiliza o *locus* de enunciação negro, deixando de lado sua dimensão política, isto é, seu enraizamento nas lutas políticas de resistência e reexistência das populações afrodiaspóricas e africanas, indígenas e terceiro-mundistas" (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020, p. 10).

Este é um ponto importante que buscamos resgatar nesta pesquisa: a de trazer a temática do racismo e do antirracismo, além de buscar uma educação antirracista (RIBEIRO, 2019). Para tanto, demos prioridade a autores/autoras negros/negras, pois, além de tratar sobre o tema, ainda repercutiríamos a visão daqueles/daquelas que sofreriam tal fenômeno (RIBEIRO, 2019). Sobre a importância de não dissociar os estudos decoloniais de teóricos/teóricas negros/negras ou das lutas políticas das populações negras, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020, p. 10) observam que:

> O deslocamento do projeto decolonial da luta política das populações negras, caso se concretizasse, seria uma traição à própria decolonialidade. Esse é um risco que visualizamos quando diversos acadêmicos brasileiros começam a utilizar o título decolonialidade nos seus trabalhos acadêmicos e, no entanto, não citam qualquer autor negro ou indígena, ou sequer têm qualquer relação com os movimentos sociais, limitando-se a dialogar com os membros da rede de investigação modernidade/colonialidade e com outros teóricos latino-americanos que falam a partir da perspectiva da população branca.

Nesse sentido, não poderíamos deixar de mencionar que muitas das lógicas da colonialidade ainda permanecem no Brasil, principalmente questões relacionadas à raça e ao racismo, e, como os autores mencionam, muitos dos avanços nessa área vieram de meios não acadêmicos, por exemplo, os movimentos negros (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020).

Continuando o nosso trajeto sobre tais lógicas, podemos apontar que Mbembe faz a seguinte reflexão sobre a crítica da modernidade/colonialidade, relacionando-a a um princípio da raça, o que demonstra que falar sobre a modernidade/colonialidade estaria em grande medida ligado à conceituação de raça e racismo. Assim, fazer uma crítica à colonialidade/modernidade e não a relacionar a um significante de dominação racial tornaria esse juízo inacabado:

> Sob vários aspectos, nosso mundo continua a ser, mesmo que não o queria admitir, um "mundo de raças". O significante racial ainda é, em larga medida, a linguagem incontornável, mesmo que por vezes negada, da narrativa de si mesmo e do mundo, da relação com o outro, com a memória e com o poder. Permanecerá inacabada a crítica da modernidade enquanto não compreendermos que o seu advento coincide com o surgimento do *princípio da raça* e com a lenta transformação desse princípio em matriz privilegiada para as técnicas de dominação, no passado tanto quanto no presente (MBEMBE, 2018a, p. 106, grifos do autor).

Assim, seria muito importante falarmos que os acontecimentos da modernidade/colonialidade seriam fundamentais para a transformação do mundo que conhecemos. Mbembe (2018a, p. 108) comenta que: "A consciência histórica e espacial que

temos hoje do planeta teve sua origem, em grande medida, na série de acontecimentos que, iniciados a partir do século XV, levaram, no século XIX, à divisão e à partilha de toda a Terra". O mundo seria visivelmente transformado pela lógica da colonialidade, e "o universalismo abstrato, impregnado de colonialismo e mesclado com o racismo, perdurou por muito tempo" (MBEMBE, 2022, p. 58).

Ao tratarmos os estudos decoloniais como um projeto acadêmico-político, estamos incluindo mais de 500 anos de luta das populações africanas e das populações afrodiaspóricas, além das populações indígenas originárias (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020), e fazendo um movimento de trazer para o primeiro plano as lutas políticas dos mais variados grupos, como de mulheres negras, dos/das quilombolas e indígenas, de movimentos negros etc. (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020), além dos/das intelectuais que, em uma pequena parcela, são mencionados nesta tese. Conforme indicam Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020), os/as intelectuais principais desses movimentos, no Brasil, seriam Abdias do Nascimento (2016), Clóvis Moura (1988), Lélia Gonzalez (2020), Luiz Gama, Milton Santos (1980) e Sueli Carneiro (1985; 2011), mas não poderíamos deixar de mencionar que essa lista é gigantesca tanto em tamanho quanto em importância.

Outra questão importante a ser tratada é a importância de esses/essas intelectuais negros/negras participarem de outras áreas, como a literatura. A literatura brasileira conta com importantes escritores/escritoras, que tratam, em seus romances, contos, poesias, de questões sobre o racismo e as relações étnico-raciais. Dessa imensa lista, podemos citar alguns nomes como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Lima Barreto, Ruth Guimarães, Aline França, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Solano Trindade.

Nesse rumo, citando a decolonialidade no Brasil, temos dois momentos importantes de crítica aos padrões racistas e eurocêntricos, que surgiram na Universidade de Brasília, citados pelo professor José Jorge de Carvalho (2020). O primeiro movimento seria a luta por cotas para pessoas negras e para pessoas indígenas nas universidades públicas, assunto que, após a sua aprovação pelo STF (Supremo Tribunal Federal), teve grande repercussão na mídia (SODRÉ, 2015). Já o segundo seria o debate sobre "o caráter excessivamente eurocêntrico das nossas universidades e da sua mentalidade colonizada de origem" (CARVALHO, 2020, p. 80), o que geraria o Encontro de Saberes. Para Carvalho (2020, p.80), "ambos os movimentos de inclusão configuravam uma experiência histórica única e específica da academia no Brasil". Sendo esses momentos, para o autor, um marco na academia brasileira.

Porém, o grupo de investigação modernidade/colonial têm sua importância na sistematização e teorização sobre o processo de colonização, bem como sobre a colonialidade e a decolonialidade. Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) comentam a importância do grupo de investigação modernidade/colonialidade em sistematizar e expor, com contornos mais definidos, as discussões do projeto decolonial, que, por vezes, apresentava-se de forma dispersa em autores/autoras do pensamento negro, assim como outras linhas de pensamento das tradições terceiro-mundistas. Os autores ainda apontam, como mérito do grupo, trazer para o primeiro plano da discussão a questão da "raça como dimensão estruturante do sistema-mundo moderno/colonial" (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020, p. 11). Nas palavras dos autores:

> Tão crucial é o racismo como princípio constitutivo, que ele estabelece uma linha divisória entre aqueles que têm o direito de viver e os que não o têm, haja o vista o conflito entre forças do Estado e populações negras periféricas das grandes cidades brasileiras, expresso no que tem sido como genocídio da juventude negra. O racismo também será um princípio organizador daqueles que podem formular cum conhecimento cientifico legítimo e daqueles que não podem (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020, p. 11).

A respeito dos genocídios de jovens negros/negras nas periferias brasileiras, teríamos claramente a delimitação de quem seriam aqueles/aquelas que não teriam direito de viver, podendo-se apontar, novamente, a necropolítica (MBEMBE, 2018), que já foi mencionada anteriormente, e que teria a raça como fator determinante – como tecnologia – para definir quem deveria morrer.

Acerca do racismo como princípio determinante do conhecimento, ou melhor, daqueles/daquelas que poderiam formular um conhecimento, podemos citar outro conceito sistematizado por teóricos/teóricas da descolonização ou decolonialidade. Essa conceituação é apontada por muitos teóricos/teóricas decoloniais (CASTRO-GOMEZ; GROSFOGUEL, 2007; MIGNOLO; ESCOBAR, 2010; MIGNOLO, TLOSTANOVA, 2006; WALSH; SCHIWY; CASTRO-GOMEZ, 2002) sobre a noção geopolítica e corpo-política do conhecimento como crítica ao eurocentrismo e ao cientificismo (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020). Entretanto, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) lembram que essa noção geopolítica e corpo-política do conhecimento já poderia ser encontrada na tradição do pensamento de intelectuais negros/negras. Isso daria destaque para as pensadoras negras, como, por exemplo, bell hooks (1991), que busca refutar conceitos sexistas/racistas a partir de um pensamento de "experiências vividas" que representassem a historicidade das mulheres negras, negando,

dessa forma, os estereótipos machistas/racistas. Entre os estudos dessas intelectuais negras, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020, p.13) destacam a afirmação dessas estudiosas nas "suas localizações nas estruturas de poder, bem como suas experiências corpo-sensoriais".

Sem dúvida, a crítica ao eurocentrismo e ao cientificismo seria um dos principais questionamentos do projeto decolonial, tanto que encontramos críticas desses/dessas autores/autoras ao centramento do conhecimento realizado pelo ocidente, inclusive na filosofia ocidental. Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel comentam sobre essa questão do centramento do conhecimento, que, por vezes, é apoiado em reproduções do racismo. Sendo fundamental para entendermos essa crítica ao eurocentrismo e ao cientificismo, mencionamos o seguinte trecho:

> Pedra angular do eurocentrismo e do cientificismo é a formulação "Penso, logo existo", de Descartes, elaborada em 1637. Duas ideias são fundamentais no *Discurso do Método* de Descartes: o solipsismo e o dualismo corpo/mente. Não só a certeza do conhecimento objetivo e verdadeiro é gerada a partir de um monólogo interno, baseado na desconfiança perante as demais pessoas, mas há uma desvalorização das sensações e percepções corporais como possíveis fontes de conhecimento válido. No momento da formulação do *Discurso do Método*, Descartes inaugura uma tradição de pensamento que se imagina produzindo um conhecimento universal, sem determinações corporais nem determinações geopolíticas. Em outras palavras, passa-se a acreditar que o conhecimento produzido dentro dessa tradição tem validade universal. Mesmo que Descartes não tenha definido quem é esse "eu", não há dúvidas que ele se refere ao homem europeu, mais especificamente àquele encontrado acima dos Montes Pireneus, como argumentaria Hegel no princípio do século XIX (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020, p. 11-12).

Com esse trecho, os autores indicam que, por trás do pensamento cartesiano, teríamos certa subjetividade do homem europeu, que legitimaria domínios, explorações, escravizações e, principalmente, a desumanização, ou seja, *ego cogito* não seria um deslocamento desse contexto, mas uma justificativa. Dessa maneira, o pensamento do "(eu) penso" – homem branco europeu –, traria legitimação para que os outros povos fossem enquadrados como os/as "outros não pensam", ou seja, não legitimaria a produção de conhecimento dos/das não-europeus/não-europeias, pois estes/estas seriam tachados/tachadas como "incapazes" de pensar (MALDONADO-TORRES, 2007 *apud* BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020).

"O 'Penso, logo existo' não esconde somente que os 'outros não pensam', mas que os 'outros não existem' ou não têm suficiente resistência ontológica" (MALDONADO-TORRES, 2007 *apud* BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2020, p. 12). Essa frase traz um pensamento relevante para esta tese, pois a falta de

“existência” dessas pessoas traria, como consequência, a desumanização, ou seja, a negação do direito à vida.

Mbembe fala a respeito dessa deslegitimação do conhecimento de outros povos não europeus, principalmente os africanos:

> Não foi dada a devida atenção ao fato que as culturas africanas pré-coloniais eram obcecadas com os mais variados tipos de questionamentos ontológicos e metafísicos. Questionamentos esses a respeito dos limites da Terra, dos limites da vida, do corpo e do eu, da temática do ser e da relação, do sujeito humano como um conjunto de múltiplas entidades, cujo arranjo era uma tarefa a ser constantemente retomada. Como atestam seus mitos, literaturas orais e cosmogonias, entre as grandes questões humanas que se colocavam aquelas relacionadas ao mundo além do perceptível, do corpóreo, do visível e do consciente (MBEMBE, 2022, p. 98).

Ainda sobre essa objeção do eurocentrismo e do cientificismo, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2021) desenvolvem que essa tradição daria origem a uma “ideia de universalismo abstrato”, marcando variados âmbitos da vida, não apenas a do conhecimento. Assim, essas objeções colonial/moderna – nesses mais de 500 anos - seriam tratadas como o ápice do desenvolvimento humano, enquanto as formas de vida anterior seriam tratadas como pré-modernas. Dessa forma, poderíamos destacar que o projeto liberal/modernidade seria um projeto “pensado” a partir dos interesses de uma população e apenas “para” uma população, sendo esta a europeia branca. A respeito desse universalismo, os autores Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020, p.13) definem: “O chamado universalismo abstrato é um tipo de particularismo que se estabelece como hegemônico e se apresenta como desincorporado, desinteressado e sem pertencimento a qualquer localização geopolítica”.

Após as devidas explicações epistêmicas sobre decolonialidade e colonialidade/modernidade, voltaremos a debater raça e racismo, mas agora sob a perspectiva decolonial. Para isso, novamente recorremos a autores e autoras que escrevem e teorizam com a intenção de descolonizar o pensamento eurocêntrico. Entre esses/essas autores/autoras, podemos destacar, por exemplo, Frantz Fanon, Achille Mbembe e Grada Kilomba. Recorremos a esses/essas autores/autoras por dois motivos: primeiro, porque nos trazem visões diferenciadas de fenômenos como raça e racismo sob uma ótica decolonial; segundo, porque dentro da nossa proposta antirracista, esses/essas autores/autoras buscam compreender esse fenômeno (o racismo) a partir de seus corpos e experiências próprias. Também não poderíamos deixar de mencionar que Fanon representa para a decolonialidade um norte, sendo um dos precursores da crítica ao âmago do racismo na colonização.

Talvez, um dos fatos mais importantes para compreendermos o racismo, seja seu amplo desenvolvimento/metamorfose na colonialidade. Recorrendo a Fanon (2021), compreendemos que, para entendermos o racismo nas colônias, é preciso que antes o entendamos no nível da cultura, e quais seriam as consequências desse fenômeno. Para ele, o racismo, da forma como é apresentado, "não passa de um elemento de um todo maior: o da opressão sistematizada de um povo" (FANON, 2021, p. 71), o qual seriam os/as autóctones ou as/os originários. Sobre o racismo cultural, o autor faz a seguinte menção: "Assistimos à destruição de valores culturais, de modalidades de existência. A língua, o vestuário, as técnicas são desvalorizados" (FANON, 2021, p. 71). Por isso, Fanon (2022) denomina essas pessoas como "condenados da terra".

Para Fanon (2021), as nações que empreenderam conquistas e guerras coloniais não têm uma preocupação em comparar as culturas, mas, sim, almejam um gigantesco negócio comercial; nesse propósito, a submissão da população autóctone seria a principal necessidade. Sobre isso, Fanon argumenta:

> Para isso é preciso destruir seus sistemas de referência. A expropriação, a espoliação, a invasão, o assassinato objetivo se desdobram numa pilhagem de esquemas culturais, ou pelo menos a propiciam. O panorama social é desestruturado, os valores são desprezados, esmagados, esvaziados. As linhas de força não mais organizam, desmoronadas diante de um novo sistema de estabelecido pela força, não proposto mas imposto, sob o peso de sabres e canhões (FANON, 2021, p. 72).

Sendo assim, "o problema colocado pelo regime de *plantation* e, mais tarde pelo regime colonial era, na verdade, o da raça enquanto princípio de exercício de poder" (MBEMBE, 2018a, p. 148). Entretanto, Fanon menciona que, na implantação de um regime colonial, não haveria, como objetivo, a morte da cultura autóctone, pois

> Pelo contrário, a observação histórica ressalta que o fim desejado é mais a agonia constante do que o desparecimento total da cultura preexistente. Essa cultura, outrora viva e aberta ao futuro, se fecha, paralisada pelo estatuto colonial, esmagada pela carga da opressão. Ao mesmo tempo presente e mumificada, ela depõe contra os seus membros. Na verdade, ela os define para sempre (FANON, 2021, p. 72).

Nessa mesma linha de pensamento sobre a cultura autóctone, Mbembe (2018a, p. 195) fala que "o potentado colonial se esforça, por outro lado, em criar um mundo próprio sobre escombros daquele que ali encontrara", ou seja, busca dominar aqueles/aquelas que estariam subjugados sob sua colonização. Conforme Mbembe (2022, p. 60), além de modificar profundamente a economia dos locais colonizados, os regimes escravistas e coloniais seriam uma gigantesca máquina "de fabricação da diferença racial e cultural".

Nesse sentido, Fanon (2021, p.71) explica que: “Esse racismo que se pretende racional, individual, determinado por genótipos e fenótipos se transforma em racismo cultural”. O que autor indica com isso é que o objetivo do racismo nas colônias não seria “mais o homem em particular, mas uma certa forma de existir” (FANON, 2021, p. 71).

Sobre o racismo na colonização, o que aparentemente parecia um respeito às tradições, principalmente sobre as especificidades culturais das pessoas africanas escravizadas ou povos originários, na verdade, seria um desprezo elaborado, sendo exercida a vontade de objetificar essas pessoas e torná-las conhecidas e marcadas por uma raça (FANON, 2021). Sobre isso, podemos utilizar a fala de Fanon (2021, p.73): “Expressões como “eu os conheço” ou “eles são desse jeito” traduzem essa objetificação ao máximo”.

Sobre essas pessoas serem reconhecidas apenas como uma “raça”, a filósofa decolonialista Grada Kilomba menciona que, em um processo de identificação absoluta, que poderíamos chamar de essencialismo, “uma pessoa vista meramente como uma “raça” é somente possível porque no racismo nega-se, para *negras* e *negros*, o direito a subjetividade” (KILOMBA, 2019, p. 174, grifos da autora). Kilomba (2019) complementa que, nesse sentido, essas pessoas seriam presas a uma “triplica” ou a uma “triplicidade”, pois elas representariam um “corpo”, uma “raça”, eles/elas seriam uma “história”, não tendo o privilégio de existirem na primeira pessoa. A respeito disso, Fanon (2020, p. 127) faz o seguinte relato sobre si: “Eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais”. Dessa forma, “o corpo do colonizado deve se tornar seu túmulo” (MBEMBE, 2018a, p.195), ou seja, as pessoas colonizadas sempre serão marcadas por uma raça, uma história, uma marca, uma dor.

Na colonização, é observada a real desumanização dessas pessoas, realizada pelo invasor, com a sua dominação. Para isso, na racialização dessas pessoas, com o racismo como tecnologia de dominação, o que se vê é justamente essa objetificação, “sem meios de existência” ou “sem razão de ser” dessas pessoas colonizadas ou escravizadas (FANON, 2021). Nesse sentido, Mbembe (2018a, p.193) fala que “o colonialismo não se compreende sem a possibilidade de torturar, de violar ou de massacrar”, complementando ainda que, “a tortura é uma modalidade das relações ocupante-ocupado”. Esse tipo de citação nos mostra que a colonização e a conquista realizada pelos/pelas europeus/europeias estariam longe de ser uma história de heroísmo e de consagração, ou principalmente de civilização, conforme sugerido por muitos livros de História.

Sobre essas pessoas, – em especial os/as antilhanos/antilhanas – Fanon (2020) apresenta a cissiparidade como consequência do colonialismo, que traria às pessoas negras duas

dimensões de conivência: uma seria com os/as semelhantes e a outra com os/as brancos /brancas, como confirma o seguinte trecho:

> Todo povo colonizado – isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole. Tão mais branco será quanto mais rejeitar sua escuridão, sua selva (FANON, 2020, p. 32).

Fanon (2020), dessa forma, nos elucida sua reflexão sobre como seria a relação do/da colonizado/colonizada com os/as seus/suas semelhantes. Esse trecho é relevante para nós sob o seguinte aspecto: Fanon (2020) torna-se um dos primeiros estudiosos que escreve a partir de uma noção corpo-política e geopolítica. O autor cita, como exemplo, a questão de como os antilhanos/antilhanas enxergariam a relação com o/a colonizador/colonizadora:

> Nas Antilhas, o jovem negro, que na escola repete incessantemente "nossos pais, os gauleses", identifica-se com explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, ou seja, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. Ele imputa ao herói, que é branco, toda sua agressividade – que, nessa idade, está intimamente relacionada à oblatividade: uma oblatividade carregada de sadismo. Uma criança de oito anos que oferece algo, mesmo a um adulto seria de tolerar uma recusa. Pouco a pouco, vemos formarem-se e cristalizarem-se no jovem antilhano uma atitude e um hábito de pensar e de ver que são essencialmente brancos. Quando, na escola, ele às vezes lê histórias de selvagens nos livros brancos, sempre pensa nos senegaleses. Havia no que dizíamos uma inconsistência no mínimo paradoxal. Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O negro vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Mas ele é um negro. Isso ele perceberá ao chegar à Europa, e, quando falarem de negros, ele saberá que se trata dele tanto quanto do senegalês (FANON, 2020, p. 163).

Sobre essa questão, Fanon (2020) traz perspectivas sobre o seu próprio corpo, relatando algumas experiências racistas que viveu na Europa, nos anos em que se mudou para o continente para estudar na França.

> Eu havia criado por baixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos por "resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, vestibular, cinestésica e visual", mas pelo outro, o branco, que teceu para mim milhares de detalhes, anedotas, relatos. Achava que tinha de construir um eu fisiológico, equilibrar o espaço, localizar sensações, e eis que me pediam um suplemento. "Olhe, um negro!" Era um estímulo externo que me futucava de passagem. Eu esboçava um sorriso (FANON, 2020, p. 126-127).

Fanon (2020) ainda complementa sobre essa questão que, após vários ataques, o "esquema corporal" teria desabado, dando lugar a um "esquema epidérmico racial". O autor sobre isso fala: "Eu não aguentava mais, pois já sabia que existiam lendas, histórias, a

história, e, acima de tudo, a *historicidade*" (FANON, 2020, p.127, grifos do autor). Fanon ainda nos relata mais cenas de racismo vividas por ele na Europa: '"Mamãe, olhe um negro, estou com medo!' Medo! Medo! E eis que agora eu era temido. Queria me divertir com isso até engasgar, mas isso se havia tornado impossível para mim" (FANON, 2020, p. 127). O autor ainda lembra quando o racismo lhe impõe a "diferença": "Eu me percorri com um olhar objetivo, descobri minha negrura, meus traços étnicos – e então me arrebentam o tímpano com a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros e, acima de tudo, acima de tudo o mais '*Y'a bon banania*'" (FANON, 2020, p. 127). Uma das frases mais importantes e destacadas de Fanon representaria bem essa questão do corpo-política citada pelos teóricos/teóricas decolonias; nas palavras de Frantz Fanon (2020, p. 242): "Minha prece derradeira: Ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!".

Ainda podemos trazer outro relato, da autora portuguesa Kilomba, sobre a experiência de uma pessoa negra que nasceu e vive em um país com uma marca de violência e conquista colonial. Kilomba conta:

> Cheguei a Berlim, onde a história colonial alemã e a ditadura imperial fascista também deixaram marcas inimagináveis. E, no entanto, pareceu-me haver uma pequena diferença: enquanto eu vinha de um lugar de *negação*, ou até mesmo de *glorificação* da história colonial, estava agora num outro lugar onde a história provocava *culpa*, ou até mesmo *vergonha* (KILOMBA, 2019, p. 11, grifos da autora).

Esse trecho torna-se revelador para nós, pelos seguintes aspectos: a história colonial ainda se apresenta para os europeus como um lugar de glorificação, até mesmo de bravatas heroicas, negando a tamanha violência ocorrida nas colônias, *plantations* ou escravidão de pessoas negras. E, nesse sentido, Kilomba (2019, p. 11) fala que a não negação seria um percurso de conscientização coletiva, que começaria "com *negação – culpa – vergonha – reconhecimento – reparação",* o que não representaria um percurso moral, mas, sim, um percurso de responsabilização, ou seja, "a responsabilidade de criar novas configurações de poder do conhecimento" (KILOMBA, 2019, p.11). Mbembe (2018a, p. 195) ainda nos lembra: "Sob vários aspectos, a colônia é um lugar onde não é permitido o colonizado falar por si". Este seria outro ponto importante sobre a colonização e o racismo, a questão do silêncio das pessoas, em especial as pessoas indígenas e negras que eram escravizadas. Podemos observar, ainda atualmente, essa lógica da modernidade/colonialidade que silencia principalmente pessoas subalternizadas e marginalizadas, entre elas, aqueles/aquelas que fazem parte de grupos racializados.

Kilomba (2019) ressalta o fato de pessoas negras escravizadas serem silenciadas por máscaras faciais que as impediriam de falar, trazendo, como exemplo, o retrato "Escrava Anastácia"[7], umas das imagens mais emblemáticas dos horrores da escravidão de pessoas negras. Nesse sentido, a autora salienta o controle da "boca", alvo da censura causada pela opressão colonial/escravidão:

> A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão de opressão por excelência, representando o que as/os *brancas/os* quererem – e precisarem – controlar e, consequentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado. Nesse cenário específico, a boca também é uma metáfora para a posse (KILOMBA, 2019, p. 33-34, grifos da autora).

Kilomba (2019) aponta que o racismo e a colonialidade atribuíram um poder absoluto ao discurso dominante branco, e esse discurso dominante da branquitude traria a ideia de uma subalternidade que não poderia falar, ou, como Kilomba (2019) sublinha, uma "subalternidade silenciosa". A autora comenta que isso seria, primeiro, parte da ideologia colonial, a qual argumentaria que grupos subordinados se identificariam de maneira incondicional com aqueles/aquelas que deteriam o poder e não teriam uma interpretação independente da sua própria opressão; logo, não poderiam falar. E, em segundo lugar, essa falta do direito de poder falar estaria ligada à alegação colonial de que grupos subalternizados seriam menos humanos do que seus/suas opressores/opressoras, e, que, por isso, não deveriam falar por si mesmos/mesmas (eu) (KILOMBA, 2019). Grada finaliza falando que ambas as afirmações coloniais veriam as pessoas colonizadas ou escravizadas como incapazes de falar. Diante desse contexto do silêncio, Kilomba estabelece a relação com máscara, que impediria que as pessoas negras escravizadas de falar:

> A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do *sujeito negro* ser amarada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o *sujeito negro* dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o *sujeito branco* teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o *sujeito* colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Será forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o *"Outra/a"*. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito deste dito "mantido em silêncio como segredo". Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em segredo. Segredos como a escravização. Segredos

[7] Retrato da "Escrava Anastácia" foi realizado pelo pintor francês Jacques Arago. No retrato, é transmitida a imagem dos horrores cometidos com as pessoas africanas escravizadas. Sem história oficial e com o nome africano desconhecido, Anastácia é apontada por algumas pessoas como uma princesa angolana, e, por outras, como uma princesa Nagô/Yorubá. Segundo relatos, a princesa africana foi obrigada a colocar um colar de ferro e uma máscara que a impediria de falar (KILOMBA, 2019). Anastácia era considera santa entre as pessoas negras escravizadas, que recorriam a ela para curas e milagres.

> como o colonialismo. Segredos como racismo (KILOMBA, 2019, p. 41, grifos da autora).

Ainda, é mencionado por Kilomba que, erroneamente, esses grupos oprimidos seriam vistos como desmotivados para o exercício de um ativismo político "por conta de uma consciência falha ou insuficiente de sua própria subordinação" (KILOMBA, 2019, p. 48-49). No entanto, a autora frisa que essas pessoas subalternizadas (colonizados) não seriam nem vítimas passivas nem muito menos cúmplices voluntárias/voluntários da dominação colonial. "É desnecessário escolher entre os posicionamentos se se pode falar ou não" (KILOMBA, 2019, p. 49). A autora faz a seguinte consideração sobre o silêncio imposto às pessoas negras, o qual, de certa forma, estaria presente atualmente pelo racismo e pela lógica da colonialidade: "A própria ausência (no centro) da voz da/o colonizada/o pode ser lida como emblemática da dificuldade de recuperar tal voz, e como a confirmação de que *não* há *espaço* onde colonizadas/os podem falar" (KILOMBA, 2019, p. 49, grifos da autora).

Nessa perspectiva do giro decolonial, ainda podemos trazer o camaronês Membe (2018a, 2018b, 2019, 2020, 2022). Como já havíamos comentado, o autor comenta que os termos "raça" e "negro" nasceram de um delírio da branquitude europeia e que isso ajudaria na conquista de outros povos, gerando atrocidades e dor, principalmente para os/as africanos/africanas. Mbembe (2018a, p.13-14) complementa que alguns momentos marcaram a biografia desses dois termos – sugeridos pelo autor como um "vertiginoso conjunto" –, mas o mais importante seria que a escravidão transformaria essas pessoas negras de origem africana "em homens-objetos, homens-mercadoria e homens-moeda", o que seria uma espoliação organizada no decorrer do tráfico atlântico, entre os séculos XV e o XIX.

Esse seria um ponto diferencial na escravidão de pessoas na modernidade/colonialidade em comparação a outros períodos históricos em que ocorreram escravidão de pessoas, pois, na colonialidade/modernidade, as pessoas negras e indígenas foram transformadas em moeda, mercadoria e objeto. Podemos complementar esse pensamento com o seguinte trecho sobre as pessoas negras que foram objetificadas:

> Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, hostilmente predispostos contra eles, deixando assim de ter nome ou língua própria. Apesar de a sua vida e o seu trabalho serem a partir de então a vida e o trabalho dos outros, com quem estavam condenados a viver (MBEMBE, 2018a, p. 14).

Mbembe nos ensina que, no regime colonial, essas pessoas negras, ao serem confrontadas com a realidade imposta pela escravidão, teriam, com a perda da liberdade, uma

perda genealógica: “No Novo Mundo, o escravo negro é juridicamente destituído de qualquer parentesco. Ele é, consequentemente, um “sem parentes”. A condição de “sem parentes” (*kinlessness*) lhe é imposta pela lei e pela força” (MBEMBE, 2018a, p. 71). Sobre a escravidão de pessoas negras no regime de *plantation*, onde existiram dispositivos para a violência racial, Mbembe (2018a, p. 266-267) observa:

> Enquanto durou a escravidão, a *plantation* constituía a engrenagem essencial de uma ordem selvagem na qual a violência racial cumpriria três funções. Por um lado, visava debilitar a capacidade dos escravos de assegurar sua reprodução social, na medida em que nunca teriam condições de reunir os meios indispensáveis a uma vida digna desse nome. Por outro lado, essa brutalidade tinha uma dimensão somática. Buscava imobilizar os corpos, quebrá-los, se necessário. Por último, investia contra o sistema nervoso e tendia a drenar as capacidades de suas vítimas criarem um mundo simbólico próprio (MBEMBE, 2018a, p. 266-267).

Como Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) nos apresentam, a colonialidade seria uma lógica que ainda persistiria em certos lugares, mesmo com o fim da colonização. Ainda teríamos uma lógica colonial, regida por normas capitalistas, em que as pessoas seriam racializadas e objetificadas, e que seria aplicada principalmente aos países em desenvolvimento atualmente. A respeito de raça, racismo e capitalismo, ainda com os resquícios da escravidão de pessoas, Mbembe, em seu livro *Crítica da Razão Negra*, explica:

> Da fusão potencial do capitalismo e animismo resultam algumas consequências determinantes para a nossa futura compreensão da raça e do racismo. Desde logo, os riscos sistemáticos aos quais os escravos negros foram expostos durante o primeiro capitalismo constituem agora, se não a norma, pelo menos o quinhão de todas as humanidades subalternas. Em seguida, essa tendência à universalização da condição negra é simultânea ao surgimento de práticas imperiais inéditas, tributárias tanto das lógicas escravagistas de captura e predação como das lógicas coloniais de ocupação e exploração, incluindo guerras civis ou razias de épocas passadas (MBEMBE, 2018a, p. 17).

E se tratando dessa generalização das condições e tratamentos racistas das pessoas negras, há outras pessoas subalternizadas presentemente, empregadas pelas lógicas coloniais, Mbembe (2018a) denomina como *devir-negro do mundo*. Essa denominação que o filósofo utiliza – por vezes, pode ser interpretada erroneamente ou ser considerada polêmica – é feita em comparação entre as condições de pessoas negras escravizadas ou pessoas colonizadas no período da modernidade/colonialidade e as condições que hoje se estenderiam as pessoas subalternizadas. Logo as condições sistemáticas de subalternização encontradas na colonização seriam estendidas a mais grupos de pessoas e normalizadas com o neoliberalismo. De acordo com o autor:

> Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo* (MBEMBE, 2018a, p. 19, grifos do autor).

Mbembe (2018a) ainda propõe quais seriam os contornos tomados pela raça no futuro. Para o filósofo, os termos "negro" e "raça" seriam figuras centralizadas do discurso euro-americano sobre o "homem". Mesmo que ambos sejam negados por esse discurso, diante de sua tese, estaríamos presenciando "[...] neste preciso momento em que a História e as coisas se voltam para nós, e em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo" (MBEMBE, 2018a, p.11), novos contornos para esses termos.

Dessa forma, Mbembe (2018a) questiona quais seriam as mudanças sobre os termos "negro" e "raça": caso a Europa fosse rebaixada a mais uma província do mundo, se isso acarretaria a extinção do racismo, já que para o autor "o negro e a raça nunca foram elementos fixos" (MBEMBE, 2018a, p.20). Respondendo a esse questionamento, Mbembe (2018a, p. 20) entende que esses termos fariam parte de encandeamento de coisas inacabadas por elas mesmas, principalmente o termo "negro", que, por muito tempo, emanou "uma energia extraordinária, ora como veículo de instintos inferiores e de potências caóticas, ora como signo radiante da possibilidade do mundo e da vida num dia de transfiguração". Esse termo, até mesmo de maneira fragmentada, assinalaria "uma série de experiências históricas dilacerantes, a realidade de uma vida vacante; a ameaça assombrosa, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação racial" (MBEMBE, 2018a, p.20). Nessa perspectiva, essas pessoas seriam "transformadas em espectadores de algo que, ao mesmo tempo, era e não era sua própria existência" (MBEMBE, 2018a, p.21), pois teriam seus corpos e mentes controlados.

Mbembe ainda expõe que o termo "negro" seria amplamente relacionado ao capitalismo e aos contornos da modernidade, como demonstra o seguinte trecho:

> Produto maquinário de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização, esse termo foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital (MBEMBE, 2018a, p. 21).

Entretanto, inclusive pelos esforços da negritude (CÉSAIRE, 2010), o termo "negro" seria carregado por uma dualidade, algo que talvez transcendesse os horrores da outra parte, tornando-se uma força de coletividade e de movimentos, como podemos compreender nas palavras de Mbembe:

> Porém – e esta é sua patente dualidade –, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até mesmo no ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente. Sua capacidade de fascinação, ou mesmo de alucinação, não fez senão se multiplicar. Alguns nem sequer hesitariam em reconhecer no negro o limo da terra, o veio da vida, por meio do qual o sonho de uma humanidade reconciliada com a natureza, com a plenitude da criança, voltaria a ganhar cara, voz e movimento (MBEMBE, 2018a, p. 21).

Contudo, pensando sobre o futuro da "raça", mais propriamente no racismo, Mbembe (2018a, p.21) fala que diante dos novos contornos, "grassa hoje em muitos países um 'racismo sem raças'". Isso significaria que, ainda diante de uma universalização do "homem" desenhada pela branquitude europeia, o racismo, assim como a "raça", tomaria novos contornos sob a "cultura" e a "religião". Esse racismo sem "raça" teria o

> [...] intuito de praticar com mais desenvoltura a discriminação, ao mesmo tempo em que se faz algo conceitualmente impensável, a "cultura" e a religião" são mobilizadas para assumir o lugar da "biologia". Enquanto se finge que o universalismo republicano é cego em relação à raça, confinam-se os não brancos a suas supostas origens e não cessam de proliferar categorias efetivamente racializadas, que, em sua grande parte, alimentam cotidianamente a islamofobia (MBEMBE, 2018a, p. 21-22).

A raça e o racismo, ainda sob lençóis da colonialidade e do capitalismo, tiveram força para sua reprodução, pois, como Mbembe (2018a, p. 22) menciona: "Além do mais, da obstinação colonial em dividir, classificar, hierarquizar e diferenciar, sobrou ainda algo: cortes e lesões. Pior ainda, a clivagem criada permanece". Nesse prisma, a permanência do racismo seria uma consequência direta das lógicas da colonialidade, sendo assim, não teríamos sua extinção sem antes a extinção dessas lógicas.

No século XXI, conforme afirma Mbembe (2018a, p. 48), existiria também um novo "regresso a uma interpretação biológica das distinções entre grupos humanos", sendo esse, de longe, o fim do racismo e um novo desdobramento da "raça", que estaria imerso pelo pensamento gnômico. Essa logicidade seria um derivado do mesmo pensamento do século XIX, "período que assistiu a uma biologização determinante da raça no Ocidente, associada ao surto colonial da África" (MBEMBE, 2018a, p. 47). Essa seria a época em que o

darwinismo social, baseado no pensamento evolucionista darwiniano, determinaria, por estratégias eugenistas, a fabricação de sujeitos raciais, tomando, por exemplo, as leis segregacionistas – como as leis Jim Crow, nos Estados Unidos, e o regime do *apartheid*, na África do Sul. Segundo o autor camaronês, encontraríamos certas lógicas nas novas tecnologias reprodutivas do século XXI, como podemos ver no seguinte trecho:

> Encontramos a mesma sintaxe racial nos discursos sobre as tecnologias reprodutivas que envolvem manipulação de óvulos e esperma, ou ainda nos que tratam escolhas reprodutivas sob a forma de seleção de embriões e na linguagem relacionada ao planejamento da vida de modo geral (MBEMBE, 2018a, p. 48).

Desse modo, a raça e o racismo estariam longe de pertencer a um passado longínquo dos tempos da colonização, pois, com as modificações na genética humana, teríamos provavelmente um perfil predeterminado, e esse perfil, muito provavelmente, seria o de pessoas brancas com traços europeus. De acordo com Mbembe (2018a, p.49) a raça e o racismo "têm também um futuro, especialmente num contexto em que a possibilidade de transformar os seres vivos e criar espécies mutantes já não emana unicamente da ficção".

Mbembe (2022) argumenta ainda que, em uma era pós-história – sendo caracterizada por "era de combustão do mundo" –, a brutalidade se transformaria em uma espécie de norma, alçada pela tecnologia, o que acabaria reacendendo antigas disputas, principalmente por uma nova divisão da Terra. O autor pontua que, com essas novas disputas pela divisão da Terra, teríamos a ressuscitação de antigos pesadelos da colonialidade, mas, principalmente, o "da divisão de gênero humano em diferentes espécies e variedades" (MBEMBE, 2022, p. 28). O autor ainda faz a seguinte reflexão sobre a volta dos antigos pesadelos coloniais:

> Talvez isso explique o renascimento em escala global do desejo de endogamia e das práticas de seleção e triagem que haviam marcado a história da escravidão e da colonização, dois momentos de ruptura provocados pela tempestade de aço, tanto quanto alimentados pelo combustível que foi o racismo na modernidade. Ao contrário dessas épocas, a nova pulsão de seleção agora se baseia nos mais variados tipos de nanotecnologias (MBEMBE, 2022, p. 28).

O filósofo faz outra importante assinalação sobre o racismo denominando de "corpo-fronteira". Segundo Mbembe (2022, p.156-157), "o corpo-fronteira é, em sua essência, um corpo de raça, o corpo de uma classe racial sujeita a um cálculo intensivo de um novo tipo", pois, nesse corpo, existiria a representação de uma classe racializada, sendo essa a união da internalização e da internacionalização. O autor ainda complementa que isso seria uma metamorfose do racismo com bases fenotípicas, ou seja, "esse novo tipo de corpo humano não

é apenas o "corpo-pele" do racismo epidérmico, mas principalmente o "corpo-fronteira"" (MBEMBE, 2022, p. 173). Para o autor, "a produção em massa de corpos-fronteiras abriu caminho para a retaliação de imaginários populacionais típicos do período que coincidiu com a emergência do capitalismo e, posteriormente, do colonialismo" (MBEMBE, 2022, p. 158). Assim, como o autor menciona, o Estado já não precisaria mais colocar limites em sua violência, como bem podemos exemplificar, quando imigrantes considerados ilegais são deixados para morrer afogados no alto-mar ou desidratados nos desertos. Mbembe (2020) fala que esses novos modos de racismo acarretariam o que ele chama de "políticas das inimizades". Podemos citar o seguinte trecho sobre essa forma de racismo:

> Nos países do Norte, o racismo anti-imigrante segue ganhando terreno. Os "não europeus" e os "não brancos" estão sujeitos a formas mais ou menos flagrantes de violência policial e de discriminação e, ocasionalmente, a execuções em grande estilo. A própria retórica do racismo mudou: ao velho discurso acerca da epiderme vieram se juntar conceitos de diferença e estraneidade abertamente flexionados em termos culturais ou religiosos (MBEMBE, 2022, p. 168-169).

Assim, o racismo e a colonialidade no século XXI estariam novamente envolvidos nas formas de repovoamento do mundo, principalmente por nosso tempo ser definido por constantes imigrações de pessoas. Esse movimento, por vezes, tem relação com desigualdades e guerras, mas ainda conta com um novo elemento, que seriam as variações climáticas, podendo ser agravado, então, pelo racismo ambiental, pelo qual indígenas (orginários), tribos, quilombolas etc. seriam os/as mais afetados/afetadas, com os avanços da economia de exploração do planeta (MBEMBE, 2020; 2022). Mbembe faz uma relação dessas situações com o repovoamento do mundo, tendo como cenário uma Europa anti-imigrante, como indica o trecho a seguir:

> No alvorecer do século XXI, o tráfico de escravos e a colonização das regiões remotas do globo já não são meios pelos quais se efetiva o repovoamento da Terra. O trabalho, em sua acepção tradicional, já não é necessariamente o meio privilegiado de formação de valor. Apesar disso, o momento é de alvoroço, de grandes e pequenos deslocamentos e transferências, em suma, de novas figuras do êxodo. As novas dinâmicas circulatórias e a formação das diásporas passam, em grande medida, pelo comércio ou pelos negócios, pelas guerras, pelos desastres ecológicos e catástrofes ambientais e pelas transferências culturais de todo o tipo (MBEMBE, 2020, p. 30).

Ainda no que concerne à questão do racismo, Mbembe (2020) faz uma reflexão sobre o conceito de democracia, apontando que existe um paradoxo nesse conceito, principalmente se levarmos em conta a democracia norte-americana, na qual existia uma clara discussão

sobre liberdade e propriedade, mas negaria a liberdade de pessoas negras escravizadas, que seriam transformadas em propriedade. Sobre isso o autor fala:

> Sistema colonial e sistema escravista representaram, por conseguinte, o inventário amargo da democracia, esse mesmo que, de acordo com uma intuição jeffersoniana, corrompe o corpo da liberdade e a leva inexoravelmente à decomposição. Revezando-se entre si, estas três ordens – a ordem da *plantation*, a ordem da colônia e a ordem da democracia – não se desgrudam, do mesmo modo como George Washington e seu escravo e companheiro William Lee, ou Thomas Jefferson e sua escrava Jupiter. Uma agrega sua aura à outra, numa relação estreita de distância aparente e de intimidade reprimidas (MBEMBE, 2020, p. 42).

Para finalizarmos a discussão sobre raça, racismo e colonialidade, não poderíamos deixar de analisar como o racismo está impregnado nas novas tecnologias, inclusive de ordem midiática, que passariam a sustentar uma nova economia-mundo. Para Mbembe,

> Apoiada nas tecnologias do silício e no raciocínio algorítmico, a nova econômica-mundo permanece estruturada em função das velhas divisões raciais que constituem a mola-mestra da nova guerra travada contra as raças e categorias demográficas consideradas supérfluas. Conduzida em uma escala capaz de abarcar toda a espécie, essa guerra fisiológica e sexual, política e econômica, tem por bases a mobilização de todos os tipos de *pulsões sem escoamento* e de energias abomináveis: o racismo, o virilismo, a xenofobia de Estado (MBEMBE, 2022, p. 201).

Assim, como é proposto por Kilomba (2019, p.213), “o passado colonial foi ‘memorizado’ no sentido que ‘não foi esquecido’”, sendo um percurso inevitável a colisão da colonialidade e do racismo, onde ambos coincidem. Para a autora, “a escravidão e o colonialismo podem ser vistos como coisa do passado, mas estão intimamente ligados ao presente” (KILOMBA, 2019, p. 223), fazendo com que tratemos a decolonialidade como um assunto presente e necessário para uma descolonização dessas lógicas coloniais, principalmente se tratarmos do contexto do racismo.

4 REFERENCIAL METODOLÓGICO

4.1 Análise crítica do discurso - Estudos do Discurso (ED) e Estudos Críticos do Discurso (ECD)

A fim de analisar as matérias jornalísticas selecionadas no website *Portal Capoeira*, apoiamo-nos em autores como: Ibáñez Gracia (2004), Luiza Rojo (2004), Lupicinio Iñiguez (2004a; 2004b) e Teun van Dijk (2003; 2019; 2020; 2021). Tais autores e autoras serão à base do nosso referencial metodológico, no qual, adotaremos a Análise Discursiva. Assim como alguns desses/dessas autores/autoras propõem, nossa análise discursiva será de orientação construcionista.

Nesse sentido, para as nossas análises optamos em apoiar-se na mudança da compreensão da linguagem, que foi ensejada pelo "giro linguístico" – expressão utilizada para designar a mudança que ocorreu na filosofia e nas ciências humanas e sociais, gerando uma atenção maior ao papel da linguagem em nossa sociedade, permitindo que fossem alcançados novos significados e conceitos (IBÁÑEZ GRACIA, 2004). Sobre isso, Ibáñez Gracia comenta que

> [...] o "giro linguístico" teve efeitos e implicações que vão bem mais além do simples aumento da ênfase dada à importância da linguagem. Ele contribuiu para que fossem esboçados novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, seja ele o do sentido comum ou o científico, para permitir que surgissem novos significados para aquilo que se costuma entender pelo termo "realidade" – tanto "social" ou "cultural" quanto "natural" ou "física" – e a desenhar novas modalidades de investigação proporcionando outro contexto teórico e outros enfoques metodológicos (IBÁÑEZ GRACIA, 2004, p. 19-20).

Ibáñez Gracia (2004, p.20), no entanto, menciona que a mudança mais significativa do "giro linguístico", foi que ele "modificou a própria concepção da natureza da linguagem", o que, segundo o autor, significaria "uma mudança profunda das concepções do mundo, e das concepções sobre como interpretar as ciências humanas e sociais, inclusive a própria filosofia".

Com o "giro linguístico", segundo Ibáñez Gracia (2004), tivemos duas importantes rupturas: a primeira com a tradição filológica que compararia as línguas e suas evoluções, e a segunda, seria com a hegemonia que a filosofia da consciência teria exercido.

Ao utilizarmos esse referencial metodológico, nos afastamos da linguagem que focaliza no interior de nosso mundo mental, ou seja, uma exortação das ideias (IBÁÑEZ GRACIA, 2004), como podemos verificar no seguinte trecho:

> Dessa perspectiva, a linguagem é certamente importante, mas constitui apenas um instrumento para manifestar nossas ideias, uma simples roupagem com a qual essas se apresentam ao exterior e se tornam visíveis para os demais. Quando nosso discurso parece ser confuso e porque nossas ideias não são suficientemente claras e, inclusive, algumas vezes acontece de a linguagem dificultar a exteriorização de nossas ideias em vez de ajudar-nos a comunicá-las aos demais (IBÁÑEZ GRACIA, 2004, p. 23).

Nesse sentido, partimos da ideia que a linguagem seria ativa na construção social, inclusive nas relações de poder. Nesse sentido, Ibáñez Gracia comenta que

> A linguagem se instruía assim como "constitutiva" das coisas, mais do que meramente "descritiva" delas, deixando de ser palavra acerca do mundo para passar a ser ação sobre o mundo. A linguagem não só nos diz como é o mundo, ela também o institui; e não se limita a refletir as coisas do mundo, também atua sobre elas, participando de sua constituição (IBÁÑEZ GRACIA, 2004, p. 39).

Assim, partimos da posição que os discursos estabeleceriam e sustentariam determinadas relações sociais, entre elas as étnica-raciais, sendo essa a nossa justificativa por adotar tal prática analítica. Como comenta Iñiguez (2004, p.55) sobre Análise Discursiva, "o que se questiona é se a linguagem – sim ou não – explica, expõem ou reproduz realidade", ou seja, como tal discurso constrói determinada realidade. Sobre a Análise Discursiva, podemos ainda mencionar o seguinte trecho:

> Esse é um método que surgiu na própria estrutura do giro linguístico, e foi profusamente utilizado. Além disso, a AD é um rótulo comumente usado para definir uma grande quantidade de métodos empíricos que são utilizáveis e utilizados para o estudo de uma enorme variedade de temas. A título de exemplo, podemos dizer que esses temas cobrem desde o estudo das interações cotidianas face a face até processos como a memória, o pensamento e as emoções e inclusive problemas sociais como a exclusão social, a diferenciação de gênero e o racismo (IÑIGUEZ, 2004, p. 53).

Dado que esta pesquisa aborda as relações ético-raciais, e de que maneira essas relações são construídas pelos/pelas capieiristas que assinam as matérias no *Portal Capoeira*, em nossa análise, também nos apoiamos na Análise Crítica do Discurso (ECD). Este tipo de estudo concentra-se de forma específica na complexidade da relação entre estrutura social e estrutura discursiva, focando no modo como as estruturas discursivas variam ou influenciam

as estruturas sociais, averiguando quais são as consequências e condições sociais das escritas e falas, principalmente em relação ao abuso de poder (VAN DIJK, 2020). Nos ECD, busca-se contribuir para o empoderamento social de grupos dominados, especialmente na comunicação e no domínio do discurso (VAN DIJK, 2020). Para Luiza Rojo, de uma maneira geral, a ACD gera "conhecimentos sobre quais são os efeitos sociais e políticos dos discursos e qual é valor que socialmente se lhes atribui (ordem social dos discursos)" (ROJO, 2004, p. 211).

Para o estudioso holandês Van Dijk (2020), apesar de existir variadas formas de poder contemporâneo, muitas dessas formas devem ser definidas como poder simbólico, sendo esse tipo de poder um dos definidores do acesso preferencial ou controle sobre o discurso público. Nesse sentido, o estudioso define que as elites simbólicas de hoje devem ser classificadas como detentoras de poder. Van Dijk (2020) menciona que, nas elites simbólicas, encontramos políticos, escritores, professores, advogados, burocratas, jornalistas e empresários, como, por exemplo, os donos do "império" da mídia. O autor ainda define que essas elites simbólicas são representadas por uma alta cúpula social, e "que os interesses básicos são formulados, negociados e decididos pelos líderes dos grupos de elite" (VAN DIJK, 2019, p. 17), comentando ainda que os editores de jornais normalmente são homens brancos. Relações de poder, como as racistas ou sexistas, são amplamente apreendidas e reproduzidas por um discurso dominante, ainda mais se esse discurso for acessível apenas pelas elites simbólicas (VAN DIJK, 2019).

4.2 Construção do *corpus*

Seguindo o plano metodológico, adotamos os seguintes procedimentos: primeiro, buscamos selecionar discursos/matérias que fossem representativos daqueles veiculados na mídia especializada. Assim, optamos por trabalhar com o *Portal Capoeira*, site destinado ao universo da capoeiragem, que detalharemos mais adiante.

A escolha[8] desse site se deu pela sua devida importância, porte e abrangência (inter)nacional do meio social da capoeira. Significando isso, uma ampla circulação de matérias que representaria uma expressiva parcela de leitores/leitoras desse universo, e no que lhe concerne à classificação de formadores de opinião do universo capoeirista e afins.

[8] Não poderíamos deixar de mencionar que, após os questionamentos realizados pela banca de qualificação desta tese, principalmente, sobre a nossa intensão anterior de se analisar um recorte de uma mídia tradicional (grande mídia), optamos pela sugestão fundamental, realizada pelo professor Dr. Luciano Maluly, de fazer análise de alguma mídia mais próxima da capoeira. No caso, o professor Dr. Maluly sugeriu como recorte para análise, o site *Portal Capoeira*. Assim, após a sugestão e a verificação do mesmo, o site se mostrou um grande potencial de análise, o que acabaria se tornando um ponto fundamental para a nossa tese.

Com a devida escolha do site, fizemos uma busca nas suas bases de dados digitais, utilizando os motores de pesquisa do próprio portal. Porém, optamos por fazer uma varredura das matérias de maneira manual, visando tornar mais precisa a realização de um panorama geral. Na ferramenta de pesquisa desse veículo, utilizamos a palavras-chave: “racismo”. E nesse contexto, tivemos a intenção de selecionar as matérias que representassem o objeto de pesquisa, o que significaria um recorte das produções jornalísticas que, de alguma maneira, abordassem o racismo. Para esse recorte específico, delimitamos um período de 5 anos, entre as datas de janeiro de 2018 a dezembro de 2022.

Diante dos variados conteúdos encontrados no site, decidimos em focalizar na secção “Notícias”. Dentre as matérias apresentadas pelas bases de dados do respectivo portal, realizamos uma série de leituras e selecionamos as matérias que tivessem mais aproximação com a temática (capoeira/racismo). Após a seleção dessas matérias, essas mesmas foram tabuladas para facilitarem suas leituras e respectivas análises. Em um panorama geral, encontramos 70 matérias. Como auxílio para essas tarefas, foi feito um quadro de sistematização, usando o recurso “inserir tabela” do *Microsoft Word*. Contendo nesse quadro, colunas que indicavam as devidas categorias de análise e as linhas que organizavam os conteúdos referentes a essas categorias. Para uma análise mais precisa sobre a temática, selecionamos 17 matérias que apresentassem discursos consistentes sobre o racismo.

Para uma melhor interação do/da leitor/leitor, deixamos os outros detalhes da construção, tratamento e análise do *corpus* em conjunto com a devida análise e interpretação dos resultados, no capítulo 5.

5 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A PRÁTICA DA CAPOEIRA

5.1 Capoeira, cultura popular e mestres/mestras de capoeira

Segundo os autores Luiz Viera e Matthias Assunção, a percepção sobre a capoeira teria passado por mudanças radicais, como se verifica no trecho abaixo:

> De ofensa contra a ordem pública, passível de correição imediata com açoite, e de costume bárbaro de negro, obstáculo ao progresso que precisava ser erradicado, passou a ser vista como folclore exótico, digno de preservação e matriz de uma luta genuinamente brasileira. Mais recentemente, cresceu a ênfase sobre a dimensão cultural da arte (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p. 10).

Como já mencionamos anteriormente, o fenômeno da capoeira está intimamente ligado às raízes das culturas afro-brasileiras, as quais já passaram por tempos de perseguição, seja pela escravidão de pessoas africanas ou por leis marcadas pelo racismo estrutural. Todavia, como Vieira e Assunção mencionam, a capoeira, atualmente, estaria em um momento de ampliação de significados. Assim,

> Se os atuais praticantes se acostumaram a ouvir de seus mestres e professores histórias sobre perseguição, rodas interrompidas pela polícia e correrias nas praças e festas de largo, a realidade que passaram a viver é, regra geral, completamente diferente. A capoeira tem-se inserido nas instituições e no contexto político mais amplo por muitas vias, alterando dramaticamente sua prática e seu significado. Este cenário acelerado de mudança traz novos desafios tanto para os capoeiristas quanto para o Estado e os produtores culturais (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p. 16).

Vieira e Assunção, no entanto, frisam que o cenário da capoeira é complexo, principalmente por uma série de questões relacionadas à sua história e ao seu desenvolvimento. Sobre isso, eles argumentam:

> Se as gerações anteriores precisaram lidar com um possível desaparecimento da capoeira – uma vez que isso, de fato, ocorreu com outras manifestações brasileiras de danças de combate ou lutas viris, como o batuque, a pernada carioca e a tiririca – os dilemas que se apresentam no cenário atual são de ordem completamente diferente. A capoeira está presente no dia a dia dos brasileiros e difundiu-se como um dos principais símbolos da cultura brasileira no exterior. Nessa trajetória de massificação e expansão internacional – às vezes como desporto, outras vezes como manifestação predominantemente cultural – constroem-se e reforçam se diversos estereótipos. Como em qualquer outro processo relacionado à dinâmica cultural, há ganhos e perdas (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p. 16).

No entanto, Vieira e Assunção (2008) consideram que um dos desafios da capoeira contemporânea diz respeito à forma como seria realizada à transmissão das tradições e dos conhecimentos ancestrais, apontando como atores fundamentais os/as mestres/metras e os/as professores/professoras. Podemos, ainda, considerar as palavras de Paiva tanto sobre essa prática quanto acerca de seus/suas mestres/metras:

> A Capoeira - herança dos povos africanos - tornou-se presente no Brasil há cerca de três séculos. No entanto, o desafio assumido para apreender as mudanças que a Capoeira vem passando, destacando a construção do mestre, foi privilegiar o século XX em diante, haja vista o fato de a titulação de mestre na Capoeira ter sido gestada nesse século, assim como os deslocamentos sociais - mudanças materiais e simbólicas - que fazem parte da história mais recente da Capoeira (PAIVA, 2007, p. 155).

Nesse sentido, buscamos compreender os processos comunicacionais relativos à transmissão de conhecimentos e saberes da capoeira na contemporaneidade. Inicialmente, observamos que uma das principais fontes de comunicação e de transmissão de informações é a tradição de "história oral como fonte da transmissão do conhecimento, sendo a mesma passada de geração a geração" (SILVA; SANTOS; MILDER, 2014, p.2). Esse meio é recorrente, principalmente entre os/as mestres/mestras de capoeira, que a ele recorrem para passarem adiante seus saberes para alunos/alunas e discípulos/discípulas. Sobre essa tradição oral, Paul Thompson (1998, p. 337) argumenta que ela "devolve a história às pessoas em suas próprias palavras", acrescentando que a história oral, "ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas". Acerca visão, ainda nos apoiamos nas palavras de Alessandro Portelli, que classifica a história oral como:

> [...] uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística (PORTELLI, 2001, p. 10).

Entre as formas de se comunicar, segundo Ilnete Paiva, a capoeira também recorreria a outras formas de expressão por meio das formas simbólicas, conforme o seguinte trecho:

> Como se pode perceber, a Capoeira tem formas simbólicas particulares que se expressam nas representações, simbolismo, imagem, ritual, gestualidade, musicalidade, tradição. Ela tem espaço e tempo. Ela tem história. E tem os mestres (PAIVA, 2007, p. 129).

Nesse sentido, daremos, nesta tese, ênfase principalmente aos/às mestres/mestras de capoeira, classificando-os/as como fontes principais de informação sobre essa prática, uma vez que eles/elas são o/a principal agente nesse sistema de conhecimento e transmissão. Por isso, a eles/elas é concedido o papel de autoridade máxima, principalmente na propagação da continuidade da capoeira para os/as seus/suas aprendizes. A respeito desse cenário, Paiva menciona:

> A Capoeira é um fenômeno social. Onde tem capoeiristas tem agrupamentos, o que implica em ter alguém responsável. A depender da época - como responsáveis pelos agrupamentos - temos os chefes, os donos, os líderes, os mestres (PAIVA, 2007, p. 130-131).

Em relação à capoeira, não existe um manual de regras formalizado e padronizado, ficando a cargo do/da mestre/mestra estabelecer as diretrizes. Portanto, essa não normalização de regras seria um dos principais responsáveis pela diversidade encontrada na capoeira (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008). Pedro Abib (2015) classifica o/a mestre/mestra de capoeira como um "guardião da memória" e menciona que essa função é herdada de mestres/mestras anteriores, gerando um ciclo de conhecimento e memória viva. De acordo com o autor, o/a mestre/mestra

> É aquele que é respeitado por todos como alguém que com o tempo foi assumindo essa função, herdada de outro mestre mais antigo que delegou a ele essa responsabilidade. Mas, sobretudo, é aquele que é reconhecido pela sua comunidade como alguém que tem sabedoria de exercer essa função. E esse reconhecimento é algo adquirido ao logo do tempo, pacientemente mais ou menos na mesma época em que vão chegando também as rugas no rosto e os primeiros cabelos brancos (ABIB, 2015, p. 55).

Segundo Paiva (2007), que estudou a construção social dos mestres/mestras de capoeira, e os/as classifica também como mestres/mestras da cultura popular, explica que o/a mestre/mestra, além de possuir conhecimento, deve, principalmente, conseguir transmitir esses saberes. A autora faz uma reflexão de como seria essa relação entre o conhecimento e a transmissão do saber, e seus argumentos ainda serviriam para outras categorias de mestres/mestras, conforme demonstra o seguinte excerto:

> Possuir um conhecimento, uma arte, um ofício, uma habilidade, um saber que tem sua história inserida no território popular, credencia um mestre a pertencer à categoria de mestre da Cultura Popular. No entanto, apenas ter essas atribuições é insuficiente, haja vista que nesse campo, para ser um mestre é necessário transmitir conhecimento. Ensinar o saber que domina, proporciona uma pessoa ser reconhecida como mestre. A pesquisa nos possibilitou identificar e reconhecer os mestres de Capoeira como mestres da Cultura Popular pelo fato de a Capoeira ser considerada uma manifestação da Cultura Popular. Presentes em diversas manifestações, os

> mestres são responsáveis em transmitir o que aprenderam à geração seguinte (PAIVA, 2007, p. 123).

Nesse caso, é imprescindível que o/a mestre/mestra de capoeira tenha conhecimento, principalmente os herdados de seus antecessores/antecessoras e da ancestralidade da capoeira, pois, dessa forma, a capoeira mantém sua dinamicidade. Segundo Paiva (2007, p.130), "passadas através da oralidade, muitas das histórias recontadas pelos velhos mestres não foram vividas por eles", o que implicaria a continuidade de uma história. Assim, muitos/muitas mestres/mestras de capoeira recorrem à história oral como fonte de propagação de saberes, como citamos acima.

Porém, é importante esclarecer que esses saberes não são cristalizados, pois já houve tempos em que se discutiu de que maneira esse conhecimento deveria ser oficializado, perguntando-se, por exemplo, se esses/essas professores/professoras ou mestres/mestras de capoeira deveriam ter curso superior. Conforme explica Paiva (2007), no processo de formação desses/dessas mestres/mestras, não se deve exigir a necessidade de legitimação pelo campo acadêmico, pois a desfavorável situação econômica desses/dessas antigos/antigas mestres/mestras resultaria em um desprovimento de capital escolar, como fica claro nas palavras da autora:

> Os mestres aos quais estamos nos referindo aqui não são aqueles legitimados pelo campo acadêmico. Muitos deles não possuem os títulos escolares. O saber que carregam não foi adquirido nas instituições educacionais. Ter ou não capital escolar não faz diferença para a construção social desses mestres. Os mestres da Cultura Popular, na sua grande maioria, não passaram pelos bancos escolares. (PAIVA, 2007, p. 128).

Considerando esse contexto, compreendemos que certo nível de influência é encontrado entre os/as mestres/mestras de capoeira e seus/suas antecessores/antecessoras africanos/africanas, os *griôs*. Os *griôs* transmitiam, de forma oral, vivências e saberes, em reuniões, passando esse conhecimento de geração em geração; nessa socialização de saberes e cultura, pela tradição oral africana, vêm sendo preservados, por séculos, a história e os saberes dos povos africanos. Exemplo dessa tradição está no fato de, frequentemente, encontrarmos, em uma sessão de treino de capoeira, uma roda de conversa entre o/a mestre/mestra e seus/suas alunos/alunas. Assim, a tradição oral na capoeira é regada de segredos e saberes, os quais, porém, são negados àqueles/àquelas que queiram, de fato, engajar-se nessa arte.

Como Abib (2015, p. 56) menciona, um dos principais nomes da capoeira angola, o mestre Pastinha, tinha uma frase icônica sobre essa posição: "O mestre guarda segredos, mas

não nega explicação". Abib comenta que é difícil ter esse conhecimento sem a experiência, ou seja, "é muito difícil que isso aconteça antes que esse sujeito tenha uma experiência de várias décadas envolvido com essa manifestação" (ABIB, 2015, p. 55).

É preciso ressaltar que é imprescindível que o/a mestre/mestra de capoeira tenha conhecimento sobre os saberes da capoeira, porque, caso isso não ocorra, ele/ela não pode denominar uma pessoa pelo mesmo termo. Esse conhecimento vai desde a história da capoeira até os movimentos corporais, com a compreensão de que "o verdadeiro mestre é aquele que não tem pressa, que sabe que o tempo é quem vai dar-lhe as condições de exercer essa função quase sagrada, com toda a sabedoria que ela exige" (ABIB, 2015, p. 55). Por isso, vemos antigos/antigas mestres/mestras reconhecidos/reconhecidas por serem grandes contadores/contadoras de história, cantadores/cantadoras, dançadores/dançadoras, mandingueiros/mandingueiras, atletas etc.

Nesse caso, o/a mestre/mestra de capoeira pode ser comparado/comparada ao influenciador/influenciadora pessoal ou "líder de opinião", termo utilizado por Lazarsfeld, Berelson e Guadet (1967). O professor Luiz Mauro Sá Martino (2008) comenta que, para ser líder de opinião, é necessário ter reconhecimento dos/das "outros"/ "outras", e "essa figura não está acima das outras pessoas em termos absolutos, mas apenas no momento em que sua informação, experiência e ponto de vista se tornam necessários para tomada de decisão ou formação de opinião de grupo" (MARTINO, 2018, p. 28). Tratando-se do/da mestre/mestra de capoeira, o seu papel só é destacado porque possui admiração dos/das seus/suas pares, ou seja, ele/ela é reconhecido pela comunidade que está inserido/inserida. Paiva (2007), acerca desse reconhecimento, relata um momento vivido em sua pesquisa:

> No campo capoeirístico, quando o tema em evidência é o título de mestre, a ideia predominante é de que o título dado a um capoeirista parte do mestre. Um dos discursos recorrentes nas falas dos mestres é de que este é dado pela comunidade que o reconhece e legitima como tal. A princípio, o entendimento que tive a respeito da comunidade a qual os capoeiristas se referiam era a dos seus pares, ou seja, os mestres de Capoeira, a comunidade da capoeira, como costumam dizer os capoeiristas. No desenvolver da pesquisa, compreendi que na Capoeira, comunidade não tinha apenas esse significado. Ela também representa as pessoas com quem os mestres estão em contato diretamente, ou seja, são os seus alunos, as pessoas que fazem parte do seu grupo (PAIVA, 2007, p. 128).

Nesse contexto, o autointitulamento de jovens entre 20 e 30 anos como mestres/mestras de capoeira é uma das questões que mais preocupa Abib (2015). Afinal, para ele, isso fere uma série de normas e regras da ancestralidade da capoeira, principalmente por esses/essas jovens não terem a experiência necessária. O autor ainda fala que a capoeira "tem

no mestre seu o principal veículo de transmissão" (ABIB, 2015, p. 56), tendo, então, como principal meio de propagação e sobrevivência da prática o/a mestre/mestra de capoeira. Abib (2015, p.56) lembra também que, "um tempo de mercado e profissionalização do capoeirista fazem com que sejam queimadas etapas muito importantes no processo de formação do mestre de capoeira".

Por isso, podemos caracterizar a/o mestre/mestra de capoeira não como aquele/aquela que tem somente vigor físico/atlético, mas, sim, aquele/aquela que consegue comunicar/transmitir/ensinar a sua sabedoria, ou seja, ser uma fonte viva de saberes daquele grupo, e, para isso, é necessário envolvimento com a prática.

No entanto, Vieira e Assunção esclarecem que um dos desafios da capoeira contemporânea é justamente a questão dos requisitos necessários para tornar-se mestre/mestra de capoeira:

> Uma das questões que identificamos como fundamentais no debate contemporâneo diz respeito à transmissão das tradições e dos conhecimentos ancestrais da capoeira. Essa temática materializa-se na discussão sobre quais são as condições exigíveis para que um praticante da arte se torne professor ou mestre. Afinal, a noção tradicional de mestre – indivíduo reconhecido pela comunidade e portador de saberes ancestrais, transmitidos por oralidade e pela convivência cotidiana e prolongada com o discípulo – vem sendo substituída pelo capoeirista cuja condição de mestre passa a ser outorgada por determinado grupo, federação ou alguma entidade de caráter mais ou menos oficial (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p.16).

Ainda sobre os processos comunicacionais na capoeira, não podemos deixar de mencionar que, nesse âmbito, ainda existem possibilidades de análise que vão além da oralidade, ou da história oral, ou dos/das mestres/mestras. Encontramos outras possibilidades de estudos, como o realizado por Arruda e Gushiken (2015), que fazem uma análise do processo comunicacional pela perspectiva da teoria da folkcomunicação, da roda de capoeira. Os autores argumentam que a roda de capoeira em si tem muito para informar, principalmente por meio do corpo:

> Na capoeira, os manejos do corpo, as batidas de palmas, a agilidade da mandinga e a complexidade dos golpes compõem as tramas de mensagens que precisam ser decodificadas no momento do jogo, exigindo raciocínio rápido e resposta ágil em forma de movimento. Os processos comunicacionais, portanto, expandem-se para muito além do código verbal, redefinindo, epistemicamente, o que se comunica e como através do corpo (ARRUDA; GUSHIKEN, 2015, p. 114).

Para esses autores, a roda de capoeira está envolvida em um universo simbólico, "que une canto, cantoria, códigos sociais, identificações culturais, coordenação, ritmo, equilíbrio,

além da percepção do próprio corpo, dos objetos, das formas, das linhas e das cores" (ARRUDA; GUSHIKEN, 2015, p. 114). A roda de capoeira em si representa, então, uma série de simbolismos: desde o primeiro toque de berimbau até as batidas de palmas, tudo faz parte do jogo de capoeira, e isso faz com que o momento não seja exclusivo dos dois adversários no meio da roda, ou seja, o jogo é compreendido na totalidade; por isso, sem roda de capoeira, não se tem um jogo de capoeira; logo, ela também é um processo comunicacional.

A comunicação corporal é observada principalmente na roda de capoeira, como explicam Ferreira e Silva: "Assim, toda roda de Capoeira é responsável por construir sua corporeidade, já que faz parte desse processo de valores que existem numa prática corporal" (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 671). Entretanto, o principal motor dessa roda continuaria sendo o/a mestre/mestra de capoeira, figura que permitiu, e ainda permite, que as memórias e conhecimentos de seus/suas antepassados/antepassadas sejam vívidos e contínuos.

Diante disso, podemos apontar os/as mestres/mestras de capoeira como exímios/exímias comunicadores/comunicadoras, e não temos dúvidas de sua importância para essa prática, principalmente por sua valorização pelos/pelas outros/outras pares, que perpassa a capoeira, mas também abrange a comunidade em que ela está inserida. No breve contato que tivemos com alguns grupos de mestres/mestras de capoeira, antes da pandemia de Covid-19, observamos o respeito e a admiração por todos/todas aqueles/aquelas que fazem parte do universo da capoeira, como os pais e as mães de alunos/alunas, e os movimentos negros, incluindo-se tanto a esfera pública como a política.

Como uma voz ativa nessas comunidades, os/as mestres/mestras de capoeira, muitas vezes são responsáveis por ser o/a porta-voz dessas pessoas, são aqueles/aquelas responsáveis por despertar uma identidade, gerando identificação (HALL, 2013).

Um grande exemplo de mestre capoeira ativista é o falecido Moa do Katendê. Mestre Moa era um ativista nas reivindicações das pessoas negras, e lutou contra a intolerância, a discriminação, o preconceito e o racismo. Esse mestre sempre buscou a defesa das tradições africanas, e, como era um comunicador, percorria o mundo divulgando variadas formas de arte, visto que, além de mestre de capoeira, ele era dançarino, cantor, compositor, percussionista, artesão, *ogã* e criador dos blocos de Afoxé: Afoxé Badauê (1978) e Amigos do Katendê (1995). Infelizmente, o mestre Moa foi assassinado em 2018, por se declarar a favor do Partido dos Trabalhadores (PT); no entanto, ele deixou um legado de realizações, conforme comenta Ricardo do Nascimento, ao lembrar a trajetória desse ativista:

> [...] era um homem negro marcado por sua própria cultura e dela fez uso sempre como meio de sobrevivência e afirmação identitária. Segundo nos disse o mestre, a ginga é o grande segredo da cultura afrodiaspórica, estando presente em várias práticas culturais de matrizes africanas. Enquanto dispositivo estético, mas que enseja mecanismos de navegação social, a ginga foi na verdade o artefato que permitiu ao mestre, como homem negro, periférico e vítima de preconceito racial, manter-se vivo. Com efeito, a ginga foi seu ganha-pão e seu instrumento de desenrasque social (NASCIMENTO, 2019, p. 48).

O mestre Moa é um entre vários outros exemplos de mestres/mestras de capoeira que se engajam em lutas e reivindicações, sendo eles/elas agentes da comunicação popular. No caso de Moa, ele utilizava sua rica oralidade e seu gingado, com intuito de comunicar suas reivindicações; por isso, poderíamos comparar essa atitude à de um mediador ativista da folkcomunicação (TRIGUEIRO, 2013).

Com o reconhecimento nacional, e, posteriormente, mundial da capoeira, tendo em vista seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, sua prática passou/passa por uma expansão global, sendo hoje possível afirmar que ela é praticada nos cinco continentes. Nesse caso, o/a principal divulgador/divulgadora da arte no exterior passou ser o/a mestre/mestra de capoeira. Assim, vimos mestres/mestras, como o mestre João Grande, levarem seus ensinamentos da Bahia para cidades como Nova York, mostrando que as tradições locais estão sendo comunicadas em um nível global. Os ensinamentos do mestre foram reconhecidos, tanto que ele se tornou doutor honoris causa pela Upsala College, de Nova Jersey, em 1994. Por divulgarem a cultura brasileira e alcançarem reconhecimento global, mestres/mestras como João Grande podem ser classificados como mediadores ativistas da folkcomunicação (TRIGUEIRO, 2013), pois são uma audiência viva, sendo emissores/emissoras da sua cultura nessa divulgação.

Dessa forma, esses mestres/mestras de capoeira são ativos em uma série de causas sociais e culturais de suas comunidades, principalmente por terem ligações com os movimentos de reivindicações negros. Nesse caso, os/as mestres/mestras de capoeira mostram que, apesar de a capoeira estar vivendo momentos de glória, seus/suas antecessores, em um passado não muito distante, precisaram reinventar-se e resistir a uma série de opressões para que arte ainda pudesse estar entre nós.

Como já dissemos, a capoeira, sendo uma manifestação coletiva, tem no/na mestre/mestra de capoeira seu/sua principal agente comunicacional. Luiz Beltrão (2013a; 2013b) nos mostra que, pela perspectiva folkcomunicional, é possível compreender a cultura popular a partir de suas práticas comunicacionais. Nesse viés, a capoeira, por todas as suas

tradições e uma repleta lista de saberes que vem do povo, pode ser associada à cultura popular e ao folclore, que é dinâmico e vivo (CARNEIRO, 2013; 2008).

O/a mestre/mestra de capoeira, nesse sentido, seria também um/uma "guardião"/"guardiã" dos saberes populares, atuando como um ponto de referência local e global para a permanência da prática. Nesse sentido, o/a mestre/mestra de capoeira torna-se memória viva, e assume a responsabilidade de perpetuação da prática. Porém, muitas vezes, esses/essas mestres/mestras não são devidamente reconhecidos/reconhecidas e acabam vivendo de promessas e na miséria. Para exemplificar essa situação, basta considerar os dois principais nomes da capoeira contemporânea, mestre Pastinha e mestre Bimba, os quais passaram os últimos anos de vida na miséria. Diante do racismo estrutural, esse é um tratamento comum aos heróis/heroínas negros/negras deste país.

5.2 As redes sociais digitais na difusão da capoeira

Diante da proposta analítica discursiva desta tese, que foi apresentada no *corpus* da pesquisa, e dos apontamentos realizados anteriormente, de que os/as mestres/metras seriam os/as principais comunicadores/comunicadoras, principalmente por meio da oralidade, indicaremos agora como a capoeira age nas redes digitas. Nesse sentido, novamente focamos nossa atenção nos/nas mestres/mestras de capoeira, mostrando como eles/elas difundiriam a capoeira por meio dessas redes.

Um dos pontos mais evidentes da contemporaneidade é a emergência de tecnologias e redes digitais de que a sociedade dispõe. Assim, um dos principais aspectos relacionados à convivência é a sua virtualidade. O antropólogo argentino Néstor García Canclini compreende que "as redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo" (CANCLINI, 2008, p. 54). Para ele, as culturas daqueles/daquelas apesar da distância, em época de navegação de web e redes, se tornariam espontaneamente acessíveis, e, por vezes, familiares (CANCLINI, 2018).

Entretanto, a prática da capoeira tem, em seus processos comunicacionais, ainda hoje, as mesmas tendências e tradições praticadas pelas pessoas africanas escravizadas, ou seja, para aprender essa prática faz-se necessário estar em uma roda de capoeira. Mas, como se verificou na revisão de literatura desta tese, são encontradas variadas formas de propagação de informação sobre a capoeira em um nível midiático, inclusive nas plataformas digitais (ABREU, 2012; FERREIRA, 2016a; 2013; MARCHESI, 2012; RIOS, 2018). Com isso, fica

demonstrado que a capoeira também busca se reinventar nos meios digitais. Exemplo disso é que, mesmo com toda uma tradição atrelada à oralidade e à prática na roda de capoeira, é possível ver antigos/antigas mestres/mestras difundindo a prática nos meios digitais, principalmente por conteúdos de multimídia, como os vídeos no *Youtube*. Sobre a difusão da capoeira na internet, principalmente por websites, Muleka Mwewa constata:

> Num universo de mais de dez mil (10.000) sites que veiculam informações a respeito da capoeira, não seria inverdade afirmar que os capoeiras, como qualquer internauta, de alguma forma, pautam as suas ações também a partir das informações obtidas nas páginas dos grupos na Internet (MWEWA, 2007, p. 53).

Segundo Mwewa (2007), a maioria desses sites seriam uma espécie de cartão de visita dos grupos de capoeira, tanto nacionais quanto internacionais. Assim, podemos afirmar que a maior parte dos sites sobre o universo da capoeira são páginas específicas de determinados grupos, sendo esta uma opção para a divulgação dos grupos. Entretanto, encontram-se vários sites relacionados à divulgação da capoeira, de maneira mais abrangente, ou seja, com o interesse de informar os/as interessados/interessadas sobre o universo capoeirístico, como uma mídia especializada, não se tratando apenas de grupos específicos. No entanto, mesmo assim, são encontradas certas divisões em alguns sites sobre capoeira, como a estilística (regional, angola etc.).

Mas, no que tange à digitalização das informações, não poderíamos deixar de comentar que muitos/muitas capoeiristas, principalmente os/as antigos/antigas mestres/mestras, ainda não contam com acesso à internet, pois, como foi revelado durante o período da pandemia de Covid-19, o acesso a equipamentos e até mesmo à internet, no Brasil, é altamente desigual principalmente se considerarmos questões econômicas e sociais, uma vez que testemunhamos muitos/muitas alunos/alunas abandonarem seus estudos por não terem acesso à tecnologia.

Acerca, então, da digitalização da capoeira na contemporaneidade, Mwewa enfatiza:

> Assim como em outros tempos, os mecanismos de dominação metamorfosearam-se, porém o "esqueleto" permanece semelhante, ou seja, subjugar certas camadas da população a partir do princípio da exclusão para privilegiar outras continua sendo uma máxima. Isso se dá a partir de diferentes maneiras, nas quais os meios de comunicação e do cotidiano se sobressaem: a televisão, as revistas, os sites na sub-rede mundial de computadores (WWW), os outdoors, os discursos dos professores, dos políticos, dos mestres de capoeira, dos colegas da escola, dos pais, enfim, inúmeros meios de (con)formar o indivíduo na/para a sociedade. Diferentes segmentos sociais, em especial aqui os capoeiras, se valem de sites e revistas, por exemplo, como tecnologias para disseminar e propagar as suas convicções políticas, sociais, culturais e mercadológicas (MWEWA, 2007, p. 52).

Seguindo o contexto de produção dos discursos na capoeira, encontramos, nos estudos de Mwewa (2007), uma vasta pesquisa de como se davam as informações sobre a essa prática, relacionando-a com o consumo midiático. Com esse propósito, o autor faz um levantamento de como se comportaria a capoeira no universo virtual, pesquisando websites sobre o tema; assim, percebe que parte dos websites tinha o conteúdo informativo sobre a prática, mas quem assinaria os textos mais importantes seriam pessoas com autoridade universitária, sendo quase uma exigência, para falar de capoeira, que o comunicador tenha alguma formação acadêmica. Sobre isso, o autor constata:

> Nos sites em que há uma veiculação de assuntos que podemos classificar como "acadêmicos", o responsável, isto é, quem assina os textos mais importantes, é sempre alguém com autoridade universitária. Se ele não for conhecido nacionalmente ou no universo específico da capoeira, a sua formação acadêmica vem acompanhando o nome na assinatura da matéria (MWEWA, 2007, p. 53).

Ao analisar as temáticas dessas matérias, Mwewa (2007) observa que elas podem ser de cunho histórico, também sobre preparação física, informações gerais etc., mas que a maioria dessas matérias sobre estaria relacionada a questões de preparações técnicas e físicas. Da mesma forma, encontramos essa linha de conteúdos em outras publicações sobre artes marciais, em que grande parte das matérias seriam a respeito de saúde e preparação física, como ocorre em relação ao jiu-jitsu (MARCELLO, 2017). Mwewa ainda complementa que

> Nas matérias que se relacionam à preparação técnica e física, tratando de alongamento, cuidados com a alimentação, recomendações sobre boa saúde etc. são também especialistas com a devida formação no assunto que as assinam. É importante afirmar que estas matérias fazem parte da grande maioria dos sites. Esta prática pode ser comparada à de diversas revistas ilustradas, mais precisamente aquelas dirigidas ao público feminino, como por exemplo, a *Boa Forma* e a *Capricho*, mas também às revistas de capoeira (MWEWA, 2007, p. 53, grifos do autor).

Tratando da capoeira em outros espaços, os autores Luiz Viera e Matthias Assunção (2008, p. 10) salientam que, "além da esfera estritamente acadêmica e do universo próprio da arte, a capoeira está cada vez mais presente em muitas outras esferas sociais, desde os palcos de teatro e salas de cinema aos anúncios de publicidade".

Na pesquisa para esta tese, foram encontrados conteúdos, inclusive jornalísticos, além de blogs e até portais produzidos pelos/pelas mestres/mestras e outras/outras praticantes de capoeira. Diferentemente do que indicavam alguns apontamentos anteriores, muitas dessas webpáginas seriam produzidas por pessoas familiarizadas com capoeira, mesmo aquelas que

tivessem alguma complementação acadêmica. Nesses ambientes virtuais encontramos assuntos variados, desde a história da capoeira e de mestres/mestras até assuntos mais complexos, que não são especificamente dessa área, como racismo, machismo, pedofilia etc.

Dentre esses sites, encontramos o *Portal Capoeira*, considerado um dos principais sites sobre o universo da capoeira. Nele observamos uma ampla presença de mestres/mestras, professores/professoras e praticantes da capoeira como colaboradores/colaboradoras na construção de conteúdos, inclusive jornalísticos.

O *Portal Capoeira*, entre outros sites, mostra que os/as mestres/mestra buscam novas condições para propagação de seus saberes e conhecimentos sobre a capoeira, entre elas, a utilização dos meios digitais. E, mesmo que isso represente uma pequena parcela de produção de conteúdos, diante das tradições da oralidade, foram observados, nesses sites, os mesmos esquemas de transmissão de informação da capoeiragem, ou seja, ainda que os sites buscassem construir matérias sobre a capoeira, também eram preservadas estruturas de uma conversa de mestre/mestra com os/as seus/suas aprendizes/aprendizas, inclusive sobre assuntos como o racismo.

Dando o devido seguimento à tese, falaremos mais especificamente sobre o *Portal Capoeira*, site que foi selecionado como recorte para análise dos discursos críticos à ideologia/antirracistas. No tópico a seguir, detalharemos o site e sua importância para a capoeira, fazendo um breve relato sobre seu desenvolvimento e suas características.

5.3 Portal Capoeira

Buscando construir os contextos de produção dos discursos críticos à ideologia na capoeira – principalmente dos/das mestres/mestras de capoeira –, apresentaremos agora o site que serviu como recorte escolhido. Em nossas buscas, tivemos a oportunidade de encontrar um site especializado em capoeira, o *Portal Capoeira*. Pesquisá-lo oportunizaria relacionar os discursos dos/das mestres/mestres de capoeira à midiatização. Afinal, nele, estão presentes pessoas ativas na capoeira, como os mestres/mestras, que atuam como colaboradores/colaboradoras na construção de suas matérias.

Esse site visa a trazer informações sobre o universo da capoeira, contando com uma periodicidade de 10 a 15 dias para postar novos conteúdos. Para elaboração dessas informações, especialmente sobre a capoeira, o site conta com diversos/diversas colaboradores/colaboradoras, principalmente pessoas ligadas, de alguma maneira, à capoeira. Por isso, esse portal é amplamente acessado por leitores/leitoras interessados no universo da capoeiragem, os/as quais buscam informar-se, nos meios digitais, sobre a arte.

No referido portal, identificamos a constância de alguns gêneros jornalísticos. Como Marques de Mello e Assis (2016) explicam, o trabalho jornalístico divide-se em dois estágios complementares: gênero e formatos. Segundo os autores, esses estágios são inseridos em "dois elementos na ampla esfera dos processos comunicacionais, especialmente no tocante aos fluxos de distribuição de mensagens midiáticas, isto é, aqueles que dependem, necessariamente, dos meios massivos ou digitais para tramitar coletivamente" (MARQUES DE MELLO; ASSIS, 2016).

Marques de Mello ainda detalha:

> O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos (MARQUES DE MELO, 2009, p.35).

Para Marques de Mello e Assis (2016), o jornalismo é entendido "como categoria pertencente à modalidade de Comunicação periódica, inserida no conjunto da Comunicação massiva, dentro do campo da Comunicação" (MARQUES DE MELLO; ASSIS, 2016, p. 48). No seguinte trecho, ainda definem

> [...] o processo jornalístico e suas ramificações sucessivas, de acordo com o conceito estrutural de Comunicação. Sua importância, como marco teórico, é exatamente sinalizar que estamos tratando de uma atividade não apenas humana ou linguística, mas, principalmente, de Comunicação, motivo pelo qual devemos nos ater às particularidades desse universo. Seguindo essa linha de raciocínio, gênero jornalístico é a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (MARQUES DE MELLO; ASSIS, 2016, p. 49).

Ainda sobre os gêneros jornalísticos, Marques de Mello e Assis (2016, p. 49) mencionam que duas características definem um gênero: "sua aptidão para agrupar diferentes formatos – todos com caracteres comuns, embora diferentes entre si – e sua função social". Dessa forma, são propostos, pelos autores, alguns panoramas do gênero jornalístico (MARQUES DE MELLO; ASSIS, 2016, p. 49), citados a seguir:

- informativo: vigilância social (nota, notícia, reportagem e entrevista);
- opinativo: fórum de ideias (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, carta, crônica);

- interpretativo: papel educativo, esclarecedor (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê);
- diversional: distração, lazer (história de interesse humano e história colorida);
- utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas (indicador, cotação, roteiro e serviço).

Diante desse panorama, site *Portal Capoeira* insere-se no gênero jornalístico informativo (notas, notícias, entrevistas), uma vez que busca informar, de maneira massiva, seus/suas leitores/leitoras sobre a capoeira, sempre buscando novos conteúdos com periodicidade regular. Além disso, também encontramos no site textos com características opinativas (comentários, artigos, crônicas); por exemplo, as crônicas de mestres/mestras e pesquisadores/pesquisadoras.

Sendo assim, após os devidos esclarecimentos acerca dos gêneros jornalísticos, descreveremos o site selecionado, a fim de que o leitor/leitora se familiarize com o contexto de produção dos discursos analisados.

Com esse intuito, apresentaremos brevemente o site, tratando de quem o desenvolveu e o mantém e discutindo como ele funciona (sua interface), além de quem são seus/suas principais colaboradores/colaboradoras. Ainda transcrevemos trechos de uma conversa informal com o desenvolvedor do site, o mestre Luciano Milani[9], e outras informações relevantes sobre esse ambiente virtual.

O *Portal da Capoeira* surgiu de maneira inusitada e atravessada por uma trajetória pessoal de um mestre de capoeira, o mestre Luciano Milani. Este, portanto, é peça fundamental para o desenvolvimento do site, sendo ele o idealizador dessa plataforma.

Na busca de novas oportunidades, mestre Luciano Milani – que pratica capoeira desde os seus 14 anos, ingressando ainda jovem no grupo de Capoeira Vera Cruz, de Mestre Silvestre (MARCHESI, 2012) – partiu, em 2002, para o continente europeu, mais especificamente para Portugal, onde encontraria emprego e estabeleceria residência. Milani nos contou que, distante de seu país, nessa nova empreitada, teria várias memórias afetivas que lhe trariam saudades, principalmente da capoeira, já que ele não conseguiu, naquele primeiro momento, continuar treinando ou dando aulas desse esporte, por variados motivos. Essa saudade do Brasil e da capoeira foi relevante para a criação e o desenvolvimento do site,

[9] Informações relatadas por Luciano Milani, no dia 17 de novembro de 2022, numa conversa informal que tivemos via aplicativo *Googlemeet*. Essa conversa foi agendada após um primeiro contato por e-mail. O mestre Luciano Milani nos atendeu de maneira muito cordial, mesmo com uma rotina bastante atarefada. Por isso, a conversa, que durou por volta de uma hora, foi realizada após o seu expediente de trabalho, para não atrapalhar a rotina do mestre. Luciano mora atualmente em Portugal e, por questões de fuso horário, a conversa foi realizada às 16 h (horário do Brasil), às 19h (horário de Portugal).

como o próprio mestre nos relatou. Segundo ele, essa foi uma forma que encontrou de, novamente, ter a capoeira presente no seu dia a dia. Logo, foi desse desejo de reencontro do mestre com a capoeira que se originou o site.

Entre os anos de 2003 e 2004, Milani começou a escrever sobre a capoeira, em um blog pessoal. Essa iniciativa de escrever sobre o tema de maneira bastante subjetiva, foi um modo de voltar a fazer capoeiragem, de acordo como mestre. Assim, ao começar escrever sobre capoeira, Luciano Milani percebeu o interesse de um público ligado à capoeira, inclusive de seus amigos/amigas, que, de certa maneira, também influenciaram o amadurecimento da iniciativa. Diante disso, ele idealizou o que se tornaria o site *Portal Capoeira*, em 2005, de forma que, "nasce então a ideia de criar um espaço totalmente voltado para a capoeira, 'sem fronteiras nem bandeiras'" (MARCHISE, 2012, p. 192). A princípio, Milani tinha um único objetivo: criar um espaço para tratar sobre a capoeira e os/as capoeiristas, de maneira geral; ou seja, um site que atendesse a todos/todas os/as interessados/interessadas em se informar sobre a capoeiragem.

O site representou duas mudanças na vida do mestre: a primeira foi estreitar os laços com a capoeira, perdidos pela distância de sua pátria, levando-o, inclusive, a voltar a ensinar capoeira, mas, dessa vez, em Portugal; e a segunda foi descobrir que existia um público interessado nos conteúdos sobre capoeira que ele escrevia.

Conforme mestre Luciano Milani nos relatou, outra questão importante com a criação do site, agora representando uma visibilidade maior para a capoeira, seria que o site não trataria apenas de conteúdos de um grupo específico. Ou seja, a intenção principal era retratar o universo da capoeira, porém, sem uma "bandeira", por exemplo, de um grupo ou de estilos específicos (angola, regional etc.), pois:

> Na época, existiam apenas sites de grupos de capoeira, e alguns poucos sites voltados para a cultura da capoeira de uma forma geral, como o Capoeira.com, de Mestre Acordeon, ou o Capoeira do Brasil. Luciano queria um site democrático, que falasse de todos os grupos (MERCHISE, 2012, p. 192).

Esta seria a missão e o objetivo principal do site: ter uma ampla divulgação da capoeira, mas "de forma democrática, coerente e imparcial", ou seja, o portal trataria da capoeira em todos os seus aspectos, sem suas segmentações (angola, regional etc.).

O site tornar-se-ia, então, uma das principais fontes de conteúdos midiáticos digitais sobre capoeira. Segundo Marchesi (2012, p.187), o "Portal Capoeira é o maior e mais completo site sobre capoeira em língua portuguesa". Nesse site, encontramos variados conteúdos sobre a prática da capoeira, produzidos com a colaboração de pessoas ligadas à

prática, principalmente mestres/mestras. No próprio site, é informado que os conteúdos são elaborados por pessoas especializadas, mas que, além disso, demonstram amor pela capoeiragem.

Nesse universo, portanto, encontramos variados conteúdos de interesse das comunidades capoeiristas, como curiosidades, musicalidade, uma área reservada a falar sobre os/as mestres/mestras, notícias sobre capoeira e afins, entrevistas etc., além de contar com um espaço interativo com o seu público, contando com downloads, galerias de fotos, rádio etc.

Como já havíamos mencionado, na dissertação de mestrado de Mariana Marchesi (2012), encontramos uma pesquisa que buscava mostrar os elos da capoeira com as mídias digitais. Nesta, encontramos informações importantes sobre o site *Portal Capoeira*; entre elas, uma entrevista que Marchesi (2012) faz com o pesquisador de capoeira Pedro Abib. Dessa entrevista, coletamos informações importantes sobre como a relevância do site para a comunidade da capoeira, o qual foi apontado como uma forma de socialização de informações sobre o universo dessa prática. Em síntese, Abib descreveu um espaço que ajudaria no debate da capoeira, principalmente porque alcançaria um maior número de pessoas (MARCHESI, 2012).

De acordo com Marchesi (2012), o *Portal Capoeira* ainda teria como inspiração o *Jornal da Capoeira*, um site desenvolvido até 2006, editado por Miltinho Astronauta, que contava com conteúdos sobre capoeira. Outra informação que nos foi relatada pelo mestre Luciano Milani foi que outra importante inspiração para o desenvolvimento do site foi o falecido mestre Decanio.

Mestre Dacanio, aluno do mestre Bimba, era também médico e costumava escrever artigos sobre a capoeira; ele foi um amigo muito próximo de mestre Milani, sendo uma inspiração para falar sobre capoeira. Mestre Milani ainda nos relatou que mestre Decanio permitiu ele fizesse a migração dos conteúdos de seu site *Capoeira da Bahia* para o *Portal Capoeira*, indicando o tamanho do respeito que mestre Decanio teria pelo site.

Segundo informações encontradas no próprio *Portal Capoeira*, o portal conta com mais de 5,8 mil notícias/artigos publicados e conta com a parceria de mais de 659 grupos/academias/escolas de capoeira, representando cerca de 32,6 mil capoeiristas registrados/registradas. Além disso, em se tratando das mídias sociais, o site possui 39 mil seguidores/seguidoras.

A estrutura do site conta com variados tipos de linguagens, como fotos a vídeos, mas a parte predominante é composta por textos. Essa predominância textual é encontrada na maioria das abas de acesso do site, onde encontramos crônicas, notícias, entrevistas etc. O

portal ainda conta com conteúdos de multimídia, com destaque para a galeria de fotos e para a Rádio Portal Capoeira.

Outro ponto interessante para a interação com seu público é a presença de jogos (palavras-cruzadas, quiz e ligar colunas). Nestes, observamos um resgate da história da capoeira, como ocorre no quiz "Mestres e discípulos"; também destacamos o jogo de ligar as colunas, que relaciona livros sobre capoeira a seus/suas autores/autoras.

Encontram-se, ainda, no site, espaços destinados para publicidade. Em nossa conversa, inclusive, mestre Luciano Milani relatou que a manutenção do site estaria sendo um ato de resistência, pois os custos de hospedagem seriam altos, principalmente por eles serem pagos em euros, o que estaria dificultando a permanência do site no ar.

O mestre ainda nos explicou que o formato textual, embora ainda represente a maior proporção de produções do site, estaria a cada dia interessando menos os/as capoeiristas, os/as quais estão optando por consumir vídeos. Então, o maior concorrente do site não seria os outros sites com conteúdos textuais sobre capoeira, mas, sim, os conteúdos produzidos em plataformas como *Tiktok* ou *Youtube.*

Mestre Luciano é, certamente, um ponto fundamental para a sobrevivência do site, o qual, até hoje, continua centrado nas suas ações, desde o pagamento da hospedagem (cerca de 800 euros anuais) até a busca por colaboradores/colaboradoras, a avaliação e edição do conteúdo a ser publicado. Luciano mencionou que ele faz uma avaliação minuciosa do conteúdo que será colocado no site, para evitar plágios e cópias, ou, como argumenta ele, impedir a desinformação por "*Fake News"*. Essa centralidade da figura de Milani é observada por Marchesi:

> O funcionamento do Portal Capoeira se dá de maneira consideravelmente centralizada, comparado a outras arquiteturas informativas que temos hoje à disposição. Luciano Milani, criador e também editor do portal, como ele mesmo se denomina no site, administra a alimentação de conteúdo praticamente sozinho (MERCHISE, 2012, p. 205).

Apesar disso, observa-se também a veiculação de conteúdos de outros sites, mostrando uma ampla rede de colaboração entre os sites sobre capoeira. Segundo Milani, essa seria uma forma de manter o legado e a história da capoeira, construindo "memórias", conforme enfatiza o trecho a seguir:

> Ainda que possamos dizer que Luciano Milani atua como um *gatekeeper* do Portal, muitos são os sinais de que as ideias dos colaboradores são acolhidas com hospitalidade, e que o portal é mais o fruto de uma inteligência coletiva do que de um indivíduo. Começando por sua própria gênese (a missão de acolher dentro do

> portal o Capoeira da Bahia, de Mestre Decanio), o site hospeda em sua arquitetura outros sites, como o CapoWiki, do próprio Portal Capoeira, e o site sobre Mestre João Pequeno de Pastinha, mantido por sua neta, Nani de João Pequeno (MARCHISE, 2012, p. 205, grifos da autora).

Como ressalta Marchesi (2012), mestre Luciano Milani atua como um *gatekeeper* do *Portal Capoeira*, e muitos são os sinais de que as ideias dos/das colaboradores/colaboradoras são acolhidas com hospitalidade, e que o portal é mais o fruto de uma inteligência coletiva do que de um indivíduo. Isso se confirma por sua própria gênese (a missão de acolher, dentro do portal, o conteúdo do site *Capoeira da Bahia*, de Mestre Decanio); além disso, o site hospeda, em sua arquitetura, outros sites, como o *CapoWiki*, do próprio Portal Capoeira, e o site sobre Mestre João Pequeno de Pastinha, mantido por sua neta, Nani de João Pequeno (MARCHESI, 2012).

Após esse breve relato, apresentaremos, agora, uma descrição da interface/arquitetura do site focada na parte dos conteúdos textuais específicos (quadro 2), na aba denominada "Notícias", cujos textos serão tratados nas análises de discurso. Uma análise mais ampla da arquitetura do site pode ser encontrada nos estudos de Marchesi (2012), que não poderíamos deixar de mencionar.

Quadro 2 – Arquitetura do Portal Capoeira

Arquitetura Portal Capoeira							
Conteúdos textuais							
Aba/Seção: Notícias							
Sub-abas/subseções							
Fundamentos & Papoeira	**Crônicas da capoeiragem**	**Eventos Agenda**	**Publicações Artigos**	**Cultura Cidadania**	**O Capoeireiro**	**Saúde e Comportamento**	**Caponews -Geoatlas**
Temáticas abordadas nas Sub-abas/sub-secções							
Reflexões sobre a capoeira, normalmente escritas por mestres/mestras de capoeira.	Crônicas escritas por Pedro Abib, essa seção teve sua última publicação em 2012.	Mural de informações sobre eventos de capoeira.	Seção destinada a publicações sobre capoeira (artigos, notícias, acadêmicos), de autoria de mestres/mestras, pesquisadores/pesquisadoras etc.	Notícias de variados veículos de comunicações, contendo uma abordagem mais específica sobre o dia a dia e a cultura,	Crônicas da Capoeiragem por Milton Cezar Ribeiro – Miltinho Astronauta, essa seção teve sua última publicação em 2012.	Notícias que associem capoeira e práticas saudáveis e comportamentais	Geolocalização de notícias sobre grupos de capoeira pelo mundo

				algumas notícias são comentadas pelos/pelas mestres/mestras			

Fonte: Elaboração própria.

Entre os/as colaboradores/colaboradoras, encontramos cerca de 30 mestres/mestras de capoeira, sendo a grande maioria composta por homens. Nesse grupo, existe uma boa parcela de pesquisadores/pesquisadoras, além de escritores/escritoras que, de alguma forma, tem algum vínculo com a capoeiragem. São encontradas, também, pessoas que praticam a capoeira e colaboram com o site. A esse respeito, Marchesi menciona:

> A rede de colaboradores acaba coincidindo muitas vezes com a própria rede de contatos e amizades de Luciano, constituída por laços fortes e fracos. Muitos deles acabam sendo nós importantes na rede, responsáveis pela produção sistemática de conteúdo não só para o Portal, mas também em outros ambientes (MERCHISE, 2012, p. 206).

Dentre os/as que fazem parte desse grupo que oferece alguma contribuição para o site (texto, vídeo, poesia, música etc.), destaca-se a do próprio mestre Luciano Milani, além de contribuições do Mestre Dacanio, dos pesquisadores Pedro Abib e Miltinho Astronauta e do cineasta Luiz Fernando Goulart. Como colaboradores encontram-se, ainda, outros/outras mestres/mestras, como Nestor Capoeira, Reginaldo Costa, Carolina Magalhães, José Falcão, Umoi de Souza, Luiz Renato Vieira, José Geni, Jorge Beiramar, Omir Breda, Jean Pangolin, Marcos Duarte de Oliveira, Adelmo Lima, Paulo Perkov e Edison Dhunga.

6 ANÁLISE DISCURSO E (RE)INTEPRETAÇÃO DOS DISCURSOS

Após a descrição do site *Portal Capoeira*, passaremos ao tratamento do *corpus* de análise selecionado. Um dos pontos mais importantes para iniciarmos o tratamento analítico dos discursos veiculados no *Portal Capoeira* foi à necessidade de fazer uma delimitação do período a ser analisado, pois o portal tem um grande fluxo de matéria. Porém, nossa delimitação também se deu com o intuito de analisarmos essas matérias dentro de um contexto político, ou seja, como seriam suas construções durante o governo de Jair Bolsonaro, que se deu entre 2019 e 2022, e ainda no ano de 2018, visto que este foi um ano eleitoral.

Como justificativa dessa nossa escolha, esclarecemos que, durante esse período, houve um aumento de discursos racistas proferidos por autoridades públicas, como aponta a ONG "Quilombolas contra o Racismo". E, como bem sabemos, devido ao fato de o governo Bolsonaro ter sido um governo com posicionamento de extrema direita e conservador, seriam encontrados certos discursos que teriam conotação intolerante, demonstrando o ódio político-partidário, seguido por discursos racistas, sexistas, LGBTfóbicos e xenofóbicos (SILVA; SAMPAIO; BOTELHO-FRANCISCO, 2021).

Desta forma, ao realizar o levantamento dos textos, limitamo-nos a selecionar os que foram publicados no site no período 2018-2022. Entretanto, mesmo assim, teríamos um grande fluxo de matérias, o que acabou fazendo por optássemos por fazer uma nova delimitação, agora na estrutura do site. Desde o princípio, o nosso objetivo principal sempre foi o de analisar conteúdos textuais, principalmente, no formato de matérias; sendo assim, selecionamos apenas as matérias da aba denominada "Notícias".

Assim, nossa delimitação fixou-se nos textos da aba "Notícias", publicados no período de 01/01/2018 a 31/12/2022. Porém, ao começarmos as seleções das matérias, tivemos que abandonar algumas sub-abas da seção, sendo elas: Crônicas da capoeiragem, Eventos Agenda, Saúde e Comportamento, O Capoeireiro e Caponews-Geoatlas. Como justificativa para esses cortes, argumentamos que as subseções Crônicas da capoeiragem e O Capoeireiro foram descartadas por terem tido suas últimas publicações realizadas em 2012, período muito distante do proposto para nossa análise. Já as subseções Eventos Agenda e Saúde e Comportamento foram retiradas devido ao distanciamento da temática proposta para se analisar, ou seja, o primeiro era apenas um mural com datas e eventos relacionados à capoeira, e o segundo era uma seção que tratava mais especificamente sobre dicas e boas práticas de saúde e bem-estar na capoeira. E, por último, optamos por excluir a subseção

Caponews-Geoatlas, pois ela indica onde estão localizados os grupos de capoeira espalhados pelo mundo, uma espécie de geolocalização dos grupos cadastrados no site.

Com as seções selecionadas, buscamos analisar todos os textos nelas publicados, a fim de alcançarmos o objetivo de encontrar os discursos que construíssem a prática da capoeira e que abordassem as relações éticos-raciais ou que se aproximassem dessa temática. No entanto, não poderíamos de deixar de mencionar que, mesmo fazendo uma primeira seleção, matéria a matéria, ainda recorremos ao motor de pesquisa do portal, utilizando a palavra-chave: "racismo". Não recorremos ao motor de pesquisa anteriormente, pois a nossa intenção era fazer, primeiramente, uma leitura geral das matérias e, a partir de então, realizarmos nossa própria seleção; além do mais, o motor de pesquisa do site não é tão preciso, o que acabou se confirmando posteriormente. No entanto, como imaginamos, algumas matérias que abordassem o racismo poderiam estar fora das estruturas lineares das seções, ou seja, que fossem indicadas por uma linha de data. Isso também se confirmou, uma vez que a matéria aparecia na pesquisa, mas não na seção a que ela era destinada. Sendo assim, algumas das matérias selecionadas foram encontradas a partir da pesquisa do próprio site.

Com as matérias em mãos, recorremos a algumas estratégias de análise discursiva que poderiam facilitar a análise. Então, partimos de dois *corpus:* um geral, sobre a prática da capoeiragem, e outro específico, com discursos sobre o racismo. Sobre o primeiro, buscamos fazer uma análise mais ampla, a fim de oferecer um panorama geral das matérias, o qual serviria de base para o segundo *corpus*. Deste, fizemos uma análise mais profunda, com o intuito de responder a nossa problemática de pesquisa.

Para realizar esse panorama geral das matérias do *Portal Capoeira*, inicialmente selecionamos as matérias da seção "Notícias" do portal, dentro do período estipulado. As matérias selecionadas foram destacadas no quadro 3, denominado "Ficha de matéria", a fim de facilitar as leituras sistemáticas, o que ajudaria na construção dos outros quadros, e, posteriormente, nas análises discursivas. Para facilitar o retorno aos textos selecionados para a análise mais profunda, eles foram destacados com a cor laranja no topo da ficha. Tais fichas com as matérias são encontradas no Anexo A, no qual preservamos toda a estrutura textual encontrada no site, sendo apenas transferido o texto, o que facilitou os nossos recorrentes acessos para as análises.

Quadro 3 – Ficha da matéria

Ficha da matéria
Nº:
Seção:
Data:
Autor/Autora:
Grau com Capoeira: (Ex.: capoeirista, mestre/mestra, professor/professora etc.)
Título da matéria
Texto da matéria

Fonte: Elaboração própria.

Após a organização dessas fichas, elaboramos o quadro 4, que representa o Quadro Geral das matérias. Nesse quadro geral, optamos por apontar situações essenciais das matérias, para uma leitura geral, e por indicar como a prática da capoeira é construída, o que serviria, posteriormente, para a seleção das matérias que, de fato, seriam analisadas. O Quadro Geral foi construído na plataforma *Word*, tendo, na sua composição, os seguintes itens sobre as matérias: Nº/Título, Data, Autor/Autora, Seção, e Aborda essa Temática, observando-se se abordam assuntos relacionados ao racismo/antirracismo. Essa primeira análise representou uma espécie de delimitador para nossa análise discursiva mais completa.

Com esse primeiro recorte, obtivemos um total de 70 matérias, nas quais, de maneira geral, os assuntos estavam ligados à construção do universo da capoeira, abordando assuntos como comportamento, história, reflexões, opiniões, eventos etc. Um tema bastante recorrente nesses discursos são as opiniões sobre temas sensíveis, o que indicaria um ponto de vista dos/das próprios/próprias capoeiristas sobre determinados assuntos, ou seja, esses/essas capoeiristas buscariam opinar sobre determinados temas, mesmo sobre aqueles mais sensíveis e que não tivessem relação direta com a capoeiragem, como sexismo, racismo, intolerância religiosa etc. Esses textos abordam desde relações socioeconômicas até abusos e exploração sexual infantil e juvenil.

Nessa primeira análise, também observamos que alguns dos temas recorrentes entre os/as colaboradores/colaboradoras são a profissionalização e a mercantilização da capoeira, visto que, dentre as matérias analisadas, cerca de dez tratam, de maneira direta ou indireta, desses dois assuntos. Isso nos faculta afirmar que estes são temas recorrentes no universo da capoeira, indicando, em certa medida, uma preocupação dos/das capoeiristas com o futuro da capoeira e com a sua adequação a um mercado capitalista, sem que certas tradições sejam

rejeitadas. Percebemos que esses assuntos geram discursos antagônicos e, por vezes, uma dicotomia na interpretação do assunto por parte dos/das capoeiristas.

Ainda verificamos, nesse primeiro recorte, temas ligados ao machismo e à presença da mulher na capoeira, à origem de certos conhecimentos ancestrais e de alguns termos específicos (mandinga, ginga etc.) da capoeira, à preocupação com futuro da capoeira etc.

Além disso, observamos textos, como canções e cantigas, os quais revelam a aproximação com algumas formas de ensinar nas rodas de capoeira; e a outros, em formato de poesia ou mais livres, que não recorrem ao formato tradicional de textos jornalísticos.

Outro ponto fundamental confirmado pelas análises é que a maioria dos/das autores/autoras das matérias é mestre/mestra ou praticante de capoeira. Das 70 matérias, 47 são assinadas por mestres/mestras ou capoeiristas, significando que existe uma ampla rede de informações que parte da própria comunidade da capoeira. Isso representa, de certa forma, a continuidade de certas tradições desse universo, onde o/a mestre/mestra seria o/a responsável por levar adiante os conhecimentos e manter a prática da capoeiragem.

Nessa primeira etapa de análise, estabelecemos dois objetivos principais: primeiro, compreender como são construídas as matérias do *Portal Capoeira*, tendo em vista, principalmente, verificar quem são os/as autores/autoras e quais são os temas mais recorrentes. Dessa forma, como já indicamos, as matérias são assinadas por pessoas ligadas à prática da capoeira e seus temas tratam de assuntos bastante diversificados. O segundo objetivo foi verificar se o site aborda a temática do racismo. Aqui, apuramos que o tema "racismo" é presente e recorrente nos discursos do site; assim, conseguimos fazer uma seleção significativa para realizar a análise discursiva, chegando ao número de 18 matérias que abordam, de maneira direta ou indireta, temas que se aproximam das relações de dominação étnico-raciais estruturadas.

Quadro 4 – Quadro Geral das Matérias

Quadro Geral das Matérias					
Nº/Título	Data	Autor/autora	Seção	Temática	Aborda assuntos relacionados ao racismo/antirracismo?
1/ Capoeira baiana: Entre a militância cultural e o fortalecimento conjuntural	02/11/22	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre a mercantilização da capoeira e a militância	Não
2/ Responsabilidades formativas em capoeira: O "freio de arrumação" na "casa de mãe joana"	02/07/22	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre os mestres/mestras de capoeira e a formação dos discípulos/discípulas	Não
3/ Vou lá na Feira de São Joaquim	28/04/22	Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	A mestra descreve a Feira de São Joaquim através de histórias e cantigas	Não
4/ O mandingueiro na capoeira	09/03/22	Mestre Jean Pangolin e Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre as origens do termo mandingueiro na capoeira	Não
5/ Os capoeiras e sua crise de identidade	03/03/22	Mestre Jean Pangolin e Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre certos grupos e capoeiristas fazerem uma falsa reverência aos antigos/antigas mestres/mestras	Não
6/ O poder do feminino na capoeira: ensinando e aprendendo com os ventos e tempestades de Oyá	02/08/21	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Texto sobre a Orixá Oyá (Iansã) e as mulheres na capoeira, fala também sobre as dualidades (preto e branco, homem e mulher etc.)	Não
7/ Pisa devagar, pisa devagarinho: como chegar numa roda de capoeira	03/09/21	Mestre Jean Pangolin e Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre como ser respeitoso nas visitas de outros locais de capoeira e grupos diferentes	Não
8/ "Manda quem pode, obedece quem tem juízo?" - abuso de poder,	04/07/21	Mestre Jean Pangolin e Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre as relações do poder com assédio sexual, estupro e	Não

pedofilia, assédio sexual, estupro e o silenciamento naturalizado na capoeira				pedofilia na capoeira	
9/ Espelho, espelho meu, existe alguém mais importante do que eu? : pensando no capoeira Narciso	13/04/21	Mestre Jean Pangolin e Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre o/a praticante de capoeira citado como narcisista	Não
10/ (De)caminhos da capoeira: entre o que queremos e o que fazemos	09/11/20	Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre os comportamentos de capoeiristas na pratica da capoeira	Não
11/ Os capoeiras e a lida com a intelectualidade predatória	11/05/20	Mestre Jean Pangolin e Mestra Brisa	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Uma reflexão sobre a intelectualidade na capoeira	Não
12/ Ginga…	26/04/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre as origens da palavra “ginga” na capoeira	Não
13/ O capoeira na “roda da vida” – pensando em esperanças…	01/04/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre a vida e a roda de capoeira	Não
14/ A capoeira da sociedade líquida	20/03/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Reflexão entre a modernidade líquida de Bauman e a capoeira	Não
15/ Capoeira: ensaio sobre a função da diversidade na roda	20/03/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre a diversidade na capoeira, e uma crítica ao marxismo na capoeira	Não
16/ Capoeira Fake: A diferença entre o “real” e o exposto nas redes sociais	28/02/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre a autopromoção da dos/das capoeiristas nas redes digitais	Não
17/ Entre a capoeira referenciada e a copiada	17/02/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre mercantilização, esportivização e perda de identicidade na capoeira	Não
18/ Capoeira: a leitura do “todo” pela análise da “parte”	31/01/20	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre as responsabilidades dos/das mestres/mestras de capoeira	Não
19/ Capoeiras: plantando abacaxi para colher banana	16/08/19	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Reflexão sobre a capoeira e os interesses sociais	Não
20/	25/02/19	Mestre Jean	Fundament	Como funciona	Não

A pedagogia do jogo na capoeira		Pangolin	os da Capoeira & Papoeira On-line	a pedagogia na capoeira	
21/ A evolução da capoeira no mundo: caminhos de "esterilização" da arte para "fertilização" do negócio.	20/04/18	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Realizada uma crítica a chamada "capoeira evoluída"	Não
22/ Capoeira e seus cantadores	23/03/18	Mestre Jean Pangolin	Fundamentos da Capoeira & Papoeira On-line	Sobre os capoeiristas cantadores	Não
23/ O que é fazer política para os capoeiras cariocas da segunda metade do século XIX?	07/07/22	Letícia Vidor Reis	Publicações e Artigos	Sobre os/as capoeiristas e a política no Rio de Janeiro do século XIX	Não
24/ Mestre Moa do Katendê recebe homenagem coletiva em videoclipe produzido por blocos de carnaval de rua	08/11/21	Thiago Santos	Publicações e Artigos	Sobre a homenagem realizada para o falecido mestre Moa	Não
25/ Juazeiro – BA: "Mandinga na beira do rio"	26/07/21	Guilherme Fernandes	Publicações e Artigos	Fala sobre a trajetória da capoeiragem na cidade de Juazeiro-BA	Não
26/ Mudar… para viver!	02/07/21	Cincinato Palmas Azevedo	Publicações e Artigos	Sobre a capoeira e a sua modernização	Não
27/ Formalização e gestão de grupos de capoeira: começando a conversa	30/06/21	Benício Boida de Andrade Júnior	Publicações e Artigos	Sobre a profissionalização na capoeira	Não
28/ O que a indisciplina quer dizer?	24/06/21	Professor Lucas Buda	Publicações e Artigos	Capoeira como disciplina para crianças	Não
29/ Livros: Minha Sabiá, Minha Zabelê & Fundamentos de Capoeira Angola	06/05/21	Mestre Luciano Milani	Publicações e Artigos	Indicação de um livro sobre capoeira	Não
30/ "Chula" antiga… "corrido" moderno !	05/05/21	Cincinato Palmas Azevedo	Publicações e Artigos	Poesia sobre capoeira que aborda algumas questões, entre elas religiosas	Não
31/ Grão-mestre – "ser ou não ser"	20/01/21	Mestre Tabosa	Publicações e Artigos	Sobre a capoeira e o título de "grão-mestre"	Não
32/ Capoeira em	20/12/19	Professor Lucas Buda	Publicações e Artigos	Como a capoeira se	Não

tempos de pandemia				adaptou nos tempos de pandemia de Covid-19	
33/ O corpo da capoeira	23/11/19	Mestre Luciano Milani	Publicações e Artigos	Uma reflexão sobre o corpo na capoeira	Não
34/ Aquilo que define um bom capoeira…	02/11/19	Mestre Luciano Milani	Publicações e Artigos	Sobre o comportamento e os problemas na capoeira	Não
35/ Muito além de… esporte!	07/02/19	Cincinato Palmas Azevedo	Publicações e Artigos	Uma reflexão sobre a capoeira e o esporte	Não
36/ …Teria sido sonho ?!	23/02/19	Cincinato Palmas Azevedo	Publicações e Artigos	Relatos sobre a capoeira	Não
37/ Mestre Moa do Katendê: uma vítima do extremismo	12/11/18	Jeferson do Nascimento Machado	Publicações e Artigos	Reflexão sobre a morte criminosa de mestre Moa	Sim
38/ O ABC da capoeira angola – os manuscritos de Mestre Noronha	18/10/18	Mestre Luciano Milani	Publicações e Artigos	Sobre um livro que aborda a história da capoeira escrita por mestre Noronha	Não
39/ O futebol é o nosso esporte? Que nada, é a capoeira!	15/06/18	Maicon Tenfen	Publicações e Artigos	Fala sobre a capoeira como um esporte genuíno brasileiro	Não
40/ Évora, um novo capítulo na capoeira. O verdadeiro encontro de bambas!	20/05/18	Mestre Squisito	Publicações e Artigos	Sobre a capoeira moderna e seu jogo	Não
41/ A arrogância neoangoleira e a tradição autista	21/03/18	Paulo Mutaokê Magalhães	Publicações e Artigos	Sobre as tradições, respeito e mercantilização da capoeira	Não
42/ Só se melhora a capoeira, melhorando o capoeirista	06/03/18	Leonardo Dib Boiadeiro	Publicações e Artigos	Sobre normas, regras e profissionalizaç ão na capoeira	Não
43/ Capoeira? Não existe. O capoeirista sim.	05/03/18	André Luis de Oliveira	Publicações e Artigos	Sobre o sujeito capoeirista	Não
44/ Brincadeira de capoeira	22/01/18	Cincinato Palmas Azevedo	Publicações e Artigos	Poesia sobre a brincadeira na capoeira	Não
45/ TSE lança cartilha “Expressões racistas: por que evitá-las”	17/02/22	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Sobre a cartilha de expressões racistas lançada pelo TSE	Sim
46/ O Teatro Gil Santana precisa de você!	02/08/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Pedido de ajuda pra o Teatro Gil Santana que passa por dificuldades	Não

				com a pandemia de Covid-19	
47/ Trans Point – The Arts of Fusion: Espetáculo mescla balé e capoeira	25/06/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Sobre o dançarino Thiago Soares, que mescla o balé e a capoeira em suas danças.	Não
48/ "Apropriação cultural"	22/06/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Um texto comentado por Mestre Milani, sobre apropriação cultural da capoeira pelo mundo	Não
49/ Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?	15/06/21	Silvia Maria	Cultura e Cidadania	Republicação de um texto que aborda o racismo nos morros cariocas	Sim
50/ Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares	15/06/21	Ana Virgínia Pinheiro	Cultura e Cidadania	Republicação de um texto que fala sobre o Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares	Sim
51/ Bahia: Avenida Bonocô ganha painel de grafite sobre capoeira	15/06/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Sobre uma obra de arte inspirada na capoeira	Não
52/ Porque	13/06/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	O mestre faz comentários sobre um poema que retrata as injustiças sociais	Não
53/ Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de "escória maldita"	22/05/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Mestre Luciano faz comentários sobre as declarações racistas do ex-presidente da Fundação Palmares	Sim
54/ Ireti: teatro on-line – Inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira	22/05/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Respostarem sobre uma peça que aborda o racismo no Brasil	Sim
55/ 50 anos de tombamento da cidade de Cachoeira – BA	25/01/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Sobre os 50 anos de tombamento da cidade de Cachoeira na Bahia	Não

56/ Grupos artísticos buscam doações para se manter em Maringá	25/01/21	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Pedido de arrecadações para ajudar um grupo artístico	Não
57/ Patrimônio cultural imaterial: o que comemorar?	18/09/20	Allan Carlos Moreira Magalhães	Cultura e Cidadania	Sobre a salvaguarda da capoeira	Não
58/ Campinas: multidão acompanha lavagem da escadaria da Catedral	21/04/19	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Repostagem sobre a resistência do povo negro na lavagem da escadaria da Catedral	Sim
59/ Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial	14/03/18	Mestre Luciano Milani	Cultura e Cidadania	Divulgação sobre um evento que tem como marca a resistência e a diversidade, aborda a luta dos povos negros	Sim
60/ Todos juntos: ato de repúdio #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem	26/08/20	Mestre Luciano Milani	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Cultura e Cidadania –	Convocação de ato em repúdio aos atos racistas que o mestre Nenê sofreu	Sim
61/ Violência policial: Polícia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo	26/08/20	Mestre Luciano Milani	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Notícias, Atualidade e Cidadania	Sobre a violência policial sofrida por um mestre de capoeira, aborda a temática do racismo	Sim
62/ Capoeira, não finja que não viu: pode ser abuso!	04/06/21	Mestre Paulão Kikongo	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) CAPOEIRA	Sobre os abusos sexuais infanto-juvenis na capoeira. São apontados outros tipos de abusos e explorações sofridos por crianças, principalmente as racializadas	Sim
63/ Preconceito e ódio no altar	06/05/21	Mestre Luciano Milani	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Cidadania	Aborda o preconceito e racismo religioso	Sim
64/ Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe	23/02/21	Mestre Luciano Milani	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) EVENTOS	Divulgação de um evento que tem como eixos principais a capoeira, o racismo e a	Sim

			- AGENDA	formação de professores	
65/ Capoeira é coisa bem brasileira	15/02/21	Sergio Pardal Freudenthal	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Capoeira	Fala sobre a capoeira como instrumento de luta, cita a luta antirracista	Sim
66/ O profissional e o "papo furado"	21/04/19	Filósofo	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Contemplações | capoeira	Fala sobre a profissionalização da capoeira, mas aborda temas como luta dos povos negros e escravidão de pessoas negras	Sim
67/ Capoeira: o último Movimento Novo	08/01/19	Omri Breda Ferradura	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Notícias e Atualidade	Sobre o movimento novo na capoeira	Não
68/ Brasília – DF: Grupo leva capoeira a escolas públicas e fala sobre cultura negra	20/11/18	Tainá Morais	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Capoeira | cidadania	Sobre as culturas negras ensinadas nas escolas	Sim
69/ Quem tem medo da capoeira gospel?	24/06/18	Omri Breda Ferradura	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Capoeira | cidadania	Sobre a prática da capoeira gospel	Sim
70/ Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira	20/02/18	Ana Ehlert	Pesquisando palavras-chave: (Racismo) Capoeira | cidadania	Sobre a nota de repúdio da câmara de Curitiba por piadas racistas sobre a capoeira	Sim

Fonte: Elaboração própria.

Dentre essas 70 matérias, apresentamos, agora, os títulos das que selecionamos para analisar de forma mais aprofundada: "Mestre Moa do Katendê: uma vítima do extremismo", "TSE lança cartilha 'Expressões racistas: por que evitá-las'", "Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?", "Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares", "Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de 'escória maldita'", "Ireti: teatro on-line – inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira", "Campinas: multidão acompanha lavagem da escadaria da Catedral", "Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial", "Todos juntos ato de repúdio #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo

#naoaviolencia #capoeira #capoeiragem", "Violência policial: Polícia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo", "Capoeira, não finja que não viu: pode ser abuso!", "Preconceito e ódio no altar", " Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe", "Capoeira é coisa bem brasileira", "O profissional e o 'papo furado'", "Capoeira: o último movimento novo", "Brasília – DF: Grupo leva capoeira a escolas públicas e fala sobre cultura negra", "Quem tem medo da capoeira gospel?" e "Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira".

Para análise discursiva dessas matérias, apoiamo-nos em algumas estratégias de análises sugeridas por van Dijk (2019; 2020; 2021). Tratando mais especificamente dos discursos sobre o racismo e sobre o antirracismo, Van Dijk (2021) fala sobre a importância de identificá-los em nossa sociedade e analisá-los. Especialmente a respeito do Brasil, o autor pontua que "muito se tem escrito sobre o racismo no Brasil, mas nem tanto sobre o discurso racista e ainda menos sobre o antirracismo e o discurso antirracista (VAN DIJK, 2021, p.7).

Conforme o autor esclarece, uma das primeiras estratégias de análise é verificar quais são os contextos comunicativos em que esses discursos se inserem. Seguindo essa estratégia, criamos, no *Word*, o quadro 5, e buscamos identificar pontos fundamentais desses discursos, tais como: Quem fala? O que escreve? Para quem? Quando? e Por quê?

A partir do quadro (5) *Contextos Comunicativos*, analisamos, primeiramente, quem são as pessoas que estão falando nas matérias selecionadas. Esse é um ponto fundamental, pois, caso confirmado que a maioria dos textos são assinados pelos/pelas capoeiristas, poderíamos apontá-los/las como possíveis atores antirracistas, que realizariam discursos críticos à ideologia. Outra questão fundamental é a verificação acerca de para quem são destinados esses textos, ou seja, qual é o seu público. Esse ponto é relevante, pois, assim, podemos descobrir para quem os/as autores/autoras destinam os seus textos.

Esse quadro ainda nos indicou por que o texto seria escrito. Aqui, verificamos se esses textos tratariam diretamente ou não sobre o racismo, já que, algumas vezes, eles tratavam de outros assuntos, mas, mesmo assim, chegariam a comentar ou pontuar de forma favorável ou contrária ao racismo.

Fazendo uma análise mais minuciosa do quadro 5, foi possível identificar sobre o que, de fato, esses discursos tratam. Nas matérias que foram selecionadas, encontramos variados temas que abordam o racismo, os quais vão desde a divulgação de eventos antirracistas até denúncias de ações racistas. Podemos, ainda, pontuar que essas matérias têm tanto a intenção de informar quanto a de difundir o senso crítico (opinião) desses/dessas mestres/mestras sobre determinados assuntos, principalmente contra o racismo.

Ao nos debruçarmos sobre o quadro (5) *Contextos Comunicativos*, encontramos discursos sobre temas sensíveis, que, ainda que não tivessem a finalidade de discorrer sobre o racismo, denunciavam-no, como ocorre no texto que aborda o assassinato de mestre Moa do Katênde e os abusos sexuais infanto-juvenis na capoeira.

Porém, a maioria dos textos selecionados aborda o racismo, principalmente no universo da capoeira, de maneira indireta, ou seja, existe um outro assunto e o discurso sobre o racismo aparece entrelaçado – como se observa nos discursos considerados racistas que o ex-presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, fez sobre os movimentos negros ou sobre a prisão indevida de mestre Nenê. Essa informação torna-se fundamental para nossa análise discursiva, pois demonstra que esses discursos são realizados a partir de determinados eventos ou ocorrências, o que indica que o tema é revisitado como uma consequência. Entretanto, encontramos também discursos que abordam a temática de maneira direta.

De modo geral, esses discursos foram escritos para os/as capoeiristas; porém, nesse sentido, é preciso reiterar que estes são o público-alvo do site. Assim, observamos que, nesses discursos, ocorre uma espécie de diálogo entre mestres/mestras e alunos/alunas; por isso, muitos desses textos têm um tom opinativo, com reflexões sobre diversos assuntos e pedidos de posicionamento.

Em nossas análises, ainda observamos que os/as autores/autoras recorreram a textos publicados em outros veículos de jornalismo, para que pudessem aprofundar seus discursos. Esse recurso parece ser uma espécie de apoio ou de ponto de partida para suas reflexões, ou seja, a partir de outros textos publicados, esses autores começam a discursar sobre o tema, normalmente com uma nota de repúdio sobre a informação apresentada. Outra ação recorrente, nesse site, é a republicação de matérias, com a intenção de informar ou divulgar eventos que ocorreriam e que pudessem ser de interesse dos/das capoeiristas. Podemos citar, por exemplo, a matéria “Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe”, que foi escrita para a divulgação de um evento acadêmico que trataria especificamente da capoeira, relacionando-a a outros temas comuns a essa arte, entre eles, o racismo, a pandemia de Covid-19, a capoeira “gospel”, a descolonização etc.

Ainda a respeito do quadro 5, encontramos alguns dados bastante relevantes sobre esses discursos. O primeiro diz respeito às matérias sobre o racismo: estas foram publicadas em 2021 (oito matérias), representando quase o mesmo número somado de matérias publicadas em outros períodos, as quais representam um total de dez textos. Tais matérias estão distribuídas, por ano, da seguinte forma: em 2018, foram publicadas quatro matérias; em 2019, três matérias; em 2020, duas matérias; em 2021, oito, e, em 2022, apenas uma. Isso é

bastante revelador, pois 2021 apresenta um número maior de publicações, bastante desproporcional em relação aos demais anos, o que significa que esse ano foi o período de maior interesse do Portal Capoeira em relação ao tema "racismo". Uma possível justificativa estaria no fato de o ano de 2021 ter sido um ano em que observamos uma crescente discussão sobre o racismo, principalmente pelo momento político ocasionado pelo Governo Jair Bolsonaro, em que houve um aumento de discursos de ódio, principalmente contra minorias. Porém, observamos que, em 2022, ocorreu uma queda brusca no número de publicações, quando comparado ao ano anterior, em que ocorreu apenas uma publicação sobre racismo, em dezembro.

O segundo fato importante diz respeito à autoria: a maioria dos textos é assinada pelo mestre Luciano Milani. Isso indica que o mestre, que é proprietário/editor do site, é um dos atores antirracistas mais ativos do portal, pois sempre aborda a temática.

E o último fato importante que constatamos ao analisar o quadro 5 é que a maioria desses discursos sobre o racismo, principalmente contra o racismo, relaciona-se com a capoeira, confirmando que o tema também é recorrente nesse universo, ou seja, os/as mestres/mestras de capoeira buscam discursar sobre e contra o racismo, tornando esse tema uma pauta presente nos debates sobre a capoeira.

O quadro 5 foi relevante para situarmos em que contextos comunicativos esses discursos sobre o racismo ou contra o racismo foram construídos.

Quadro 5 – Contextos comunicativos das matérias selecionadas

Contextos comunicativos das matérias selecionadas					
Nº/Matéria	Quem fala?	O que escreve?	Para quem?	Quando?	Por quê?
37/ Mestre Moa do Katendê: uma vítima do extremismo	Jeferson do Nascimento Machado	Uma reflexão sobre o assassinato de mestre Moa do Katendê	Os/As capoeiristas e outros/outras leitores/leitoras	12 de novembro, 2018	Texto escrito após o assassinato de mestre Moa, que foi morto por motivos políticos. O texto foi gerado em um momento de consternação
45/ TSE lança cartilha "Expressões racistas: por que evitá-las"	Mestre Luciano Milani	Sobre a cartilha do TSE de expressões racistas	Público geral	17 de dezembro, 2022	Para mostrar quais seriam as expressões racistas e o porquê de evitar falá-las
49/ Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?	Sílvia Maria	Sobre o racismo e a abordagem de jovens negros/negras pela polícia. O texto também aborda questões como privilégios brancos	Público geral	21 de junho, 2021	O texto foi escrito após casos envolvendo jovens negros que foram indevidamente abordados e presos pela polícia

50/ Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares	Ana Virgínia Pinheiro	Sobre o corte de livros realizado pelo ex-presidente da Fundação Palmares	Público geral	15 de junho, 2021	A matéria foi escrita após o ex-presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, anunciar uma lista de expurgo de livros que faziam parte do acervo da fundação.
53/ Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de "escória maldita"	Mestre Luciano Milani	O mestre de capoeira realiza uma crítica direcionada às falas racistas de Sérgio Camargo, ex-presidente da Fundação Palmares	As/Os capoeiristas e outros públicos	22 de maio, 2021	Texto de repúdio, realizado após declarações racistas feitas por Sérgio Camargo, então presidente da Fundação Palmares
54/ Ireti: Teatro on-line – Inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira	Mestre Luciano Milani (divulgação)	Sobre uma peça de teatro que aborda o racismo e a violência que mulheres negras sofrem no Brasil	Público geral	22 de maio, 2021	Para divulgar uma peça de teatro que aborda temas como o racismo e a violência contra mulheres negras
58/ Campinas: multidão acompanha lavagem da escadaria da Catedral	Mestre Luciano Milani (divulgação)	Sobre a lavagem da escadaria da Catedral de Campinas	Público geral	21 de abril, 2019	A lavagem celebra e representa a resistência dos povos negros
59/ Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial	Mestre Luciano Milani (divulgação)	Divulgações de um evento que tem como marca a resistência e a diversidade; no texto o autor faz a abordagem das lutas dos povos negros	Público geral	14 de março, 2018	Para divulgar um evento que promoveu a resistência e a diversidade, abordando a luta dos povos negros, citando como, por exemplo, a capoeira
60/ Todos juntos: ato de repúdio #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem	Mestre Luciano Milani	Sobre uma convocação em repúdio aos atos racistas sofridos pelo mestre Nenê, que foi preso e agredido pela Polícia Militar	As/Os capoeiristas	26 de agosto, 2020	Após o mestre Nenê sofrer agressões pela Polícia Militar, o caso foi tratado como racismo
61/ Violência policial: Polícia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo	Mestre Luciano Milani (divulgação)	Sobre o mestre Nenê, que sofreu um violento e injustificado ataque por parte da Polícia Militar. O mestre foi preso, acusado de roubo, e foi agredido com o filho nas mãos.	Público Geral	23 de agosto, 2020	Após o mestre Nenê sofrer agressões pela Polícia Militar, o caso foi tratado como racismo
62/ Capoeira, não finja que não viu: pode ser abuso!	Mestre Paulão Kikongo	Sobre os abusos sexuais infanto-juvenis na capoeira. São apontados outros tipos de abusos e	As/Os capoeiristas	04 de junho, 2021	Após relatos de abusos sexuais infanto-juvenis na capoeira. São apontados também dados sobre a

		explorações que crianças sofrem, principalmente as racializadas			exploração infantil e morte de crianças negras por balas perdidas
63/ Preconceito e ódio no altar	Mestre Luciano Milani	Sobre o preconceito e o racismo religioso	As/Os capoeiristas	06 de maio, 2021	Após um pastor incitar o preconceito e o ódio à prática da capoeira
64/ Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe	Mestre Luciano Milani (divulgação)	Sobre a divulgação de um evento que tem como eixo principal a capoeira, o racismo e a formação de professores	As/Os capoeiristas	23 de fevereiro, 2021	Para divulgar evento acadêmico que aborda temas relacionados à capoeira, entre eles, o racismo
65/ Capoeira é coisa bem brasileira	Sergio Pardal Freudenthal	Sobre a capoeira como identidade brasileira e afro-brasileira. Exalta as lutas da capoeira, principalmente as lutas dos povos negros	As/Os capoeiristas	15 de fevereiro, 2021	Para exaltar as características da capoeira e suas lutas, entre elas, o racismo
66/ O profissional e o "papo furado"	Filósofo	Sobre a profissionalização da capoeira, mas aborda temas como luta dos povos negros e escravidão de pessoas negras.	As/Os capoeiristas	08 de janeiro, 2019	Após questionar a profissionalização da capoeira, que seguiria padrões do capitalismo, o qual, segundo autor, estaria irrigado pela escravidão e pelo racismo
68/ Brasília – DF: Grupo leva capoeira a escolas públicas e fala sobre cultura negra	Omri Breda Ferradura	Sobre as culturas negras ensinadas nas escolas através da capoeira	Público geral	08 de janeiro, 2019	Após um grupo de capoeira ensinar sobre as culturas negras nas escolas
69/ Quem tem medo da capoeira gospel?	Omri Breda Ferradura	Sobre a capoeira gospel	As/Os capoeiristas	24 de junho, 2018	Após a repercussão nas redes sociais sobre a capoeira gospel, acusada de se apropriar culturalmente e ser preconceituosa com a capoeira tradicional
70/ Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira	Ana Ehlert	Sobre a câmara aprovar uma moção de repúdio contra humoristas que fez piadas racistas sobre a capoeira	As/Os capoeiristas	20 de fevereiro, 2018	Após um humorista fazer piadas de cunho racista sobre a prática da capoeira

Fonte: Elaboração própria.

Para a interpretação dessas matérias selecionadas, ainda recorremos a outras estratégias de gêneros discursivos. Por essa razão, decidimos construir o quadro 6, novamente apoiado em Van DIJK (2021).

A partir desse novo quadro 6, buscamos analisar as seguintes informações das matérias em questão: Organização geral, Tópicos gerais dos temas e Estratégias semânticas locais. Nesse contexto de análise, buscamos informações sobre essas matérias, como macroproposição, atores antirracistas, atores racistas e as implicações.

As macroproposições constituem uma síntese da temática principal da matéria/discurso, oferecendo-nos uma visão global dos conteúdos apresentados (VAN DIJK, 2003). Com elas, temos uma visão mais ampla do que é apresentado no texto, principalmente em relação ao racismo ou contra o racismo (antirracismo).

Uma vez identificadas as macroproposições, buscamos compreender quem é o/a ator dos discursos sob análise, e se ele/ela é racista ou antirracista. Esse elemento nos ajudou a descobrir sobre quem esses discursos estão falando ou até mesmo se o/a próprio/própria autor/autora do texto é esse ator. Com isso, pudemos saber quem é o/a ator racista ou antirracista dos referidos discursos e quem está falando sobre o assunto, ou seja, quem tem visibilidade nesses discursos: as vítimas, os/as agressores/agressoras ou aqueles/aquelas que se posicionam contra o racismo (antirracistas). Sobre isso, descobrimos, por exemplo, que um dos principais atores racistas citados nesses discursos é a polícia e suas abordagens violentas. Esse fato é antigo e bastante denunciado pelos/pelas capoeiristas. Inclusive, como é apontado por Carlos Cavalheiro (2017), um dos motivos para que a capoeira paulista não tenha tido o mesmo desenvolvimento do que a capoeira baiana ou carioca, entre 1850 e 1930, foi a agilização da legislação para incriminar a capoeira em São Paulo, seguida de uma forte repressão policial contra os/as capoeiristas.

E por último, buscamos analisar quais são as principais implicações dos discursos sob análise, ou seja, quais são os efeitos ou consequências desses discursos, e se eles estão explicitados no texto.

Quadro 6 – Organização geral, tópicos gerais dos temas e estratégias semânticas locais das matérias selecionadas

rganização geral, tópicos gerais dos temas e estratégias semânticas locais das matérias selecionadas				
Nº/Matéria	Macroproposição	Atores antirracistas	Atores racistas	Implicações
37/ Mestre Moa do Katendê: uma vítima do extremismo	Uma reflexão sobre o assassinato do mestre Moa do Katendê	Capoeiristas, grupos culturais e grupos políticos	-	Denunciar o assassinato de um capoeirista, gerando repúdio e comoção contra a violência que pessoas negras sofrem.
45/ TSE lança cartilha “Expressões racistas: por que evitá-las”	Sobre a cartilha lançada pelo STE, de expressões racistas	Mestre Milani e STE	-	Demonstrar as expressões racistas, assim, ajudando a legitimar o seu combate.

49/ Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?	A autora faz um texto com relatos sobre o racismo e a abordagem de jovens negros/negras pela polícia. O texto também aborda questões como privilégios brancos.	A autora (Silvia Maria) e Sueli Carneiro,	Polícia Militar	Denunciar o tratamento diferenciado (violento) que as pessoas negras sofreriam, assim, ajudando a deslegitimar a prática.
50/ Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares	Sobre o corte de livros realizado pelo ex-presidente da Fundação Palmares. Seria justificado, nesse relatório, que a Fundação expurgaria os livros com seguintes temas: "doutrinação marxista" e "pedofilia, sexo grupal, pornografia juvenil, sodomia e necrofilia"	-	-	A exaltação do acervo da biblioteca da Fundação Palmares, referência das culturas afro-brasileiras.
53/ Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de "escória maldita"	O mestre de capoeira realiza uma crítica direcionada às falas racistas de Sérgio Camargo, ex-presidente da Fundação Palmares. Os comentários são complementados com uma notícia sobre essa fala	O autor (Mestre Luciano Milani)	Sergio Camargo (ex-presidente da Fundação Palmares)	Repúdio contra às falas de Sergio Camargo
54/ Ireti: teatro on-line – Inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira	Divulgação sobre uma peça de teatro que aborda o racismo e a violência que mulheres negras sofrem no Brasil	Grupo de teatro Cia. do Despejo	-	Denunciar a violência cometida à contra a população negra desde a colonização, principalmente, contra a mulher negra. Busca valorizar a ancestralidade africana.
58/ Campinas: multidão acompanha lavagem da escadaria da Catedral	Divulgação da lavagem da escadaria da Catedral de Campinas	Movimentos negros e religiosos/religiosas de matriz africana	-	A exaltação de uma prática cultura afro-brasileira. A mesma legitimaria o combate ao racismo.
59/ Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial	Divulgação sobre um evento na abertura do Fórum Social Mundial, em Salvador, que teve como marca a resistência e a diversidade, abordoando as lutas dos povos	Movimentos negros, comunidade indígena, entidades negras da Bahia, União de Negros pela Igualdade	Governo -não especificado qual governo seria	Legitimação e exaltação das ações da Marcha de Abertura do Fórum Social Mundial. E a denúncia do genocídio da mulher negra e o ódio religioso contra as religiões de matriz africana. O que reafirmaria o combate dessas violências.

	negros	(Unegro) e capoeiristas		
60/ Todos juntos: ato de repúdio #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem	Divulgação e convocação dos/das capoeiristas para comparecerem ao depoimento de mestre Nenê no departamento de polícia. Os/As capoeiristas foram convocados para repudiarem os atos racistas sofridos pelo mestre Nenê, que foi agredido com o filho no colo e preso pela Polícia Militar.	Os/As capoeiristas e pessoas que repudiam atitudes racistas	Polícia Militar	Convocação de atos de repúdio ao racismo sofrido por mestre Nenê, legitimando os atos antirracistas.
61/ Violência policial: Polícia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo	Mestre de capoeira Nenê é agredido com o filho no colo e preso pela Polícia Militar. O caso foi tratado como racismo, pois mestre não seria o autor do crime e teria sido confundido, pelos policiais, com o criminoso. O caso chamou atenção pela violência empregada pelos policiais	Discípulos/discípulas, vizinhos/vizinhas e testemunhas	Polícia Militar	A denúncia de um caso de racismo praticado pelo Estado, onde a vítima foi agredida e presa por ser racializada, o que deslegitimaria a ação violenta da polícia.
62/ Capoeira, não finja que não viu: pode ser abuso!	Sobre os abusos sexuais infanto-juvenis na capoeira. São apontados outros tipos de abusos e explorações que crianças sofrem, principalmente as racializadas	O autor (Mestre Paulão Kikongo)	-	A denúncia sobre os abusos sexuais infanto-juvenis na capoeira. Porém, também é denunciado outros tipos de violências sofridas por crianças negras e indígenas, por exemplo, mortes por balas perdidas em ações policiais. E gerar repúdio dessas práticas.
63/ Preconceito e ódio no altar	Sobre o preconceito e o racismo nas religiões	O autor (Mestre Luciano Milani)	Pastor evangélico	O repúdio contra as falas de um pastor evangélico sobre a capoeira. E o incentivo para serem denunciados casos semelhantes.
64/ Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe	Sobre a divulgação de um evento acadêmico que tem como eixo principal a discussão sobre a capoeira, o racismo e a formação de professores	Os apoiadores/apoiadoras do evento (Departamento de Lutas da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de	-	Divulgação de um evento de carácter antirracista com participação dos/das capoeiristas.

		Janeiro, Museu Vivo do São Bento, Museu Afro-digital da UERJ, Rádio Capoeira da Universidade da Capoeira, Revista Ibamó, Acervo Cultural de Capoeira Arthur Emídio de Oliveira, Acervo Digital Capoeira Nômade, Editora da UFBA, IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (PROEX e COEX/CDuC) e Grupo de Capoeira Só Angola (GCASA)).		
65/ Capoeira é coisa bem brasileira	Sobre a capoeira como identidade brasileira e afro-brasileira. Exalta as lutas da capoeira, principalmente as lutas dos povos negros	Os/As capoeiristas	-	É ressaltada a importância da capoeira nas culturas afro-brasileiras. E legitimar o combate do racismo.
66/ O profissional e o "papo furado"	Uma discussão sobre a profissionalização da capoeira, mas aborda temas como luta dos povos negros e escravidão de pessoas negras.	Os/ As capoeiristas	-	Deslegitimar o racismo contra as classes trabalhadoras.
68/ Brasília – DF: Grupo leva capoeira a escolas públicas e fala sobre cultura negra	Sobre as culturas negras ensinadas nas escolas por meio da capoeira	Professores/ professoras e o Grito de Liberdade	-	Exaltar o ensinamento, por capoeiristas, das culturas afro-brasileiras nas escolas.
69/ Quem tem medo da capoeira gospel?	Sobre a modalidade de capoeira denominada "capoeira gospel"	-	-	Gerar debate sobre a prática da capoeira "gospel".
70/ Câmara de Curitiba aprova	Após humorista fazer piadas racistas sobre a	Câmara de Curitiba	Humorista (Dihh Lopes)	Deslegitimar as falas racistas sobre a capoeira.

moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira	capoeira, a Câmara de Curitiba aprova uma moção de repúdio em favor da capoeira.			

Fonte: Elaboração própria.

Optamos, ainda, por fazer análise discursiva e intepretação mais detalhada de cada matéria. Nessa análise mais minuciosa, foi possível realizar uma intepretação aproximada dos resultados esperados, principalmente verificando se essas matérias teriam potencial crítico à ideologia. Investigamos, também, se elas manteriam um sentido crítico à ideologia, ou seja, se essas matérias teriam capacidade de minar relações de dominação racialmente estruturadas.

Os resultados das análises e suas interpretações serão apresentados a seguir, tratando matéria por matéria, dentre as selecionadas.

Na matéria denominada "Mestre Moa do Katendê: uma vítima do extremismo", de Jeferson do Nascimento Machado, encontramos discursos que, além de denunciar o assassinato violento de mestre Moa por motivos políticos, fazem algumas reflexões sobre o racismo e o papel da capoeira no combate a ele. Como Machado (2018) menciona, o caso foi de grande impacto para o universo da capoeira, pois o mestre era conhecido como um dos principais comunicadores da arte, e não somente da capoeiragem; ele era um ator ativo em outras causas, principalmente contra o racismo e a intolerância religiosa.

Machado (2018, n.p.) ressalta que a situação teve uma ampla repercussão midiática tanto nacional quanto interacional e que a morte de Moa[10] "levou muitos capoeiristas, grupos culturais e políticos, bem como grande parte da sociedade civil organizada, a realizarem uma série de eventos, atos e protestos contra o crime". Neste trecho a seguir, podemos observar que o autor faz uma menção ao que o mestre Moa representava para a capoeira e para a sua comunidade. Nele, também, observamos uma importante pontuação realizada pelo autor: o crime de mestre Moa não seria um fato isolado e distante, mas um problema presente na sociedade.

> Toda esta rede de ações pragmáticas e discursivas, criadas em volta de Moa, parece apontar que a sua morte, longe de ser algo isolado e distante, está totalmente enraizada ao social, catalisando sentimentos e produzindo ações. A dimensão social do ocorrido ultrapassa o próprio evento – junta-se a outros tantos crimes, de hoje e de ontem, cometidos contra o negro, contra os trabalhadores e todas as minorias em

[10] Mestre Moa foi assassinado em 8 outubro de 2018, logo após as eleições presidenciais de 2018. O mestre teria sido atacado, por um eleitor de Jair Messias Bolsonaro, logo após uma discussão ocasionada pela declaração de sua opção de voto em Fernando Haddad do PT (Partido dos Trabalhadores). O crime de mestre Moa teve ampla repercussão midiática tanto pelo motivo do crime quanto pela dada importância de mestre Moa.

> poder – e produz redes de consciências que podem despertar as classes menos favorecidas (MACHADO, 2018, n.p.).

Com isso, o autor faz com que o leitor/leitora compreenda que esse fato é um problema antigo e que a violência está presente na vida de pessoas negras, fazendo parte de uma dada estrutura.

Em outro momento, encontramos um discurso muito significativo sobre a perseguição que a capoeira já sofreu e que, de outras formas, ainda está presente atualmente. O autor ainda comenta que essa luta extrapolaria o meio da capoeira e estaria presente na vida de muitas pessoas negras, como podemos verificar no seguinte trecho:

> Este atentado contra Moa e seus outros colegas de ensaio revela a parte de uma perseguição antiga, histórica, da burguesia brasileira sobre o negro, sobre o capoeira, sobre o trabalhador. Porém, mesmo com a perseguição, Moa nunca parou de lutar, prosseguiu engajado nas lutas sociais até o dia 7 de outubro, quando foi violentamente assassinato (MACHADO, 2018, n.p.).

Aqui, observa-se que não apenas Moa, mas outros/outras capoeiristas sofreram opressões por parte da sociedade burguesa, a qual poderíamos interpretar como representante da branquitude. Entendemos que, mesmo que mencione "o trabalhador", a palavra, nesse contexto, não está empregada em sentido amplo, ou seja, esse "trabalhador" não estaria representando um coletivo de trabalhadores. O que o autor estaria propondo com essa palavra seria a conotação de classes trabalhadoras mais desprovidas, e temos ciência – por causa de um racismo estrutural – de que grande parte desses trabalhadores seriam representados por pessoas negras.

Ao apontar que o crime contra mestre Moa não seria um fato isolado, o autor expõe uma nova reflexão sobre a perseguição contra os/as capoeiristas. Ele diz que essa perseguição antiga não seria contra determinadas pessoas que praticassem a capoeira, mas, sim, contra a capoeira como um todo, e que a violência contra o/a capoeirista teria o intuito de extinguir essa prática. No entanto, como os/as opressores/opressoras não teriam conseguido, eles buscaram novas formas de dominar, como sugere o seguinte trecho:

> A perseguição a capoeira esteve assentada, ao longo de sua história, na luta de classe. E essa perseguição foi constante, os poderosos não descansaram um só dia no intuito de eliminar a capoeira. E quando notavam que era impossível, tentavam domesticá-la (ainda tentam até hoje). No entanto, ela sobreviveu à escravidão, à Ditadura e continua atuante nas periferias, nos becos, nas vielas e cortiços (MACHADO, 2018, n.p.).

Em seu discurso, Machado (2018), ao enfocar a condição de perseguição contra o/a capoeirista, afirma que essas circunstâncias estão encrustadas na própria história da capoeira. Entretanto, o autor ainda faz uma importante ressalva sobre essa prática, tratando-a como um dos sinônimos de resistência das pessoas negras, a qual "surgiu como resposta contra o colonizador europeu, servindo como instrumento de luta contra a escravidão e a repressão policial." (MACHADO, 2018, n.p.). Foi possível entender que, mesmo que o discurso seja sobre um crime hediondo, aborda, mesmo que secundariamente, a violência policial, sendo que esse é um dos assuntos mais discutidos quando se fala em violência na capoeira, como será apontado mais à frente, nos outros textos analisados.

Apesar de essa matéria não fazer um grande apelo contra a palavra "racismo", e o autor posicionar a violência contra a população negra num contexto das relações socioeconômicas e de trabalho, podemos perceber que o texto denuncia as desigualdades sociais que estão presentes na vida dos/das capoeiristas. Além disso, que estes/estas recebem tratamento diferente por serem estigmatizados por certos termos mencionando que os/as capoeiristas são descritos como "vadios" e "desocupados", conforme o seguinte trecho:

> No entanto, mesmo sendo fato que a capoeira foi criada por trabalhadores escravizados, a burguesia sempre buscou chamar ela de uma prática de vadios, desocupados. Se olharmos para os jornais antigos da Bahia, por exemplo, nos depararemos com os ritos de carregar peso – que eram realizados pelos trabalhadores de rua – conviviam com a capoeira, sendo que o cancioneiro da capoeira bebeu nos cantos do trabalhador de rua e este se utilizava da capoeira em momentos conflituosos ou lúdicos. No geral as fontes revelam que os capoeiras, mesmo depois da escravidão, continuavam a exercer as profissões antigas mostrando certa continuidade de posição, desta forma eles continuaram a viver de ocupações esporádicas e intermitentes: estivadores, carroceiros, peixeiros, engraxates, pedreiros, chapeleiros, etc. (MACHADO, 2018, n.p.).

Outro ponto importante nesse discurso é que o autor exalta quem era o mestre Moa e qual era sua importância para a sociedade brasileira como um todo, não somente para a capoeira, pois bem sabemos que os atores ativistas negros/negras, muitas vezes, tiveram seu protagonismo anulado ou silenciado, mesmo em momentos de comoção. Nesse caso, Machado enfatiza que a morte de mestre Moa significa mais do que o próprio ocorrido, pois ela gerou uma mobilização nas pessoas contra a violência que mestre Moa sempre combateu e pela qual acabou sendo vitimado.

Partindo para as próximas análises, nesse nosso recorte, encontramos uma matéria que não é, em si, uma reflexão, mas uma considerável divulgação sobre uma cartilha contra o racismo, desenvolvida pelo TSE.

Na matéria denominada “TSE lança cartilha ‘Expressões racistas: por que evitá-las’”, é apresentada a cartilha que contém expressões de origem racista e que seriam ofensivas à população negra. Nesse texto são apontados cerca de 40 termos que estariam presentes no cotidiano e que deveriam ser abandonados pelas pessoas, pois elas carregariam um teor preconceituoso e racista. Esse texto foi republicado por mestre Luciano Milani (2022), atitude que pode ser interpretada como uma ação contra o racismo, uma vez que tem a intenção de minar essa relação preconceituosa. Ao trazer essa cartilha, o autor assume que o racismo está presente nas estruturas da nossa sociedade, inclusive linguísticas, pois, mesmo que essas palavras não fossem consideradas criminosas, o público seria orientado a abandoná-las. O texto ainda traz um tom educativo, com explicações curtas sobre o que seria o racismo e alguns de seus tipos, como o racismo estrutural, o racismo escondido e o racismo escancarado.

Essa publicação representa o esforço do mestre de capoeira em se posicionar contra o racismo, assumindo que este é construído a partir de uma estrutura racista, que está enraizado na sociedade, a qual deve repudiá-lo e eliminá-lo, pois, ainda que essas palavras não fossem preconceituosas, elas seriam violentas para as pessoas racializadas. Sobre essa questão de posicionamento, em outro texto, Mestre Luciano Milani faz um apelo para que os/as praticantes de capoeira se posicionem contra injustiças e desigualdades sociais, conforme aponta o seguinte trecho:

> Este poema, de Sophia de Mello Breyner Andersen, denuncia as injustiças e desigualdades sociais, traz uma reflexão contundente sobre o atual panorama da nossa arte-luta… nossa capoeiragem… Fica aí um importante exercício de sensibilização e reflexão sobre posicionamento… pois todos os outros se calam… mas TU NÃO!!! (MILANI, 2021a, n.p.).

Essa tendência em pedir posicionamento contra as desigualdades, principalmente causadas pelo racismo, é consequência de outra prática bastante recorrente nesses discursos, a denúncia. Ela está presente no texto de Sílvia Maria (2021), intitulado “Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?”, que apresenta a diferença de tratamento de pessoas negras pela polícia, as quais seriam tratadas com violência e truculência nas abordagens policiais nas comunidades.

Em tal texto, é feito um relato de situações racistas que foram noticiadas pela mídia; além disso, a própria autora relata alguns casos pessoais, o que representa uma mesclagem entre fatos noticiados na mídia com a experiência da própria autora. Silvia Maria já começa

seu discurso pontuando o seu posicionamento antirracista, como podemos verificar no seguinte relato:

> Fui convidada para participar de um encontro com educadores, sobre a importância de ressignificar o dia 13 de maio, que, para além da suposta Abolição da Escravatura, é o Dia Nacional de Combate ao Racismo. Também pensaríamos caminhos para a escola construir práticas antirracistas (MARIA, 2021, n.p.).

Conforme indica o extrato abaixo, esse movimento de exclusão e expurgo se deu, inclusive, por meio do uso da lei. O trecho também destaca que a denúncia desse movimento e a ressignificação do processo histórico de exclusão da população negra é uma forma de ensinar:

> Faríamos um percurso histórico sobre as ações que excluíram a população negra da sociedade a partir do dia 14 de maio de 1888, dentre elas, a proibição de frequentar escolas, possuir terras, a mudança do Código Penal que criminalizou a capoeira e a vadiagem, a luta do povo negro para libertação e por fim, abordaríamos estratégias pedagógicas (MARIA, 2021, n.p.).

A autora faz, assim, um aprofundamento da história da escravidão de pessoas negras e de seu percurso histórico para destacar uma série de ações que teriam excluído a população negra da sociedade. Esse trecho mostra o esforço em indicar que, mesmo após a abolição da escravidão de pessoas negras, estas continuaram a ser excluídas da sociedade brasileira.

Maria sustenta que as situações de exclusão da população negra estão longe de terem sido superadas. Para tanto, traz para o/a leitor/leitora acontecimentos contemporâneos sobre envolvendo jovens que foram abordados pela polícia, de maneira violenta, em decorrência da cor de pele, evidenciando a existência de um racismo estrutural. A autora trouxe esse caso à tona pela sua repercussão, visto que um jovem negro foi abordado e preso pela polícia e acabou gravando toda a abordagem. No vídeo, é possível ver que o jovem questiona a forma como foi abordado: com arma apontada para ele, os policiais o algemaram, com a alegação de que ele teria desacatado uma ordem legal. Esse caso teve grande repercussão nas redes sociais e levantou suspeitas de um ato racista, pois, mesmo após a abordagem ter sido considerada irregular, no ano de 2022, a Justiça de Goiás considerou o caso como uma ação legal.

> Enquanto organizava o material recebi um vídeo onde um ciclista negro, o jovem youtuber Felipe Ferreira filmou a abordagem feita por policiais que estavam procurando traficantes em um parque. Enquanto Felipe ouvia comandos para encostar a bike, colocar as mãos na cabeça e outras frases no imperativo, questionava as formas de tratamento, pois havia uma arma apontada em sua direção. Felipe justificava que estava dando um rolê e no momento em que foi algemado disse a frase que me incomodou: Eu sou um trabalhador! O incômodo aumentou quando o policial respondeu ao rapaz: E eu sou vagabundo. Eu tô aqui brincando! (MARIA, 2021, n.p.).

Maria também comenta que se deparou com outros casos parecidos com o de Felipe, como o caso de Matheus Ribeiro, que também teve repercussão na mídia após o jovem negro ser acusado por dois jovens brancos de ter roubado uma bicicleta. Aqui, a autora faz uma breve observação: que o jovem negro que foi acusado precisou buscar maneiras para provar que a bicicleta era sua, e que o verdadeiro autor do crime era branco, sendo esse fato apontado por ela como um "verdadeiro tapa na cara da sociedade racista brasileira" (MARIA, 2021, n.p.). Nesse sentido, temos uma situação onde, de fato, são espelhados os diferentes tratamentos, mas normalmente violentos e precoces, dados às pessoas racializadas.

Maria (2021) ainda traz outros relatos, estes ouvidos por ela própria, como o de estudantes que precisaram abandonar a escola para trabalhar, e de universitários/universitárias que têm dificuldades para se dedicar aos estudos. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi o caso que ela presenciou. Nesse episódio, seus alunos do sexto ano foram abordados por policiais e ela teve que intervir, explicando que eles eram seus alunos, para que fossem liberados. A autora faz, assim, uma reflexão em que indica que, para uma pessoa negra não ser considerada "suspeita", ela deve estar trabalhando, o que sugere que as relações raciais estão ligadas às relações econômicas. Em outras palavras, ela aponta que "negros que não estão trabalhando são criminosos em potencial" (MARIA, 2021, n.p.), de acordo com a sociedade branca.

Maria ainda apresenta uma autora negra tida como referência: Sueli Carneiro, e aponta que o nosso país seria historicamente racista, principalmente por passar por um projeto colonial. Com isso, além de apontar o racismo como um problema antigo da colonização, a autora indica que ele ainda está presente, causando desigualdades e violências a partir das lógicas da colonialidade, como observa no seguinte trecho:

> Atualmente sabemos que jovens negros aprendem muito mais do que sempre a portarem uma documentação, mas principalmente que vivemos em um país historicamente racista, onde o projeto colonial para a população negra ainda está em continuidade. Como disse Sueli Carneiro: o plano do governo Bolsonaro para negros é o extermínio ou a submissão (MARIA, 2021, n.p.).

Para finalizar a análise dessa matéria, destacamos que, de modo geral, o que a autora sustenta é que a violência está cotidianamente presente na vida das pessoas negras, e que isso é normalizado pela branquitude, isto é, a violência contra jovens negros/negras não seria questionada ou seria até mesmo negada. Essa negação seria justificada pela existência de supostos ambientes criminosos e violentos, como as periferias, as favelas, as comunidades etc.

Entre as matérias selecionadas, não encontramos apenas discursos sobre racismo praticados pelo Estado ou por Instituições. Foram encontrados discursos realizados após a ocorrência de casos que podem ser considerados racismo individual, como nas matérias "Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares" e "Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de 'escória maldita'", que foram apresentadas após falas de Sérgio Camargo, ex-presidente da Fundação Palmares, sob o governo de Jair Bolsonaro.

Na primeira matéria, Pinheiro tem a intenção de divulgar um parecer sobre a retirada de determinados livros do acervo da Fundação Palmares, após a divulgação de expurgo de livros por Camargo. Nesse texto, percebemos não um caráter denunciador, mas, sim, de enaltecimento do valor, para as culturas afro-brasileiras, do acervo fundador básico-histórico da biblioteca da Fundação Palmares expresso por leis, o que seria uma conquista da fundação.

Entretanto, na segunda matéria, mestre Milani apresenta um texto de opinião expressa, no qual faz duras críticas aos comentários proferidos por Camargo, as são apresentadas no decorrer da matéria. Camargo teria chamado os movimentos negros de "escória maldita" e ainda teria feito insultos à mãe de santo Baiana de Oyá, insultando-a de "macumbeira" e "filha da puta". Em outro ponto da matéria, ainda é mencionado que Sérgio teria dito que não era obrigado a admirar Zumbi dos Palmares.

Em sua nota de repúdio, o mestre faz o seguinte discurso sobre as declarações de Camargo:

> De todos os descalabros, incoerências e inconsistências que possamos imaginar, este sujeito é capaz de merecer um lugar de destaque no que tange ao desrespeito à cultura e à cidadania… Este fulano está para o respeito e a tradição, assim com Bolsonaro está para Obama…
> Conhecido na comunidade pelas suas façanhas e pela sua política enviesada e desprovida de qualquer negritude, o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo Nascimento, fecha a semana com chave de ouro.
> Do lado de cá do oceano, tento refletir… tento entender… talvez me faltem alguns neurônios?!? Como este capitão do mato pode estar à frente desta instituição… como pode representar algo intitulado de PALMARES!!! (MILANI, 2021b, n.p.).

E possível perceber o grande desconforto que as palavras de Sérgio Camargo causaram no mestre, uma vez que este destaca que essas falas seriam um desrespeito à cultura e à cidadania, e que Camargo não respeitaria a tradição e não estaria à altura do cargo que ele ocupa, por estar "desprovido de negritude". Aqui o termo é utilizado referente aos movimentos da negretuide (CÉSAIRE, 2010).

Podemos observar a utilização da expressão “capitão do mato” para denominar Sérgio. Esse termo, provido pela colonialidade, seria destinado aos funcionários responsáveis por capturar pessoas negras escravizadas que conseguissem fugir do regime de escravidão. O termo é carregado de sentido negativo, pois os capitães-do-mato eram responsáveis por exercer opressões e punições extremamente violentas contra as pessoas negras escravizadas.

Mesmo que o texto não cite a palavra racismo, ainda podemos interpretar que as falas de Camargo seriam ofensivas, violentas e direcionadas aos grupos negros. E, nesse sentido, o discurso de mestre Milani pode ser considerado mais uma consternação do que uma informação, repudiando os atos de Camargo.

Dentre as matérias analisadas, ainda encontramos a divulgação de eventos que poderíamos interpretar como críticos à ideologia, ou antirracistas, como as publicações intituladas “Ireti: teatro on-line – Inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira”, “Campinas: multidão acompanha lavagem da escadaria da Catedral”, “Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial” e “Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe”.

Fazendo uma breve análise dessas matérias, verificamos que elas chamam a atenção por divulgar eventos relacionados às culturas afrodiaspóricas, os quais fazem o enaltecimento dessas culturas. No entanto, os textos não deixam de comentar que, por um período longo e até presentemente, essas mesmas culturas vêm sendo depreciadas. Assim, argumentamos que as referidas matérias fazem uma reinvindicação em favor dessas culturas, silenciadas pelo racismo.

Na matéria “Ireti: teatro on-line – Inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira”, temos a divulgação de uma peça da Cia. do Despejo, que traz, como inspiração, a mitologia Iorubá para fazer crítica à violência contra pessoas negras. O grupo ainda utiliza termos com fundamentos teóricos, como “necropolítica” (MBEMBE, 2018b). É importante ressaltarmos que esse evento foi publicado no portal, mesmo que não tivesse ligação com a capoeira, indicando a importância da temática das culturas afrodiaspóricas, como a Iorubá, para o site.

Em outra matéria, temos a divulgação de um evento que sempre foi representado como celebração dos povos negros, e mais importante ainda, que é todo ele um ato de resistência: a lavagem das escadarias das catedrais. Sobre esse evento, a matéria “Campinas: multidão acompanha lavagem da escadaria da Catedral” divulga a celebração como uma resistência, considerando a lavagem como um legado cultural e religioso. O texto ainda conta que o evento teve participação de outras manifestações, como samba e capoeira. Podemos, ainda,

perceber que o texto evoca a voz de uma especialista cultural, que comenta que o racismo é dirigido à população afrodescendente e suas culturas, mencionando que a lavagem é uma forma de tratar a intolerância e o racismo religioso, pois esse evento é realizado por membros das religiões de matriz africana. Aqui, podemos observar que o conteúdo do texto serve para construir um sentido de orgulho e para mostrar que a lavagem teria um sentido de oposição ao racismo.

Também podemos destacar a matéria "Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial", que faz a divulgação do Fórum Social Mundial, o qual ocorreu em 2018, na capital baiana, Salvador. Além de divulgar o fórum, a matéria destaca a Marcha de Abertura, da qual diferentes grupos estariam participando. Desde o primeiro momento, a publicação já faz uma ressalva de que a cidade baiana seria um palco histórico de resistência e de luta das populações negras. Porém, o mais importante é que a matéria comunica a importância da participação da população negra e indígena nessa marcha, que contaria também com a presença de capoeiristas. Nela, a capoeira é citada como uma luta de resistência, o que inclui a arte como um dos movimentos atuais contra as desigualdades sociais. Em certos trechos, também notamos um tom de denúncia, que aponta a violência contra a mulher negra e o ódio religioso contra as religiões de matriz africana.

Outro importante evento que foi divulgado no site e chamou a nossa atenção foi divulgado na matéria "Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe". Essa matéria fala sobre um evento que reuniu capoeiristas e pesquisadores/pesquisadoras para debater sobre a capoeira. Diferentemente das outras matérias, essa aborda diretamente a prática da capoeira. Porém, mais relevante é a sua relação com outros temas, como racismo, pandemia, tradição oral, descolonização, capoeira "gospel" etc., pois isso, em certa medida, mostra que esses assuntos fazem parte de uma pauta de debates ligados à capoeira. Outro ponto relevante da matéria é a menção de que, apesar de o evento ser realizado em uma universidade, contou com a presença ativa de capoeiristas: "Esse encontro pretende reunir para o debate pesquisadores acadêmicos ou não, de diversas áreas de conhecimento, com destaque para pesquisadores capoeiristas, e capoeiristas pesquisadores, além da presença de mestres e mestras de capoeira" (MILANI, 2021c, n.p.).

Essas matérias indicam que o *Portal Capoeira* possui interesse em divulgar eventos relacionados às culturas afro-brasileiras, principalmente aqueles que podem ser considerados formas de resistência à discriminação e ao racismo, e que não são apenas caracterizados por uma relação direta com a capoeira. Esse ponto talvez se explique pelo fato de a capoeira ser

tratada como luta de resistência das populações afro-brasileiras, o que a ligaria a outras formas de resistência das populações negras.

Porém, não encontramos apenas discursos que divulgassem eventos de resistência ou denunciassem o racismo; encontramos, também, discursos que convocavam os/as leitores/leitoras do Portal Capoeira a participar de protestos contra o racismo. O seguinte trecho é indicativo desse objetivo: "Todos juntos: ato de repúdio #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem". Nesse texto, mestre Milani (2020) convoca: "Urgente! Ato de repúdio. Dia 26 de agosto, quarta-feira, 15h, Mestre Nenê presta depoimento na 14ª DP. É importantíssima a presença de todxs capoeiristas e qualquer pessoa que repudie atitudes racistas. Tragam pandeiros e berimbaus".

Sobre esse discurso, podemos apontar que ele foi produzido em consequência de uma matéria anterior publicada no site a "Violência policial: Polícia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo". Nesse sentido, além de denunciar o ocorrido, mestre Milani posicionou-se veementemente contra o ocorrido, convocando atos de repúdio contra o racismo, o que o posiciona novamente como um ator antirracista.

Como mencionamos, o discurso anterior foi ocasionado por outra matéria, que abordaremos agora: "Violência policial: Polícia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo". Nesta, observamos uma forte denúncia sobre o caso envolvendo o mestre de capoeira Nenê, que é apontado como um grande propagador da capoeiragem em São Paulo, considerado, no texto, como um dos pilares da Roda de Capoeira da Praça da República. Esse texto apresenta várias descrições sobre a violência na abordagem policial de mestre Nenê, que se encontrava na frente de sua casa com o filho no colo, na presença de alguns/algumas alunos/alunas.

A matéria aponta tanto a denúncia do caso de violência quanto a justificativa da Polícia Militar na ação. O caso é apresentado como violento e injusto, já que é revelado que mestre Nenê não teria envolvimento com o roubo que foi acusado de cometer. Também somos informados, no texto, de que o mestre foi preso sem ter o motivo informado no momento da prisão.

Podemos, ainda, mencionar que, na matéria, o fato não foi apontado como um caso de racismo. Porém, como vimos anteriormente, ele foi analisado por mestre Milani como um caso de racismo. Por isso ele convocou atos de repúdio contra o racismo, em frente da delegacia, no mesmo dia em que ocorreria o depoimento de mestre Nenê.

Aqui, observamos um acontecimento discursivo, em que um discurso extravasa a dimensão discursiva do outro, pois o primeiro é o apontamento e a denúncia do caso de

violência contra um capoeirista negro, e, posteriormente, temos, como consequência, a convocação do ato de repúdio, que assume que as ações da denúncia anterior seriam racistas.

Entre essas matérias, encontramos outro caso de denúncia por parte de um mestre de capoeira. Na matéria intitulada "Capoeira, não finja que não viu: pode ser abuso!", assinada por mestre Paulão Kikongo, temos um discurso que clama para que os/as capoeiristas não se calem diante de casos de abusos ou de exploração sexual infanto-juvenil, pois estariam ocorrendo casos também na capoeira. Entretanto, dentro da nossa proposta de análise discursiva, o mais importante, nesse texto, é a ampliação da discussão para um nível racial, ou seja, para o fato de que o mestre chama atenção para os abusos contra crianças e jovens negros/negras e indígenas. Este faz uma denúncia sobre outros tipos de crimes a que as crianças estariam sujeitas e que, muitas vezes, não comoveriam parte da sociedade, como nos casos de crianças que morrem por bala "perdida" nas comunidades:

> Importante destacar que, infelizmente, nossas crianças e adolescentes vêm sofrendo diversos tipos de violações, de caráter sexual ou não, há muito tempo. Sejam violências perpetradas por parte do Estado (morte por "bala perdida" em escolas e na sua própria residência); morte no elevador (ontem fez um ano da morte do Miguel) dentre tantas outras violações, como as que vêm recebendo as crianças indígenas por descaso dos órgãos competentes que deveriam zelar por sua proteção (KIKONGO, 2021, n.p.).

O que mais chama atenção no excerto acima é novamente o pedido de posicionamento aos/às capoeiristas a respeito desse tipo de acontecimento e desses crimes. Essa conclamação indica que os/as mestres/mestras de capoeira buscam chamar a atenção de seus grupos, principalmente quando o tema é de interesse comum da sociedade, como podemos observar no seguinte trecho: "A nossa Capoeira e nós, capoeiristas de todos os matizes, precisamos nos posicionar diante de tais acontecimentos, pois não há como se omitir em acusações tão graves como esta" (KIKONGO, 2021, n.p.).

A partir dos extratos supramencionados, podemos concluir que esses/essas mestres/mestras de capoeira buscam, por meio dessas denúncias, um posicionamento dos/das capoeiristas, que mostre que estão dispostos/dispostas a terem atitudes ativistas, como havíamos mencionado anteriormente.

Ainda encontramos discursos contra outros tipos de racismo, como o religioso. No texto de mestre Luciano Milani com o título "Preconceito e ódio no altar", o autor fala sobre um caso de intolerância de um pastor evangélico que fez declarações preconceituosas sobre a prática da capoeira. Nesse caso, mestre Milani argumenta que essas declarações incitariam o ódio contra os/as capoeiristas e aponta que isso seria um crime. Para tanto, menciona a lei e

ainda alega que o problema já seria recorrente desde o período colonial, quando a religião católica de origem europeia não permitiria a manifestação de outras religiões, principalmente as de matrizes africanas e indígenas, as quais eram classificadas como maléficas ou pertencentes ao "diabo". No entanto, o que mais chama a atenção é o alerta de que se algo não fosse realizado diante desses ataques, a capoeira poderia sofrer ataques, como indica o seguinte trecho: "Já foram registradas destruições de imagens de santos em templos católicos, bem como ataques em terreiros de candomblé e umbanda…. Em breve a Roda e/ou treino de capoeira pode vir a ser vandalizado!!!" (MILANI, 2021d, n.p.).

O mestre ainda estabelece uma relação entre a intolerância religiosa com o racismo, principalmente no contexto brasileiro, como apontamos abaixo:

> No Brasil, esse problema está relacionado majoritariamente ao racismo, pois a intolerância religiosa é praticada, em maior escala, contra os adeptos das religiões de matriz africana. Nesse caso, a intolerância religiosa carrega uma vontade de anular e depreciar uma cultura, uma arte, um patrimônio da humanidade chamado CAPOEIRA (MILANI, 2021d, n.p.).

Porém, ao denunciar essa situação, o mestre menciona que o caso seria levado à justiça, iniciar-se-ia uma representação criminal contra o pastor e também seria pedido para que o vídeo fosse retirado das redes sociais:

> Nosso Parceiro e Amigo mestre Paulão da Rádio Capoeira também "já chamou pro jogo". Acabamos, via nossa instituição, de fechar parceria com o Doutor Hédio Silva, que atuará Pro Bono entrando com uma Representação Criminal contra este "pastor" e sua igreja e ainda solicitará que este infame vídeo seja retirado da rede social onde foi publicado (MILANI, 2021d, n.p.).

Também encontramos um texto de autoria anônima, em que o autor utilizou o pseudônimo Filósofo, com o título "O profissional e o 'papo furado'". Apesar de esse texto falar sobre a profissionalização na capoeira, foram encontrados elementos que se mostraram relevantes para a nossa análise, como o seguinte trecho: "Mas será que a gente não pode fazer melhor do que isso? Será que os capoeiristas se deixam vencer tão facilmente por um sistema que tem base em – e é causa – da mesma miséria onde a nossa arte se criou; a escravidão? É isto mesmo, 'ser profissional'?" (FILÓSOFO, 2019, n.p.). Nesse trecho, podemos observar que a capoeira é novamente ligada ao regime da escravidão, sendo mostrada como um sinônimo da luta das pessoas negras escravizadas contra o regime escravocrata.

Nessa matéria, novamente percebemos o estabelecimento de um elo entre escravidão, capitalismo e capoeira. O autor faz uma reflexão sobre a exploração de pessoas negras

escravizadas, e afirma ainda que a capoeira é uma construção dessa mesma época. Em tal matéria, são encontradas outras afirmações, como a de que o racismo faria parte da exploração do sistema econômico capitalista. Todavia, o mais relevante é que, novamente, vemos a capoeira ser citada como uma forma de resistência ao racismo e, também, ao capitalismo:

> Para quem não tinha noção, a escravidão não só foi a situação onde a capoeira nasceu; ela também foi a base de um sistema econômico baseado na exploração do produtor da riqueza – o escravo, que, quando o sistema escravocrata foi deixado por ser ineficiente e caro demais, se tornou trabalhador 'livre'. O racismo e a opressão das expressões culturais da população negra – contra o que a capoeira sempre se resistiu – foram parte e em função do sistema econômico da exploração – e a base do capitalismo. A economia se desenvolveu, mas na base não se mudou – será que o papel da resistência da capoeira deveria se mudar? (FILÓSOFO, 2019, n.p.).

A relação entre a capoeira e a escravidão de pessoas negras, no passado, também é estabelecida na matéria intitulada "Brasília – DF: Grupo leva capoeira a escolas públicas e fala sobre cultura negra". Nessa matéria, temos a exaltação de um grupo de capoeira que costuma ir até escolas de educação básica ensinar sobre a história da África e da luta das pessoas negras. Nela, encontramos discursos que afirmam que a prática da capoeira ajudaria a sensibilizar crianças e adolescentes sobre a afirmação das culturas afro-brasileiras. Esses discursos ainda buscam enaltecer essas culturas na formação da identidade brasileira, que possui uma ampla presença de origem africana. A matéria também destaca que o referido grupo de capoeira tem, como objetivo, por meio da capoeira, abordar temas sensíveis presentes no cotidiano de várias pessoas, como o racismo, violência escolar (*bullying*) e machismo.

Outro tema bastante presente nas matérias são as relações entre capoeira e religião. Na matéria "Quem tem medo a capoeira gospel?", assinada por Omri Breda Ferradura, encontramos um discurso sobre a capoeira "gospel" e uma discussão sobre essa prática. Como podemos observar no trecho abaixo, a capoeira é irrigada por uma série de elementos constituintes de outras culturas ou práticas afro-brasileiras, entre elas as religiões de matriz africana:

> Historicamente, os mestres tradicionais de Capoeira eram praticantes das religiões de matriz africana. De Bimba a Pastinha, de Caiçara a Cobrinha Verde, todos os mestres estavam inseridos em um contexto onde a "mandinga" não era somente um termo relacionado ao jogo, mas principalmente um modo de se colocar no mundo, intimamente ligado ao candomblé. Com o fortalecimento do avanço das religiões pentecostais nas comunidades populares pelo Brasil afora, a partir da década de 1980, muitos mestres de Capoeira abraçaram o evangelho, abandonado as antigas religiões de matriz africana a que pertenciam (FERRADURA, 2018, n.p.).

Esses símbolos também são encontrados em outras manifestações, como é o caso do samba, pois essas manifestações (capoeira, samba, candomblé etc.) teriam suas práticas centralizadas, por vezes, nas mesmas pessoas, ou seja, a pessoa podia ser ao mesmo tempo capoeirista, candomblecista, sambista etc. Isso significa que, de certa forma, essas manifestações estão relacionadas às culturas afrodiaspóricas.

A matéria sob análise também trata da capoeira "gospel" e indica como ela estaria sendo debatida pelos capoeiristas "tradicionais".

> Apesar de não serem um grupo coeso e de não levantarem uma bandeira única, há características próprias comuns a todos os "capoeiristas gospel". A rejeição aos rituais oriundos das religiões afro é a principal delas. O louvor a Jesus Cristo é outra. Em geral, a acompanham também um discurso moralista contrário à homossexualidade, às drogas e às discussões sobre gênero. Muitos se recusam a cantar cantigas que tenham menções a "marinheiro"; "vaqueiro", "boiadeiro" ou "pomba" por apresentarem personagens típicos da umbanda ou do candomblé de caboclo (FERRADURA, 2018, n.p.).

Nesse trecho, o autor destaca que a principal rejeição dos capoeiristas "tradicionais" à capoeira "gospel" relaciona-se ao apagamento das ritualísticas presentes nas religiões de matriz africana. Em dado momento da matéria, o autor também explica que a rivalidade seria acirrada entre os tradicionais e os capoeiristas convertidos/convertidas à religião evangélica:

> Grande parte dos convertidos a estas religiões são oriundos do candomblé ou da umbanda. Muitas vezes, ao trocarem de religião, são encorajados a queimar o passado para "renascer em Cristo". Vários se tornam ferrenhos adversários dos antigos companheiros, não raro afirmando que todos estão "possuídos pelo demônio" e que necessitam "aceitar a Verdade Divina" (FERRADURA, 2018, n.p.).

Aqui, podemos afirmar que o autor busca criar um tensionamento da disputa, pois ele fala que seriam os/as próprios/próprias capoeiristas que estariam propagando a discriminação na capoeira. Ele ainda afirma que a rejeição também estaria presente no lado dos/das capoeiristas "tradicionais", conforme o seguinte trecho:

> Do outro lado, há também uma rejeição por parte dos capoeiristas das vertentes "tradicionais" da Capoeira, que julgam que o uso do nome "capoeira" pelos evangélicos seria uma forma de apropriação cultural, com a perda do que acreditam ser o sentido original que historicamente organizou a forma de agir dos antigos mestres e a lógica do ritual e da liturgia das rodas (FERRADURA, 2018, n.p.).

O que observamos, aqui, é a construção de uma dicotomia para o termo "capoeirista", definindo ambos os lados por suas características e diferenças, mostrando dessa forma, que

existe uma acentuada polarização sobre ambas as práticas, principalmente em relação a uma tida como não oficial pelos/pelas capoeiristas tradicionais, como a capoeira "gospel".

Em outro momento, Ferradura afirma ser contrário à retirada dos símbolos tradicionais da capoeira que tivessem relação com as religiões de matriz africana, pois, segundo o discurso do autor, "a adaptação à fé evangélica seria somente a ampliação do racismo religioso que afeta todas as manifestações de origem negra no Brasil" (FERRADURA, 2018, n.p.). Nesse sentido, o autor tem um posicionamento contrário, alegando que isso aumentaria o racismo.

Mas o trecho mais interessante para nossa análise é o seguinte: "Aos capoeiristas tradicionais, repetem que não demonizam os atabaques, nem discriminam os "irmãos" que professam outra fé. Reclamam justamente do inverso, pois se sentem vítimas de intolerância religiosa por não associarem a Capoeira às religiões afro" (FERRADURA, 2018, n.p.). Aqui, afirma-se que os/as praticantes de capoeira "gospel" se sentiriam vítimas de intolerância religiosa, uma vez que os/as outros/outras capoeiristas não aceitam a retirada dos símbolos tradicionais. Podemos notar que o trecho se aproxima da prática de racismo reverso, que acontece quando outros grupos não racializados argumentam que sofreriam discriminação. Entretanto, como menciona Kilomba (2019), um dos aspectos mais importantes para se alegar como racismo é a relação com o poder. E, conforme apontam esta e outras matérias, as práticas das religiões de matriz africana sempre sofreram perseguições e fazem parte de uma relação de dominação.

E, por último, analisamos a matéria de Ana Ehlert intitulada "Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira". Essa matéria faz, novamente, um discurso, com tom de denúncia, de que o fato seria considerado racismo. O caso que foi tratado nessa matéria ocorreu em decorrência de um humorista ter feito algumas piadas sobre a capoeira, situação que teria gerado indignação nos/nas capoeiristas. A autora afirma que o humorista teria insultado os/as capoeiristas: "Desculpa, não tem como respeitar", afirma ele. Em outro trecho o humorista fala: "Dois negões gigantes rebolando, é capoeira ou parangolê? Quem tá [sic] ali quer ver sangue. Juro, a galera queria ver. Capoeira só ameaça. Não consigo respeitar" (EHLERT, 2018, n.p.). Esses trechos são apontados no texto, por Ehlert, tendo a intensão de expor o caso.

Na matéria, existem argumentos que apontam que as piadas não respeitariam a tradição e a resistência que a capoeira representa, e que isso teria ocasionado uma moção de repúdio da câmara de Curitiba.

Diante do exposto, nossa hipótese inicial se confirmou: devido à relação umbilical da prática da capoeira com as culturas afro-brasileiras e devido à sua possível origem de matriz

africana, encontraríamos discursos (fortemente) críticos ao racismo e à escravidão de pessoas africanas. Além de encontrar esses discursos, também percebemos que houve, nos anos pesquisados, um aumento de publicações e um interesse maior em tratar de assuntos sensíveis como o racismo. Assim, podemos afirmar que os discursos veiculados pelo material coletado podem ser considerados críticos à ideologia, uma vez que desafiam e colocam em xeque relações de dominação racialmente fundamentadas.

No entanto, também percebemos que, em geral, o assunto entrou em cena somente após eclodir na grande mídia, o que indica que, de certa forma, o *Portal Capoeira* acaba sendo por ela pautado. Em outras palavras, o referido portal parece ter "autonomia" para definir o que dizer sobre o racismo, mas não quando dizer. De qualquer modo, isso não invalida o potencial contestatório das notas de repúdio e das denúncias feitas. Elas são particularmente relevantes, pois afastam o mito da "democracia racial", que nega o racismo ou o dá como superado, trazendo a falsa sensação de que seria um problema alheio à realidade brasileira ou do passado.

Logo, além de denunciar o mito da democracia racial, o material pesquisado tende a afirmar que o racismo existe e é violento para muitos grupos de pessoas que são racializadas, e que, por isso, deve ser repudiado e eliminado da nossa sociedade. Podemos afirmar, portanto, que esse material tende a alimentar a luta antirracista.

Por fim, também verificamos que as matérias pesquisadas possuem um caráter pedagógico sobre o racismo e seus malefícios. Afinal, muitas vezes, buscavam promover uma conscientização sobre o assunto, feita mesmo quando o tema não era abordado diretamente, como em matérias que tinham outros assuntos como objeto de discussão e que não continham a palavra "racismo". Sendo assim, encontramos matérias que, ainda assim, faziam alguma referência à negritude ou se posicionavam contra as relações que envolviam discriminação contra pessoas negras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a explanação do tema, fica nítida a colaboração do *Portal Capoeira* na produção de discursos cujas formas simbólicas apresentam caráter crítico à ideologia, na medida em que eles tendem a estimular o debate sobre relações raciais na capoeira e a revelar conflitos que costumam ficar na penumbra. Essa divulgação contribui para, entre outros aspectos, desconstruir o mito da "democracia racial", o qual negaria o racismo ou o daria como superado, o que limitaria a sua interpretação. Assim, desvelar tais mitos torna-se fundamental, pois sua permanência colabora para a manutenção das relações de dominação, reforçando o racismo velado.

Ademais, com frequência, esses artigos fazem oposição a pontos de vista e posições racistas, contribuindo, portanto, para deslegitimar o fenômeno do racismo e, consequentemente, contestar as relações de dominação racialmente fundamentadas. Dessa forma, podemos afirmar que os discursos veiculados pelo material coletado podem ser considerados críticos à ideologia, uma vez que mostram fortes indícios de resistência e de oposição às formas simbólicas ideológicas. Logo, eles não só questionam relações de dominação racialmente fundamentadas, mas também se posicionam para eliminá-la.

Contudo, no que diz respeito às matérias publicadas no período analisado nesta tese, mesmo tendo ciência da relação muito próxima da prática da capoeira com as culturas afro-brasileiras, e que, por isso, haveria uma predominância de discursos contrários às práticas racistas, conseguimos observar que também houve um grande interesse em tratar de assuntos sensíveis, não apenas o racismo. Tal posição significa que o portal – e, portanto, os/as capoeiristas – estariam sendo atores ativos contra as desigualdades sociais e, eventualmente, contra as atuais relações de poder.

Porém, não podemos deixar de mencionar que esses discursos foram produzidos após a eclosão midiática, ou seja, após o surgimento na "grande" mídia, o que indica que, de certa forma, o *Portal Capoeira* acabaria sendo pautado por ela. Nesse sentido, o referido portal indica ter "autonomia" para, além de falar sobre a capoeira, também argumentar contra o racismo. Dessa forma, embora esse não seja o objetivo principal nas matérias, ele perpassa, frequentemente, as pautas relacionadas à capoeira e a seus/suas praticantes. De qualquer modo, isso não invalidaria a potencialidade contestatória das denúncias, principalmente nas opiniões e notas de repúdios, pois elas são relevantes, uma vez que se afastam da negação do racismo. Outro ponto importante para se destacar é que, muitas vezes, esses discursos buscam

ações mais contundentes, como, por exemplo, a convocação de protestos ou a sugestão de medidas legais contra os atos racistas.

Entretanto, esses discursos não manifestariam posições contrárias apenas ao racismo individual ou a determinadas ações, ou seja, percebemos também, nas matérias, um pedido para que os/as capoeiristas e os/as leitores/leitoras se posicionassem contrariamente ao racismo estrutural. Nesse sentido, observamos textos que divulgam eventos que discutem o racismo como comportamento presente no cotidiano brasileiro e que reforçam que ações racistas não se limitariam às ações individuais. Como exemplos dessa posição, lembramos a cartilha com expressões racistas ou o estabelecimento da relação entre o racismo e as condições degradantes de trabalho.

Assim, a partir do nosso referencial teórico e das devidas análises e interpretações, apoiando-nos novamente em Kilomba (2019), podemos apontar que o racismo é real e violento para muitas pessoas racializadas. Em se tratando ainda do espectro do racismo, podemos afirmar que ele faz parte de uma dada estrutura da sociedade brasileira, principalmente se observado pelo prisma das lógicas da colonialidade, ponto bastante debatido pela decolonialidade. Tais posicionamentos teóricos, expostos nesta tese, ajudam-nos a compreender que as lutas desses/dessas capoeiristas não fazem parte de um breve momento da história colonial do país; ao contrário, muitas dessas lutas seguiram e seguem presentes, mesmo após o fim da colonização e da escravidão de pessoas negras e indígenas. Nesse sentido, como ficou nítido nas matérias analisadas, é possível apontar a capoeira como uma prática de resistência, a qual, por vezes, pode passar despercebida por pessoas que não conheçam a prática, mas não pelos/pelas capoeiristas, principalmente os/as antigos/antigas mestres/mestras.

Portanto, a opção pelo *Portal Capoeira* e suas matérias para nossas análises, supriu, em certa medida, nossas frustrações iniciais com as consequências da pandemia de Covid-19. Isso se verifica, pois, apesar de não termos realizado entrevistas com os autores das matérias selecionadas, as análises detalhadas permitiram uma aproximação com os/as capoeiristas. E assim, da mesma maneira que o desenvolvedor do site, mestre Luciano Milani, conseguiu se reaproximar da capoeira ao escrever sobre ela, nós conseguimos dialogar com esses/essas mestres/mestras de capoeira por meio dessas matérias. E, certamente, ao analisar esses discursos midiáticos, também encontramos uma aproximação com a linha de pesquisa desta tese.

Assim, após este estudo e nossas análises e interpretações, acreditamos ter alcançado nossa intenção de contribuir para a valorização da capoeira como manifestação da cultura

afro-brasileira e de luta contra o racismo. No entanto, deixamos aberta a possibilidade de novos contornos para outras pesquisas que busquem complementar e aprofundar as teorias utilizadas nesta tese, em relação ao objeto de estudo (capoeira), o qual ainda tem muito a ser explorado, no que diz respeito a sua própria gênese até à construção do meio social em que esses/essas capoeiristas se inserem, inclusive no meio digital.

Outra questão que deixamos em aberto, para futuras pesquisas, é que, apesar de abordarmos um tema sensível como o racismo, e nos apoiarmos na decolonialidade, nesta pesquisa houve um aspecto não estudado: os discursos dos povos originários (indígenas) e dos povos quilombolas, principalmente acerca das lutas desses povos e as oposições que enfrentam. Nesse sentido, seria de extrema importância o debruçamento, pelo meio acadêmico, sobre essa temática, visto que também os grupos indígenas e quilombolas, por serem racializados, estariam propensos às formas simbólicas ideológicas, e que, a partir das lógicas da colonialidade, seriam amplamente silenciados.

Esperamos que a pesquisa tenha tido um significado positivo e ajudado a projetar meio social que a capoeira representa. Além disso, esperamos que este estudo alcance um pequeno avanço acadêmico, mas que, principalmente, ajude a destacar os discursos antirracistas, pois, como foi mencionado na tese, muito se fala sobre o/a racista, mas pouco sobre suas vítimas.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro. **Conversas de capoeira**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015.

ABREU, Carem Cristini Nobre de. **Ritomídia**: Do ritualístico ao midiático: A midiatização das culturas populares de raiz de matriz africana na perspectiva da Capoeira Angola. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social: Interações Midiáticas) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ARRUDA, Luiza da Silva; GUSHIKEN, Yuji. Capoeira: Rituais da comunicação, Decolonialidade e vinculações sociais no espaço do jogo. **Revista Internacional de Folkcomunicação,** Ponta Grossa, v. 13, n. 29, p. 108-123, maio/agosto 2015.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BELTRÃO, Luiz. Ex-voto como veículo jornalístico. *In*: MELO, José Marques; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013a. p. 229-234.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: Intercâmbio de Mensagens. *In*: MELO, José Marques; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013b. p. 110-115.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público". 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs). **Decolonidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. Introdução: Decolonidade e Pensamento Afrodiaspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs). **Decolonidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 09-26.

BRÁS, João Marcelo Flores de. **A casa do Mestre Ananias e os atravessamentos da capoeira ancestral na metrópole paulistana**: Comunicação, culturas urbanas e identidades. 2021. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Paulista, São Paulo, 2021.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **A mulher negra brasileira na década da mulher**. São Paulo: Nobel, 1985.

CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do Folclore**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CARNEIRO, Edson. Dinâmica do Folclore. *In*: MELO, José Marques; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 64-75.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para uma diversidade espistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: universidad Javeriana y Siglo del Hombre Editores, 2007.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **Crônicas históricas do Rio Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Notas para história da capoeira em Sorocaba**. Sorocaba-SP: Crearte Editora, 2017.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandayala, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CHAMBERLIA, M.E. **Decolonization**: The fall of the Europe Empires. Oxford: Blackwell Publichers, 1985.

CRUZ, José Luiz Oliveira. (Mestre Bola Sete). **A capoeira Angola na Bahia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

DAMATTA, Roberto. **O que faz brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTAS, Raquel Goncalves. **Corpo-Comunicação**: um estudo sobre a ginga feminista angoleira. 2020. 279 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos, textos e entrevistas, 1975-1995**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, [*s.l.*], número 010, p. 116-131, 2005. Disponível em: < https://www.redalyc.org/pdf/162/16201007.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

DOSSIÊ, **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2007.

DOSSIÊ, **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EHLERT, Ana. Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira. **Portal Capoeira**, Lisboa, 20 fev. 2018. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/camara-curitiba-aprova-mocao-repudio-humorista-piada-capoeira/ >. Acesso em: 14 set. 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**: textos políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da "raça branca". 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

FERRADURA, Omri Breda. Quem Tem Medo Da Capoeira Gospel? **Portal Capoeira**, Lisboa, 24 jun. 2018. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/quem-tem-medo-da-capoeira-gospel/ >. Acesso em: 14 set. 2022.

FERREIRA, Alexandre Donizete; SILVA, Lucas Contador Dourado da. Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v.34, n.4, p.665-681, julho/setembro 2012.

FERREIRA, Bruno Soares. **A Reinvenção dos Arquivos da Capoeira**: uma arqueologia audiovisual e biopolítica. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016a.

FERREIRA, Bruno Soares. **O Dispositivo da Capoeiragem**: escritas, técnicas e estéticas da existência. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FERREIRA, Tarcísio José. **A capoeira sob a ótica de gênero**: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira. 2016. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016b.

FILÓSOFO. O Profissional e o “papo furado”. **Portal Capoeira**, Lisboa, 04 mar. 2019. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/contemplacoes/o-profissional-e-o-papo-furado/>. Acesso em: 14 set. 2022.

FLECHA, Luís Carlos Quintino Cabral. **Do Campo de Mandinga à Carta do ABC - do imaterial ao material:** o corpo de saberes da Capoeira Angola-ancestral. Mediação, Performance e Memória Cultural. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Programa de Pós-Graduação Ciências da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da Capoeira. **Revista da Educação Física/UEM,** Maringá, v. 13, n. 2 p. 141-150, 2. sem. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. 2. ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart, Quem precisa de Identidade?. *In*: SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e Diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.103-133.

hooks, bell. Black women intellectual. *In*: hooks, bell; WEST, Cornel (rds.). **Breaking bread**: insurgente clack intellectual life. Boston: South End Press, 1991. p.174-164.

IBÁÑEZ GRACIA, Tomás. O "giro linguístico". *In*: IÑIGUEZ, Lupicinio (coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 19-49.

IÑIGUEZ, Lupicinio. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. *In*: IÑIGUEZ, Lupicinio (coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 105-160.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIKONGO, Paulo. Capoeira, não finja que não viu: Pode ser abuso!. **Portal Capoeira**, Lisboa, 04 jun. 2021. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/capoeira-nao-finja-que-nao-viu-pode-ser-abuso/>. Acesso em: 14 set. 2022.

LAZARSFELD, Paul F.; BERELSON, Bernard.; GAUDET, Hazel. **The People's Choice**. 3ª edNova York: Columbia Unversity Press, 1967.

LOBO, Carol. Capoeira vira patrimônio cultural brasileiro. **Palmares Fundação Cultural**, Brasília, 2008. Disponívele m: < www.palmares.gov.br/?p=2744>. Acessado em: 05 jan. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. Tese (Doutorado em

Psicologia Social) – Instituto de Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MACHADO, Jeferson do Nascimento. Mestre Moa do Katendê: uma vítima do extremismo. **Portal Capoeira**, Lisboa, 12 nov. 2018. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/mestre-moa-do-katende-uma-vitima-do-extremismo/>. Acesso em: 14 set. 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs). **Decolonidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.27-54.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la descolonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. *In*: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad espitémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Thinking through the Decolonial Turn: Post- Continetal Interventions in Theory. Philoosophy, and Critique – an Introduction. **Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic Word**, Merced, Califórnia, v.2, n.1, p. 1-15, 2011.

MARIA, SILVIA. Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial? **Portal Capoeira**, Lisboa, 21 jun. 2021. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/geral/carteira-de-emprego-no-bolso-de-uma-pessoa-negra-pode-proteger-sua-vida-diante-de-um-policial/>. Acesso em: 14 set. 2022.

MARCELLO, Murilo Aranha Guimarães. **Jiu-Jitsu na mídia**: análise do potencial ideológico dos discursos veiculados na revista Veja. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2017.

MARCHESI, Mariana de Toledo. **A roda em rede**: as transformações culturais da capoeira nos ambientes midiáticos digitais. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação, ECA/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Lendo "The Peopple's Choice" no seu 70º aniversário do "líder de opinião" aos "influenciadores digitais". **Revista Intercom**, v.4, n.3, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizades**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

MIGNOLO, Walter; ESCOBAR, Arturo. **Globalization and the Decolonial Option**. London: Routledge, 2010.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madina V. Theorizing from the Borders: Shifting to Geo/Body-Politics of Knowledge. **European Journal of Social Theory**, Sussex, v.2, n.9, p. 205-221, 2006.

MILANI, Luciano. Porque. **Portal Capoeira**, Lisboa, 13 jun. 2021a. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/cidadania/porque/>. Acesso em: 14 set. 2022.

MILANI, Luciano. Preconceito e Ódio no Altar. **Portal Capoeira**, Lisboa, 06 mai. 2021d. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/cidadania/preconceito-e-odio-no-altar/>. Acesso em: 14 set. 2022.

MILANI, Luciano. Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de "escória maldita". **Portal Capoeira**, Lisboa, 22 mai. 2021b. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/noticias-atualidades/presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita/>. Acesso em: 14 set. 2022.

MILANI, Luciano. Todos juntos ato de repúdio #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem. **Portal Capoeira**, Lisboa, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/todos-juntos-ato-de-repudio-mestrenene-repudio-think-todosjuntos-naoaoracismo-naoaviolencia-capoeira-capoeiragem/ >. Acesso em: 14 set. 2022.

MILANI, Luciano. TSE lança cartilha "Expressões racistas: por que evitá-las". **Portal Capoeira**, Lisboa, 17 dez. 2022. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/noticias-atualidades/tse-lanca-cartilha-expressoes-racistas-por-que-evita-las/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MILANI, Luciano. Viva tradição viva: nossos saberes vêm de longe. **Portal Capoeira**, Lisboa, 23 fev. 2021c. Disponível em: < https://portalcapoeira.com/capoeira/eventos-agenda/viva-tradicao-viva-nossos-saberes-vem-de-longe/> Acesso em: 14 set. 2022.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUZEL, Andrei Alberto. **Comunicação e infância**: Um estudo de caso sobre a produção cultural na educação infantil. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

MWEWA, Muleka. Entretenimento, “tempo livre” e sociedade de consumo no mundo da capoeira. **Refeld - Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, Santo André, v. 2, n. 2, jun. 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Ricardo César Carvalho. Dialéticas da ginga: performances dos corpos subalternos em movimento. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.22, n.2, p.45-59, agosto/setembro, 2019.

NÓBREGA, Saulo de Tarso Gambarra da. **Capoeira e Direitos Humanos**: Olhares, Vozes, Diálogos. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural:** uma perpectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PAIVA, Ilnete Porpino. **A capoeira e os mestres**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História,** São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Marla Beatriz de Oliveira. **Capoeira**: lócus de cultura e resistência. 2017. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

RIOS, Livia Sernache. **O convívio da diferença**: práticas biopolíticas no jogo de dentro e no jogo de fora. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROJO, Luisa Martí. A frontera interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre o “racismo”. *In*: IÑIGUEZ, Lupicinio (coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 206-257.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. 2. ed. Salvador: P55 Edições, 2021.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 7. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília,1988.

SALEM, Marcos David. **História da polícia no Rio de Janeiro- 1808 a 1930**: uma instituição a serviço das classes dominantes. 2003. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Leonardo José Mataruna dos; BARROS, Luciana de Oliveira. O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos. **Revista digital**, Buenos Aires, ano 4, n. 15, ago. 1999. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SCHUCMAN, Lia Vainer**. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2ªed. – São Paulo: Veneta, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Danielli Cristini dos Santos. **O mundo cabe na roda**: a apropriação do espaço público do Sítio histórico de Olinda – PE pelas rodas de Capoeira à luz do direito à cidade. 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SILVA, Luiz Rogério Lopes; SAMPAIO, Rafael Cardoso; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo. Discurso de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. **Galáxia online**, São Paulo, nº 46, p.1-26, Publicação Contínua, 2021.

SILVA, Jorge Silveira; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; MILDER, Saul Eduardo Seiguer. A prática da Capoeira enquanto patrimônio cultural: Trajetórias afrodescendentes e multiculturais no Brasil. **Revista Estudios Historicos**, Uruguai, n.12, jul./dez. 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3ªed. – Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

SOUZA, Ronivaldo Moreira de. O processo de produção de sentidos no universo do consumo: uma abordagem discursiva. **Revista Galáxia (São Paulo),** São Paulo, n.42, set./dez. 2019.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia**.** Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TONINI, Renato Neves. **O processo de criminalização da capoeiragem**. 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Folk-Ativismo. *In*: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 695-702.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso antirracista no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. 2ªed. - São Paulo: Editora Contexto, 2020.

VAN DIJK, Teun A. La multidisciplinariedad del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. *In*: WODAK, Ruth.; MEYER, Michael (orgs.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 143-178.

VAN DIJK, Teun A. **Racismo e discursos na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Os desafios contemporâneos da Capoeira. **Revista Textos do Brasil**, Brasil, n.14, p. 9-19, 2008.

WALSH, Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GOMÉZ, Santiago. **Indidisciplinar las ciencias sociales, geopolíticas del conhecimento y colonialidad del poder**: perspectivas desde lo andino. Quito: Universidad Adina Simón Bolivar y Ediciones Abya Yala, 2002.

ANEXO A – FICHAS DE LEITURA DAS MATÉRIAS ANALISADAS [11]

Ficha de matéria
Nº: 1
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 2 de novembro, 2022
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
CAPOEIRA BAIANA: Entre a Militância Cultural e o Fortalecimento Conjuntural
Texto da matéria
O movimento da capoeira na Bahia tem se defrontado nos últimos anos com inúmeros desafios, dentre estes, podemos destacar as inúmeras tentativas para interromper o crescimento exponencial da capoeira ”produto”, mercadorizada, espetacularizada e esterilizada de seus princípios norteadores ancestrais. Assim, neste movimento, queremos dialogar com a estratégia de auto-preservação adotada por alguns membros da comunidade soteropolitana, que foi intitulada de “militância cultura”, tentando refletir sobre os avanços e perdas desta perspectiva, diante da conjuntura do modo de produção capitalista e suas ingerências na capoeiragem baiana. 1.1 Historia, Capoeira e Exclusão social. A análise histórica da capoeira em nosso Brasil nos revela inúmeras contradições na interlocução com o sistema capitalista, refletindo um processo de constantes negociações sociais, com intuito principal de sobreviver contrapondo aquilo que hora apresentava-se como símbolo de exclusão do negro e/ou de sua matriz cultural. Como exemplo podemos citar: A criação da Luta Regional Baiana, o movimento em torno da sistematização da Capoeira Angola, a desportivização da capoeira, dentre outras. Assim, fica fácil perceber o “jogo” sempre realizado entre os agentes sociais e a conjuntura adversa para seguirem lutando por dias melhores. O “jogo” citado acima sempre foi marcado por resignificações, que pretendiam transformar os símbolos da resistência negra em algo “palatável” ao olhar do branco, fazendo com que algo que parecia subserviência fosse disfarçadamente uma semente para contestação de direitos sociais da comunidade de matriz africana, como no caso do termo “vadiação”, em que “vadiar” virou alegoricamente, para comunidade de capoeira, marca de um bom jogo, com a melhor roupa possível (domingueira), sendo este símbolo mais tarde reconhecido como fundamento da mais alta estirpe de mestres na Bahia. Conforme citado acima, os exemplos de militância ao longo da historia são muitos, contudo todos eles trazem um elemento em comum, a necessidade de contrapor o sistema, criando alternativas de fulga do processo de exclusão social e reafirmação de princípios da africanidade no Brasil. Assim seguiremos agora dialogando com algumas tentativas mais atuais, organizadas por um coletivo de capoeiras na Bahia, para o enfrentamento contra os ditames do capital. 1.2 Avanços e Contradições da Militância Cultura Atual. A abertura política dos anos oitenta possibilitou uma série de avanços no amadurecimento critico da sociedade em geral, mesmo que este ainda não fosse capaz

[11] Mantemos os textos originais encontrados no portal, sendo colocado no quadro apenas para a facilitação da leitura.

de superar alguns problemas do coletivo mais pobre e sem acesso a informação sistematizada formalmente. Ainda assim, foi possível perceber a ampliação da participação dos capoeiras em movimentos sociais, marchas políticas, partidos, dentre outras, criando uma ambiência mais politizada nas "rodas", mudando a toada do berimbau e ampliando o senso critico da comunidade. Alguns capoeiras, com mais acesso a educação formal, começam a ler os clássicos do Marxismo e passam a tentar adotar em sua praticas princípios da "esquerda brasileira" e com estes, trazem para as "rodas" um toque "panfletário/partidário" ingênuo e pouco eficaz, pois desconsiderava, em sua retórica a pouca proximidade, da grande maioria da comunidade de capoeira, em relação aos conteúdos formais, desprezando símbolos identitários de matriz africana historicamente constituídos, como: Aprender fazendo, oralidade, ancestralidade, memória, circularidade, dentre outros, em detrimento de uma fala, na maioria dos momentos, rancorosa, de pouca afetividade e conseqüentemente de pouca efetividade transformadora. Não queremos com isso desqualificar o referencial Marxista, ainda que tenha seríssimas críticas ao mesmo, mas sim, ter o bom senso de apresentá-lo a um público com o mínimo de "ferramentas" necessárias para decodificá-lo, emitindo um posicionamento critico, pois caso contrario, estaremos substituindo apenas um processo manipulativo por outro, considerando que esta foi a estratégia histórica da "direita" se perpetuar no poder, pois de acordo ao próprio referencial Marxista, a burguesia se mantem no poder também pelo controle e manipulação das informações veiculadas para classe operaria. Tenho observado graves distorções no campo do que se configurou como "resistência cultural', pois as alegorias elegidas por alguns membros da comunidade, ao contrario do que estes imaginam, tem reforçado o processo de exclusão e fortalecido o sistema contra os capoeiras, pois existe uma linha tênue entre resistência e a subserviência, considerando todas as armadilhas do capital. Alguns capoeiras, acreditando contestarem o sistema, têm se travestido de miseráveis, isso quando não o são realmente, adotando uma postura rude, trejeitos marginais, pouca higiene corporal, uso de substancias alucinógenas licitas e não licitas, abandono de símbolos culturais historicamente constituídos pelas escolas de Bimba, Pastinha e outros antigos e ainda com um discurso de negação das conquistas de exercício da cidadania, mascarando o sistema que efetivamente tira todos estes direitos humanos. O grande equivoco desta "contestação" reside no fato da mesma não propor uma alteração no processo de exclusão, pois se considerarmos o discurso de que devemos ficar sujos, usar drogas e negar o conhecimento formal constituído, sob a premissa de que isso nos remontaria ao estilo de vida dos mais antigos mestres, estaremos reforçando a exclusão social enfrentada pelos capoeiras e não contestando esta, pois com certeza, a dura realidade enfrentada por nossos ancestrais não foi fruto de suas escolhas, mas sim, falta de opções para uma vida melhor. Assim, ao contrario do que alguns imaginam, este tipo de "militância cultural" apenas tem reforçado os instrumentos de manipulação de massa, reforçando processos de exclusão e marginalização da capoeira.

1.3 Capoeira e Militância: Entre a Alteração de Símbolos e Manutenção das Estruturas.

Nesta parte de nosso texto queremos dialogar com a idéia do pedagogo russo Pistrak, que em seu livro "A escola do trabalho", nos apresenta a reflexão de que não basta alterar o conteúdo sem modificar a forma estruturante dos mesmos, pois por mais revolucionário que pareça um conteúdo, este precisará, para desenvolver-se criticamente, de um método revolucionário, caso contrario, o conteúdo pouco alterará

o processo de recodificação social vigente. Assim fica fácil compreender o tamanho da ingenuidade de quem pensa que o simples fato de mudar o material simbólico das graduações em capoeira pode alterar a conjuntura, ou mesmo, o fato da negação da utilização na indumentária da cor branca ou amarelo e preto Pastinha, pode alterar a estrutura de configuração cultural das escolas de capoeira.

Quando refletimos sobre o exemplo das graduações, considerando o argumento de que, para Bahia, a utilização de cordões seria mais tradicional do que a utilização de cordas, percebemos o grande abismo de falta de informação e estudos sobre o processo histórico das graduações em capoeira, pois, se seguíssemos a lógica do que seria mais "tradicional" em capoeira, salvo as exceções, deveríamos ter como referenciais em uma escala de maior ou menor ancestralidade a partir das seguintes possibilidades: 01 – Ausência de sistema de graduação visível (Títulos de reconhecimento popular exclusivamente)/ Sistema apresentado na obra carioca O.D.C.; 02 – Sistema de graduação da Luta Regional Baiana com lenços de ceda (analogia generalista); 03 – Sistema de graduação Senavox / capoeira estilizada com fitas; 04 – Sistema de graduação por cordas, criado em meados da década de 60; 05 – Sistema de graduação por cordões, criado na década de 70 para vincular a capoeira a federação baiana de pugilismo….. Ufa… E nem falei do sistema de "faixas"…. Rsrsrs. Assim, do ponto de vista histórico, fica fácil perceber o esvaziamento de tese que tenta fundamentar o uso de cordões como símbolo mais tradicional na Bahia, sem contar no despropósito que isso representa quando falamos dos angolas.

Outro aspecto considerável reside no fato de que todos os sistemas de graduação possuem em comum a marca hierarquizadora do currículo de formação em capoeira, sendo estes formatados para adaptar a mesma as necessidades de cada tempo histórico, tendo todos em sua matriz, muitas semelhanças, mesmo estas sendo pouco visíveis a partir do olhar desavisado e despreparado, de foco unicamente nas alegorias que os representam.

Reflexões Provisórias.

Acreditamos que se firma como fundamental o papel de uma militância cultural em torno de valores e princípios ancestrais de reconhecimento da matriz africana em capoeira, contudo esta precisa reconhecer na diversidade a unidade de sua força, não tentando substituir um paradigma por outro, mas sim valorizando uma multiplicidade de expressões que possam sempre dialogar com aquilo que representa a "raiz" da estrutura fundante da capoeira baiana.

Sugiro, para alguns dos influenciados pela moda tardia da retórica Marxista, uma reflexão sobre a necessidade de avançarmos propositivamente, criando espaços de convergências e não de divergências, focando na tolerância e respeito às diferenças o braço de "luta" mais forte contra a conjuntura do capital, pois não basta mudar o conteúdo sem alterar a forma estruturante do movimento.

As armadilhas do sistema são muitas, dividindo os irmãos, elegendo falsos heróis, transformando vitimas em vilões, recriando símbolos esvaziados de real poder de contestação e ainda pulverizando nossas ações de luta contra a industrialização da capoeira Mac-Donald.

Se este movimento equivocado, frágil e sem referencia, representa a "militância cultural" na Bahia, por favor me INCLUA fora dele.

Ficha de matéria
Nº: 2
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online

Data: 2 de julho, 2022
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Responsabilidades formativas em capoeira: O "freio de arrumação" na "casa de mãe joana"
Texto da matéria
O Mestre será sempre o principal responsável pela formação de seus discípulos, mesmo que devamos considerar a coparticipação de outros agentes nesse processo, incluindo o próprio discípulo. Os ditos populares do subtítulo fazem referência a organização abrupta (freio de arrumação) de algo desorganizado (casa de mãe Joana). Neste sentido, seguiremos fazendo uma reflexão sobre as responsabilidades dos envolvidos no processo formativo em capoeira. Quando um Mestre atribui uma titulação a alguém em capoeira, ele empresta "valor" a um dado processo formativo, que invariavelmente influência a comunidade para além dos limites da instituição que os envolvidos diretamente fazem parte, ou seja, graduar/reconhecer alguém em capoeira é como o cometa, ele passará, mas sempre deixa um rastro com seu "rabo". Esse papo de autonomia na formação é extremamente perigoso, pois cria a falsa ideia de que ações individuais não podem ser também parametrizadas pelo coletivo, como se uma pessoa pudesse sair atirando livremente nas ruas por conta do respeito à sua autonomia decisória. As motivações para se graduar alguém em capoeira são as mais variadas possíveis….o Mestre precisa de grana….o Mestre quer demonstrar poder….o Mestre quer expandir seu "negócio"….o Mestre quer fazer uma "moral" com quem gradua….sei lá.. São tantas aberrações que chega a ser constrangedor descrever aqui. Desta forma, muitas vezes, a intenção primeira do processo formativo, desenvolver a capoeira, fica ofuscada pelos delírios de um Mestre "confuso". Qual a justificativa para se graduar alguém afastado da capoeira? Como é possível alguém chegar a mestria sem ter serviços prestados à capoeira? É legítima uma titulação "na tora", apenas pela vontade de quem gradua? Uma analogia interessante é quando imaginamos um tocador de piano clássico que não sabe afinar o próprio instrumento…."estranho", mas na capoeira é possível ver alguém chegar a mestria sem saber nem armar um berimbau, pois para esse indivíduo, afina-lo seria uma espécie de "luxo pedagogico"…Onde vamos parar nessa "casa de mãe Joana"? E se não bastasse o equívoco de agentes diretos envolvidos neste absurdo, ainda temos uma comunidade que tolera, aplaude de frente, e fofoca pelas costas destes Mestre atrapalhados, sendo o mais grave de tudo isso, que todos sabem, pelos códigos simbólicos culturais, quem tem "nome" e quem tem "apelido". Em alusão ao "mito da caverna" de Platão, penso que é preciso fazermos um pacto pela capoeira, sendo justos conosco e com o coletivo, convocando as pessoas que se enquadram nessa absoluta obscuridade, a sair da zona de conforto e buscar a "luz" fora da "caverna"/Mestre/grupo. Se liga, pois quem é de grupo não cai em "grupo". Axé!

Ficha de matéria
Nº: 3

Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 28 de Abril, 2022
Autor/Autora: Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestra
Título da matéria
Vou lá na Feira de São Joaquim
Texto da matéria

Nesta semana nasceu a cantiga "Vou lá na Feira de São Joaquim", que há algum tempo já martelava em minha cabeça com sua melodia instigante e bem "in Bahia". Vou contar-lhes um pouquinho desta "gestação e parto", e deste lugar simbólico para a cultura baiana.

De frente pro mar da Baía de Todos-os-Santos, o comércio que passou a despontar ainda na colônia, favorecido pela presença do mar e de um atracadouro, cresceu. Da pequena venda de um artigo ou outro, virou feira – a maior e mais importante da capital. A Feira de São Joaquim é uma espécie de "entidade" cultural, filosófica, religiosa e, claro, um referencial de abastecimento da Bahia.

Ela tem a própria história. A estrutura, à beira-mar, com um atracadouro, por onde chegavam saveiros do Recôncavo, favoreceu o surgimento de algum comércio por ali há séculos, e hoje abriga inúmeros trabalhadores, formais e informais, sendo o principal distribuidor dos artesanatos de barro, alguidares, cuscuzeiros, potes dentre outros produzido no Recôncavo.

Minha vida sempre foi recheada de Feiras livres e de passagens obrigatórias por esta grande feira, quando íamos à Ilha de Itaparica. A feira tem cheiro de povo, de interrelações humanas, de subsistência, de "vida", às vezes conflitantes, quase sempre "de negociantes". Ao adentrar na capoeira, passou a ser também símbolo de um lugar de resistência cultural e de grandes mestres da nossa Bahia. Por fim, digo que essa cantiga nasceu na ladeira da Água brusca, Mercado do Peixe, onde toda semana eu e o Mestre Jean Pangolin compramos o camarão fresco, siri e lambreta para família, depois seguindo sempre para comprar frutas em São Joaquim. E nessa levada vai o refrão:

"Vou lá na feira de São Joaquim
Vou com cuidado, vou de paletó
A roda é boa, entrou cabeçada
Martelo e armada, você virou pó"

Mas em São Joaquim, também encontro os artigos pros meus banhos de folhas, energizantes e que nos livram dos males desta vida. Encontro os artesanatos e instrumentos da capoeira, que vendo em Salvador, no Brasil e no exterior, quando viajo representando essa nossa arte. Encontramos ainda as comidinhas mais pitorescas da minha Bahia, da rabada à feijoada, "lá estou eu lambendo os beços". Sarapatel, não vou lhe mentir, é o meu predileto, e olhe que mesmo comendo fruta em 80% do meu tempo, este tem seu lugar, pois tem sabor de Bahia e de baianidade. E assim segue a cantiga:

"Olha a pimenta e o camarão bem seco
Sarapatel, eu lá vou beliscar
O Preto Véi, tá parado no beco
Pedindo a benção para prosperar"

Além da capoeira, é lá que compro meus artigos para produção do Caruru de São Cosme, Damião e Doun / Erês, legado que trago de minha família a partir de minha avó paterna, que desencarnou aos 100 anos cumprindo a missão com os santos gêmeos; e o de Iansã / Santa Bárbara, que sincreticamente aportam e nos conduzem como "madrinhas" das mulheres desta família. Aí que eu sigo cantando:

"E hoje é dia de meu caruru
E só na feira que eu vou comprar
Castanha, coco, camarão, quiabo
Cosme e Damião, hoje eu vou agradar"

Na feira aprendi a barganhar, a ver gente tirar "leite de pedra" e manter sua família com o suor do seu trabalho. Vi muitos espertalhões, que nem sempre se dão bem. Vi malandragem, vi honestidade, enfim na feira "eu vi foi coisa". Então eu sigo cantando assim:

"Mas essa feira é uma beleza
Encontra tudo, em todo lugar
O preço é bom, mas tenha esperteza
Senão olha as calças, você vai deixar"

Mestre Boca Rica, Mestre Gajé, finado Mestre "di Mola" são alguns dos grandes nomes que, historicamente, estavam presentes naquela cena cultural. Eles me inspiraram a cantar essa cantiga, mas foi, precisamente, numa dessas idas à feira que me lembrei do grande mestre Riachão do Samba. E como ele mesmo falava: "a cantiga desceu do céu"… e assim vou levando a cantiga…

"Saindo cedo logo da Água Brusca,
Dona Iansã venha me acompanhar
Vou visitar o mestre Boca Rica
E o mestre "Di Mola" no céu a jogar

"Do caruru pro Mercado Modelo
Mestre Gajé eu vou lá encontrar
Elevador subindo e descendo
Até Riachão, hoje eu vou é cantar"

E nesta, sigo, esperando a próxima enviada pra homenagear essa Bahia, linda, que tanto me deu, e que tanto me dá…

Portal Capoeira Vou lá na Feira de São Joaquim Capoeira Fundamentos da Capoeira Musicalidade
Portal Capoeira Vou lá na Feira de São Joaquim Capoeira Fundamentos da Capoeira Musicalidade
Axé!

Ei, psiu, gostou? Então compartilhe, ajude a nossa capoeira a cantar nossa Bahia!

Ficha de matéria
Nº: 4

Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 9 de março, 2022
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin) e Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestre e Mestra
Título da matéria
O Mandingueiro na Capoeira
Texto da matéria
Para compreender melhor sobre o "mandingueiro na capoeira" hoje em dia, precisamos fazer um mergulho na história com o objetivo de entendermos mais sobre a origem deste termo e discutir se a compreensão atual tem fundamento. A seguir trataremos mais sobre mandinga na capoeira. Vamos então voltar no tempo, bem lá atrás, com a chegada dos "Malês" (hauçá málami, "professor", "senhor", "imale" no ioruba, "muçulmano"). O termo Malê era usado em nosso país, do século XIX, para designar os negros muçulmanos escravizados, que chegaram ao Brasil no final do século XVIII. Vale ressaltar que os Malês eram diferenciados, pois em sua grande maioria, eram bilíngües, dominavam a ciência matemática, eram hábeis comerciantes, extremamente articulados politicamente, conhecedores da escrita alfabética e, muitas vezes, superiores intelectualmente aos seus escravizadores. Dentre os Malês, queremos chamar a atenção para um grupamento conhecido como "Mandingos", também chamados de Maninka, Manding, Mandenka e Mandinko. Esses indivíduos são um grupo étnico oriundo da África ocidental, remanescentes do antigo Império do Mali, o qual foi fundado no século XIII, pelo Mansa Sundiata Queita. Assim, quando escravizadas para a Bahia, essas pessoas tinham o costume de estarem sempre juntos aos seus e de carregarem no peito um cordão com um pedaço de couro enrolado, com inscrições de trechos do Alcorão dentro. Neste sentido, quando os negros de outras etnias observavam os Mandingos, por não saberem do que se tratava aquele objeto pendurado, intuíam que era uma espécie de "magia" ou "feitiço", passando a reconhecer esse artefato como um "amuleto" e a chamá-lo de patuá. Primeiro dizer o quanto interessante é saber da origem das coisas e fatos. Os mandingos eram pessoas com destacada fé religiosa, que carregavam sua crença no pescoço, mas não eram mágicos nem feiticeiros. Você vê como o olhar do outro pode atribuir características a nós, que nem sempre são de fato nossas. Provavelmente, aconteça isso com você também. Essa interpretação "diferente" do real intuito dos Mandingos sobre o que seria o "Patuá", fez com que, ao longo dos anos, o sentido da palavra assumisse significados outros, sendo, atualmente, um tipo de amuleto muito utilizado por pessoas ligadas as religiões de matriz africana, feito de um pequeno pedaço de tecido na cor correspondente ao seu guia no plano espiritual, com o nome da entidade bordado e colocado em um determinado preparo de ervas e outras substâncias específicas, para cada caso. Assim, nesta metamorfose de significação cultural na Bahia, os capoeiras antigos que carregavam seus amuletos – Patuás, passaram a ser reconhecidos como "mandingueiros", ou seja, seriam "magos" ou "feiticeiros" que dominavam os segredos do mundo espiritual, sendo tudo isso também atrelado a determinadas características, que vão da forma de vestimenta/indumentária até os trejeitos de mobilidade no jogo da capoeira. Mais uma vez pergunto, é assim mesmo? Todo(a) capoeirista que carrega no pescoço um adereço que parece "patuá", batas com tecido africano, é mágico? É feiticeiro?

Conhecedor dos fundamentos religiosos? Ou pode ser um "capoeira fake"? "Fantasiado" para que os desavisados assim o reconheçam? Só sei que é preciso muito mais do que penduricalhos e adereços, para nos transformar em conhecedores de um fundamento. O fundamento ou o conhecimento de qualquer coisa na vida deve ser primeiramente sentido, vivido, deve fazer parte de nós como no caso dos mandingos com seu Alcorão, para assim ser identificado pelo olhar atento de terceiros.
O problema real é que hoje estamos vivendo em tempos estranhos. O aluno que entra na minha sede só quer aprender o "belo", o fácil pra ele. A gente chama pra ir num evento de um mestre antigo, ele esquiva do convite, pois, ou tem uma festa ou programa mais interessante, ou ele não gosta do evento, pois é chato ter que ficar horas junto do mestre que só quer falar, não deixando ele jogar toda hora, como deseja. A capoeirista mal chega já pergunta quando vai ganhar corda de formada? E quando você fala sobre o que ela precisa aprender pra chegar lá, ela diz: Poxa, demora muito! E sai da academia com outros projetos, que não mais a capoeira… As coisas estão mesmo estranhas.
Outro dia, ouvi falar de uma tal de "modernidade líquida", termo criado por um senhor chamado Balman, que dizia que as relações hoje estão frágeis, e que toda a estrutura social sólida está desmoronando, desconstruindo todos os moldes tradicionais e valores presentes, volatilizando a ação do indivíduo que abandona suas referências. E não é que isto está acontecendo mesmo? Capoeirista quer o "like" do Instagram, não importa de quem e como seja conquistado. Prefere convidar para o evento e pagar o cachê astronômico do famoso "Zé Ninguém" que está nos seus 15 minutos de fama, do que honrar nossa ancestralidade convidando a mestra antiga, que já não "pula tanto", mas que conhece de todas as fases que um capoeirista passou e passará vivendo desta arte. As coisas estão mesmo estranhas.

Lembrei-me de mestre Buguelo da Bahia cantando:
"Ai Deus, ai mundo
Quem não sabe nadar, vai ao fundo"

E neste emaranhado de estranhezas, prefiro me curvar à lógica de um "patuá" preenchido com fé material/imaterial, negando a embalagem bonita de algo oco e vazio, para 'inglês ver"…

E você, quem é? Alguém de Asé, ou mais um Oco da parada.

Axé!

Ficha de matéria
Nº: 5
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 3 de Março, 2022
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin) e Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestre e Mestra
Título da matéria
Os Capoeiras e Sua Crise de Identidade
Texto da matéria
Atualmente é comum encontrar alguma situação em capoeira com aspectos no

mínimo “estranhos” a arte em si, pois vivemos um momento de gigantesca crise de identidade, considerando que uma parte significativa da comunidade deseja “colher, o que não plantou” e/ou imitar formatos culturais alheios a matriz de seu lugar, sem o devido “filtro” de pertinência ancestral e funcionalidade de cada tempo histórico. E o pior, não sabe ele, que imita o alheio, que por sua vez, está tentando imitar a matriz de seu lugar… Deu um “nó” na cabeça, né?! Então, trataremos a seguir de explicar sobre os elementos e exemplos da “metamorfose” cultural da capoeiragem e suas contradições relativas à afrodescendência.

Um aspecto inicial se apresenta na forma como alguns grupos e capoeiras se relacionam com os antigos mestres e mestras. Na maioria das vezes, convidam esses indivíduos para suas atividades e os transformam em meras “alegorias”, como uma espécie de quadro velho na parede. Via de regra, estes homenageados “ilustres” só servem para emprestar prestígio à instituição que os convida pela falsa noção de respeito a uma “ancestralidade”, que, “empoeirada”, precisa se “enfeitar” por uma lógica de modernidade, para sobreviver naquele local. Lamentável! Imagine!? Ele convida o mestre(a) porque é uma referência, respeitada no mundo da capoeira, mas ele mesmo, não sabe nem porque respeitá-lo!? Como fala Caetano: Triste, Bahia, oh, quão dessemelhante!”. O mestre é louvado apenas de forma “fake”, pois será usado/abusado como um “papel de presente”, mas não será a referencia no toque, canto, jogo e filosofia daquele contexto, que diz render-se com deferências ao mesmo… A-B-S-U-R-D-O!

Imagine aí comigo… O toque está extremamente acelerado, esmagando o balanço melódico do ijexá! O jogo está tão mecanizado, que se confunde com uma mobilidade grotesca de ginástica de solo, mal feita, diga-se de passagem! E as cantigas? Não refletem o cotidiano cultural local, mas sim, uma versão estereotipada de algum herói de quadrinhos do Ocidente… TRISTE REALIDADE… O que o capoeira do presente está deixando pro capoeira do futuro?

Às vezes, temos a impressão de estar em um tipo de “circo dos horrores”, em que vemos de tudo, ab-solu-tamente tudo, menos capoeira! E é, neste sentido, que a naturalização de tais aberrações tem contribuído para essa tal de crise de identidade. Estamos vendo em nossas frentes o processo de pasteurização da cultura. Sabe quando pegam o leite direto da vaca e passam na máquina pra matar os microorganismos que podem fazer mal a saúde humana? Pois é, o problema é que matam todos os microorganismos, maus e bons, deixam o leite sem vida! Estão fazendo isso com nossa capoeira, retirando-lhe a riqueza, criando protótipos atléticos e esvaziando o axé – energia vital. Cuidado capoeira, a arte não pulsa em um “fazer” desprovido dos cuidados necessários com os princípios estruturais do saber dos antigos em nós.

Algumas pessoas em capoeira vivem “fantasiados”, literalmente, utilizando indumentárias de traço afrodescendente, cortes de cabelo, adereços religiosos, mas concretamente, desconhecem a simbologia dos signos que carregam, ou seja, porquê os nossos antepassados os carregavam no pescoço, nos braços e em suas mentes. E pior do que isso, não acreditam nem vivem o cotidiano de tal simbolismo, ou seja, o patuá virou enfeite no pescoço, mas não fecha o corpo que nem consciência de si possui. A argola na orelha esquerda virou artefato sensual, a bata virou camisa da moda e as contas, ah as contas, são compradas no armarinho do pelourinho, sem a devida compreensão do seu vínculo com o axé e, conseqüente, energização do corpo. Em interpretação diferente, parafraseio o mestre Pastinha para falar da compreensão cultural destes/as capoeiras: Eles não estão sentindo, absolutamente, NADA!

Por fim, falar de algumas capoeiras que, em crise de identidade, imitam uma capoeira

de fora do seu lugar, sem saber que, em muitos casos, o que o de fora faz, se espelha, ou tenta se espelhar, na capoeira do seu lugar. Que brincadeira de picula, hein meus camaradas?! Não seria mais fácil olhar pra dentro? Olhar pra sua terra, olhar para o cotidiano de seus antigos, as referências do seu lugar? Sentir os porquês do balanço no caminhar daquela mestra antiga? As nuances do "jiká" nos ombros daquele mestre? Os porquês do contrapasso na ginga do mestre, que "dá um nó nas pernas" do companheiro de jogo… Enfim, Abrolhos!
O desafio é flertar com a modernidade, sem deixar a ancestralidade sair de nós. Fica a dica!

Axé!

Ficha de matéria
Nº: 6
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 2 de agosto, 2021
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
O PODER DO FEMININO NA CAPOEIRA Ensinando e Aprendendo com os Ventos e Tempestades de Oyá
Texto da matéria
"…A eparrei ela é Oyá, ela é Oyá A eparrei é Iansã, é Iansã A eparrei Quando Iansã vai pra batalha Todos os cavaleiros param Só pra ver ela passar…" Estamos enfrentando um momento em que parece ser fundamental ter um "lado", como se o mundo coubesse nas expressões "nós e elas", "certo ou errado", "homem ou mulher", "preto ou branco", "Angola ou Regional", dentre outras. Neste sentido, me parece oportuno refletir sobre o perfil dos filhos e filhas de Oyá em analogia a Capoeira, pois poderemos perceber traços estruturantes que servem de possíveis "anúncios" para superar as dualidades, ou seja, as dicas surgem sempre da observação de nossa ancestralidade pulsante. Então, vamos dançar ao som do Agurê de Yansã? Carismática e atraente, a Capoeira nos convoca a uma sedução impossível de não nos contagiar logo no primeiro contato, pois invade nossos sentidos, nos roubando toda atenção, criando uma espécie de "ligadura" magnética que produz um transe para um balanço involuntário, aquele que faz o pé do "gringo" não parar de se mexer , mesmo sem nunca ter tido acesso a qualquer traço da cultura afrodescendente. Assim é Oyá, arrebatadora e envolvente como nossa arte/luta, encantando com belicosidade que mata, portanto, o mesmo vento que seduz, tanto pode soprar e destruir tudo em seu caminho, como também é extremamente importante para impulsionar as embarcações e trazer o sustento dos pescadores, cabendo o aprendizado de que nada, absolutamente nada nesta vida, pode ser apenas "bom" ou "mau". Personalidade forte e temperamental são traços de algumas pessoas em Capoeira, pois, forjadas historicamente numa espécie de "resiliencia ativa", aprenderam a se defender para alem da fuga, confrontando os opressores pelo signo da "negativa", que finge "sair" "entrando", negociando com "balanço" o momento mais oportuno de

dizer “EU SOU”. Para os críticos das respostas mais enérgicas, pergunto, onde há mais violência, no pássaro cativo que se debate dentro da gaiola, ou na função da própria gaiola em si? Oyá nos ensina que o problema não esta em lutar de forma mais enérgica, mas sim no sentido pelo que se luta, transformando sofrimento em esperança e a “rasteira” em oportunidade de treino para uma boa “queda de quatro”. Em Capoeira a “liberdade” é uma premissa, pois a “experiência capoeirana” pode traduzir um importante mecanismo para descoberta de caminho também se faz caminhando, sem controles e comandos, invertendo o “olhar” na bananeira e descortinando um novo “mundo” de pernas pro ar. Como os ventos de Oyá não se interrompem por ninguém, não é possível “segurar” uma filha do orixá, pois, em qualquer dimensão de sua existência a liberdade é um bem muito precioso para estas pessoas, portanto, quando o “barravento” da vida chegar, dê passagem e aproveite cada minuto do aprendizado que esta por vir.

As mulheres na Capoeira, muitas vezes, encaram dificuldades para coexistirem na cena das culturas populares. Assédio, desrespeito e baixa expectativa, são marcas lamentáveis do patriarcado que empodera o machismo estrutural que nos assola. Oyá é o símbolo perfeito da mulher Capoeira, que aguerrida e determinada, não tem medo de correr riscos, que canta, toca, joga, estuda, trabalha, cria filhos, enfrentando todos os dias à guerra em favor de uma sociedade com mais equidade. Assim, o PODER DO FEMININO na arte da ginga é como AR em movimento, impossível de se segurar…. Por isso, te convido a ir COM ELAS, usando o VENTO para voarmos JUNTOS E MISTURADOS!

EPARREI OYÁ!

Axé.:

Ficha de matéria
Nº: 7
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 3 de setembro, 2021
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin) e Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestre e Mestra
Título da matéria
PISA DEVAGAR, PISA DEVAGARINHO: Como chegar numa roda de capoeira
Texto da matéria
Todo bom capoeira sabe que o aprendizado nesta arte precisa ser construído a partir de um boa carga de experiência vivida nas rodas. Porém, nem sempre nos preparamos da maneira adequada para os desafios que se anunciam nos “terreiros alheios”. Desta forma, conversaremos aqui sobre os aspectos mais relevantes para alguém que deseja saber “entrar e sair” de um desconhecido “campo de mandinga”. Inicialmente, temos que lembrar da lição do Gato do filme “Alice no país das maravilhas”. Certa feita Alice perguntou ao Gato: – Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui? Ele respondeu: – Isso depende muito de para onde quer ir! Alice continuou: – Para mim, acho que tanto faz… – Ahhhh, se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve! – finalizou o gato. Pois é, na capoeira funciona da mesma forma. É importante sempre refletir sobre o caminho, a maneira de proceder, o que vou buscar lá? O que necessito aprender? Entre outros aspectos… Tudo está relacionado intimamente com o conhecimento do tal “saber

para onde ir". Assim, o primeiro passo importante é selecionar o lugar que deseja visitar, avaliando prós e contras de sua ida aqui ou acolá.

Chegando ao local, o primeiríssimo passo é observar tudo, dis-cre-ta-men-te, de preferência sem ser notado. Só nesta primeira impressão, se a situação na roda estiver "barril dobrado", cabe inclusive a possibilidade de você dar um "zig" e se "picar" dali sem ser percebido. Mas, se este não for o caso, após "sentir o cheiro do lugar", busque imediatamente o(a) "dono(a) da roda"… Se apresente e peça permissão para participar da sua atividade. Lembre-se de que apresentar-se em capoeira é um pouquinho diferente do que no mundo formal, pois o que interessa saber principalmente é sua "linhagem", ou seja, seu apelido, seu mestre, o que deseja naquele lugar, e, se necessário, sua escola/grupo de capoeira. Enfim apresente-se!
Primeiro passo dado, a partir do aval do(a) "dono(a) da roda", é importante aprender a "LER a cena", analisar todas as suas características, sinais, relações, pois será fundamental em seu processo de "sobrevivência" durante todo o período que estivar ali. Toda roda, geralmente, tem pessoas que assumem determinados padrões de comportamento. Mapeá-los vai te ajudar a lidar melhor com todos eles, antecipando-os. Identifique a "tocadora", o "cantador", a "acrobata", o "leão de chácara", o "pesquisador", mas principalmente, tente perceber o mais difícil de todos – o bom capoeira, pois nele(a) está o grande perigo… Muito cuidado!
Geralmente, ela é uma pessoa discreta, de sorriso misterioso, não joga com freqüência, aparece e desaparece como um "encantado", está sempre perto do mestre(a) de forma a ampará-lo, como boa discípula, e tudo que faz, absolutamente TUDO, tem um porquê fundamentado na ritualística da roda. Neste sentido, para evitar ser pego de surpresa no jogo, sem ter percebido todos os "papéis" desempenhados naquela cena social, eu recomendo que busque, inicialmente, um instrumento para tocar, sendo o melhor lugar de observação, contudo, faça isso de forma sutil e humilde, sem despertar a atenção para você, evitando ir direto ao berimbau Gunga, por motivos óbvios!
Passou pelos instrumentos? "Filmou" a roda, mapeando todos os papéis presentes ali? Chegou a hora do jogar… Siga como se fosse para o pé do berimbau e observe se alguém na roda irá se mobilizar para ir com você, mas no caminho desista, pois isso é apenas para testar o óbvio (risos)… Possivelmente o "leão de chácara", aquele sempre pronto para "testar" desavisados, poderá estar a postos para jogar com você. Se for o caso, surpreenda-o! Aguarde a oportunidade para VOCÊ comprar o jogo. Se possível depois que ele estiver desgastado fisicamente… Isso não irá garantir seu sucesso, mas diminuirá, exponencialmente, o percentual de vantagem dele, já que esse perfil de capoeira é pouco estrategista e se garante apenas em suor, velocidade e músculo.
A situação se complica um pouco quando o jogo precisa ser feito com uma "boa capoeira". Perigosa, disfarçada, contudo, é nesta situação em que você vai aprender mais sobre sua arte. Nesta hora, lembre de se valer do ritual. Use cada momento da roda a seu favor. As negaças, meneios, malícia são fundamentais, criando uma atmosfera de surpresa no que você poderá fazer. Tire sempre algo do "fundo do bolso", dizia meu mestre. Lembre que a roda é um espaço de poder, dispute-o com a maior variedade possível de elementos da capoeira.
Dê a "volta ao mundo" ou faça uma "chamada". Volte ao pé do berimbau, recomece tudo. Use a cantiga para dirigir a dinâmica do que acontece, fazendo do pé do berimbau seu templo sagrado de proteção, evocação, reflexão e domínio mental de toda situação. Se nada disso funcionar, acredite, JÁ SERVIU! Você percebeu que

ainda precisa de um pouco mais de “farinha no saco”, e que esta “boa capoeira” é alguém que poderá servir de referência para depois de sua “volta ao mundo”, comprar novamente este jogo em circunstâncias diferentes. Lembre! Saber recuar para se refazer/fortalecer, é uma das virtudes de quem vence na vida.
Ao final de tudo isso, “quem pisou devagar”, garantiu respeito, malícia e atenção. Garantiu estar vivo pra contar suas façanhas, pois “Pé que não anda, não toma topada”.

Axé!

Ficha de matéria
Nº: 8
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 4 de julho, 2021
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin) e Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestre e Mestra
Título da matéria
“MANDA QUEM PODE, OBEDECE QUEM TEM JUÍZO?” Abuso de poder, pedofilia, assédio sexual, estupro e o silenciamento naturalizado na capoeira
Texto da matéria
Diante das avalanches de notícias tristes que estão invadindo a nossa cena da capoeira, você já percebeu que, invariavelmente, pedofilia, assédio sexual e estupro, são todas expressões ligadas ao poder, ou seja, ao abuso do poder? Trataremos neste texto sobre os desafios de relações humanas que se estabelecem na submissão de pessoas e no silenciamento naturalizado pelo “medo”. Acapoeira, como grande expressão popular, nasce e se alimenta das relações humanas sob os fundamentos e valores de matriz afrodescendentes que elegem ancestralidade, memória, circularidade, oralidade, dentre outros, como faróis de nossa práxis capoeirana. Porém, enquanto humanos, somos falíveis e frutos de uma educação, seja ela formal ou informal, que estruturam nossa maneira de pensar, agir e se relacionar com outras pessoas. Neste sentido, muitos são os motivos que consolidam o poder e, sobretudo o abuso dele, em nossas relações, mas também diversos são os tipos de abuso vividos por nós desde a infância até a hora de “bater as botas”. Como ponto de partida, precisamos entender que o abuso sexual (pedofilia, assédio sexual e estupro) se configura como qualquer relacionamento entre pessoas no qual o ato sexual aconteça sem o consentimento da outra pessoa, sendo este com ou sem violência física e/ou psicológica. Porém, pensem conosco, extrapolando as questões que envolvem a sexualidade, os atos de abuso não podem acontecer de outras maneiras no nosso dia-a-dia? Basta que submetamos alguém, sob uma relação de poder, controle e humilhação, à uma situação em que a mesma não tenha acordo, ou seja, quando o mestre diz “aqui eu mando e você obedece” ou “o grupo é meu” ou “respeite a hierarquia e se coloque no seu lugar” ou até “quem é você para me questionar?”, podemos nitidamente perceber uma relação de “abuso” que poderá se ramificar em muitas outras áreas, tal como na sexualidade. Pesquisas indicam que certos abusadores sofreram abuso sexual na fase infantil, sendo que para cada oito crianças abusadas, uma poderá vir a ser um possível abusador na idade adulta. Neste sentido, alguns pesquisadores indicam que muitos indivíduos repetem, com outras pessoas, os males que sofreram, pois bloqueiam no

campo consciente as “dores” da infância, considerando a dificuldade de perceber a si mesmo, negligenciando que muitas vezes nossos traumas infantis são determinantes em nosso comportamento, criando ciclos viciosos que implicam outros na dinâmica do abuso. Quantas vezes ao conversar com capoeiristas que abusam de poder na relação com suas alunas, relataram ter vivido relações abusivas durante sua vida, porém, espantosamente, dizem que foi por isso que virou “cidadão de bem” ou “não deu pra coisa ruim”, validando e reproduzindo fielmente as relações abusivas com seus alunos, filhos e pessoas “subordinadas”? Já dizia Paulo Freire, filósofo e patrono da educação brasileira, “todo oprimido gesta dentro de si um opressor”, basta que a vida oportunize a condição de poder para que ele possa se expressar.

Michel Foucault, um filósofo francês, aponta em sua obra que ninguém escapa aos espaços de disputa de poder, desta forma, a nossa capoeira também está a mercê deste mal que assola a dinâmica relacional em nossos tempos, sendo seus desdobramentos mais nefastos expressos na sexualidade: a pedofilia, o assédio sexual, o estupro e o silenciamento naturalizado pelo “medo” e cultura das hierarquias adoecidas. Homens e mulheres abusadores usam o medo ou a “subordinação” da vítima na relação de abuso, fazendo com que a parte oprimida se sinta fraca e indefesa, garantindo ao abusador a sensação de “potência”, de poder.

Quantas vezes na relação de ensino-aprendizagem, quem está na condição de aprendiz acaba “encantado” pela seu mestre, por todo o seu conhecimento, fama ou respeitabilidade, se subordinando a qualquer proposta, sexual ou não, feitas pelo abusador, sem discernir que, do outro lado, encontra-se um ser humano em franco desequilíbrio, que não sabe gerir seu poder com cuidado e sabedoria, subordinando-se a um jogo de difícil libertação. Ou o inverso, quando a mestra antiga se “encanta” com a “intelectualidade predatória” de alunos que abusam deste lugar, manipulando o saber dos antigos em favor de seus interesses privados imorais. Nesse quadro estão crianças e adolescentes entregues à confiança de capoeiristas, com suas ingenuidades e total credibilidade nos seus responsáveis provisórios; jovens entregues às propostas de trabalho ofertadas por mestres(as) em troca de relações sexuais; jovens e adultos submissos a agressões físicas e psicológicas das mestras(es) enquanto durar a longa relação dentro do grupo de capoeira; mestres(as) antigos(as) manipulados por alunos “influentes” intelectual, financeira e politicamente; enfim, cada um aqui pode contar um exemplo diferente de abuso de poder que viu na capoeira. Viu e não contou! Ora por não ter provas, ora por achar NATURAL.

Por fim, desejamos falar das proposições de lida contra o abuso de poder na capoeira, em forma de recados…

Aos responsáveis por crianças e adolescentes: vocês conversam com seus filhos/as sobre o que é que pedofilia, assédio sexual e estupro? Conversaram sobre o que pode ser interpretado como “sinal de alerta” na relação humana – toques íntimos, investidas sexuais, exploração de trabalho, relação abusiva…?

Aos responsáveis por crianças e adolescentes: Já se perguntaram se vocês cuidam de não “depositarem” seus menores na academia? Se vocês “entregam” seus tesouros aos cuidados do professor de capoeira, depois de ter conhecido sua história, índole, antecedentes criminais, didática…? Já assistiu algumas aulas? Conhecem como ele/a trata os alunos/as?

Todos os capoeiristas: Vocês sabem que, como ensina a nossa matriz afrodescendente, as relações de respeito devem acontecer em “via de mão dupla”? Que tanto devemos respeito aos mais antigos, quanto devemos ser respeitados enquanto mais novos em nossas idéias, integridade física, processo de aprendizagem? E que é nesse respeito mútuo que a cultura da capoeira se perpetuará em harmonia,

pois sem mais novos respeitados, não haverá mais velhos sábios?
Para quem se identifica enquanto abusador: Você sabe que seus motivos podem estar em como foi tratado na infância, ou em casa, ou no trabalho? Você sabe que pode pedir ajuda e sair deste quadro cíclico adoecedor, que subjuga pessoas inocentes e impotentes? Você sabe que isso é crime tipificado na justiça brasileira e que seus filhos podem ser vítimas de outros abusadores como você?
As vítimas silenciadas: Já conversou com alguém de sua confiança sobre o que está acontecendo? Tentem reunir provas, conversas em redes sociais, fotos, enfim se oportunize sair deste lugar!
A sociedade que naturaliza o abuso de poder: Vamos aprender mais com a capoeira? As relações saudáveis são aquelas que preservam o lugar de cada um, com integridade, liberdade, direito de voz e voto. Submissão só se instala onde não temos garantidos estes fundamentos. Natural deve ser o cuidado ao próximo, o "jogar com", não contra. Gritar, bater, estuprar, submeter não reflete nada do que defendemos em capoeira, portanto, desconfie do óbvio que diz que "Manda quem pode, obedece quem tem juízo?"
Axé!

Ficha de matéria
Nº: 9
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 13 de abril, 2021
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin) e Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestre e Mestra
Título da matéria
ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS IMPORTANTE DO QUE EU? : pensando no capoeira Narciso
Texto da matéria
Você já conheceu algum/a capoeira que só pensa em si? Que na roda, geralmente, se acha o rei do pedaço, sendo sempre o mais importante? Que não consegue admirar eventos de outras pessoas, pois os seus são sempre os melhores!? Que só se atrai por projetos que alimentem a sua vaidade? " Pois é! Neste texto trataremos do "Capoeira Narciso". O capoeira vaidoso assume todas as características do narcisista? Mas o que é isso? Conta-se, lá na Grécia, que Narciso era um homem muito belo, que por ser esnobe, acabou recebendo uma maldição, na qual só poderia se apaixonar por alguém que o desprezasse. Advinha por quem ele se apaixonou? Pela sua imagem refletida na água! Por não ser correspondido, acabou definhando e, ao mergulhar para possuir o ser alvo de sua paixão – o seu reflexo, acabou morrendo. Narcisismo é um termo que refere-se a vinculação de uma pessoa a si mesma, ou seja, é aquele individuo que possui um interesse exagerado e doentio em suas próprias questões, necessitando da aceitação e aplausos dos outros, pois seu inconsciente esta repleto de registros infantis negativos da sua invisibilidade cultural e, conseqüente vazio existencial, portanto, existe uma "ordem" ao consciente para que sempre busque fora a deferência alheia, no sentido de neutralizar a ansiedade neurótica latente dos registros de "criança ferida". O Capoeira vaidoso se imagina "imortal" e superior aos demais indivíduos, não admitindo absolutamente nada que esteja fora do âmbito de seu interesse particular.

Muitas vezes, quando algo ou alguém atenta contra seu "espaço de poder", sua frustração se amplia, demasiadamente, evidenciando um estado agressivo em seu comportamento contra tudo e todos. A raiva e o rancor tomam conta, como uma resposta consciente da demanda de proteção gerada pelo inconsciente, denunciando uma grande fragilidade emocional.

Quantas vezes vemos o/a capoeira que por vaidade, deixam de produzir algo de bom para todo o coletivo, pois não achou que a proposta lhe projetasse enquanto indivíduo? Quantas vezes vemos brigas de capoeiristas, por que simplesmente, sua ideia não "venceu" numa determinada discussão? Quantas vezes vimos rodas maravilhosas acabarem por conta de um/uma capoeirista, que chega e acha que só quem deve jogar é ele/ela, tirando o direito de todo o resto? Quantos grupos se dissolveram pela incapacidade de um dos integrantes de recuar? Quantos mestres/as não passaram anos sem se falar por conta de vaidade? Quanto desperdício da potência coletiva…

Para enfraquecer o Narciso que há em nós, basta lembrar da filosofia que nasce dentro da roda de capoeira, na qual sendo organizada por uma bateria de instrumentos, possui três berimbaus – Gunga, médio e viola, no qual independente do Gunga ser considerado quem vai dar o tom, dizendo qual ritmo e tipo de jogo, não vive sem seu conjunto que o acompanha e estrutura todo a energia vital da roda!

Portando lembre o ditado que diz que "nenhum de nós é tão bom, quanto todos nós juntos"!

Axé!

Ficha de matéria
Nº: 10
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 9 de novembro, 2020
Autor/Autora: Carolina Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestra
Título da matéria
(DES)CAMINHOS DA CAPOEIRA: Entre o que queremos e o que fazemos
Texto da matéria
O antigos sempre diziam…"fulaninho mirou no peixe e acertou no gato"…"eita pessoa de sorte"… Seria bom se fosse sempre assim, ou seja, se o descompasso entre o objetivo final e o caminho para alcançá-lo pudesse sempre ser corrigido pelas mãos do "destino". Neste sentido, trataremos nas linhas que seguem de alguns desencontros vivenciados na capoeira, considerando a diferença entre o que queremos e aquilo que, de fato, estamos fazendo para alcançar dado objetivo. É comum ouvirmos de vários capoeiras que os mesmos sonham com a emancipação da arte e conseqüente valorização das culturas populares de matriz africana, contudo, muitas vezes, aqueles que sonham com a tal mudança, são os protagonistas diretos de comportamentos humanos que depreciam a capoeira e toda sua comunidade. Não é difícil encontrar capoeiras que tem atitudes extremamente violentas em roda, e que quando conversamos com eles sobre suas metas dentro da arte, eles afirmam que desejam ver mais respeito no jogo e valorização dos fundamentos….oxente!….O que é isso? Uma espécie de catarse coletiva?…. O fato concreto é que muitos nem sequer conseguem perceber o disparate entre sua fala e suas atitudes.

Outro dia conheci um cidadão que FORA da roda era calmo, manso, falava sobre educação e respeito em suas aulas, defendia a cultura de paz em suas palestras dizendo que a capoeira é um excelente instrumentos para este objetivo, até mantinha uma vida saudável, alimentação vegetariana, fazia Yoga, e, pasmem, quando ADENTRAVA o espaço da roda, se transformava no pior dos indivíduos, despropriado de qualquer senso de cuidado consigo e com o outro, só querendo jogar pra cima, veloz e sempre fora do ritmo da bateria, em franco "ataque epiléptico", combinando vaidade e desatenção com o que fala e deseja em seu estado de "repouso". Quantas vezes você se deparou com um capoeira destes?… Pois é!?

Outro dia li um texto de um destes "revolucionários do minuto", aqueles que não conseguem nem equilibrar suas próprias vidas, mas se arvoram a "lutar" pela humanidade… (só rindo)… No texto, este indivíduo, em tom eloqüente, defendia a importância dos editais públicos para os antigos mestres de capoeira, mas, contraditoriamente, a mesma figura do discurso bonito estava envolvida com atos ilícitos na gestão de verba pública de editais… Epa!!! Pára tudo !!! É muita loucura e/ou falta de caráter…

Em tempos de forte discussão sobre a regulamentação profissional da capoeira, por exemplo, tenho visto muitas pessoas defendendo o respeito as diferenças e o amplo exercício democrático, contudo, ao mesmo tempo, apóiam uma lógica de gestão para a capoeira que estabelece uma reserva de mercado controlada por uma CRECA (Conselho Regional de Capoeira) que, possivelmente, será capitaneado por pequenino "grupinho" de egos desfilantes… Ahhhh, CRECA foi um termo cunhado pelo amigo, Mestre Jones Birro Doido, que retrata com maestria a "ferida" aberta em nossa arte… Minha gente, cadê o bom senso dos defensores da tal CRECA?

Pense comigo outra situação… Quando algum capoeira, dizendo-se "ativista étnico" em favor do povo preto, jogam com identidade totalmente vinculada a lógica de ocidentalização da capoeira, valorizando exageradamente a performance individual, a espetacularização do jogo e um profundo esvaziamento ritualístico, negando muitos dos princípios afrodescendentes, o que ele DE FATO representa? Se nem ao menos se percebem fortalecendo um formato de capoeira que NEGA e negligencia sua própria ancestralidade, NÃO estaria ele depondo CONTRA sua "bandeira de luta"? Isso é ingenuidade ou má fé?

Ou seja, qual a ligação entre o que falo e o que faço? Entre o que desejo e o que faço para alcançar? Se pudermos lembrar que "Quem planta colhe", que "Se plantas limão, só poderás colher limão", e que "tudo que semeias, cedo ou tarde, terás que colher" TALVEZ comece a se perguntar "O que estou plantando?" para ver se, de fato, COLHERÁS o que desejas!

Axé!

Ficha de matéria
Nº: 11
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 11 de maio, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin) e Carolina

Magalhães (Mestra Brisa)
Grau com Capoeira: Mestre e Mestra
Título da matéria
OS CAPOEIRAS E A LIDA COM A INTELECTUALIDADE PREDATÓRIA
Texto da matéria
A arte capoeira tem se transformado muito ao longo da historia, e atualmente é impossível negar seu crescimento no âmbito acadêmico, contudo, a partir de uma relativa fragilidade intelectual pela falta de acesso de muitos membros da comunidade a um processo educativo formal, vez ou outra, a nossa comunidade é atacada por pessoas que tentam manipular a "massa" por uma falsa sapiência em favor do próprio umbigo, constituindo o que tenho chamado de "intelectualidade predatória". Essas pessoas nocivas a arte se valem de uma linguagem rebuscada e de "ferramentas" teóricas para camuflar intenções em disputas por espaços de poder, fato que tem construído um "discurso" em torno da capoeira, que tenta substituir as "mãos no chão" por uma "verborréia" vazia e estéril para as culturas populares. A capoeira se constitui a partir de um "fazer", e este produz uma teoria fruto de uma "práxis capoeirana", ou seja, as reflexões mais funcionais devem emergir do "chão da roda", não cabendo na racionalidade funcional do cartesianismo acadêmico, pois este viola, muitas vezes, a subjetividade da arte e negligencia as historias de vida dos seus interlocutores e toda sua ancestralidade. Diante deste quadro, quais os encaminhamentos possíveis? Como perceber a "intelectualidade predatória"?….. Bom, não existem formulas prontas e acabadas, mas, tenho usado uma estratégia bem particular e irei partilhá-la aqui com vocês. Neste sentido, para verificar se uma pessoa possui autoridade para tratar da capoeira com profundidade, eu observo se a mesma possui serviços prestados a cultura, cantando, tocando, jogando, conhecendo o ritual e afins, ou seja, se é alguém que efetivamente vive implicado com a capoeiragem, não sendo apenas mais "gigolô da arte". Para falar de capoeira é preciso vivê-la, é preciso beber da dor e da delícia de acordar e dormir pensando em como conduzi-la a instância do respeito social. Falar dela sem organicidade, sem mergulhar em suas tensões e belezas, é apropriar-se como um colonizador que sai a recolher terras alheias, ignorando seus povos originários e toda a trama daquele lugar. Enfim, capoeira!!!!!… Assim como nossa arte nos pede atenção constante no ato do jogo, levemos isto para a vida, identificando quais são estas pessoas que, sob o poder das acadêmicas palavras, podem estar a invadir nossos espaços. Só assim poderemos nos proteger dos ataques que, invariavelmente, tem produzido tantos silêncios, justamente daqueles que mais desejamos ouvir….OS ANTIGOS MESTRES. Axé.:

Ficha de matéria
Nº: 12
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 26 de abril, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Ginga…
Texto da matéria
A palavra "ginga" possui uma origem desconhecida, contudo especula-se uma

possível vinculação com o nome pelo qual ficou conhecida D. Ana de Sousa, rainha histórica dos reinos angolanos de Ndongo e Matamba. Neste sentido, mesmo não encontrando uma relação direta com a ancestralidade africana, acreditamos que possivelmente exista algum tipo de vinculação, considerando que o vocábulo em Portugal assume outra conotação diversa.
No Candomblé os termos "jika" ou "gicá" são associados a movimentos circulares executados com os ombros, em uma dança sensual, sinuosa e com muito molejo, perspectiva que nos aproxima de parte do sentido atribuído a palavra "ginga" no Brasil, em referencia a capacidade de mobilidade de um individuo, seu "meneio", sua habilidade em desvensilhar-se de situações difíceis com a corporeidade.
Para alem da associação à mobilidade, a palavra "ginga" também assume a conotação de saber "se virar" em situações imprevistas, ou seja, a capacidade de contornar problemas no cotidiano. Assim, em capoeira, o sentido da ginga incorpora esta ambigüidade metafórica, ratificando que o referido movimento transita entre a capacidade de mobilidade corporal no jogo, mas também assume a subjetividade nos comportamentos para a superação dos conflitos em sociedade.
Tecnicamente, a biomecânica da ginga em capoeira possui uma função fluida, que mescla simultaneamente a capacidade de defesa, ataque e dissimulação de intenções, portanto, como em grande parte da cultura afro descendente, fica impossível definir um sentido único e monolítico a mobilidade no contexto cultural, pois, ao contrario da sociedade ocidental, em africanidades não separamos os diferentes momentos sociais, sendo freqüente a possibilidade de um mesmo "movimento" expressar aspectos religiosos, lúdicos, festivos e laborais, sem contudo, perder de vista o profundo respeito ritualístico a cada um destes aspectos da vida em sociedade.

E aí, vamos gingar mais?

Ficha de matéria
Nº: 13
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 1 de abril, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
O CAPOEIRA NA "RODA DA VIDA" – Pensando em Esperanças…
Texto da matéria
Os dilemas constantes da pós modernidade, considerando a grande inconstância da realidade, tornam cada vez mais difícil discernir/escolher entre a busca pelas "coisas da vida" e o cuidado com a "vida das coisas", pois em um fração de segundos somos capazes de acusar, julgar, condenar e até executar a pena de uma pessoa que consideramos de conduta inapropriada, segundo nossa crenças e valores. Vivemos em permanente estado de alerta, sempre ávidos a nos escudar pela denuncia do que esta no outro, pois é muito doloroso voltar o olha para nossas próprias imperfeições. Agredimos, gritamos, difamamos e odiamos pessoas, apenas por defenderem idéias diferentes, confundindo a crença alheia com a própria personalidade de quem a professa. Onde isso vai parar? Não somos capazes de exercitar a tão falada alteridade, pois, em fluxo continuo temos nos tornado aquilo que mais criticamos, muitas vezes utilizando as mesmas armas do excludente de outrora, para excluir outros que nos desagradam. Neste sentido, como bem dito por Paulo Freire, repetimos o comportamento do "oprimido gestando o

opressor". Reivindicamos respeito ao direito de um dado coletivo, invariavelmente, atropelando o exercício deliberativo de outros. Exigimos a possibilidade de "falar", mas silenciamos quem pensa diferente. Reclamamos da opressão, mas na primeira oportunidade que temos, oprimimos cruelmente e ainda argumentamos que foi merecido, pois os fins justificam os meios.

As relações se tornam frágeis e volúveis, mediadas por uma linha fininha que separa o bom senso e o rancor desmedido, considerando sempre alguma disputa de poder provisória, envolvendo algo que não se sustentará no tempo. Desta forma, na maioria das vezes, os embates não são verdadeiramente sobre e/ou em favor da capoeira, mas sim, entre pessoas, como descreve Foucault, em sua obra "Microfisica do Poder".

As pessoas envolvidas na "cena social" da capoeira, muitas vezes desconsideram a "roda da vida", não sendo capazes de aplicar os ensinamentos da arte no exercício cotidiano de lida com sua comunidade, esquecendo de jogar "com" e não "contra" o outro, negando que é no fluxo dialógico que validamos a substituição do "argumento da força" pela "força do argumento". Por que é tão difícil ser capoeira na vida?

Queremos colher o que não plantamos e fugimos da colheita daquilo que já foi plantado por nós mesmos, pois não aceitamos "errar", confundindo esse "erro" com algo negativo, e não como possibilidade de emancipação pelo aprendizado de quem tentou "acertar", ratificando a crise pós moderna do mundo em que "somos livres e podemos TUDO", mesmo que isso não exista na totalidade material da vida, pois a liberdade sempre pressupõe responsabilidade com as conseqüências do que fazemos.

Eu guardei minha "pedra", e você, vai continuar jogando as suas, ou me ajudará a juntar todas que jogam em nós, para JUNTOS, construirmos nosso "castelo"?

Com esperança em dias melhores, AXÉ.

Ficha de matéria
Nº: 14
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 20 de março, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
A Capoeira da Sociedade Liquida
Texto da matéria
Para Zygmunt Bauman, a sociedade atual, pela volatilidade das "coisas", perdeu parte de suas referencias/costumes, dando lugar a um "mar" de angústias e incertezas. Desta forma, foi possível perceber o surgimento de uma nova perspectiva para a vida em comunidade, centrada no individualismo exagerado e movida pelo consumismo, a partir da ressignificação do capitalismo global, tornado tudo "liquido". A tal "liquidez" se expressa para caracterizar um dado formato para as atuais relações sociais, negando a "solidez" de outrora e assumindo, pela multiplicidade de possibilidades, o "lugar nenhum", ou seja, queremos ser "tudo", mas não nos percebemos no exercício da vida cotidiana sendo o "nada" que tanto relutamos em perceber. Em capoeira, invariavelmente, assumimos uma "liquidez" perigosa e travestida de respeito a autonomia decisória, pois, a todo o tempo temos dificuldades com aquilo que é fluido, volátil, desregulado e flexível. Neste sentido, percebemos que quando assumimos uma relação estável, de ordem profissional, amorosa ou de outra natureza, fica a sensação de que estamos perdendo as novidades que o mundo nos oferece, e ai

se instaura a crise, pois já não sabemos lidar com escolhas, considerando que nos acostumamos com a ilusão de ter "tudo" sem viver absolutamente "nada" aprofundadamente, ou seja, se tenho uma dificuldade com meu mestre, ao invés de resolver enfrentando a situação dialogicamente, eu simplesmente troco de instituição ou crio um novo grupo, mesmo mantendo as "velhas" estruturas que geraram o conflito.

Quando Zygmunt Bauman afirma que "Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar", ele nos ajuda a refletir sobre a grande "dança das cadeiras" das pessoas nos grupos de capoeira e seus respectivos mestres, pois, atualmente a exceção virou regra geral, considerando que é difícil conhecer uma pessoa em capoeira que, ao invés de se perceber como "cliente" de uma instituição de capoeira, se veja como sendo a expressão viva do próprio grupo e/ou seu mestre. Assim, é fácil perceber como os conflitos sociais atuais influenciam a dinâmica da arte capoeira, pois somos incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, atestando uma "cultura do minuto" que fragiliza as relações humanos. Cadê a ancestralidade afrodescendente?

As relações agora se organizam em rede, negando a lógica da comunidade. Assim, os relacionamentos se transformam em conexões, podendo ser feitas, desfeitas e refeitas, com as pessoas se conectando e desconectando conforme a vontade de cada impulso, fazendo com que tenhamos dificuldade de manter laços a longo prazo, consequentemente, matando expressões populares que pressupõem tempo de convivo por sua condição iniciática.

É importante que fique evidenciado neste texto o objetivo de convocarmos a comunidade de capoeira para uma reflexão, sem qualquer apologia a repressão e sistemas de controle que inviabilizam a autonomia critica decisória de cada pessoa, pois os extremos são perigosos e inoportunos para uma sociedade mais democrática, portanto, o que desejo é que, a partir de uma autocrítica, possamos nos perceber sendo cooptados por uma lógica perversa e excludente, que, paulatinamente, vem asfixiando as possibilidades da cosmovisão latente que habita em nós, esmagando a nossa africanidade capoeirana.

Vamos nos conectar pela rede social "UBUNTU"? Quantos "LIKES" eu mereço por isso?

Axé.:

Ficha de matéria
Nº: 15
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 20 de março, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Capoeira: Ensaio sobre a função da diversidade na roda
Texto da matéria
A composição de uma roda de capoeira passa essencialmente por considerar a contribuição de diferentes personagens em distintas tarefas. Neste sentido, alguns tocam, outro canta, a dupla joga, e os demais acompanham, tudo mediado pelo mais antigo, que na lógica pedagógica pode ser comparada a "zona de desenvolvimento proximal" de Vygotsky. Tive a possibilidade de vivenciar uma "cena" emblemática numa roda no estaleiro do

Bomfim, em que foi possível aprender com o contexto, pois na roda jogando tínhamos uma japonesa e um norte americano, na bateria tínhamos diferentes mestres de múltiplas referências, atrás da roda acontecia uma cerimônia religiosa de matriz africana, e ao lado tínhamos o tradicional feijão sendo distribuído gratuitamente para alimentar a comunidade, ou seja, no mesmo momento foi possível perceber a "festa", o lazer, o trabalho e a religião, com tudo interligado harmonicamente.
O detalhe é que a japonesa, jogou muito bem, cantou e tocou, e sua condição de estrangeira , não negra e mulher , não foram argumentos para justificar uma incompetência no trato com a arte, muito pelo contrário, ela soube com maestria usar isso em seu favor naquele ambiente….Sem dúvidas, essa pessoa entendeu o que é a capoeira.
Por outro lado temos sido bombardeados por uma série de iniciativas que nos convocam a um sentido contrário de trato com o potencial dessa diversidade, pois não é estranho que possamos nos deparar com uma chamada de evento…"Encontro de mulheres, negras e angoleiras"….Parece piada, mas é verdade, pois isso lamentavelmente existe, e se não bastasse, também é possível encontrar chamadas como…"Encontro de marxista da capoeira ", ou "Encontro de capoeira gospel", ou seja, salvo melhor juízo, isso me parece uma tentativa de reinvenção do "negócio" capoeira.
Não desejo fazer uma escrita ingênua que desconsidera a estratégia antiga dos movimentos sociais , em se reunir por afinidades de luta para congregar com o "todo", mas o problema é que essa tal congregação com o "todo" não chega, pois não é bom para o "negocio".
Como é possível transformar o "todo" na segregação das "partes" menos favorecidas? É realmente uma estratégia de militância ou apenas mais forma de marketing de um novo/velho "negócio"?
Na verdade a complemetariedade dos diferentes é a força motriz da arte capoeira, e qualquer coisa fora disso, pode atentar contra este princípio estrutural.
Precisamos parar de repelir, excluir o diferente que incomoda, ao passo que, com generosidade intelectual, possamos ter a humildade de reconhecer que juntos somos melhores.
Entre o que acalanta meu ego e o que me tira da "zona de conforto", optei pelo enfrentamento dialógico, e tenho colhido esse plantio, hora com coisas boas e hora com coisas terríveis para mim, mas pagando o preço pela possibilidade/realidade de contribuir com a arte capoeira.
Vamos lá!!! Vamos expandir a mente para além do "espelho de narciso"?

Axé

Ficha de matéria
Nº: 16
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 28 de fevereiro, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Capoeira Fake: A diferença entre o "real" e o exposto nas redes sociais
Texto da matéria
O título "capoeira fake" faz uma alusão ao uso das redes sociais como mecanismo de legitimação pessoal e/ou de ideias, sem a devida sustentação em fatos concretos da

realidade, criando uma ilusão e falseando a realidade em função de algum objetivo.
As ditas "fake news" são informações mentirosas publicadas em redes sociais como se fossem informações reais. Desta forma, esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo.
Em capoeira, o uso das redes sociais, funciona como uma faca de dois gumes, pois potencializa informações importantes e com grande alcance, mas também tem servido ao propósito difamatório, de pessoas e instituições, bem como a auto-promoção de anônimos/as que não produzem absolutamente NADA para a capoeira.
Atualmente eventos esvaziados ficam cheios pela simples manipulação do ângulo da imagem, fotografias antigas são "clonadas" com imagens recentes, vídeos são editados em função de "vender" uma ideia, dentre outras, e se não bastasse isso, ainda temos uma "cena" favorável, pois uma grande parcela da comunidade de capoeira carece do senso crítico necessário para separar o "joio do trigo".
Na internet "covardes" ficam valentes, preguiçosos/as se transformam em grandes trabalhadores/as da arte capoeira e falsas ideias são difundidas como a "descoberta da roda"….Muito triste, mas essa realidade faseada tem sido a camuflagem de um exército de pessoas de má fé, manipulando a "consciência ingênua" das pessoas menos favorecidas…..Acordaaaaa capoeira!!!!
O problema esta nas redes sociais? Não, pois estas são apenas o veículo, considerando que o real problema é a índole e intenção daquelas pessoas que produzem a informação.
Como atenuar esse problema? Duvidando de tudo que acessamos e nos colocando como investigadores incansáveis da "verdade"…..Veja como pode ser simples….Imaginem uma situação fictícia…..Xícara sem alça desafiou Mestre "x" pelo Whatsapp, mas quando encontrou o referido Mestre em uma roda, colocou o "rabinho entre as pernas"….rsrsrsrsrs…..Valentão fake….
Xícara sem alça disse que a capoeira é africana, mas quando você foi estudar, percebeu que isso não é possível…Aí você, inteligente, faz a conexão entre o dito sobre a capoeira africana e as intenções escusas para ampliar o "negocio" de Xícara….rsrsrs
O mais importante desta nossa reflexão é que possamos entender que o mundo da capoeira não é uma ilha, portanto estará sempre susceptível as mazelas comuns da natureza humana, sendo importante sempre perceber o "contexto de cada texto".
O crivo que tenho utilizado é sempre a própria capoeira, ou seja, o referido Xícara sem alça canta? Toca? Joga? Tem trabalho com discípulos? Conhece o fundamento? Tem serviços prestados à capoeira? Porque, para mim, fora disso será sempre uma pessoa "capoeira fake"….Como se diz aqui na minha terra …."Bunda de caruru"….rsrsrsrs.
Meu povo…! Vamos tentar nos transformar, sendo a mudança que sonhamos para o mundo, pois o "bonde" da história tá passando e nos julgando….
Eu já ponguei no tal bonde, e você????

Axé.

Ficha de matéria
Nº: 17
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 27 de Fevereiro, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)

Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Entre a Capoeira Referenciada e a Copiada
Texto da matéria
O dias atuais tem nos convocado a pensarmos de forma mais ampliada, considerando o rompimento com alguns modelos e dogmas sociais, sendo a capoeira palco também desta demanda. Assim, tentarei tratar um pouco sobre o desafio de se romper o molde de protótipo de "super capoeira" da atualidade. A economia de mercado tem "coisificado" pessoas, transformando-as em engrenagens de um famigerado negócio em favor do lucro a qualquer preço, e em capoeira temos isso expresso, dentre as muitas maneiras, na forma que nos movimentamos no jogo. Geralmente o modelo de "sucesso" econômico em capoeira é aquele mais adequado ao que o "mercado" quer ver, e isso esta tão impregnado nos praticantes, que a maioria nem se percebe fazendo movimentos e expressões completamente desconectados da dinâmica cultural da arte, e/ou alheio ao que se pede no ritual daquele momento. Certa feita perguntei a um destes "super capoeira" do momento, por que ele durante o jogo fazia uma parada de mãos, arqueando a coluna e olhando para o chão? …Ele respondeu que fazia isso porque era um movimento difícil e esteticamente bonito….Eu, por curiosidade, perguntei…E se o cara que tá jogando com você te der uma cabeçada?….Ele respondeu…."Aí ele está sendo desleal, pois é o momento do floreio …..Agradeci o diálogo e fui embora….No outro dia, após a oficina deste rapaz, estavam todos tentando fazer o mesmo movimento….E aí, o que dizer? Entendi que imitar evita pensar muito, pois basta copiar, contudo, a capoeira nem sempre segue o ordenamento bonitinho….rsrsrs…..Na primeira festa de largo destes capoeiras cópias, eles entenderam que "calça de homem não cabe em menino"….E o pior é que muitos não entenderam até hoje o que aconteceu… Qualquer movimento é benvindo em capoeira, desde que o "texto/jogo" respeite o "contexto/ritual", pois fora disso, irá facilitar muito a vida de quem joga com essas figuras, pois viu um copiador, já viu todos. Nossa reivindicação é em favor de termos uma capoeira com referência, em que a forma de jogo, lembra alguém que me inspira, e não o que temos visto hoje, uma total perda de identidade. O esporte capoeira me preocupa, pois a depender do formato, poderá enquadrar, rotular e pasteurizar a dinâmica de jogo, e se assim for, a capoeira vai "chorar" e se esvair do corpo de quem a prática. O mistério da capoeira é o "velho no novo"/ancestralidade, e o espírito "novo no velho", com capacidade adaptativa temporal para continuar contribuindo com a arte , reinventando-se sempre que necessário. Vem comigo, pois sozinho não consigo…Vamos na "forma" sem forma, no jogo que deixa fluir o inusitado e faz brotar a capoeira de "dentro pra fora". Axé.

Ficha de matéria
Nº: 18
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 31 de janeiro, 2020
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)

Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Capoeira: A leitura do “todo” pela análise da “parte”
Texto da matéria
O século XXI nos imprime uma serie de releituras sobre alguns papeis sociais, dentre estes, destacamos a figura do facilitador em capoeira, considerando que este constantemente está sendo resinificado pelas demandas da conjuntura atual. A mestria, em tese, deveria ser um ato sublime, pois pressupõe a possibilidade de difusão do conhecimento e consequente continuidade de uma arte ancestral, contudo, nem sempre tem sido assim, pois a figura do mediador em capoeira parece corroída pelas contradições da exploração do homem pelo homem. Assim, temos visto em muitos lugares uma relativa confusão sobre as reais implicações formativas de um processo de ensino aprendizagem capitaneado por alguém que não se coloca a serviço dos interesses da capoeira e sua comunidade. Hoje, são frequentes as reuniões de pessoas que buscam, mediante objetivos comuns, a criação de espaços de poder que funcionam como uma espécie de “escudo das incompetências”, ou seja, são encontros sectáristas de um dado segmento do segmentos, que excluem a possibilidade de diálogo com a diversidade que compõe a comunidade, em favor do argumento de empoderamento dos membros reunidos e afins. Neste sentido, se este processo fosse apenas uma estratégia de fluxo provisório, mesmo estando em desencontro com a lógica inclusiva da capoeira, seria menos mal, mas o que estamos observando é uma avalanche de eventos propondo discussões fragmentadas, que enfraquecem a força coletiva de uma comunidade que clama por dias melhores. Na formação em capoeira cabe ao mestre a responsabilidade de guiar os mais novos no processo educativo, mas muitas vezes, estes preferem ficar à margem dos espaços decisórios, ampliando o espaço para os “grupinhos”, que habilmente sabem usar o discurso para criar uma falsa ideia de que estão ali para defender os interesses do coletivo, contudo, sabemos que na realidade só estão preocupados com seu próprio “umbigo”. Obviamente todos os temas emergentes na sociedade podem e devem ser abordados como estratégia formativa, mas daí a submeter a comunidade a dita “polêmica do minuto” apenas como forma de aparecer, denota um procedimento egoísta e pouco producente para a arte. Os eventos, aglutinações, grupos, dentre outros, deveriam sempre estar focados nos interesses da comunidade e sua melhoria, mas as disputas de poder ofuscam o bom senso e levam pessoas esclarecidas ao equívoco de confundir a leitura da “parte” como resposta para os desafios do “todo”. Vamos refletir sobre o que desejamos e como agimos para atingir os objetivos, pois muitas vezes falamos uma coisa e executamos ações contrarias a intenção daquilo que expressamos.

Ficha de matéria
Nº: 19
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 16 de agosto, 2019
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria

CAPOEIRAS: Plantando Abacaxi para colher banana
Texto da matéria
É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que num dado momento, a tua fala seja a tua prática. Paulo Freire A reflexão vale para todas as pessoas que desejam, no âmbito da capoeira, reconhecimento público de sua comunidade, pois o século XXI tem nos apresentado a armadilha do(a) capoeira "fake", ou seja, aquilo que só parece ser, mas de fato não é absolutamente nada. Neste sentido, propomos um diálogo sobre este tema nestas breves palavras. A capoeira, por ser uma arte iniciática, prima pelo conhecimento adquirido da experiência vivida, ou seja, o saber emerge de uma labuta cotidiana com o "fazer", e deste "fazer", criamos as condições para brotar, via reflexão, um dado conhecimento sobre aspectos da natureza humana, correlatos metaforicamente com as demandas sociais de cada tempo histórico. O reconhecimento público na capoeira vem do transito de seus adeptos no toque dos instrumentos, no canto, no jogo, no trabalho pedagógico com a arte, no conhecimento filosófico da ritualística, dentre outros, portanto, não é possível avançar na arte sem a garantia destes aprendizados basilares. Atualmente, com relativa frequência, temos sido bombardeados por uma série de discussões de interesse social vinculadas a capoeira, e isso é muito interessante, contudo, o discurso engajado por si só não é suficiente para garantia de reconhecimento público dos(as) capoeiras, ou seja, não se deve confundir os conhecimentos específicos da capoeira com o exercício crítico da cidadania. Se você defende uma prática religiosa qualquer, isso é válido e oportuno para a capoeira, mas apenas esta defesa, alijada dos conhecimentos basilares da arte e do "fazer" cotidiano, não são suficientes para sua projeção e consequente reconhecimento no mundo da capoeira. Se você defende a difusão do conhecimento pela escrita, isso é valido e oportuno para a capoeira, mas apenas esta defesa, alijada dos conhecimentos basilares da arte e do "fazer" cotidiano, não são suficientes para sua projeção e consequente reconhecimento no mundo da capoeira. Se você defende o conhecimento intelectual, isso é válido e oportuno para a capoeira, mas apenas esta defesa, alijada dos conhecimentos basilares da arte e do "fazer" cotidiano, não são suficientes para sua projeção e consequente reconhecimento no mundo da capoeira. Se você defende o empoderamento feminino, isso é válido e oportuno para a capoeira, pois vivemos em uma sociedade desigual e a discussão de gênero carece de aprofundamento, mas apenas esta defesa, alijada dos conhecimentos basilares da arte e do "fazer" cotidiano, não são suficientes para sua projeção e consequente reconhecimento no mundo da capoeira. Se você defende um projeto político ideológico, isso é válido e oportuno para a capoeira, pois a politização de nossa comunidade é um importante exercício de cidadania, mas apenas esta defesa, alijada dos conhecimentos basilares da arte e do "fazer" cotidiano, não são suficientes para sua projeção e consequente reconhecimento no mundo da capoeira. Se você defende o acesso à educação formal e possui títulos acadêmicos, isso é válido e oportuno para a capoeira, pois nos possibilita "abrir" novas portas e um diálogo com outros espaços sociais, mas apenas esta defesa, alijada dos conhecimentos basilares da arte e do "fazer" cotidiano, não são suficientes para sua projeção e consequente reconhecimento no mundo da capoeira. Em suma, não plante abacaxi e espere colher banana, pois o reconhecimento da capoeira só chegará para aqueles que realmente possuem "serviços prestados a arte", no toque dos instrumentos, no canto, no jogo, no trabalho pedagógico com novos aprendizes, no conhecimento filosófico da ritualística, dentre outros.

Desta forma, salvo melhor juízo, a maneira mais qualificada para exercício da cidadania a partir da capoeira, é entrelaçando as "bandeiras de lutas sociais" e o ativismo social a um berimbau bem tocado, a uma cantiga bem cantada, a um jogo cadenciado e referenciado nos antigos, a um conhecimento da ritualística, e acima de tudo, ao exercício constante do "fazer pedagógico" com seus discípulos em seu espaço de capoeira. Dedico esta reflexão em homenagem e gratidão ao Mestre Ferreira, meu amigo, meu mestre e minha inspiração.

Ficha de matéria
Nº: 20
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 25 de fevereiro, 2019
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
A Pedagogia do Jogo na Capoeira
Texto da matéria

Dentre as diversas potencialidades da capoeira no âmbito educativo, destacaremos algumas de suas possibilidades tomando como foco principal o jogo, evidenciando traços de interlocução com africanidades e a formação humano no espaço escolar.

Aprender fazendo

A capoeira nos ensina que todo aprendizado deve emergir de uma experiência vivenciada, ou seja, a perspectiva eurocêntrica do aprendizado por abstração intelectual, que nos foi apresentada na escola, não atende as necessidades funcionais da arte, pois não consegue dar conta das subjetividades pulsantes de se aprender a tocar tocando, cantar cantando, jogar jogando, e de todo o fluxo interativo de um aprendizado vivo e significativo.

Valorização do mais antigo

Socialmente fomos adestrados a encarar a pessoa mais velha como um fardo social, algo inútil, pois sua capacidade produtiva e de gerar renda estariam em franco declínio, ledo engano, pois a capoeira nos ensina que sem o mais antigo não existirá continuidade de construção do conhecimento, pois perderíamos o acesso a todo acumulo de experiências destes indivíduos. Desta forma, na roda, o mais experiente é sempre o mediador dos processos, cabendo a ele a responsabilidade da garantia da construção do novo, estando este adaptado as necessidade conjunturais de cada tempo, sem contudo, perder de vista a conexão ancestral com os fundamentos estruturantes da arte.

Perder e ganhar

Na capoeira aprendemos que o ganhador não será necessariamente aquele que anula o outro, pois o jogo nos ensina que a verdadeira vitória só surge pelo signo da dupla, ou seja, o vencedor sempre será aquele capaz de deixar o parceiro sem respostas para suas perguntas e ainda ansioso e capaz de continuar tentado responder, pois é preciso vencer em franco fluxo da dinâmica do jogo, ganhando não aquele que finaliza o outro, mas sim aquele que mantem o outro em atividade e com a crença de que poderá vencer.

Com certeza, para muitos, é difícil entender a explicação acima, pois fomos educados a pensar em uma única perspectiva de competição, aquela que para garantir a vitória precisa anular e/ou subjugar o oponente da peleja, pois esta é a lógica do sistema capitalista, privilegiando um em detrimento de todos os outros, matando a noção de comunidade e construção coletiva para o bem comum.

Respeito as diferenças
Vivemos em um mundo que tenta a todo o momento nos enquadrar, criando padrões que facilitem o controle e nos tornem presas fáceis do consumismo, e a escola não tem, historicamente, fugido a esta lógica, pois diversos são os elementos que homogeneízam os indivíduos e tentam anular as diferenças em seu cotidiano.
Na roda de capoeira ser diferente é condição primordial, pois só poderemos constituir uma boa dinâmica, na medida em que pessoas diferentes possam executar funções diferentes, alguns tocando, outros cantando e uma dupla jugando, ou seja, a diversidade é o catalizador de aprendizado pela complementariedade que o outro, diferente de mim, poderá aportar para resolução de problemas que auxiliarão a todos daquele contexto. Desta forma, a roda de capoeira funciona como uma metáfora da roda da vida, explicitando que os diferentes são complementares para o bom andamento da dinâmica social.
O corpo como registro do saber
O nosso corpo foi historicamente negligenciado como repositório de um saber ancestral, pois o mesmo sempre foi tido como uma espécie de simples suporte para sustentar o intelecto, ou seja, um corpo para suor e músculos, como sustentáculo de uma cabeça, única responsável para construção do conhecimento. Neste sentido, crescemos com a ideia equivocada de subutilização da corporeidade como estratégia de construção do saber, negligenciando as potencialidades do movimento na pedagogia para emancipação humana.
Em capoeira aprendemos que o corpo pensa e fala por seus movimentos, interpretando realidades, expressando sentimentos e trazendo encaminhamentos para os diversos conflitos de uma dada comunidade, pois este corpo passa a ser entendido como um repositório de experiências educativas, como uma espécie de biblioteca ambulante, ratificada pela difusão de conhecimento a partir da simples observação de um grande mestre jogando.
Diversos são os exemplos de interlocução do jogo da capoeira com os processos educativos formais, portanto, acima destacamos apenas alguns, contudo, estes só terão a eficácia desejada no chão da escola, na medida em que esta se transforme numa espécie de extensão da própria comunidade, contextualizado conteúdos e atuando de forma fluida e dinâmica em favor dos anseios de cada tempo histórico.
Sonhamos com a capoeirização da escola, pois estamos cansados da inoperância transformadora da escolarização da capoeira.

Ficha de matéria
Nº: 21
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 20 de abril, 2018
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
A EVOLUÇAO DA CAPOEIRA NO MUNDO Caminhos de “esterilização” da arte para “fertilização” do negócio.
Texto da matéria
O reconhecimento da capoeira na atualidade se depara com seu mais difícil paradigma, pois a mesma precisa conviver com um processo de transformação que, na maioria das vezes, só justifica-se por parâmetros que negligenciam princípios de ancestralidade, oralidade, aprender fazendo, dentre outros, que são encarados por seus

praticantes como ultrapassados e/ou utilizados unicamente nos discursos eloqüentes dos "tiranos comandantes" disfarçados de mestres. Neste sentido, nos propomos a refletir sobre algumas questões que tentarão nos aproximar de alternativas para dialogarmos com a tão famigerada "evolução" da capoeira, apelidada em nosso tempo equivocadamente de Capoeira Contemporânea.

Inicialmente quero tratar especificamente da terminologia, que já de inicio apresenta-se erroneamente, pois faz referencia, considerando a grande maioria de capoeiras de senso comum, a um estilo que se distanciaria da Angola e da Regional, propondo uma mescla dos dois estilos anteriores, mesmo convivendo no mesmo período histórico, ou seja, representando uma pretensa evolução técnica e etc. Assim, se desta forma for encarada, seu nome correto talvez devesse ser Capoeira Futuro, Avançada, Espacial….. Sei la…. E não Contemporânea, pois isso representa algo que convive em mesmo período.

Outro ponto contraditório apresenta-se quando definimos esta nova capoeira "moderna" como algo inusitado, futurístico, pois sua própria origem esteve sempre atrelada no discurso de que a mesma foi forjada a luz da Angola e da Regional baiana e sendo assim, o correto seria dizer que a mesma simplesmente tentou juntar o que vivia separado, fato que representaria uma grande incoerência, pois sabemos que quando investigamos a capoeiragem mais detalhadamente e criticamente, percebemos que o trabalho capitaneado por Bimba e por Pastinha possuíam muito mais semelhanças do que diferenças, pois os mesmos foram fruto da historia de um determinado local em um tempo especifico.

Sobre a técnica desta capoeira evoluída, o que temos visto são conseqüências desastrosas, considerando o grande numero de lesões, a violência com pouca belicosidade e ainda as atrocidades com relação à biomecânica dos movimentos, pois estes alem de não respeitarem os limites articulares e fisiológicos, ainda propõem uma pratica completamente distanciada da estética ancestral da capoeira, visto que os capoeiras deste estilo "evoluído" mais se aproximam de ginastas ou acrobatas de circo com pretensões de luta, transformando o jogo em um espetáculo grotesco, pois não conseguem fazer bem nem a ginástica nem tão pouco a luta.

A musicalidade na capoeira tem papel fundamental, pois dela se desencadeia boa parte do processo "ritualístico", ou seja, é a partir da musicalidade que os movimentos são executados, os instrumentos são tocados e as cantigas entoadas, contudo atualmente nos grupos intitulados de Capoeira Contemporânea, observamos uma linearidade melódica que não contempla as variantes ancestrais africanas, com letras ceifadas de seu conteúdo para reflexão, que já não cumprem tão bem o papel da oralidade e sua documentação da historia humana por contos e cantigas. Assim temos percebido que os instrumentos e as cantigas pouco a pouco tem perdido sua função ritual na roda, pois os praticantes alem de não valorizarem e desenvolverem esta parte do aprendizado, não conseguem decodificar a influencia da musicalidade na pratica, negligenciando o papel fundamental desta no desenvolvimento da roda.

A ladainha não arrepia mais, o cantador não se emociona, as cantigas não tratam do universo simbólico da capoeiragem e ainda a forma de cantar tem sido "plastificada" e embalada para vender, criando um exercito de cantadores "copias de alguém famoso", e se não bastasse isso, as pessoas ainda não conseguem perceber que o mesmo acontece por toda parte no modo de produção capitalista, pois todos querem parecer com os modelos vendidos pela mídia, idiotizados pela propaganda e aumentando o lucro dos "grupos produto", como um grande Big Mac vendido na esquina de qualquer grande centro.

Em relação aos aspectos filosóficos, temos nosso maior abismo, basta observar os

bonecos de vídeo game que representam os capoeiras, sempre musculosos, com movimentos robóticos, com uma negritude estereotipada, e ainda com golpes previsíveis e não característicos, negando os fundamentos difundidos pelos antigos mestres da Bahia.
Soma-se também a este conflito simbólico uma serie de situações organizacionais nos grupos de capoeira, aproximando-os administrativamente de empresas e distanciando cada vez mais das praticas humanas e necessidades da capoeiragem em sua trajetória, pois os mestres se transformaram em patrões, as rodas em shows, o conhecimento em produto de venda, as pessoas em números de matricula e sua filosofia em trabalhos acadêmicos de pessoas que nunca sujaram as mãos fazendo Au…..
Lamentável, mas esta tem sido a realidade que tenho encontrado em muitas partes do mundo em nossas viagens com a capoeira, e para piorar, se não bastasse tudo isso, tenho percebido, com o passar dos anos, que os poucos cabelos que ainda me restam estão ficando brancos e que a grande parte dos capoeiras acreditam que nossa arte esta em seu curso natural, como se alguma força alienígena controlasse estas mudanças, não sendo necessário refletir sobre as mesmas e só segui-las.
Quero propor com estas palavras, que não são verdades absolutas e sim um desabafo ingênuo de um capoeira da Bahia, que existem sim alternativas e estas estão ao alcance de todos aqueles que investigarem a matriz ancestral da capoeira e seus representantes mais antigos, observando a forma como jogam, sua fala, como lidam com os instrumentos, seus códigos filosóficos e acima de tudo como vivem, mesmo não fazendo parte do espetáculo futurístico da Capoeira Contemporânea.
Sugiro uma busca na década de trinta e seus princípios metodológicos para trato com a Educação Física, pois la encontraremos as bases desta dita capoeira evoluída, comprovando que a mesma não possui nada de moderno e sim uma adaptação mal feita para na atualidade atender as demandas do capital, considerando a dicotomia corpo/mente e o processo de adestramento pelas seqüências de ensino idiotizantes, atrofiando o senso critico e favorecendo o negocio dos mega grupos e seus mestrões.
Despeço-me pedindo força ao Grande Arquiteto do Universo e perdão pela possibilidade de minhas palavras ofenderem camaradas ainda não despertos para as armadilhas desta capoeira mercadorizada, espetacularizada e muito distante das necessidades de aprendizado para evolução da humanidade.

Ficha de matéria
Nº: 22
Secção: Fundamentos da Capoeira & Papoeira Online
Data: 23 de Março, 2018
Autor/Autora: Jean Adriano Barros da Silva (Mestre Jean Pangolin)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
CAPOEIRA E SEUS CANTADORES
Texto da matéria
A musicalidade traz em si um elemento fundamental para o desenvolvimento da capoeira, pois ela será responsável pelo encadeamento ritualístico, pela oralidade na construção do conhecimento, pelo “balanço” do jogo e pela construção simbólica da “atmosfera” da “vadiação”. A musicalidade nunca será uma simples conseqüência fisiológica da articulação bem sucedida entre cordas vocais, músculos da face e diafragma, pois em capoeira a complementaridade entre os diferentes, articulados em propósito comum para o coletivo, supera qualquer perspectiva ou habilidade individual, transformando o bom

cantador naquele que mais motiva o coletivo a cantar junto, muitas vezes ofuscando a própria voz de quem puxa o canto, ou seja, cantador de "verdade" na capoeira não é o que mais aparece, mas o que projeta o conjunto da roda em ritual.
O bom cantador nem sempre é aquele com a voz mais bonita e empostada, nem sempre é o que tem a melhor pronuncia e português correto, nem sempre é o que grita mais alto…..O bom cantador é o que cantando encanta, aquele que consegue captar a magia do momento do jogo, fazendo com que sua cantiga seja o "catalisador" de uma química que eleva os capoeiras a um "transe" coletivo, que de tão especial nos faz sonhar acordado.
Não existe bom jogo sem boa musicalidade, pois a organicidade da roda é um complexo sistema multifacetado, lembrando o corpo humano, em que cada órgão cumpre uma função distinta a favor do funcionamento de todo o sistema para que a vida aconteça. Assim, tão importante quanto o "movimento", aquilo que o impulsiona, harmoniza e qualifica, também deve ser considerado e exercitado, a cantiga.
È impressionante como Mestre Boca Rica, cantando quase sussurrando, com um único berimbau, se espalhou pelo planeta como um vírus positivo da boa capoeiragem……Impressionante como décadas mais tarde, as gravações de Bimba, Pastinha, Waldemar, Canjiquinha, Camafeu de Oxossi e outros, ainda encantam, mesmo sem todos os recursos tecnológicos atuais.
O maior desafio de um grande cantador em capoeira será sempre conseguir captar o "cheiro do dendê" em uma roda, sendo simples, singelo e traduzindo na poesia de seu canto os mistérios da arte capoeira. Neste sentido, se você deseja qualificar seu canto, te recomendo que antes de cantar tente ouvir mais, e não ouça qualquer coisa, ouça os sons mais elementares produzidos pela mãe natureza, o ronco do mar, a suavidade das ondas, o fluir da cachoeira, o vento nas arvores, trovões e ate mesmo o pingo da chuva caindo no chão, percebendo que cada som deste esta articulado a um contexto especifico e complexo, sendo seu maior sentido a conexão com o todo.
Por fim, aprenda que a cantiga é também uma forma de doação à arte capoeira, portanto, ser um bom cantador será, acima de tudo, a capacidade de brindar os outros com aquilo que temos de melhor, pois o lamento da ladainha emociona e arrepia o outro, também na medida em que o cantador já chorou e se arrepiou antes, incorporando o sentimento expresso em seu cantar. Desta forma, entenda que viver o momento é mais importante do que o resultado final, portanto, não fique preocupado com o impacto de sua voz na roda, mas tente viver junto com seus pares magia do contexto no milésimo de segundo em que sua cantiga toca a fibra mais tênue do coração de quem te escuta, transformando o momento em único e especial para todos.

Vamos cantar mais com a alma!!!!!!!

Ficha de matéria
Nº: 23
Secção: Publicações e Artigos
Data: 7 de Junho, 2022
Autor/Autora: Letícia Vidor Reis
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
O que é fazer política para os capoeiras cariocas da segunda metade do século XIX?
Texto da matéria
Que bixo he aquelle/ Que vem enfesado/(…)/Que joga cabeça/ Que he capoeira/ Que

diz desaforos/ Por brincadeira?/E que bixo he esse/ Que vem acolá?/He Justiniano/De banda e era chá(…)/Mudo na assembléa/ Os cobres comendo.i

Introdução

O meu principal objetivo neste artigo é buscar compreender o significado do que era fazer política para os capoeirasii cariocas da segunda metade do século XIX.

Procurei trabalhar com o triângulo ritual dos três domínios casa, rua e "outro mundo", formulados por DaMatta (1997). Partindo do princípio de que a sociedade brasileira é relacional, diz:

a unidade básica da sociedade brasileira assenta-se nas relações "e pessoas, famílias, grupos de parentes e amigos" (…) E, como prestígio social é algo que se localiza na teia de relações – e nas relações- tanto quanto em indivíduos, uma pessoa pode efetivamente colocar à disposição de outra suas redes de relações pessoais (1997:70).

Para este autor, o domínio da casa e o da rua são espaços sociais e só fazem sentido, quando colocados em oposição um ao outro, sendo por ele vistos enquanto categorias sociológicas. Ele esclarece (idem: 136): "(…) O mundo da casa [é aquele] onde as relações predominantes são as de parentesco, compadrio e amizade (…)". É o local da intimidade, do acolhimento, do universo sob controle.

Já o mundo da rua,

indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões (…) implica movimento, novidade, ação (…) [em consequência] é preciso estar atento para não violar hierarquias não-sabidas ou não-percebidas. (1979:70)

A capoeiraiii, uma herança cultural afro-brasileira, é ambígua, por ser, simultaneamente um jogo, uma dança e uma luta. É preciso atentar para os limites que a historiografia nos impõe: tratarei aqui, mais especificamente da capoeira carioca da segunda metade do século XIX – sobre a qual há mais estudos -, cujos dados não são generalizáveis para o país, como um todo.

É uma falácia pensar que a capoeira era empregada apenas contra policiais ou senhores violentos de escravizados. E isso porque, talvez o mais corriqueiro era seu uso pelas Federações de Capoeira Nagôas e Guaiamuns com vistas à disputa, assim como a ocupação e apropriação de territórios da cidade do Rio de Janeiro. (1999; p.27)

A Federação (isto é, um conjunto de maltas de capoeira) dos Guaiamuns e a dos Nagôas eram as duas maiores desse período. Quanto à identidade étnica dos Guaiamuns, vinculavam-se à tradição nativa, "crioula", ligada aos escravizados nascidos no Brasil. Já a identidade étnica dos Nagôas definia-se de acordo com a tradição africana, principalmente da cultura bantu.

Como veremos, há um surpreendente conluio entre a capoeira e a política. A esse respeito, Mello Moraes Filho (1893/1979: 258), contemporâneo da época, ressalta a importância da atuação dos capoeiras, em cujo "ombro tisnado escorou-se até há pouco o Senado e a Câmara para onde, à luz da navalha, muitos dos que nos governam, subiram".

Porém, é importante dizer que, as maltas de capoeira, ao interferir nas eleições não são somente agenciadas, mas atuam também como uma força política autônoma e independente. Conforme Soares (1999) sua atuação era uma "opção política", que mostra sua vontade de participar no

Vamos agora nos familiarizar com o universo da capoeiragem carioca do Novecentos.

2 O que é fazer política para os capoeiras?

Os Nagôas ocupavam as áreas limítrofes da região urbana, os Guaiamuns dominavam as freguesias centrais da cidade. É interessante atentar para a ressignificação popular das maltas de capoeira ao renomear as freguesias com os nomes do catolicismo popular.

Como explica Cunha (1986), a etnicidade é uma linguagem que existe apenas num meio mais amplo e é uma forma de organização política. Conforme a autora, a identidade é contrastiva, situacional e circunstancial sendo, portanto, desprovida de substância e, portanto, "é algo que não se põe apenas se contrapõe". (idem: 102)

Essas duas maltas tinham como sinais diacríticos as práticas de ritualização de conflito, com seus códigos próprios. Seu palco principal eram as ruas da cidade.

A invasão dos domínios de uma malta por outra era tida como uma provocação e resultava muitas vezes em mortes. Segundo Soares (1994) as rivalidades territoriais pareciam ser um dos principais motivos de conflitos entre ambas.

Nesta disputa, estavam em jogo prestígio, posições e certos privilégios sobre o "pedaço". É importante ressaltar que as trocas de favores entre os capoeiras e os políticos asseguravam a seus membros, em particular ao líder da malta, uma posição de prestígio junto a seu "pedaço". Assim, quanto maior a sua intimidade com o poder, maior será a sua fama.iv

Uma das características da malta é que, tanto a "terra dos Guayamús", quanto à "terra alheia", a de seus inimigos Nagôas, são espaços onde há segurança, semelhanças de origem e étnicas (africanos, mestiços e brancos – boa parte imigrantes portugueses), valores culturais semelhantes e ainda de condição jurídica . Tal domínio onde parece haver um maior controle é o da casa, portanto. Já o mundo da rua, é perigoso, lugar do imprevisto, impessoal, das hierarquias não percebidas.

3)A política dos gabinetes

A malta Flor da Gente dominava a freguesia da Glória, onde morava boa parte dos políticos dessa época, não por coincidência, já que muitos deles contratavam capoeiras como seus capangas políticos. Nas eleições de 1872, ocasião em que o gabinete conservador Ventre Livre corria o risco de ser alijado do poder, os liberais denunciaram a presença de 65 guardas nacionais que estariam atuando como capoeiras naquela freguesia, para lá deslocados pelo juiz de paz da região, o deputado conservador Duque-Estrada Teixeira.

Para azar deste deputado, seus inimigos publicaram um bilhete com sua ordem: "(…) aí vai o reforço pedido; este é de lei: é parte da Flor da Minha Gente; desejo-lhes triunfo e felicidade". Nascia a Flor da Gente (cujo nome evocava a capoeira como uma "criação nacional", como em 1890, Mello Morais Filho a ela se reportaria) a qual, tendo colaborado para a vitória do Partido Conservador nessa ocasião, se tornaria, a partir daí, "sinônimo da capangagem política" (SOARES, 1994: 196-206).

Tal conluio entre a ordem e a desordem perpassa todo o século XIX e até hoje se faz presente e não apenas na cidade do Rio de Janeiro.

Diante das constantes denúncias de ameaça à segurança pública, motivada pelos capoeiras, levantam-se as primeiras vozes favoráveis à torná-la um crime. É o que solicita, em 1872, o chefe de polícia da cidade do Rio de Janeiro. Reconhecendo os esforços da polícia para reprimir a petulância dos capoeiras, terror da população pacífica, reclama, em seu relatório anual, da dificuldade de repressão àqueles, posto que a capoeira não é um crime de acordo com o Código Criminal em vigor. (HOLLOWAY: 1989: 669).

4) A hora e a vez dos capoeiras na arena política

A partir da segunda metade do século XIX, a capoeira ingressa com mais força no campo da política. Ainda que tenha sido bastante perseguida nessa época, os documentos policiais comprovam que sua prática foi tolerada durante a Monarquia. Vejamos alguns dos motivos para tanto.

Nagôas e Guaiamuns atuavam na capangagem política, e, como veremos, tinham sua visão particular do que é fazer política. Ambas eram autônomas em relação a políticos e partidos e possuíam signos próprios de distinção e padrões de comportamento.

Manduca da Praia é até hoje lembrado nesta cantiga de capoeira: Rio de Janeiro, minha memória não falha/ O maior capoeira foi Manduca da Praia! Ele possuía uma banca de peixe na Praça do Mercado e morava na Cidade Nova. Manduca era muito famoso entre a população fluminense e, ainda que tenha sido autuado em 27 processos por ferimentos leves e graves, foi absolvido em todos eles devido à sua influência pessoal, bem como à de seus amigos (Mello Moraes Filho 1893/1979: 262).

(…) Não recebia influências da capoeiragem local nem de outras freguesias, fazendo vida à parte, sendo capoeira por sua conta e risco (…) nas eleições de São José dava cartas, pintava o diabo com as cédulas (idem: 263)

Nos dias de eleição, as maltas de capoeiras se reuniam nas igrejas, as quais serviam como postos eleitorais, atacando eleitores de oposição ou fraudando as urnas, fingindo serem eleitores ausentes (os populares fósforos). Além disso, compravam votos e atacavam urnas, onde a vitória dos opositores era certa. Constantemente, tudo acabava em grossa pancadaria.

O processo de criminalização da capoeira

Alguns dias após a Proclamação da República, Sampaio Ferraz é empossado como chefe de polícia do Distrito Federal. Com extrema violência e arbitrariedade, ele conseguiu desbaratar, em poucos meses, boa parte das maltas de capoeira. A capoeira, a qual, como reiterado era tolerada pela Monarquia, com a publicação do Código Penal de 1890, passa agora a ser considerada um crime.

Se, durante o período escravista, o africano escravizado tinha o seu lugar social definido, agora, ao longo do Novecentos, paulatinamente, as fronteiras sociais foram sendo diluídas e após a decretação da Lei Áurea, a obtenção da igualdade jurídica é alcançada. Desse modo, a indefinição do lugar social do negro cidadão alimenta o imaginário do medo branco da onda negra. (AZEVEDO, 1987).

Considerações finais

A importância do favor pessoal por parte dos políticos que arregimentavam maltas ou capoeiras, individualmente, para atuarem na capangagem política é evidente.

Ainda que tenha sido perseguida ao longo do século XIX, a capoeira sempre foi tolerada, uma vez que sua manutenção no nível da contravenção penal interessou sobremaneira a partidos e políticos do país. É líquido e certo afirmar que fosse a capoeira vista como “negregada instituição”, “carcinoma” ou “ginástica degenerada”.

Com efeito, os capoeiras e suas maltas desempenharam um papel decisivo na política carioca, sobretudo nas três últimas décadas do século XIX. E mostraram seu jeito particular de fazer política: “a cabeçadas e navalhadas”.

Referências bibliográficas

Livros

ABREU, Plácido. Os capoeiras. Rio de Janeiro: Tipografia da Escola de Serafim José Alves, 2019.

AZEVEDO, Célia M. M. Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

HOLLOWAY, Thomas. "O 'saudável terror': repressão policial aos capoeiras e resistência dos escravos no Rio de Janeiro no século XIX", in: Cadernos de Estudos Afro-asiáticos, n.16. Cândido Mendes, março, Rio de Janeiro, 1989.

KOSERITZ, Carl von. Imagens do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

LÉVI-STRASS, Claude. Antropologia Estrutural. 5ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

MORAIS, Mello. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1893/1979.

MOURA, Jair. Plácido de Abreu – Os Capoeiras (Epítomes e Notas de Jair Moura). 1ed. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A negregada instituição: os Capoeiras na Corte Imperial – 1850-1890. Rio de Janeiro: Access, 1999.

i O Alabama, 21 de dezembro de 1863, apud ABREU, 2005: 114.
ii Nessa época, o termo capoeira refere-se tanto a esta arte marcial propriamente dita, como a seus adeptos.
iii Tida hoje, como um dos símbolos da cultura brasileira, a capoeira sempre foi perseguida em nosso país, especialmente na passagem do Império para a República. Entretanto se no período monárquico sua prática, ainda que tenha sido perseguida, foi tolerada por alguns motivos, como veremos neste artigo. Mas, com a publicação do Código Penal Republicano de 1890, torna-se um crime até meados da década de 1930, quando será legalizada na forma de esporte.
iv Agradeço aqui ao Prof. Dr. Cinézio Peçanha (Mestre Cobrinha Mansa) pela sua arguta observação. Sou grata também ao Prof. Ms Marcelo Stotz (Mestre Kblera), ao Prof. Dr. Júlio César Tavares e ao Prof. Dr. Luiz Renato Vieira (Mestre Luiz Renato) pelas suas valiosas contribuições.

Ficha de matéria

Nº: 24
Secção: Publicações e Artigos
Data: 8 de novembro, 2021
Autor/Autora: Thiago Santos
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
MESTRE MÔA DO KATENDÊ RECEBE HOMENAGEM COLETIVA EM VIDEOCLIPE PRODUZIDO POR BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA
Texto da matéria
Kaya na Gandaia, Unidos Venceremos e Amigos de Katendê se unem ao vocal de Mestre Gafanhoto para gravar hino em homenagem ao aniversário do capoeirista e militante assassinado em 2018 No dia 29 de outubro Romualdo Rosário da Costa completaria 67 anos. Sua trajetória enquanto um dos maiores mestres de capoeira angola, do afoxé, da dança afro-brasileira e como militante dos fundamentos de raça, entretanto, foi interrompida em um brutal assassinato. Para eternizar Mestre Môa, como era conhecido, o homem que lutou por sua Bahia, pelo Brasil e por um mundo mais igual, seus amigos de caminhada lançaram, no último dia 29 de outubro, o videoclipe da música 'Viva Môa'. A composição, criada e dedicada em vida por seu companheiro de luta Mestre Gafanhoto, foi gravada por blocos de carnaval de São Paulo e está no recém-lançado álbum "Abrindo os Caminhos pro meu Carnaval", do Kaya na Gandaia. O videoclipe é um hino de homenagem coletiva dos blocos Unidos Venceremos, Kaya na Gandaia e Afoxé Amigos de Katendê, este último fundado pelo próprio Môa em parceria com Mestre Plínio. O clipe registra imagens e falas íntimas de Môa ao mesmo tempo que intercala a percussão potente do ijexá e o vocal confidente do Mestre Gafanhoto, que carrega versos líricos repletos de sentimento. Inspirada nos feitos do homenageado, a letra traça o percurso de Mestre Môa em sua proposta de manifestação e valorização da cultura afro-brasileira. O candomblé, o ijexá, a capoeira, o afoxé, todos os elementos se harmonizam e se somam ao coro vocal e ao arranjo que remetem à tradição e aos ensinamentos do Mestre: Elevação da alma por meio da música e da dança. Considerado um dos maiores mestres de Capoeira Angola do Brasil, Môa foi muito além e por onde passou marcou pessoas e época com sua arte, seja como compositor, percussionista, artesão, educador, dançarino ou como incentivador do resgate das origens africanas nos blocos de carnaval da Bahia. Na década de 70, em plena ditadura, Mestre Môa foi fundador do Afoxé Badauê, movimento que nas palavras de Gilberto Gil ajudou a ressignificar e popularizar esse universo, adicionando a uma cultura tradicional e popular elementos de transgressão, como a participação de mulheres e brancos, cores às roupas e eletrificação da música. Como o próprio Môa escreveu, "Misteriosamente, o Badauê surgiu. Sua expressão cultural o povo aplaudiu." Foi reverenciado por grandes nomes da música nacional como o próprio Gil, Caetano Veloso, Moraes Moreira e Chico César, assim como da música internacional, como Roger Waters que prestou tributo a Môa durante show no Brasil. Preto, transgressor e batalhador, ao mesmo tempo que iluminava o caminho por onde passava, também incomodava. Em 2018 foi assassinado com 12 facadas pelas costas ao se posicionar politicamente. Mas o agressor não sabia que para quem marcou o compasso e deixou no ar sua melodia não existe morte. 'Viva Môa', lançado no dia 29 de outubro, é um videoclipe dirigido por Bruno Ferrari da All Zoom Filmes e produzido pelos blocos para homenagear o aniversário, a vida e a obra do Mestre. Contém imagens raras captadas ao longo de anos por Eduardo Joly

no Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô, sede dos Amigos de Katendê onde Môa ministrava oficinas, além de trechos da entrevista com Môa para o documentário "Môa, Raiz Afro Mãe" e imagens de cortejos dos três blocos envolvidos e cenas captadas na gravação da música com os integrantes dos blocos Kaya na Gandaia, Unidos Venceremos e Afoxé Amigos de Katendê, para o álbum "Abrindo os Caminhos pro Meu Carnaval", do Kaya na Gandaia.

Sobre Kaya na Gandaia, Unidos Venceremos e Afoxé Amigos de Katendê

Blocos-irmãos, o Kaya na Gandaia e o Unidos Venceremos são manifestações do carnaval de rua de São Paulo, ambos puxados pela Bateria Destemida do Forte, fundada por Gabi Toledo para estudar e difundir ritmos afro-brasileiros como o samba, o ijexá e o samba-reggae.

O Kaya na Gandaia, mais focado no samba-reggae e na fusão Brasil-Jamaica, acaba de lançar seu primeiro álbum que além do Unidos Venceremos e Afoxé Amigos de Katendê têm participações de Pato Banton e Roberto Barreto (do BaianaSystem).

O Unidos Venceremos atua desde 2006 com foco no samba paulista e após homenagear Môa no carnaval de 2017 também carrega cada vez mais o ijexá em seu repertório, que em breve também será registrado em um álbum, com composições dos 15 anos de história do bloco.

O Afoxé Amigos de Katendê, fundado por Mestre Môa e Mestre Plínio, segue levando o legado de Môa do Katendê, tocando e cantando seus ijexás nas ruas de São Paulo e também de Florianópolis, onde o grupo mantém outra sede e realiza atividade

Ficha de matéria

Nº: 25

Secção: Publicações e Artigos

Data: 26 de Julho, 2021

Autor/Autora: Guilherme Fernandes

Grau com Capoeira: Não especificado

Título da matéria

Juazeiro – BA: "Mandinga na Beira do Rio"

Texto da matéria

Atrajetória da capoeiragem na cidade de Juazeiro-BA, das rodas de rua dos anos 60 até as configurações dos dias atuais, contada a partir das experiências e vivências dos mestres Butica, Marreta e Deca. Essa é a proposta da websérie "Mandinga na Beira do Rio", que já está com seu primeiro episódio disponível no YouTube (https://bityli.com/yeTUb) e no Instagram do Projeto Malê (@projetomale), coletivo de educação artística nascido nas cidades ribeirinhas de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

"Nesse primeiro episódio, intitulado 'Nascido na beira do rio', trazemos a história de Mestre Butica, que dedicou parte de sua vida à capoeiragem. Ele conta sobre o início da sua trajetória na capoeira, por volta dos anos 60, como também da experiência em ter sido o primeiro mestre em Juazeiro", conta Mayane Santos, jornalista juazeirense que assina a direção e o roteiro da websérie.

No segundo episódio – "No passo da avenida" -, Mestre Marreta fala da participação dos capoeiras no carnaval juazeirense e nos desfiles das escolas de samba, e sobre o preconceito. O processo de formalização da capoeiragem, com a inserção do movimento nas academias, é tema do episódio três, "A 'evolução' da capoeira", com Mestre Deca. Por fim, os Mestres estarão reunidos em "A força dos antigos", numa conversa sobre a atuação do poder público junto às culturas populares. Esses próximos episódios serão liberados, respectivamente, em 27, 29 e 31 de julho, sempre às 20h.

"Mandinga na beira do rio" nasceu em 2019, a partir de diálogos realizados juntos à

mestres antigos do município. À época, o Projeto Malê produziu um episódio piloto sobre a história do Mestre Botica, apesar dos escassos recursos que o coletivo tinha disponível. A produção, que é inédita na região do Vale do São Francisco, visa também contribuir para o registro da memória da capoeira local, já que há uma escassez de conteúdos que registrem a historicidade do movimento.

"A oralidade se mantém presente, mas até hoje não existe nenhum material audiovisual dessas figuras e várias outras que a gente buscou pesquisar. Priorizamos a questão da idade e partimos então desses três personagens mais antigos. Com a Aldir Blanc vimos a possibilidade de dar esse ponta pé com esses três nomes, mas deixando abertura para contar outras tantas histórias oriundas desses três personagens", contou João Borges, roteirista e responsável pela pesquisa histórica da capoeira em Juazeiro.

Produzida por meio de recursos do edital Prêmio de Cultura Lei Aldir Blanc – Culturas Identitárias, de Juazeiro-BA, a websérie "Mandinga na beira do rio", além de estar disponível nas plataformas digitais, também será distribuída nas escolas municipais da cidade, em respeito a Lei 10.639, que a partir de 2003 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, mas que ainda é alvo de violações.

Projeto Malê

O Malê é um coletivo de educação artística, nascido nas cidades ribeirinhas de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, e que tem, como orientação, os fundamentos da Capoeira Angola como meio de difusão do pensamento. Antes da pandemia da covid-19, o coletivo realizava treinos semanais pelos bairros periféricos de ambas as cidades e também no Arco da Ponte, estando no município de Juazeiro também com a única roda semanal de Capoeira Angola. O projeto age em conjunto com os núcleos, que desenvolvem atividades em suas respectivas áreas com o intuito de espalhar o corpo da Capoeira Angola nas periferias, estimulando-se com estudos da espiritualidade afro-brasileira e indígena como métodos de abordagem para o enfrentamento dos dilemas do dia a dia.

Ficha de matéria
Nº: 26
Secção: Publicações e Artigos
Data: 2 de julho, 2021
Autor/Autora: Cincinato Palmas Azevedo
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Mudar… para viver!
Texto da matéria

Mudar… para viver!

"Acreditamos que o desconforto ao se falar de arte (…) se estabelece também por uma dificuldade de dar nome a determinados sentimentos gerados na recepção artística". (pag. 105, vol. I, nº 3) VIVIANE DA SOLEDADE, in revista "Intercâmbio", SESC-RJ, out. 2013.

A expressão milenar "MUTATIS MUTANDI" significa "mudando o que deve ser mudado"… para que tudo continue o mesmo, acrescentaria a maioria. Esse provérbio latino (ou romano) era um da centena de "ditados" que os estudantes dos anos 50/60 precisavam decorar, levando-os vida a fora, inutilmente. 'Mudar pra progredir" é a idéia-chave em quase todos os setores, a mola-mestra do sucesso em inúmeras atividades. Nos esportes é EXIGÊNCIA, antigas práticas e técnicas vão sendo superadas, recordes batidos, marcas e limites "dinamitados". E como ficam os

diversos Folclores frente a essa visão modernizante, modificadora, “desconstrutora” de tradições, costumes, modelos centenários ?! “Não ficam”… adaptam-se, mesmo que desnecessário, simplificam roupas e adereços (ou o inverso, quase sempre), reorganizam-se (?!) sem dramas nem sacrifícios, substituindo velas de cera ou parafina por lanternas de pilha, cavalos por motos, trocando atabaques de madeira rija por “tamborins” de compensado fino e “pele” plástica.

A Capoeira — que é Dança — “entra nessa dança” sem medir as consequências, a parte “Esporte” silenciando ou sufocando o lado “Folclore”, o caráter DE ARTE, seus aspectos de Música e Canto. Em Belém a antiga Quadrilha Junina tradicional, definida como “caipira”, desapareceu, parece extinta. Nada de calça com remendos nem camisa xadrez… chapéu de palha, nem em sonhos ! Vemos agora roupas espalhafatosas, estapafúrdias, quase absurdas: princesas “indianas” e príncipes “espanhóis” com calça justa de toureiro e faixa na cintura. Houve época que vi “fantasia” usando CDs costurados às saias das mocinhas, Secretarias “disso e daquilo” apoiando e incentivando tais sandices.O que sobra do Folclore quando viramos as costas aos costumes e tradições herdados dos antepassados ? Quase nada… só o NOME, diria eu ! Para onde vai a Capoeira, se continuarmos a MODERNIZÁ-LA ? Para lugar nenhum, ficará irreconhecível de tão descaracterizada !

Quadrilha Junina

Vejo vídeos de Capoeira na Internet… deveriam ser os MAIS BONITOS, os mais folclóricos, os mais ARTÍSTICOS, voltados às tradições que a fizeram surgir ! E o que se vê ?! Os “nocautes” mais rápidos… 29 TIPOS de “negativa” ou ainda 32 “estilos” de AÚ; uma Angola jogada de bermuda, sem camisa, um deles com latinha de cerveja na mão, as cuecas aparecendo. Tem mais, muito mais, tudo MUITO RUIM, esquecendo todos que tais imagens VÃO PARA O MUNDO agora, não ficam somente na sua academia, no seu Grupo, na sua cidade. Uma coisa é se “recuperar” imagens precárias do Passado, com suas falhas de som, de canto, toques ou mesmo jogo… outra bem diferente é gravar vídeo recente do qual NADA se aproveita, só DENIGRE nossa Arte, aliás Dança, digo, ESPORTE. Depois de avançar tanto, espraiando-se pelo Mundo, vemos hoje os novos “capoeiras” demolindo 30 ANOS de construção dela. Eu disse… novos ?! Pois há também ANTIGOS, boa parte mestres, mostrando “o que não se deve fazer” numa Roda quando tem alguém filmando. E quase sempre tem ! Pior do que isso, temos vídeos caseiros feitos por “pernas de pau” (e cara, também), exemplos muito ruins, a ponto de um “capoeira” jovem comentar abaixo de um deles:– “Tá de sacanagem, velhinho” ?!

Ainda vamos DESTRUIR por completo nossa Capoeira ! Quem viver, verá !

Ficha de matéria
Nº: 27
Secção: Publicações e Artigos
Data: 30 de junho, 2021
Autor/Autora: Benício Boida de Andrade Júnior
Grau com Capoeira: Capoeirista
Título da matéria
Formalização e gestão de grupos de capoeira: começando a conversa
Texto da matéria
Remanescente dos tempos da escravidão lícita (300 anos), sobrevivente da intensa repressão (e criminalização) da república velha (1889–1930) e com a versão baiana

amplamente difundida ao longo da segunda metade do séc. XX, a capoeira chega ao séc. XXI laureada com títulos e expressões como "a maior difusora do português brasileiro no mundo", "patrimônio cultural brasileiro" (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2008) e "patrimônio cultural imaterial da humanidade" (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciencia e Cultura – UNESCO, 2014).

Naturalmente, ao longo dessa longa trajetória[2], tal arte tipicamente nacional passou por inúmeras adaptações, releituras, ressignificações e desenvolvimentos tanto estéticos quanto técnicos. Nesse contexto, houve quem a entendesse marginal e criminógena (Escola Positivista – finais do séc. XIX e início do séc. XX), quem a concebia como ginástica[3], como luta (Mestre Bimba), como esporte[4], como "símbolo de luta e resistência negra"[5], como brincadeira, como ferramenta terapêutica[6], como simples vadiação, etc.

São tantas as acepções e utilizações que suas apreensões intelectuais frequentemente se revelam contraditórias. São exemplos dessas celeumas: o caloroso debate a respeito da sua regulamentação enquanto atividade típica do profissional de educação física; a adoção de uma perspectiva marcadamente cultural pela chamada "Salvaguarda da Capoeira na Bahia"[7] (em contraponto ao modelo predominantemente desportivo); bem como o ressurgimento dos tocadores e cantadores de capoeira que, embora amplamente reconhecidos como capoeiristas junto à comunidade, em inúmeros casos não cultivam ou dominam as habilidades do jogo.

Em comum a todas essas iniciativas inventivas de interpretação, apreensão e promoção/criminalização da capoeira, só mesmo a ideia de que cabe ao Poder Público instituído (não pelos capoeiristas) assegurar a preservação, o fomento e a divulgação dessa tal capoeiragem (não jogada pelos burocratas de Estado).

Com respeito as opiniões contrárias, a verdade é que soa impossível adequar um produto ou fenômeno cultural marcadamente popular, marginal e mestiço, fortemente influenciado pelo legado afrodescendente no país, a qualquer modelo institucional, decorrente das ideias europeias (e portanto, também nossas) de "Estado" (Brasil) e suas funções[8].

É nesse cenário que se situa a necessidade que muitos praticantes e intelectuais amantes da capoeira sentem de alcançar algum nível de formalização institucional: para que os poderes públicos possam cumprir seu mister, é preciso que as organizações de capoeira não apenas estejam plenamente integradas a sociedade brasileira (como já ocorre, com ares de orgulho nacional), mas sobretudo que existam aos olhos do estamento burocrático. E é aqui que reside a chamada "formalização" dos grupos de capoeiragem.

Como um fato natural, da vida, a capoeira é uma associação de pessoas que se reúne para um fim – atualmente lícito – comum, seja lazer, esporte, cultura, luta, ou o que mais desejarem seus intérpretes de então[9]. Essa agremiação, uma vez formalizada e registrada, adquire status de "pessoa jurídica", passando a gozar de direito e deveres na órbita das relações civis. É a conhecida labuta por um CNPJ.

Apesar das críticas que se pode formular a um tal modelo normatizador e, de certa maneira, limitador daquilo que, para muitos, é "filosofia" de vida, é inegável que as necessidades materiais de parte dos líderes os empurram a "ter um CNPJ", mesmo que na maioria das vezes isso tenha menor importância na dinâmica interna dos seus grupos. Trata-se, amiúde, disso mesmo: uma espécie de identidade civil (pessoa jurídica) para que possam ser vistas e reconhecidas como agremiações aptas a estabelecer relações formalmente válidas com setores públicos e privados da

sociedade brasileira. É quando os líderes dos "grupos" saem em busca de advogados e cartórios, com papeladas no mais das vezes para eles indecifráveis, na expectativa de, com isso, acessar verbas. No imaginário comum, tais verbas são, quase sempre, públicas.

Não se olvida que a simples existência de agrupamentos civis organizados enseja algum interesse dos políticos profissionais em promover algum tipo de financiamento voltado para pessoas físicas, diretamente. Porém, é inegável que a situação jurídica associativa (esta, afinal, é um modo de apreensão do fenômeno anárquico da capoeira pela autoridade do Estado) permite uma ampliação gigantesca das possibilidades de financiamento, na medida em que existem limites legais e institucionais para o suporte material discricionário[10] e direto aos seres humanos envolvidos. Essas limitações, do ponto de vista cívico, são necessárias, na medida em que assim se evita apadrinhamentos escusos ou conluios. Mas é trágico, do ponto de vista do capoeirista, pois exige um enquadramento significativamente artificial, distante da realidade mundana de onde veio a própria arte da capoeiragem. E do capoeirar. Vejamos.

O art. 53 do Código Civil Brasileiro define as associações constituem-se "pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos". Como todos são iguais perante a lei[11], os associados devem ter iguais direitos, mas o estatuto poderá instituir categorias com vantagens especiais[12], que geralmente é o caso de mestres, contramestres e professores – níveis mais graduados na hierarquia dos grupos.

Se por um lado, todos são iguais perante a lei (do estamento burocrático brasileiro); também é verdade que, no éthos capoeirano (do povo brasileiro) quase nunca essa igualdade (de direitos e deveres) é prevalecente: líderes de grupos (tornados formalmente associações, ou não) gozam de poderes e legitimidades pouco republicanas, como a vitaliciedade dos poderes de administração, a prerrogativa de expulsar sumariamente membros das suas agremiações[13] e a soberania das suas decisões, já que na capoeira, raramente se decide por votação em assembleia.

Qual, então, a solução encontrada por praticamente todos os agrupamentos de capoeiristas institucionalizados como "associações" aos quais tive acesso? As lideranças já plenamente estabelecidas no interior desses grupos apontam familiares e amigos próximos para assumirem, fictamente, todas as atribuições de direção, fiscalização e controle que não puderem ser admitidas "no papel" por ele mesmo, dentro de um sistema baseado na igualdade de direitos e obrigações entre as pessoas. Ou seja, o sujeito "pega a assinatura" da mãe, do sogro, da prima, etc. e faz existir uma associação no papel. Mas a realidade é outra, já que o que verdadeiramente existe é um agrupamento forjado à margem do que o sistema pode reconhecer ou admitir. Na capoeira, o treinel, contramestre, o professor; no papel, o pai, a tia, o avô. E assim, talvez contando com eventual "ajuda humanitária" de burocratas bem-intencionados, finge-se lá e cá que isso tudo é tecnicamente válido[14]. Não há como conciliar o imiscível.

Um exemplo, para facilitar. No universo da capoeira, é muito comum que os líderes de grupos ou turmas reúnam em si poderes e deveres não apenas de prestadores de serviços de ensino e de gestores (regulares ou não), mas também a prerrogativa de comercializar instrumentos musicais e indumentária. Nesses casos, os atos constitutivos das referidas organizações associativas – em geral réplicas umas das outras – costumam omitir qualquer menção aos referidos atos de comércio ou artesanato. Por quê? Porque o que motiva os particulares à institucionalização não é o reconhecimento jurídico da sua atividade, mas a mera acessibilidade a recursos. E o capoeirista não vislumbra como pode se beneficiar declarando seus ganhos menos ruidosos, como o obtido com o comércio de indumentária e instrumentos musicais.

Embora a ideia estatal de “associação” possibilite realizar tais atividades geradoras de recursos, sob certas condições[15], não há interesse ou conhecimento. E se houvesse, uma outra solução aparentemente mais conveniente seria manter a pessoa jurídica “associação” e, em paralelo, estabelecer a pessoa física do líder como microempreendedor individual. Por quê? Novamente: Porque o que motiva os particulares à institucionalização é o acesso a mais benefícios com menos sacrifícios. Com essa medida, por exemplo, os tão reclamados benefícios previdenciários, dentre outros, aos capoeiristas ficariam bem menos distantes do que obviamente ocorre agora. Não só: salário maternidade; aposentadoria por idade e invalidez; auxílio reclusão; pensão por morte; acesso a serviços bancários (incluindo crédito); apoio técnico do SEBRAE em organizações de negócios e programas de capacitação; menor custo caso contrate um funcionário; possibilidade de vender para o governo; poder de emitir notas fiscais; isenção de taxas de registro de sua empresa (sim, porque a essa altura já não se trata de alguém que, como no passado, apenas presta um serviço de natureza particular, muitas vezes por mera liberalidade); etc.

Ocorre que, mais uma vez, na prática, a teoria é outra: ou o capoeirista tenta e se enrola no meio do caminho por absoluta falta de capacitação, ou ele sequer admite a possibilidade de trocar a disponibilidade total dos seus rendimentos (característica da informalidade) por qualquer benefício atual ou futuro prometido pelo Estado.

De qualquer maneira, não nos apeguemos ao exemplo, porque isso poderia sugerir algo que não está de pronto admitido nessas linhas: uma reforma pontual dos mecanismos para que possa contemplar a realidade da capoeira. Não. Não acreditamos que soluções pontuais resolvam problemas estruturais. Pensamos, ao contrário, que a capoeira hodierna segue enfrentando os mesmos desafios do passado, quando, ante a sua amplitude semântica e natureza mestiça (em sentido cultural), enseja olhares resignificadores das mais diversas matizes, considerando-a ora sob um olhar mais próximo ao aparato estatal – seja em sua missão protetiva do esporte ou da cultura – ora sob um olhar mais libertário, seja religioso, racial ou qualquer outro não manifestamente atrelado ao modo de ser, estar e ver dos agentes públicos. E é essa celeuma, ora preponderante para um lado, ora para o outro, que a torna “viva”, mutável, altamente insubordinada, rebelde, livre, inclusive daqueles que, com a melhor das intenções e o maior dos cuidados, tentam dominá-la, domá-la, adequá-la ou, em movimentos talvez menos insuspeitos, torná-la instrumento para suas convicções ideológicas, enfatizando estrategicamente esse ou aquele aspecto do mosaico que a compôs e compõe; talvez assegurador da sua riqueza.

Seja como for, sem a certeza do certo ou do errado, convém, nos tempos atuais, investigar de que modos se pode vislumbrar o desenvolvimento atual do modelo de capoeira baseado em grupos formalizados, bem como de que maneira seria dada a sua gestão. É o que se pretende com os artigos seguintes.

Benício Boida de Andrade Júnior é capoeirista e advogado.

O judô data de 1882; o MMA, embora remonte aos anos 30, fora efetivamente institucionalizado em 1993; a dança contemporânea surgiu na década de 1950; o primeiro registro de samba, 1916; etc.

Por todos, MARINHO, Inezil P. A ginástica brasileira (resumo do projeto geral). Brasília, 1982. // Getúlio Vargas teria afirmado, em 1953: “a capoeira é o único esporte genuinamente nacional”.

Mestre Pastinha fundou o CECA (Centro Esportivo de Capoeira Angola)

https://www.uol.com.br/esporte/colunas/aranha/2020/08/07/capoeira-e-simbolo-de-luta-e-resistencia-negra.htm Acesso: 11/04/2021

http://www.somaterapia.com.br/. Acesso: 11/04/2021.

O “Plano de Salvaguarda da Capoeira na Bahia”, datado de 2018, não por acaso produzido pelo IPHAN, cita a palavra “cultura” 28 vezes, enquanto a palavra “esporte” é utilizada apenas por 3 ocasiões, sempre associadas a contexto cultural bastante específico. Por exemplo, aponta como diretriz de salvaguarda “apoiar a capoeira nos campos do esporte e lazer, reforçando seu caráter multifacetado (luta, jogo, dança, música) e preservando o seu contexto, usos e significados que a caracterizam como patrimônio cultural”.
CF, art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. §1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. (…) // CF, art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados: (…) §3º: O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.
CF, art. 5º, XVII – É plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar.
Ato público baseado no subjetivo juízo de conveniência e oportunidade do agente público.
CF, art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (…)
CC, art. 55. Os associados devem ter iguais direitos, mas o estatuto poderá instituir categorias com vantagens especiais.
CC, Art. 57. A exclusão do associado só é admissível havendo justa causa, assim reconhecida em procedimento que assegure direito de defesa e de recurso, nos termos previstos no estatuto.
Apesar da dicção legal: CC, Art. 167. É nulo o negócio jurídico simulado (…); §1º Haverá simulação nos negócios jurídicos quando: I – aparentarem conferir ou transmitir direitos a pessoas diversas daquelas às quais realmente se conferem, ou transmitem; II – contiverem declaração, confissão, condição ou cláusula não verdadeira; (…)
Associações não podem ter finalidade lucrativa porque reunião de pessoas para esse fim sofre outro tratamento legal, como é o caso das sociedades empresárias. Entretanto, associações podem exercer atividades que gerem recursos, desde que este superavit seja integralmente revertido às finalidades estatutárias. E para se provar isso é preciso um manejo contábil especializado, logo, custoso.
Fonte: https://osclegal.medium.com/

Ficha de matéria
Nº: 28
Secção: Publicações e Artigos
Data: 24 de junho, 2021
Autor/Autora: Lucas Buda
Grau com Capoeira: Professor de Capoeira
Título da matéria
O que a indisciplina quer dizer?
Texto da matéria
O que a indisciplina quer dizer? O que a indisciplina quer nos dizer? Como identificar as necessidades de uma criança sem que ela expresse isso de forma oral? O texto de hoje vai nos ajudar a entender como a indisciplina pode nos ajudar a melhorar a qualidade das nossas aulas em capoeira infantil.

Aprendendo a se comunicar com as crianças

As crianças quanto mais novas menor a capacidade de se fazer entender através da linguagem. Um bebê não consegue dizer verbalizando que está com fome, dor ou sono, ele usa o choro como forma de comunicação. As crianças vão crescendo e elas vão arrumando outras formas de nos dizer sobre seus sentimentos e desejos e enquanto professores e professoras nós precisamos estar atentos a esses sinais, aliás os sinais são a forma pela qual os bebês e crianças menores se comunicam.

Se você tem um pouquinho de experiência em algum momento já se deparou com a seguinte situação:

Você antes de sair de casa já sabia o que iria ensinar na aula de hoje, você pensou a ordem das brincadeiras e chegou mais cedo para se preparar, quando a aula começa você pede para os alunos sentarem e eles ficam correndo pelo espaço, você tenta montar o circuito motor na educação infantil enquanto pede para um aluno sentar, outro aluno sai do lugar e desarruma o que você havia arrumado para o circuito, não passou nem 10 minutos de aula e você sente que nada do que você planejou vai acontecer. O que você faria nessa situação?

Indisciplina pode ser um sinal de que sua aula não está divertida o suficiente. É mais legal empurrar o colega na fila e ver a reação dele ou dela do que esperar um tempão para realizar segundos de exercício.

Não se apegue ao barco afundando…

Se tudo está dando errado, e a bagunça está generalizada mude o planejamento, não se apegue a ele, pode ser que em outro momento ele vá dar certo, mas tenha sempre em mãos o que na metodologia brincadeira de angola nós chamamos de fórmula mágica. A fórmula mágica é um repertório de jogos e brincadeiras que sempre dão certo, elas foram testadas e são muito amadas pelas crianças, tenha a sua própria fórmula mágica para resgatar a atenção e o foco dos alunos para a aula. Lembre-se que todo planejamento é flexível.

Gatilhos mentais, tensão x resolução são outras ferramentas que você pode utilizar para ajudar a tornar sua forma de comunicar mais interessante para as crianças, usar as palavras que vão demandar uma resposta ou criar situações em que as crianças estarão sempre na expectativa do que vem a seguir. Dominar e usar com sabedoria essas ferramentas irão fazer você se tornar o que há de mais interessante na escola, na praça, no condomínio ou na academia, as crianças nunca mais vão querer perder uma aula de capoeira por saberem que a aula vai desafiar suas capacidades físicas e cognitivas. Se você quiser saber mais sobre essas ferramentas, comenta aí pra eu saber…

Use materiais de apoio

Quanto mais material de apoio menos o sucesso da aula vai depender exclusivamente do professor ou professora. Use pelúcias, ou brinquedos para ilustrar animais, balão de ar, instrumentos musicais, materiais diversos ajudam a tornar a aula mais divertida porque além do que as crianças ouvem, elas serão estimuladas pelo que estão vendo e pelas texturas que estão sentindo, para aulas dentro de uma perspectiva inclusiva para pessoas com deficiência diversificar os estímulos é ainda mais importante. Coloque magia, dê voz aos personagens, nomes escalafobéticos (esquisitos como essa palavra aí, rs), e não deixe esse material disponível para que não se perca a magia deles.

Espero que essas dicas ajudem você a tornar suas aulas ainda mais legais e divertidas. Nos vemos na volta do mundo. Iêê…

Ficha de matéria

Nº: 29
Secção: Publicações e Artigos
Data: 6 de maio, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Livros: Minha Sabiá, Minha Zabelê & Fundamentos de Capoeira Angola
Texto da matéria
O autor, Donato Prado (mestre em Linguagem e Representações pela UESC), além de professor universitário também tem a graduação de Professor na Capoeira Angola. Assim, com base em seus conhecimentos e com a orientação do seu mentor capoerístico, o Mestre Mandinga (Salvador/BA) – que também é um dos autores da obra –, e a participação do Mestre Zangado Angoleiro (Dias D'Ávila/BA), como coautor convidado, o livro Fundamentos de Capoeira Angola se constitui em um relevante material, de cunho técnico, sobre essa vertente no universo da capoeira. Além de versar sobre os fundamentos básicos (bateria, musicalidade, jogo, movimentos, chamada de passo à dois), também versa sobre a Linhagem Zabelê e seu sistema de graduação. Uma leitura interessante, sobretudo, para aqueles que estão iniciando no estilo Angola de capoeira. Em sua primeira obra literária, Minha Sabiá, Minha Zabelê, retrata em linguagem simples a vida e linhagem de um Mestre de Capoeira Angola da Bahia. A história se desenvolve na cidade de Salvador e tem uma narrativa envolvente, citando lugares, épocas e situações que certamente remete o leitor que não é soteropolitano a ter uma boa ideia dos costumes e localizações importantes da capital baiana. E para os leitores que são ou já conhecem a Bahia, certamente terão agradáveis momentos de nostalgia e diversão ao lerem o enredo. Trata-se de uma obra que fala sobre a ancestralidade e vida do Mestre Mandinga, angoleiro de Salvador, da Linhagem Zabelê. O texto é regado por histórias que retratam a resiliência de um homem que a vida lapidou e o tornou muito sábio. Em breve Donato Prado estará lançando o livro Filhas de Biloca, um romance biográfico sobre Fernanda Machada, neta do Mestre Bimba. Abordando o tema do Samba de Roda. Certamente uma obra muito especial.

Ficha de matéria
Nº: 30
Secção: Publicações e Artigos
Data: 5 de maio, 2021
Autor/Autora: Cincinato Palmas Azevedo
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
"CHULA" ANTIGA… "CORRIDO" MODERNO !
Texto da matéria
"CHULA" ANTIGA… "CORRIDO" MODERNO ! "Santo Antônio é protetor da barquinha de Noé"… (ou) "Santo Antônio CONSERTOU a barquinha de Noé"! (versão)

"A Capoeira está ligada a "Macumba" (péssima expressão), à Umbanda, ao Candomblé… sempre ouvi ISSO, quase como acusação, nos anos 60 e 70, unindo "num balaio" as "duas maçãs podres" — Capoeira e "macumba", "coisas de negro" — enquanto a Umbanda nascia "meio branca", Religião, prática (em alguns casos "passatempo") de gente da classe média de várias Capitais ou de cidades de vulto.
Mas este texto não é tratado de Sociologia ou Teologia. Voltemos à MÚSICA… a detestada Capoeira, que surgiu nas senzalas, sobreviveu à sombra das igrejas, tanto na Bahia quanto em outros locais, "pedindo licença" aos santos católicos e anjos, até nas letras e "implorando a bênção (ou benção, como falavam matutos e reinóis, galegos) aos fiéis de várias castas, das mais humildes aos barões, senhores de engenho e coronéis "do agreste".
Nossa Capoeira jamais quis ser vilã, porém reagindo a capatazes cruéis o angola, o mandinga, o malê, haussá, nagô usou pés e cabeça, condenando a "Dança", definindo-a LUTA a ser combatida, exterminada. Músicos "de orelhada", amadores criativos, o "capoeira" imitou perfeitamente os 2 sinos da catedral do Senhor do Bonfim, o pequeno acima do grandalhão… daí o "silêncio" de segundo e meio entre os "conjuntos" de TIM e DOM (compassos, na partitura) no toque da Angola. Conforme a igreja e a formação dos sinos — em paralelo ou "montados" um sobre o outro — criaram-se o S. Bento Pequeno, a Cavalaria, sinos em profusão. (Haveria uma Igreja de São Bento, em Salvador, cem anos atrás ?)
Nomes de santos, de Maria — como Nossa Senhora, ou "Mãe de Deus"… "cheguei na igreja, / me confessei" ! — permeiam boa parte das músicas, desde os primórdios dela… mas "Capoeira é macumba", diriam nossos bisavós e avós. Não só mestre Bimba, nos anos 60, como Camafeu DE OXÓSSI, Caiçara e Guimarães do Berimbau (em LP de 1975 com uma ialorixá na capa) gravaram meio disco com o Candomblé de seus ancestrais. Por acaso HÁ BERIMBAU nele ? Alguém já ouviu Candomblé "com berimbau" entre os 3 tradicionais tambores "lé, rum e rumpi" ? Até onde me lembro, os mestres SEPARAVAM (sua) Religião da Capoeira de todos nós ! Surpreendentemente, um certo Onias "Comenda" gravaria o Candomblé sem seus atabaques, em cantochão, o tal canto gregoriano, ainda hoje um espanto !
— "Ei, psiu, você mesmo, camarada… teu Mestre, nos anos 60/70, te ensinou a diferença entre "chula" e "corrido" ?
— "EXPLICOU ?! Jura ? Que milagre foi esse" ?!
Ninguém daquela época teve noções verbais sobre a maior parte das práticas ligadas à nossa Luta, aprendia-se pelo exemplo, comparação, observação. LADAINHA, todos sabiam, eram o canto monótono nas igrejas, nas NOVENAS, 9 DIAS rezando o terço, daí o nome… mais uma ligação com a Santa Madre Igreja. Mas a Capoeira é… "macumba" ! Portanto, queridos evangélicos, podem dormir tranquilos… Capoeira é (só) Capoeira e "Macumba" é crença particular de cada pessoa ! Me preocupa realmente o DESTINO de nossa ex-Dança-Luta, hoje ESPORTE, ensinada no Exterior sem as noções dos fundamentos (?!) que as criaram enquanto FOLCLORE que num distante dia ela foi, quase diria que não é mais ! O que SE CANTA nas Rodas russas, malaias, coreanas, canadenses, gregas, francesas ou daqui da América Lat(r)ina ?! Terão noção, os que as realizam, das implicações da MÚSICA POPULAR que "chulas" e "corridos" sempre representaram (foram e são), contando as agruras, dores, "causos" de seus autores ? "O facão bateu embaixo / e a bananeira caiu" ! "Eu pisei na folha seca / e (ou)vi fazer "chuê-chuá" ! "Vô dizê a meo sinhô / qui a mantêga derramô" ! "Sai, sai, Catarina… / sarta de lá, venha vê Idalina" !
Para a MÚSICA "de Capoeira" novos tempos estão vindo… agora que somos

PARTIDO (brasileiro, é óbvio) teremos “ladainhas” para homenagear um Bolsonaro do Chile, um Trump da China, um Maduro da Rússia e outras “maravilhas” da Política ?! Ananindeua, onde “vegeto” sem trabalho nem lazer desde 1986, saiu na frente: podendo titular um troféu com o nome de mestre Walter, que deu aulas mesmo doente, falecendo por volta de 1996 ou 98, os jovens sábios de nossa Arte-Luta escolheram o de um “radialista” local. De valor, com certeza, dono dessas “rádio-cipó”, segundo o povo – “Rádio-bairro”, com caixas de som nos postes — que nunca viu nem de longe uma Roda, embora seu estúdio ficasse ao lado da praça onde íamos sextas, de noite, entre 1987 e 90/91. Dos males, o menor: antes êle do que certa “desgraça” que só fez envergonhar quem praticava Capoeira com respeito e amor. Alguém está PREOCUPADO com o rumo tomado pela Música atual, sem as “amarras” aos conceitos do Passado ?! Vi “ao vivo” Roda de final de ano (2020) na Praça da República, esta de Belém… não reconheci uma só música, “chula”, “corrido”, o que fôr ! A tradição (fundamento ?) de se cantar o VERSO INICIAL como “dica”, como LINHA do refrão, do côro, NÃO EXISTE MAIS ! Parte-se do princípio de que TODOS na Roda sabem letra e melodia e, quase no final, lá está o REFRÃO, que boa parte conhecia, menos eu ! Não faltava mais nada ! Faltava, sim… um “animador” metendo-se ao lado dos jogadores, correndo o risco de levar uma “patada”. Acharam pouco ?! O mestre de vários deles — Roda aberta ou LIVRE, como dizem — foi jogar… quase pararam o som, apenas para APLAUDÍ-LO, politica(gem) pura !

Gente, jovens professores e contramestres (ou “formando a mestre… serão a mesma coisa ?!), sou SAUDOSISTA, não nego, porém essa “velocidade” toda cansa a vista ! Não se percebe a MALÍCIA do movimento, ninguém SE ARRISCA em algo “diferente” de queixada, de armada ou meia-lua, até porque NÃO DÁ TEMPO para criar, elaborar golpes. Mesmo essa “Angola Regional” — termo que uso para diferenciá-la da “concorrente” que, por sua vez, agora DIFERE da de Pastinha – essa Angola também é rápida demais pro meu gosto, velhos mestres não conseguem acompanhar. Parece “birra minha”, afinal a Capoeira VAI BEM !

Iremos fazer POLÍTICA nas Rodas futuras, aplaudir só os do “nosso Grupo”, Associação, academia… CANTAR só o que está “nos nossos CDs” ?! É isso que nos espera adiante ?! Mestres “de outras” Religiões — que outras ? a Capoeira NÃO TEM nenhuma ! — “tirarão o que não presta” da Capoeira atual ? Onde foi que li tal expressão ?! A Capoeira VAI BEM… qual Capoeira vai bem ?! Quais Capoeiras VÃO BEM ? Que parâmetros estamos usando para medir o sucesso e o PROGRESSO da Capoeira ? O de mais adeptos nos Estados ?! O de mais academias em outros países ?! O de mais dólares “em caixa” ?! HÁ NA CAPOEIRA em geral, EM TODA ELA, a preocupação do que o iniciante moderno está aprendendo, como está, o quanto assimila ? Precisamos de alunos desinteressados, aprendendo pouco… porque pagam sem atraso ?Foi o tempo em que renomado mestre desta região dizia, sem vergonha, até por não saber o que era isso:

— “Não dou educação a ninguém o aluno que traga (a sua) de casa! !

Será que se foi mesmo tal tempo ou ainda temos Mestres (?!) desse quilate nela ?!

Ficha de matéria
Nº: 31
Secção: Publicações e Artigos
Data: 20 de janeiro, 2021
Autor/Autora: Hélio Tabosa de Morais (Mestre Tabosa)

Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
GRÃO-MESTRE – “SER OU NÃO SER”
Texto da matéria

GRÃO-MESTRE – “SER OU NÃO SER”

Camisa Roxa, segundo me falaram, ao ser indagado num evento realizado em Siribinha – BA sobre o título de Grão-Mestre que recebera havia pouco tempo, respondeu: “existem tantos mestres de capoeira hoje em dia, que parece com a areia de um oceano! Eu sou apenas um grão desta areia”.

Muito interessante e sábia a resposta!

Conhecendo mestre Camisa Roxa, como o conheci, pois na década de 70 tive o prazer do primeiro contato com ele, quando precisou da ajuda para montar um show do seu grupo folclórico “Olodumaré”, aqui em Brasília, show do qual também participei e que depois fomos nos apresentar em Belo Horizonte. Entretanto, quando o grupo foi para o exterior, apesar do convite do Camisa, eu amarelei, fiquei no Brasil.

Interessante registrar um episódio que aconteceu, no momento em que fui recebê-lo na antiga rodoviária de Brasília, junto com mestre Adilson, quando numa daquelas coincidências ímpares, vem na nossa direção caminhando, o grande mestre Bimba, que também tive a oportunidade de ser apresentando pelo próprio Camisa, que em tempo, de maneira nervosa me disse: “não diga ao mestre qual o motivo da minha vinda aqui em Brasília”.

Naquele momento eu ainda não sabia das intenções do Camisa, uma vez que tinha acabado de conhecê-lo!

A preocupação do Camisa Roxa era a de que o mestre Bimba soubesse que ele estava montando um espetáculo de capoeira, perto do show que ele iria dar! Diga-se de passagem, que esse “perto” correspondia a 200 km de distância, que é a distância de Brasília à Goiânia, onde seria o seu show!

O que eu pude observar desse comportamento do Camisa Roxa, claro, foi o grande respeito e consideração que tinha para com o mestre Bimba!

Tenho certeza que se pudéssemos criar uma atmosfera desse encontro que já se passou o que hoje é impossível, uma vez que os dois estão no andar de cima, com toda certeza mestre Camisa Roxa, teria me pedido: “não fale nada ao mestre Bimba do título de Grão-Mestre que recebi”, pois como poderia ele explicar que seu título era superior ao do Mestre Bimba!

Por esta razão, achei interessante a resposta do mestre Camisa Roxa a respeito do grão de areia, que na verdade é um daqueles “bom rolê” do capoeira, visto que, no universo da capoeira, esse título ainda nem existe. Portanto, a resposta em forma de brincadeira, faz sentido, tem sabedoria!

O fato de existirem muitos mestres de capoeira hoje em dia, não acho que deva ser um motivo de incomodo, como alguns mestres assim enxergam. Isso porque, assim como existem “artistas” e artistas, “médicos” e médicos, “mestres” e mestres, assim como também existem “cachorros vira-lata” e cachorros vira-lata, quero dizer que em todos esses exemplos, sempre se sobressaem os que são “especiais”!

Mestre é um título de ofício, de trabalho, de um pescador que se destaca dentre todos na sua comunidade e é consagrado por todos! E assim acontece com todos: pintor, músico, capoeira, etc. É preciso que haja uma força maior a fim de que defina quem deva ter essa consagração dentro da comunidade que atua!

Grão-Mestre, para mim, é um título místico, dado principalmente pela maçonaria, entidade que existe há muito na nossa sociedade e que de forma secreta e fechada, tem uma normatização própria que confere esse título a alguém dos seus membros.

Recentemente um discípulo meu, que também é mestre, mestre Skysito, afirmou que o que está acontecendo na capoeira: é porque ela não tem dono!
Respondi ao "gafanhoto", que era isso que eu achava interessante na capoeira, ela não precisa de dono, nós que vivenciamos dentro da sua energia, percebemos de maneira empírica, quando ela determina, adequa as normas, mesmo de maneira implícita, mas que sentimos que tem força de fato!
Percebo que não é preciso ser doutor na capoeira para entender isso, a grande maioria sabe diferenciar muito bem, por terem um olhar crítico natural, a capacidade de identificar o que é certo e desconfiar do que é errado!
Trago essa discussão à tona antes que algum aventureiro embarque neste navio, quando ainda há tempo de não cair nesta cilada.
Também chamo a atenção essa inversão de valores que está começando a aparecer no nosso meio! Quem está graduando o Grão-Mestre, são os próprios alunos daquele mestre e isso é no mínimo estranho, pois nesse momento, essa consagração é reconhecida somente por aqueles que estão envolvidos diretamente com o seu mestre, o universo da capoeira, não participa deste evento!
Vamos esperar meus camaradas, que como um capoeira de coração e atitude, sejamos algum "Capoeira Especial"!

Brasília, DF, 1 de janeiro de 2014

Ficha de matéria
Nº: 32
Secção: Publicações e Artigos
Data: 20 de dezembro, 2020
Autor/Autora: Lucas Buda
Grau com Capoeira: Professor de Capoeira
Título da matéria
Capoeira em Tempos de Pandemia
Texto da matéria
O ano de 2020 foi desafiador, uma Pandemia mundial fez com que aprendessemos a valorizar o olho no olho. A arte e a cultura foram essenciais para nossa saúde mental e a Capoeira se reinventou e ajudou muita gente a passar melhor por essa tempestade que assolou o mundo. Durante o período de isolamento social Capoeiristas do mundo inteiro produziram vídeo aulas, tutoriais, eventos, bate papos, lives no YouTube, Instagram e Facebook. Aprenderam a utilizar programa de estreaming e edição para que a Capoeira sobrevivesse mesmo sem sua principal motivação de ser que é a reunião da comunidade de Capoeiristas. Por aqui não foi diferente eu produzi mais de 50 vídeos com aulas divertidas e com uma linguagem toda adaptada para que as crianças não deixassem de continuar gingando dentro de suas casas, foi um trabalho difícil, desafiador mas que permitiu que as pessoas continuassem se conectando a Capoeira e a comunidade de Capoeiristas. É isso o que acredito ser Capoeira, a capacidade de se reinventar e descobrir novas formas de conectar as pessoas em volta do Berimbau. Você pode assitir a todo material produzido no meu canal do YouTube (Lucas Buda Capoeira) youtube.com/lucascdcr venha fazer parte dessa roda virtual com a gente. Fonte: https://capoeirainfantil.org/

Ficha de matéria

Nº: 33
Secção: Publicações e Artigos
Data: 22 de novembro, 2019
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
O Corpo da Capoeira
Texto da matéria
O Corpo da Capoeira Extrapola o físico, vai além do entendimento do que é palpável… Adapta se e se reinventa… Transforma e regenera… O Corpo da Capoeira personifica a Liberdade de expressão, evolução e a busca do auto conhecimento… Ele é imaterial, imensurável, divino… uma profunda e vasta relação emocional… É memória é sentimento… É o cantar de uma mãe ao filho. Nosso amigo Thiago Ferreira (Capoeira de Besouro) traz uma importante reflexão: O corpo da capoeira O corpo da capoeira e a Capacidade de buscar novas formas (se deformar) em cada individuo, de achar em cada um, a virtude de se adaptar, de compensar o que não e dominado a serviço de se expressar . Um ato de Liberdade. Uma forma única de evoluir internamente. Um processo de alto conhecimento. O corpo da Capoeira não é a pratica, também não é palpável… "O corpo da Capoeira" é subtil, imaterial, intrínseco, plural e metafisico… ele consegue mover o corpo físico, e ligar ao plano espiritual, no seu mais profundo sentido…. aflora sentimentos, gera reflexões, nos faz sentir que somos parte de algo muito maior. Uma nova noção de todo corpo, uma conexão alem do entendimento comum, como "o cantar de uma Mãe ao filho". Como um Rabo de lagartixa, ele pode se compensar, se regenerar e buscar novas virtudes, sempre a serviço de uma liberdade única e exclusiva de cada um. Não é uma coisa só de educação e fundamentos. Não é só uma ideia de formação. Pensar que este corpo se limita a isso é subjuga-lo, é menosprezar a força e o tamanho deste poder…. uma compensação advinda da adversidade. Então qual e o corpo da capoeira que eu quero ter? Qual e o tamanho do corpo da minha capoeira? Como capoeira, eu percebi que o tamanho da minha capoeira, tem que ser, nem que seja com muita forca, o tamanho da minha sensibilidade. O corpo da minha capoeira não pode ser só, o tamanho do meu corpo físico. Também não só da minha motivação, nem tão pouco só alguma forma de credulidade espiritual… mas sim, o tamanho daquilo por que, por quem, e como EU ME EMOCIONO E ME RELACIONO. É todo um corpo social, e nesse corpo social, é que a capoeira exerce uma de suas maiores virtudes: "A agregação". Estar juntos… No que familiariza, e no que difere, nos relacionarmos, nos construir, confiar, ser e estar… (ver texto abaixo do querido Mestre Decanio) Ø Jesus pregou a cidadania como Lei Divina # Somos todos irmãos Ø Vigotisky concebeu a cidadania como decorrência lógica da vida em sociedade e cooperação inter-pares # A vida em sociedade ou grupo baseia-se na cooperação entre seus membros ou pares

Nenhum homem se constrói HOMEM sem a cooperação de OUTRO HOMEM

Ø A capoeira materializa a cidadania pela indispensabilidade de respeito e confiança mútua entre os seus praticantes
A Capoeira parece um embate de corpos, mas é um encontro de corações em clima de harmonia, felicidade e amor

Ficha de matéria
Nº: 34
Secção: Publicações e Artigos
Data: 2 de setembro, 2019
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
AQUILO QUE DEFINE UM BOM CAPOEIRA…
Texto da matéria

Muitos de nós já nos confrontamos com esta questão… Às vezes devemos parar e refletir sobre tudo aquilo que estamos fazendo… Fazer uma auto análise é fundamental para percebemos se estamos nos construindo, nos formando homens ou mulheres que em sua caminhada terão a responsabilidade, de transmitir a nossa arte de maneira digna…
Então, como é que podemos avançar nesta direção se nosso discurso não se aproxima dos nossos atos…???
"A NOSSA INCOERÊNCIA É A PRINCIPAL VILÃ, SOMOS NOSSOS PRÓPRIOS ALGOZES
Uma das primeiras demandas nesta árdua jornada é se manter fiel… Ético… Íntegro e lutar contra a tudo aquilo que não se encaixa nesta pintura!
Não é preciso muito, basta apenas bom senso e educação para se perceber toda esta temática.
Estamos vivendo momentos muito difíceis na nossa capoeiragem… Nossa comunidade tem sofrido diversas rupturas e crises…
Nossos problemas vão desde a "simples vaidade" até à imperdoável PEDOFILIA…
São tantos… Dos mais simples aos mais complexos…
Mas hoje eu venho falar sobre o "Saber chegar e o Saber estar…"
Dois saberes básicos que definem toda uma trajetória…
Então vamos refletir sobre ética e respeito… Fazer uma introspecção sobre aquilo que te move e motiva… Sobre como podemos estar juntos, trabalhando em prol daquilo que inegavelmente todos nós amamos…
Vamos começar por pequenas coisas… Pequenos passos… Como por exemplo: Gratidão.
Você consegue entender este sentimento…?
Avançamos então para o respeito… Uma das mais importantes referências sobre o carácter humano pode ser revelado apenas pelo respeito…
Comecei o texto falando sobre aquilo que define um bom capoeira… Porém na verdade sempre pretendi que esta reflexão fosse sobre o ser humano… Pois antes de sermos capoeiristas somos humanos, cheios de contradições, erros, acertos e uma inundação de outros sentimentos…
Para sermos bons capoeiristas temos antes de tudo de sermos melhores seres humanos…

RESPEITO, ÉTICA E COERÊNCIA…

SAIBA CHEGAR.
SAIBA ESTAR.
RESPEITE O OUTRO ASSIM COMO GOSTARIA DE SER RESPEITADO.
RESPEITE O TRABALHO DOS OUTROS.
SEJA GRATO SEMPRE QUE ALGUÉM O AJUDAR.

NENHUM HOMEM SE FAZ HOMEM SEM A COOPERAÇÃO DE OUTRO HOMEM *

* Vigotisky

Fica este desabafo e esta reflexão para nossa comunidade…

Então, vamos procurar sermos melhores capoeiristas?!?

Ficha de matéria
Nº: 35
Secção: Publicações e Artigos
Data: 7 de fevereiro, 2019
Autor/Autora: Cincinato Palmas Azevedo
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
MUITO ALÉM DE… ESPORTE !
Texto da matéria

"Era a arma utilizada
pelos negros desnutridos…
contra branco forte, armado,
o Negro é bem sucedido"!
(trecho de ladainha / anos 70)

Por mais estranho que pareça, a Capoeira é vista por quase todos como Folclore — e não esporte ! — mesmo que de forma inconsciente, intuitiva. Artes Marciais antigas como Judô, KungFu, Karatê, carregam uma essência, uma mística do Passado dentro de si. Nossa Capoeira a tem de sobra, as raízes africanas continuam presentes e sua Música e canto grupal acentuam isso. Futebol tem 2 séculos, corrida e natação vêm de gregos e romanos, são milenares, mas sem carisma. Felizmente a Capoeira encerrou sua fase de "conquista de territórios", abrindo Grupos de qualquer maneira em muitos lugares ou com professores medianos. Chega de amadorismos, a Dança-Luta está no Mundo inteiro e não pode se dar ao luxo de ser mal-vista ou desdenhada como "coisa menor", "de quem não tem o que fazer"… nos disse um prefeito evangélico em 1989, em nosso município, quando lhe pedi ajuda.
Esportes têm regras — muitas delas — e a Capoeira também, por parte de Federações… segundo meu irmão, falando para um jornal de Belém em 1987, "as regras da Capoeira acabam quando começa o jogo". A frase é "maldosa", embora naqueles tempos até fizesse sentido ! "Nem tanto ao mar, nem tanto à terra"! Hoje professores e mestres dela precisam estar atentos, não há mais leigos a assistir suas apresentações, todo mundo agora conhece os rudimentos da luta. Eventos e shows

exigem os melhores, aluno iniciante é só para completar a Roda, o círculo. Canto e toques devem estar "nos trinques", o berimbau é o elemento soberano, nada de "estapear" o pandeiro ou "socar" o atabaque, para que seja ouvido na lua.

Há na platéia pessoas com noções de canto e música, observando o andamento do show e as falhas, quando houver. Quem canta, mantenha sempre o ar nos pulmões para a voz não sair ríspida, seca, desagradável. Palmas firmes, "respostas" vivas, a fim de que o mestre não tenha que passar pelo vexame de intimar… "abre a boca, gente"! Tudo isso é Passado, Capoeira agora tem que ser excelente, é o que o público espera dela !
Nessa busca pela modernidade como ficam os símbolos ? Dormem "em berço esplêndido", criados a 30 ou 50 anos atrás por professores, "treinéis" e mestres "paus para toda obra", que tinham que fazer TUDO no Grupo, desde pintar as paredes do local de treinos até… criar e DESENHAR o símbolo. Daí termos ainda hoje verdadeiros "garranchos" como símbolos. É hora de mudar, capoeiristas jogam, desenhistas desenham ! Quem quizer algo mais exclusivo faça uma foto posada do movimento e leve-a a um bom desenhista. Programas de computador já "transformam" foto em desenho… quer fazer isso você mesmo ?! O caminho mais simples é XEROCAR sua foto, ampliada. Se conseguir papel carbono tanto melhor, seu desenho sairá completo na página por baixo da risca, a ampliação original. Marque na xerox somente as partes escuras, vá circundando essas partes negras. Use fita DUREX para manter bem unidas as 2 folhas, a de baixo em branco. Terminou ?! Aí está em tamanho grande o novo desenho do Grupo, a partir da tal foto… você tem apenas traços, "riscos", se quizer sombra e cores terá que acrescentá-las. Fiz um "esboço" a partir de foto colorida de um cantor, poeta e cordelista mineiro, "Zé Ribeiro", que "baixei" do Facebook. Para inverter "vire o carbono" ao contrário ou use os recursos do próprio PAINT, program do WINDOWS.
A "quadriculação" da foto original é o caminho mais curto… aumenta-se os quadradinhos no papel de reprodução da imagem.
De minha parte, insisto: é preciso "quebrar a estética" do símbolo redondo, que soa antigo, pouco criativo. Mesmo que seja mantido, é possível modernizá-lo, embora hajas resistências. Em junho/1988 fizemos meu irmão e eu um concurso aberto entre os "capoeiras" de Belém para eleger o símbolo do nosso Centro Cultural – CCCP. Além de nós, só 2 desenhos externos, entre êles o vencedor, mal desenhado mas com o mapa do Pará (e colorido !). Usando as vantagens da xerox em colagens criativas a partir de fotos de Rodas e movimentos — com os rostos de Pastinha ou de Bimba — fizemos 13 desenhos, muito mal votados, por sinal. (Cada pessoa presente podia escolher 3 desenhos e venceria a obra com mais pontos.) Recusaram quase todos os meus 10 desenhos, dos 3 de meu irmão o REDONDO teve mais votos e um "bairrismo" tolo falou mais alto, premiando a bandeira do Estado sobre o mapa, com 2 "capoeiras" em cima. É a Vida !

Ficha de matéria
Nº: 36
Secção: Publicações e Artigos
Data: 23 de janeiro, 2019
Autor/Autora: Cincinato Palmas Azevedo
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria

…TERIA SIDO SONHO ?!
Texto da matéria

"YÊ, 'TAva lá em CAsa, sem
penSÁ nem 'MAgiNÁ… (…)
ISso pra MIM é conVERsa
pra viVÊ sem TRAbaIÁ" !
me. PASTINHA (trecho de LP)

Quando ouvi o disco de depoimentos de mestre Pastinha pela primeira vez — por volta de 1972, eu acho — na casa do exímio jogador de Capoeira "Rubinho" ("nasceu pra la", diria Vicente Ferreira !) pensei ser cantado em gêge ou yorubá, nem percebi que era em Português. Foi preciso que o depois "Tabajaras" "me soletrasse" o que estava sendo cantado. Rubinho sabia muitos toques de Berimbau, tinha facilidade para aprender as coisas nessa área de percussão e canto, andou frequentando um "centro de macumba" na Ladeira — na época, "Centro Espírita", a Umbanda era mal vista !– onde tocava atabaques, muito bem por sinal, como "ogan". A partir deles entendi que qualquer sujeito pode até não ser um grande professor desta Dança-Luta, mas tem obrigação de dominar a parte musical que a mantém enquanto folclore,,, isso é o mínimo que a Capoeira exige !

Nesses tempos eu frequentava o Grupo Senzala, de mestre "Peixinho", como curioso, acompanhando "Rubinho", que lá treinou por um período, por volta de 1974, calculo. Alguns sábados à noite voltava para assistir a Roda de bambas da Zona Sul, todos conhecidos por "Peixinho" e gozando de sua hospitalidade e gentileza. Um "gentleman", MARCELO AZEVEDO jamais fechou as portas de sua Academia para quem quer que fosse, jamais questionou o fato de eu ficar ali, sentado num canto hora e meia, só observando. Isso é o "terror" de alguns, mestres medíocres que sequer merecem o título.

De Peixinho só belas lembranças… Deus sabe o que faz mas, por vezes, leva os melhores para sentar ao Seu lado no Céu. "Peixinho" esteve em Belém graças ao então contramestre Luís Carlos por volta de 2005… a mesma e eterna simplicidade, título e importância não lhe subiram à cabeça, contudo "não ensinou aqui" sua entrada "de tesoura" (ou "vingativa") na "meia lua" alheia nem o "aú duplo" no mesmo lugar, exclusividades suas. Também tinha um "giro em pé", braços abertos feito Cristo Redentor, mas como vi "Camisa" usá-lo quase na mesma época, não posso afirmar que foi "invenção" dele.

Ainda como praticante pouco esforçado no "CÉU" — Casa do Estudante Universitário, no Flamengo — vi mestre "Camisa" em ação várias vezes… levei caderno e lápis para tentar reproduzir alguns dos seus movimentos, em vão. Enquanto "rabiscava" perdia momentos geniais dele, isto por volta de 1974, talvez meados de 1975. Enfim, o Destino nos deu oportunidade de comprar pequena filmadora, com rolinho de 5 minutos, na bitola Super8. Adiante, adquirimos um miniprojetor, que "lixava" a fita, estragando-a em pouco tempo. Entretanto, conseguimos registrar esses 2 ASES da Capoeira carioca na sua melhor fase, no auge de sua forma física e técnica, provavelmente em 27 de setembro de 1975, na "Caixa d'Água" (em Santa Teresa ou Cosme Velho)e em 77… segundo meu irmão, seria em 1976 e 77.

Remontados precariamente, os 8 ou 12 rolinhos de 5 minutos fizeram um registro sem igual do Grupo SENZALA na época, quase todo êle em peso, com a presença de um certo Caio, de São Paulo, isto em 1977. A fita "viajou" por 3 MIL KMs sobre o mar e graças ao mestre "Guará", em Paris, voltou com qualidade suficiente (em 3 partes) para ser admirada. "Camisa" e "Peixinho" juntos, mais o "meteoro" mestre

"Lua" — que só se via a cada 2 ou 3 anos — todos mantendo viva a aura de excelência do Grupo SENZALA.
Capoeiragem no Rio de Janeiro dos anos 70 parte 1
Afinal, onde entra o SONHO nessa estória ?! Explico já: me vejo numa tarde sentado ao lado do então "Camisinha", por volta de 1974 suponho, numa das "torres" abandonadas do prédio do CÉU. Êle preparava os berimbaus de um Batizado à noite, provavelmente um sábado. Não comeu nem bebeu nada até o fim da festa, lá pelas 22 horas… naquele os mestres torciam as cordas das graduações, entregues DE GRAÇA conforme o merecimento de cada um. "Camisa" andava só na época, não dava espaços para intimidade de aluno nenhum, nem os mais graduados. Como se explica que eu — tímido e reservado — estivesse ali, inútil, sem sequer cortar pneus : "Teria sido um sonho"? Êle nunca soube, mas na época criei um enredo de filme com êle (ao estilo "Bruce Lee", seu ídolo, tenho certeza !) bem antes do filme "Cordão de Ouro", no qual meu irmão gêmeo "Leiteiro" atuou por 10 segundos.
Falando nisso, é com "NESTOR Capoeira" a outra parte do tal "sonho"… estou num casarão antigo, bela fogueira no varandão e o Rio iluminado lá embaixo. Seria Santa Teresa ? Há "capoeiras" antigos novos circulando por ali… Nestor se aproxima e me diz que "canto bonito" !" E agora, José ? Eu não me atreveria a cantar ali, nem que me pedissem ! Não havia Roda alguma talvez nem berimbau… parecia ser aniversário de alguém importante na Capoeira ! Infelizmente, essa Internet de "ratos" e pilantras cria um monte de perfis FALSOS e ficamos sem ter certeza se o do "CAMISA" e os 3 com o nome de "NESTOR CAPOEIRA" seriam verdadeiros.
Vou continuar em saber se… "teria sido SONHOS" ?!

Ficha de matéria
Nº: 37
Secção: Publicações e Artigos
Data: 12 de novembro, 2018
Autor/Autora: Jeferson do Nascimento Machado
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
MESTRE MOA DO KATENDÊ: UMA VITIMA DO EXTREMISMO
Texto da matéria
Este texto, escrito em um momento de consternação, como não poderia deixar de ser, está carregado de emoções (o presente artigo foi elaborado para um compêndio intitulado Brasil Nunca Mais, organizado pela Frente Popular – São João do Triunfo). Tenho ciência disso. No entanto, o emergir da violência no país, que se desdobrou – entre outros tantos crimes políticos – no assassinato de mestre Moa do Katendê (Romualdo Rosário da Costa), aponta para uma necessidade de tomarmos posições frente ao que vem acontecendo, buscando equacionar os acontecimentos, numa perspectiva progressista, e apontar caminhos melhores que estes que os reacionários nos oferecem. Assim sendo, busquei realizar uma reflexão a partir do crime brutal que vitimou Moa, de modo que possamos compreender a dimensão histórica e social do ocorrido. Para isso, me amparei em uma bibliografia criteriosamente selecionada acerca da capoeira, bem como em fontes variadas, como portais de notícia, fontes orais, jornais e revista (que estarão referenciadas junto com as bibliografias deste compêndio). O assassinato de Moa repercutiu e continua a repercutir, sendo divulgado nos mais variados portais de notícias, nacionais e internacionais. Sua morte levou muitos capoeiristas, grupos culturais e políticos, bem como grande parte da sociedade civil

organizada a realizarem uma série de eventos, atos e protestos contra o crime. Também aconteceram homenagens de vários artistas, como Caetano Veloso e Chico Cezar, que gravaram, cada qual, uma música em homenagem ao Mestre Moa. Roger Waters, ex-integrante da banda inglesa Pink Floyd, fez emocionante discurso sobre ele em show na Bahia. Além do mais, a sua morte levou algumas alas da periferia a se organizarem frente ao que se instala no país. Exemplo disso, está sendo a criação dos Comitês Mestre Moa do Katendê, por todas as periferia do país, iniciado pelo rapper G.O.G (Genival Oliveira Gonçalves). Toda esta rede de ações pragmáticas e discursiva, criadas em volta de Moa, parece apontar que a sua morte, longe de ser algo isolado e distante, está totalmente enraizada ao social, catalisando sentimentos e produzindo ações. A dimensão social do ocorrido ultrapassa o próprio evento – junta-se a outros tantos crimes, de hoje e de ontem, cometidos contra o negro, contra os trabalhadores e todas as minorias em poder – e produz redes de consciências que podem despertar as classes menos favorecidas.

Dito isso, vamos adentrar na biografia deste mestre. Romualdo Rosário da Costa, o , foi um dos grandes mestres de capoeira e divulgador da nossa cultura popular. Ele nasceu em Salvador (BA) no dia 29 de outubro de 1954 e conheceu suas raízes aos oito anos, aprendendo os primeiros movimentos de capoeira. Com seus 16 anos Moa começou a trabalhar em grupos folclóricos como o "Viva Bahia" e o "Katendê". Foi uma pessoa essencial para a difusão da cultura afro-brasileira pelo sul do país, sendo responsável pela introdução da dança afro no Rio Grande do Sul.

Em 1985 Mestre Bobó formou Mestre Moa do Katendê, que deste então passou a ensinar a capoeira no Espaço Clube de Regatas Vasco da Gama. Mas ainda antes dele ter sido formado mestre, ele já tinha construído uma grande carreira no campo cultural. Assim foi que no ano de 1977 ele veio a ser campeão do Festival de Canção Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil. E em 1978 a fundar o Afoxé Badauê, que veio a ser campeão do desfile de 1979, na categoria de afoxé. Em sua vida ele foi compositor, dançarino, ogã-percussionista, artesão, educador e capoeirista.

Sobre a capoeira, Moa costumava dizer que ela abriu sua mente "para o entendimento de liberdade, de irmandade, de companheirismo, de respeito ao próximo, de respeito ao mundo, respeito à natureza, principalmente". Em suma, a capoeira fez ele ter um olhar à esquerda sobre social e sobre a própria natureza. E foi este olhar que fez dele um constante guerreiro na luta contra a opressão, inclusive aquela da Ditadura Militar (1964-1985). Os militares daquela época chegaram a lançar bombas em um de seus ensaios, no Bonfim.

Este atentado contra Moa e seus outros colegas de ensaio, revela a parte de uma perseguição antiga, histórica, da burguesia brasileira sobre o negro, sobre o capoeira, sobre o trabalhador. Porém, mesmo com a perseguição, Moa nunca parou de lutar, prosseguiu engajado nas lutas sociais até o dia 7 de outubro, quando foi violentamente assassinato.

A perseguição a capoeira esteve assentada, ao longo de sua história, na luta de classe. E essa perseguição foi constante, os poderosos não descansaram um só dia no intuito de eliminar a capoeira. E quando notavam que era impossível, tentavam domesticá-la (ainda tentam até hoje). No entanto, ela sobreviveu a escravidão, a Ditadura e continua atuante nas periferias, nos becos, nas vielas e cortiços.

A origem da capoeira é carregada de polêmica, dividindo capoeiristas e intelectuais, que cada qual, a seu modo, busca dar uma versão sobre seu surgimento. Todavia, no âmbito historiográfico, foi Eugênio Soares que deu a melhor versão para o estado embrionário da capoeira. Para ele a capoeira foi uma prática urbana, exercida por escravos (sobretudo os de escravos de ganho) que, no todo, constituíam-se de

homens, jovens e da África Centro-Ocidental. Muitos outros intelectuais concordam com Soares de que a capoeira tenha sido criada no Brasil, pelos africanos. Dessa forma, a capoeira é uma prática afro-brasileira, ou seja, ela foi criada no Brasil por africanos escravizados e se desenvolve sob influência de todo o caldo cultural do século XIX e XX.

João da Matta, que é psicanalista e usa da capoeira como ferramenta terapêutica, entende que a capoeira surgiu como resposta contra o colonizador europeu, servindo como instrumento de luta contra a escravidão e a repressão policial. E foi assim que ela veio se construindo ao longo da história, formando laços de companheirismo entre a classe oprimida.

No entanto, mesmo sendo fato que a capoeira foi criada por trabalhadores escravizados, a burguesia sempre buscou chamar ela de uma prática de vadios, desocupados. Se olharmos para os jornais antigos da Bahia, por exemplo, nos depararemos com os ritos de carregar peso – que eram realizados pelos trabalhadores de rua – conviviam com a capoeira, sendo que o cancioneiro da capoeira bebeu nos cantos do trabalhador de rua e estes se utilizava da capoeira em momentos conflituosos ou lúdicos. No geral as fontes revelam que os capoeiras, mesmo depois da escravidão, continuavam a exercer as profissões antigas mostrando certa continuidade de posição, desta forma eles continuaram a viver de ocupações esporádicas e intermitentes: estivadores, carroceiros, peixeiros, engraxates, pedreiros, chapeleiros, etc.

E foi o fato da capoeira ser uma prática cultura da classe trabalhadora que fomentou, desde muito cedo, o engajamento desta prática com as alas mais progressista da sociedade. Afinal, trabalhadores e grupos de trabalhadores, são impelidos pela dinâmica da própria luta de classe, que se assenta no modo de produção capitalista, para organizações que expressem seus anseios e ofereçam chaves interpretativas da realidade, para que assim suas ações se aperfeiçoem.

Assim sendo, aqui damos atenção para os partidos e organizações políticas, na percepção de que elas expressam as classes e frações de classes e que, portanto, também atraem os trabalhadores, bem como os organiza e é organizada por eles. Este engajamento da capoeira a partidos, pode ser encontrado ainda no século XIX, embora naquele momento a consciência dos capoeiristas, assim como da própria elite, estivesse totalmente fora do lugar. Esta deturpação da realidade, nascia pela tentativa da elite em reproduzir o mundo europeu dentro da realidade brasileira, que era totalmente diversa daquela. Esta deturpação da elite afetava a própria ação dos trabalhadores, que naquele momento ainda se encontravam na condição de escravos. Esta deturpação produzia partidos fora do lugar, como o Partido Conservador e Partido Liberal, nos quais muitos capoeiristas se reuniam em maltas, onde lutavam. Os Nagôas, que eram africanos ou descendente vindos da Bahia, ocupavam a Pequena Africa, apelido dado aos arredores da Praça XI, um dos limite do Rio de Janeiro. Eles declaravam apoio a monarquia, que era representado pelo Partido Conservador e identificado com o movimento abolicionista. Os Gaiamuns já eram uma malta que se identificava com os mestiços. Eles ocupavam o centro da cidade e estavam aliados ao Partido Liberal, que tinha identidade com ideais republicanos.

Passado o século XIX, os capoeiristas passaram a se organizar junto alas de maior clareza, e de caráter realmente progressista. E isso já pode ser visto em Mestre Pastinha, que durante toda sua vida, foi próximo dos membro e militantes do Partido Comunista, chegando a ter como amigo pessoal, o comunista Jorge Amado, escritor que dedicou bastante à divulgação da capoeira, a partir da literatura, sobretudo da

capoeira Angola. Pastinha chegou mesmo a dar aulas no Centro Operário, o que o aproximou ainda mais dessa ala progressista. Além disso, também foi próximo dos anarquistas, que se expressa em sua aproximação com Roberto Freire, que mais tarde criaria a Somaterapia, que tratava-se da união da psicanálise desenvolvida por Wilhelm Reich, do anarquismo e da capoeira angola.

Em momentos conturbados, como foi o caso da Ditadura Civil-Militar(1964-1985), a capoeira se fez presente na luta e houve constante perseguição aos capoeiristas que se recusaram a seguir as normas impostas. O Grão Mestre Dunga, praticante da Capoeira de Rua, chegou a ser preso por estar tocando berimbau na Praça Sete, em Belo Horizonte. Ele narra que "a capoeira de rua sofreu repressão e perseguição, considerada como atividade subversiva pelo governo militar" e que ele "foi recrutado pelo exército, na década de 70, quando resistia e alimentava, às escondidas, os universitários presos durante as manifestações estudantis".

Também Mestre Djalmir, em depoimento a Identidade Cultura TV narra a sua experiência durante a época da repressão em São Gonçalo, dizendo que "[…] era uma época forte da repressão da Ditadura, que não queria aceitar o capoeirista […] então fui obrigado a correr muito. Aquela época se você tive jogando a capoeira num determinado lugar, todo mundo nem perto queria passar […] olhava com medo e se por acaso algum militar chegasse, ai a gente tinha que correr […]. Mestre Djalmir chegou a ser preso duas vezes por causa de capoeirista.

Outros capoeiristas, como o Mestre Arraia, considerado precursor da capoeira em Brasília, foi atuante junto aos movimentos contrários a Ditadura Militar. Entre esses capoeiristas que lutaram contra o regime, ainda poderíamos citar o jovem capoeiristas e estudante de direito, Caio Venancio Martins, que foi integrante do Movimento Estudantil da USP e que foi considerado perigoso em documento do DOPS por praticar capoeira, sendo preso e sumido pelos militares. Devemos lembrar que o próprio Carlos Marighela foi capoeiristas, chegando a utilizar da capoeira para resistir a uma prisão.

Além disso, vale notar que o ativismo não se limitou aos sujeitos isolados, mas também se manifestou em grupos e associações de capoeira, como foi o caso da Associação Cultural Corrente Libertadora, que estabeleceu fortes diálogos como movimento sociais, tornando-se ferramenta de intervenção política no período da Ditadura Militar, tendo dado a sua contribuição para a criação do PT (Partidos dos Trabalhadores). Assim sendo, a capoeira criou uma relação histórica com esse partido progressista, tendo fortalecido a relação quando a capoeira foi reconhecida pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 20 de novembro de 2008, como Patrimônio Nacional e como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 26 de novembro de 2014.

Outro grupo importante nessa resistência, foi o grupo de mestre Anande das Areias. Este mestre foi para São Paulo após treinar em Itabuna, como o jovem Luís Medicina, a pedido de Mestre Suassuna, que era líder do grupo. Ali se estabeleceu e passou a dar aulas. Suas aulas começaram a chamar atenção, sobretudo dos estudantes universitários. Areias veio a ser preso por essa relação com os universitários da época, que estavam engajado na luta contra a ditadura. Na prisão foi que ele teve contato com os intelectuais de esquerda, os quais transmitiram seus conhecimento. Quando Areias saiu da prisão, ele rompeu com seu antigo mestre e fundou o grupo Capitães d'Areia, que se propunha trabalhar a capoeira enquanto instrumento de libertação para os grupos oprimidos.

Desta forma, podemos dizer que a capoeira, construída na arena da luta de classe, acumulou experiências que foram sendo transmitidas pela tradição oral e pela estética

das rodas de capoeira, sendo assim interiorizada pelos capoeiristas, funcionando como esquemas mentais de classificação e ação diante a sociedade com que se defrontam. E foi isso que levou a muitos capoeiristas a terem uma posição clara quanto o Golpe de 2016, vindo a participarem de vários atos contra o Michel Temer e a retirada da então presidenta Dilma Rousseff, que podem ser encontradas nos mais variados portais de notícias.

Em continuidade e coerência com o caráter emancipatório da capoeira, também Mestre Moa do Katendê se posicionou à esquerda, neste momento conturbado da história. Este posicionamento acarretou em sua morte, porém ele morreu enquanto individuo, mas sobrevive enquanto classe emancipadora.

Este crime soma-se a outros, como o feminicídio da vereadora Marielle Franco, que até o momento ainda não foi resolvido; ao atentado a caravana do ex-presidente Lula, aos ataques ao acampamento situados nas proximidades da Policia Federal, local onde se encontra o ex-presidente; além de tantos outros caso de violências. Dessa forma, notamos que o assassinato de Moa se insere num quadro de violência, que vem sendo orquestrado pela ala reacionária da sociedade, que aproveita-se de um momento de crise para encarnar sua ideologia no social, produzindo verdadeira milícias.

Assim sendo, estes acontecimentos expressam parte da luta de classes atual. A esquerda tem escolhido o caminho do pacifismo, da não agressão. Enquanto isso, a extrema direita escolheu o caminho radical. E cada dia ela aumenta o grau de violência, sistematiza e amplia seu poderio sobre as massas.

Visto isso, antes de encerrarmos este texto, voltemos a Itália do dia 16 de maio de 1924, momento em que o deputado Gramsci faz um discurso histórico contra Mussolini. Nessa época Mussolini já estava ocupando o cargo do Conselho de Ministros e resolveu encaminhar ao parlamento italiano o projeto de lei para "disciplinar a atividade das associações e institutos", ou seja "acabar com os ativismos". Gramsci, que era deputado, se opôs totalmente ao projeto, desmascarando a lei, demonstrando que era antidemocrática e que o fascismo buscava a implantar uma ditadura naquele país. Mussolini ficou profundamente irritado e rebateu, definindo o fascismo como "revolução".

Porém, "Gramsci retrucou dizendo que o fascismo não era uma revolução, mas uma 'simples substituição de um pessoal administrativo por outro. Só é revolução – acentuou – aquela que se baseia em uma nova classe; o fascismo não se baseia em nenhuma classe que já não esteja no poder'. Mussolini voltou à carga, procurando descaracterizar o conteúdo de classe do fascismo e protestando: 'Grande parte dos capitalistas está contra nós!'. O deputado oposicionista não se perturbou, e observou que o fascismo só entrava em choque agudo com os outros partidos e organizações da burguesia […] porque queria estabelecer o monopólio da representação da classe. A atitude do fascismo com relação aos demais partidos burgueses era simples: "'primeiro lhes quebra as pernas e, depois, faz o acordo com eles em condições de evidente superioridade'. Mussolini não gostou da referência à violência dos fascistas, retrucando que esta violência equivalia a dos comunistas. Gramsci lhe respondeu: 'A vossa violência é sistemática e é sistematicamente arbitrária, porque vós representais uma minoria destinada a desaparecer'".

E assim como na Itália daquela época, estamos hoje no Brasil. Algo semelhante ao fascismo surgiu nas nossas terras tropicais e, da mesma forma que lá, cada dia que passa, torna-se mais violenta, sistematiza-se e se instala no âmbito social. O Brasil se encontra em uma grande encruzilhada, que não sabemos para onde vai. Por isso, esperamos que este conjunto de crimes políticos, sirvam de alerta para um perigo que se avizinha, no qual qualquer um de nós pode vir a ser vítima.

Mestre Moa, presente!

Ficha de matéria
Nº: 38
Secção: Publicações e Artigos
Data: 18 de outubro, 2018
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
O ABC da Capoeira Angola – Os Manuscritos de Mestre Noronha
Texto da matéria
Um documento histórico de grande valor… Uma versão atualizada e completa com 120 páginas !!! Preparamos uma nova versão, completa e atualizada, a versão que estava largamente disponibilizada em PDF na rede, do Livro: "O ABC DA CAPOEIRA ANGOLA – OS MANUSCRITOS DE MESTRE NORONHA", continha apenas 18 paginas. Esta versão do livro nos foi enviado há cerca de 10 anos pelo incansável Mestre Decanio (em memória), uma das mais fantásticas figuras da Capoeira que defende a democratização da informação… para o mestre, boa informação é aquela que é transmitida… O Livro originalmente foi enviado ao Mestre Decanio pelo escritor, historiador e pesquisador Fred Abreu que conseguiu publicar os manuscritos de Noronha, com o apoio do Governo do Distrito Federal, Programa Nacional de Capoeira/Projeto Capoeira Arte e Oficio, DEFER e CIDOCA/DF Mais uma excelente novidade para toda a comunidade capoeirística!!! Fica a dica de uma ótima e importante leitura, aproveite!!! Agradecimentos especias: Fred Abreu, Angelo Augusto Decanio Filho, Bruno "Teimosia" e A Família de Daniel Coutinho o Mestre Noronha, que autorizou esta publicação. Programa Nacional de Capoeira/Projeto Capoeira Arte e Oficio – DEFER – CIDOCA/DF "É um documento emocionante por que demonstra a sede que nosso povo tem manter e propagar a tradição provando que têm consciência de um povo sem tradição é uma arvore sem raiz… qualquer abalo destrói… como venho dizendo há anos…"

Ficha de matéria
Nº: 39
Secção: Publicações e Artigos
Data: 15 de julho, 2018
Autor/Autora: Maicon Tenfen
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
O futebol é o nosso esporte? Que nada, é a Capoeira!
Texto da matéria
Se fosse vivo, Monteiro Lobato perguntaria onde estão os livros, filmes, séries, games e HQs com o Herói da Capoeira Pode parecer incrível hoje em dia, mas a introdução do football foi problemática no Brasil. Intelectuais e desportistas das mais variadas tendências saíram a público para

esbravejar contra a "brincadeira selvagem" dos bretões. Argumentavam que, em vez de dar moral para estupidezes europeístas, deveríamos clamar a primazia e a perfeição do nosso próprio jogo, a capoeiragem, excelente como condicionamento físico e sistema de defesa pessoal.
Em diversas crônicas publicadas no princípio do século XX, o escritor Coelho Neto sugere a adoção da Capoeira como o esporte da pátria, ideia que consagraria num artigo antológico, Nosso Jogo (1928), sempre citado por pesquisadores do tema.
A capoeiragem deve ser ensinada em todos os colégios, quartéis e navios, não só porque é excelente ginástica, na qual se desenvolve, harmoniosamente, todo o corpo e ainda se apuram os sentidos, como também porque constitui um meio de defesa individual superior a todos quantos são preconizados pelo estrangeiro e que nós, por tal motivo apenas, não nos envergonhamos de praticar.

Coelho Neto
Muito antes, em 1910, Coelho Neto se unira a Luiz Murat e Germano Haslocher para enviar um projeto à Mesa da Câmara dos Deputados tornando obrigatório o ensino da Capoeira nos institutos oficiais e nos quartéis. Infelizmente, segundo relato do próprio autor, o trio desistiu de lutar pela causa. Motivo? Foram ridicularizados e achincalhados, simplesmente porque a Capoeira é… brasileira!
Mais nacionalista era Monteiro Lobato. Sempre desconfiado das influências estrangeiras, football incluso, acreditava que, para a Capoeira perder a fama marginal e ser vista como esporte, precisaríamos alimentar a memória coletiva com as façanhas dos antigos mestres da ginga, então esquecidos nas brumas do período imperial.
Infelizmente não se guardou memória estreita desse esporte cujos anais se encheram de maravilhosas proezas. Não teve poetas, não tem cantores, não teve sábios que as salvaguardassem do olvido; e de todo o nosso rico passado de rasteiras, rabos de arraias e soltas restam apenas anedotas esparsas, em via de se diluírem na memória de velhos contemporâneos.

Monteiro Lobato
Não obstante o pessimismo dos nossos escritores, a Capoeira proliferou sozinha, a despeito das perseguições que a cultura negra sofreu ao longo do século XX. Hoje desempenha um papel relevante no mundo do esporte e da chamada "representatividade nacional". Segundo dados levantados pela revista Superinteressante, a Capoeira é o sexto esporte mais popular do Brasil, com 6 milhões de praticantes. Repetindo: 6 milhões de praticantes! Entre os esportes de combate, fica em primeiro lugar, ganhando longe do Judô, o segundo, que conta com 1 milhão e 100 mil atletas. Professores de Capoeira fazem sucesso no exterior, dando aulas para celebridades de Hollywood e divulgando a arte entre a classe média europeia.
Se Coelho Neto estivesse vivo, perguntaria: onde está o apoio do governo — e principalmente do público — para a difusão do esporte? Um décimo do que é gasto no football transformaria a Capoeira no maior espetáculo da Terra, na poesia de exportação oswaldiana, num soft power semelhante ao Karatê japonês e ao Kung Fu chinês. É por isso que Monteiro Lobato, se vivo, perguntaria pelos livros, filmes, séries, games e HQs com o "herói da Capoeira", ou seja, todo o material narrativo necessário para fundamentar o esporte em termos míticos.
Nada contra o futebol (agora aportuguesado, ok, porque também é nosso), mas já passou o tempo de tocar músicas com uma nota só. O berimbau tem pelo menos duas.
Por Maicon Tenfen

https://veja.abril.com.br

Ficha de matéria
Nº: 40
Secção: Publicações e Artigos
Data: 20 de abril, 2018
Autor/Autora: Reginaldo Costa (Mestre Squisito)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Évora, um novo capítulo na Capoeira. O verdadeiro encontro de Bambas!
Texto da matéria

Um novo tempo… ou o resgate dos velhos tempos??!!

Após minha participação no último Nosso Encontro em Évora, incrível cidade medieval portuguesa, tombada e conservada com seu ancião estilo urbano, mantendo inclusive seus muros tradicionais da época, em setembro último (2017), me recolhi na expectativa de relatar o que vi e vivi naqueles dias que ali estive. Era um impasse que me colocava num dilema: ou o que eu vi estava completamente fora da realidade da capoeira atual, ou nós, lato senso da capoeira, estamos equivocados em algum ponto!

Pensei, pensei e repensei…!

O que está errado com a nossa Capoeira…!?

Évora, me trouxe uma felicidade e, ao mesmo tempo, uma angústia…!

Me fez perceber que estamos fazendo uma coisa errada, des-encaminhando nossa capoeira para rumos equivocados e provavelmente sem volta!

Mas demorei muito procurando a maneira certa de falar sobre isso…!

Não quero briga com nossos milhões de felizes jogadores de perna, hoje chamados de capoeiristas, espalhados pelos quatro cantos do Brasil, como também mundo afora!

Não quero criticar ninguém!

Quero apenas ser sincero e se possível útil a essa Arte Secular que abracei e que me abrigou em seu seio generoso de verdades, de mandingas e de tanta energia!

Estava ali, vendo aquela roda cheia de estrangeiros, em plena Praça do Giraldo, Centro de Évora, onde uma centena de pessoas disputavam, tanto a oportunidade de se expressar naquela roda, ou simplesmente assistir e se deleitar, com os jogos que iam acontecendo, contagiando a todos com sua beleza e, principalmente, com a emoção que despertavam…!

Emoções fortes rolaram…

Quedas incríveis…!

Entradas perfeitas e saídas competentes… no tempo milimetricamente certos…!

Havia algo que eu não via há longo tempo. E nem me considero tão antigo assim!

Havia um equilíbrio, uma verdade de roda e uma aceitação diferenciada pelo prejuízo que alguém levava durante os jogos!

Onde andaria esse espírito de jogo… que ninguém interrompe quando o jogo flui…?

Onde estariam esses nossos bambas de capoeira, que aceitam quando tomam um prejuízo e não se tornam – como se tornou comum – agressivos…!!?

Onde estariam nossas rodas de capoeira em que todos vibram com os jogos, mas não tentam desprezar quem levou desvantagem?

Eram muitas perguntas que me vinham.

Mas faltava uma questão básica:

o que havia de estranho em nossas rodas de capoeira desde o início da Capoeira Regional de Mestre Bimba, e essa realidade que estamos vendo proliferar nas nossas

rodas…!!??
Algumas luas depois de minhas inquietações, eu finalmente entendi o que estava errado:

Estamos traindo a causa primeira que Mestre Bimba viu na capoeira, a da objetividade… do jogo efetivo… o jogo de resultado… o fim da capoeira estéril, falsa, sem força e sem expressão… vendida em qualquer esquina do planeta hoje… sem disciplina e sem profissionalismo!
Pois a verdade é que estamos vendo prosperar uma capoeira sem graça!
Estamos misturando nossa necessidade de nos expressar, de nosmostrar nas rodas, de uma forma tão sem sentido, que a maioria dos jogos não dura nem o tempo mínimo para acontecer alguma coisa: alguém já corre e compra…!! É como se a gente quisesse dizer: eu não jogo, mas não deixo ninguém jogar!!!!
Convenhamos…! Precisamos rever isso. Antes que seja tarde!!
Temos excelentes atletas na capoeira…!
Temos excelentes capoeiristas, mas esses que tem essa competência não têm oportunidade de fazer um jogo bonito… alguém compra em poucos segundos seu jogo!!
O que Évora me mostrou foi mais de uma centena de pessoas educadas, capazes de abrir mão de seu próprio ego, para assistir um bom jogo, reunidas num mesmo evento…!!
Vi mestres criativos e organizados, que não interrompiam um jogo bonito, que sabiam a diferença entre um jogo comum e um especial, cheio de magia, de efetividade e, para mim o melhor, o gol no jogo…! o resultado… ou pelo menos momentos de grande vibração…!!
O que vi também foi uma razão para estarmos perdendo tantos bons capoeiras para outras artes-marciais: não estamos permitindo que ninguém desenvolva um bom jogo de capoeira! Esses jogos são fundamentais para desenvolvermos nossa capacidade de obter resultados no nosso aprendizado!!
Também acontece que, ao apagarmos o brilho dos jogos de nossa capoeira, nos tornamos sem graça para a platéia. Jogamos para uma plateia alheia que vê uma roda de capoeira e a compara com todos os outros esportes radicas.
Quem não estiver me entendendo, prestem atenção nas rodas que acontecem pelos quatro cantos: nenhum jogo dura mais de 5 segundos… quando muito!!! Aí eu me pergunto: como vamos desenvolver nossa Arte se ninguém tem tempo suficiente para se manifestar…!? Sem poder fazer acontecer um jogo de decisão, um jogo bonito??
Infelizmente estamos a cada dia perdendo o brilho de nossa Arte. E enquanto não revertermos essa situação a capoeira estará caminhando somente para o seu extermínio enquanto Arte e esvaziada de seus maiores conhecimentos: a Arte da Sobrevivência no meio de uma situação difícil…!
Depois de alguns meses em que estive naquela atmosfera de bambas do povo, sem estrelas, apenas capoeiristas de brilho, como deve ser, ainda sinto os ecos daqueles momentos e percebo que esse evento (2017) não foi um acidente. Isso se acumulou nos anos que Évora vem se tradicionalizando entre os que ali se refugiam, que se encontram e confraternizam em emoções e alegrias pulsantes, mesmo para os nossos capoeiristas europeus, tão serenos e racionais, eles também apreciam – quem não o faz!! – uma roda bonita, um jogo bonito, uma volta do mundo mandingada… uma boa Capoeira, sem sobrenomes… sem ninguém dominando os momentos da roda, a cantoria, os jogos, um verdadeiro celeiro de bambas, anônimos, só preocupados com uma única e exclusiva coisa: que a Capoeira possa descer ali, na milagrosa

transcedência dos desiguais, dos diferentes, dos distintos, dos graduados e não graduados, transmutação de uma energia que se torna a verdadeira chama que todos buscamos para nossa arte, em paz, mas em seu pulsar mais sagrado, mais relutante contra essa hegemonia estéril que está tentando anular nossos fundamentos, transformando-os em regras estereotipadas, medidas pela espessura dos bíceps ou dos abdômens perfeitos…!

A roda é o lugar do mais fraco encontrar sua afirmação e sua emancipação enquanto ser igual, enquanto o portador da divina chama de Filho de Deus, que tantos pregam, mas tão poucos sabem o verdadeiro significado, na prática!

Roda também é o lugar do Mestre se encontrar em sua dimensão de respeito ao próximo, aos ancestrais, se conectar na dimensão mais profunda de sua alma. Receber a concessão do sagrado para encontrar sua entidade interior (como dizia o Mestre Decânio) e se manifestar no espaço comum de todas as almas e consciências.

Por isso tudo é que só posso afirmar, depois de contabilizar todos os prós e contras, verificar a efervescência de tantos eventos, cada um clamando por ser o melhor dos melhores, que o Nosso Encontro de Évora é uma dessas tradições que tem muito para ensinar a todos quantos tem a humildade de aprender.

Por isso que só nos resta panfletar essa rica experiência de todos quantos ali já percorreram:

Viva nossa Capoeira de verdade!!

Viva os capoeiristas que não estão permitindo que suas rodas se tornem estéreis e sem nenhum realismo!!

Viva Évora e sua capoeira de bambas de verdade!!

Ficha de matéria
Nº: 41
Secção: Publicações e Artigos
Data: 21 de março, 2018
Autor/Autora: Paulo Mutaokê Magalhães
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
A arrogância neoangoleira e a tradição autista
Texto da matéria

Essa semana fiquei abismado com um comentário que li na internet. Um velho mestre de capoeira angola, conhecido pela fluidez com que encara a relação entre a capoeira e outras manifestações culturais populares e pelo especial apreço ao espaço da rua, comemorou seu aniversário com uma grande roda. Após publicar trechos do jogo de compra, um jovem capoeirista o questiona, afirmando que na capoeira angola não existiria compra e que o adeus adeus seria uma música do samba de roda. Além da evidente falta de conhecimento desse capoeirista, o que salta aos olhos é o desplante de se dirigir a um mestre de capoeira com idade de ser seu pai (ou talvez seu avô), acusando-o de corromper fundamentos por dinheiro. Trata-se na verdade de uma inversão dos fundamentos, uma vez que uma característica básica que perpassa toda a cultura de matriz africana é o respeito aos mais velhos. De acordo com esta tendência, que infelizmente vem crescendo nos dias de hoje, alguns detalhes formais da prática da cultura seriam mais importantes que a relação viva que se estabelece entre mestre e discípulo, entre os mais novos e os mais velhos de uma forma geral.

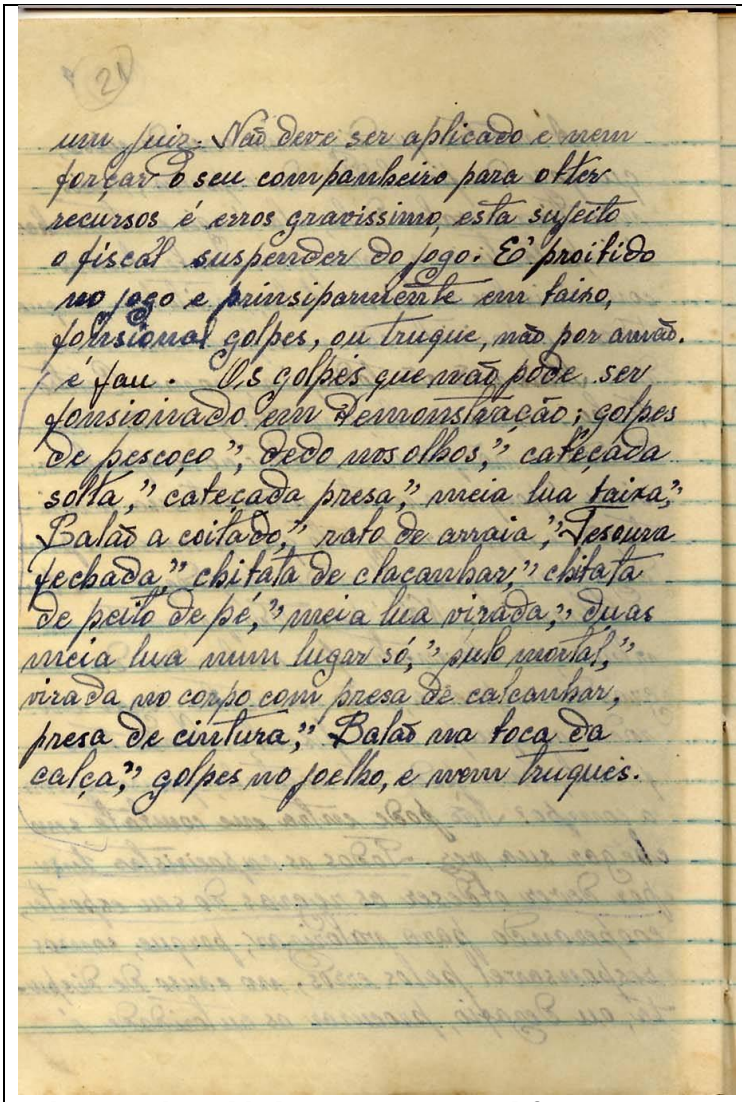
Ora, sabemos que de forma diferente da capoeira regional do Mestre Bimba, a capoeira angola tem uma grande diversidade de linhagens, heranças, famílias. E muito do seu formato é relativamente recente. Grande parte das músicas

"tradicionais" da capoeira vêm do candomblé, são sambas de caboco, que se confundem com o samba de roda porque nunca houve essa fronteira rígida. O jogo de compra não vem nem da capoeira angola de academia nem da capoeira regional, uma vez que na academia do Mestre Bimba as duplas saíam do pé do berimbau para jogar. A compra vem da rua, das festas de largo, do samba, desse caldeirão cultural onde os mais velhos aprenderam e preservaram esta cultura para que chegasse até nós. O fato de ser proibido em algumas academias talvez diga mais sobre elas do que sobre a herança da capoeira angola em geral. As heranças são muitas, e cada um busca preservar o que aprendeu.

Este caso me lembrou algo que aconteceu comigo no ano passado. Ao vadiar em uma roda coordenada por um jovem contramestre, alguns anos mais velho que eu, fui repreendido pelo mesmo ao aplicar uma tesoura. Visivelmente nervoso, bradou que tesoura não era de capoeira angola, era coisa de dez anos pra cá, pois não via tesouras acontecendo em determinada roda que ele frequentara. Também neste dia fiquei surpreso pelo absurdo da situação, pois na linhagem de capoeira angola a que ele se filiara, a aplicação de tesouras era algo comum. Para não polemizar em casa alheia, lembrei do Mestre Canjiquinha: "o calado é vencedor para quem juízo tem". Algumas pessoas costumam ser rígidas com o que aprenderam ao ensinar para seus alunos, é natural. Agora, querer colocar os ensinamentos de uma academia como se fosse a grande verdade da capoeira angola é no mínimo desrespeito aos mais velhos. Pus-me a pensar nos mestres Moraes, Paulo dos Anjos, Nô e tantos outros. Será que todos estariam errados, e esse camarado, que nasceu quando estes antigos mestres já praticavam capoeira, sabe mais do que eles? Aprendi que jogo de compra, tesoura, martelo, gancho, tudo isso faz parte da capoeira angola, são ensinamentos que vieram de velhos mestres do passado. Como uma pessoa jovem pode questionar algum desses elementos, por não ter visto em sua formação, se antes dela nascer os velhos mestres já praticavam?

Pensei também nos **manuscritos do Mestre Pastinha**, um verdadeiro tesouro para nos aprofundarmos no pensamento desse mestre. Ao criar sua escola, ele estabelece uma série de regras, cria cargos a que nenhum dos seus discípulos deu continuidade (fiscal, juiz, mestre de bateria, etc.) e proibiu uma série de golpes. Se proibiu, será que existiam ou não? Será que as outras academias foram obrigadas deixar de usar os mesmos movimentos ou seguiram dando continuidade ao que aprenderam com seus mestres? Segue um trecho:

"É proibido no jogo e prinsiparmente em baixo, fonsional golpes, ou truque, não por a mão, é fau. Os golpes que não pode ser fonsionado em demonstração; golpes de pescoço, dedo nos olhos, cabeçada solta, cabeçada presa, meia lua baixa, Balão a coitado, rabo de arraia, Tesoura fechada, chibata de clacanhar, chibata de peito de pé, meia lua virada, duas meia lua num lugar só, pulo mortal, virada no corpo com presa de calcanhar, presa de cintura, balão na boca da calça, golpes de joelho e nem truques".



um juiz. Não deve ser aplicado e nem
forçar o seu companheiro para obter
recursos é erros gravissimo, esta sujeito
o fiscal suspender do jogo. É proibido
no jogo e principalmente em faixa,
profissional golpes, ou truque, mão por cima.
é faul. Os golpes que não pode ser
profissional em demonstração; golpes
de pescoço," dedo nos olhos," cateçada
solta," cateçada presa," meia lua faixa,"
Balão a coitado," rato de arraia," Tesoura
fechada," chifada de calcanhar," chifada
de peito de pé," meia lua virada," duas
meia lua num lugar só," pulo morta," "
virada no corpo com presa de calcanhar,
presa de cintura," Balão na toca da
calça," golpes no joelho, e nem truques.

Falta mais humildade para aceitar as diferenças e continuar aprendendo com os mais velhos. Trata-se de uma tradição autista, que não dialoga com as que estão ao seu lado, encerrada em sua verdade única e absoluta que impõe em seu pequeno espaço de poder. As diferenças fazem a riqueza da capoeira angola, e preservar essa diversidade é zelar pelos seus fundamentos. Tempo é rei e nos ensinará mais. Iê dá volta ao mundo!

Imagens: Manuscritos do Mestre Pastinha; Mestre Sapo (aluno dos mestres Pelé da Bomba e Canjiquinha) e seu aluno Mestre Patinho treinando em uma praia do Maranhão. No berimbau, Mestre Tião Carvalho.

por: Paulo Mutaokê Magalhães

Ficha de matéria
Nº: 42
Secção: Publicações e Artigos
Data: 6 de março, 2018
Autor/Autora: Leonardo Dib Boiadeiro
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Só se melhora a capoeira, melhorando o capoeirista

Texto da matéria
Porque você começou a praticar capoeira? Se essa pergunta for feita para qualquer capoeirista, rapidamente ficará claro como um processo de REGULAMENTAÇÃO será nocivo ao futuro da capoeira, ele poderá limitar e eliminar diversas passagens que temos em nossas memórias, situações que são frutos da liberdade e diversidade que a capoeira possui em sua essência. Liberdade de se expressar, diversidade de estilos, enfim, uma riqueza infinita que confunde nossa sociedade fazendo com que ela pense que a padronização é o caminho para organização. Organizar o que? As pessoas ou a arte? As pessoas devem se profissionalizar e a arte tem que ser arte em sua essência, manifestando das formas mais improváveis para inspirar, atrair novos seguidores e admiradores. Foi essa liberdade que me manteve na capoeira, eu sou produto dela, já treinei na rua, clubes, academias, garagem de prédios, garagem da minha casa, praças, ou seja, em todo canto. As vezes sou abordado com a seguinte pergunta: O que é a capoeira? Na mesma hora me vem na cabeça um dos ensinamentos do Mestre Camisa. Capoeira é o que o momento determinar. Pode ser um jogo, uma luta, uma música, um artesanato, uma profissão, um show, um remédio, uma poesia, depende do momento. Mas pra nós capoeiristas ela sempre será a capoeira. Então, pra você o que é a capoeira? Não tenha dúvida, capoeira é capoeira, o momento em que determina sua compreensão. Estou fazendo essa pequena introdução para mostrar o quão é importante essa liberdade da capoeira, uma arte adaptável, inclusiva e genuinamente brasileira. Sempre fazendo curvas para sobreviver sem perder a tradição e suas origens, tendo a oralidade como principal caminho do seu entendimento pleno. Acredito que seu desenvolvimento deve ser eterno, sempre respeitando o seu passado e suas origens. A sociedade atualmente está discutindo sobre A REGULAMENTAÇÃO DA CAPOEIRA COMO PROFISSÃO, uma situação que vem gerando dois cenários. De um lado pessoas que entendem que é necessário esse processo e do outro lado, pessoas que entendem que esse caminho será prejudicial a capoeira. Venho acompanhando diversas opiniões sobre o tema e percebo que existe um tremendo equívoco na maioria das pessoas que se posicionam a favor, pois a REGULAMENTAÇÃO DA CAPOEIRA COMO PROFISSÃO é muito diferente da PROFISSIONALIZAÇÃO DO CAPOEIRISTA. Reparem no significado de Profissionalização que é um ação ou efeito de profissionalizar ou profissionalizar-se. Processo de treinamento para obter certo nível profissional ou para alcançar maior habilidade num determinado trabalho; capacitação. Agora compare o significado de Regulamentação que é uma ação ou efeito de regulamentar, imposição de regras, regulamentos, conjunto de normas. Ato de fixar por meio de regulamento. Conjunto de medidas legais ou regulamentares que regem um assunto. Perceberam a diferença? É nesse ponto, que a meu ver, está acontecendo uma grande confusão. Muita gente que é a favor está entendendo que os benefícios que desejam, só serão conquistados por meio deste processo de REGULAMENTAÇÃO DA CAPOEIRA ENQUANTO PROFISSÃO. Essa confusão de entendimento é muito grave. Se você é a favor da REGULAMENTAÇÃO DA CAPOEIRA ENQUANTO PROFISSÃO e defende essa posição porque tem consciência das consequências e resultados que serão gerados, eu respeito e entendo já que é uma questão individual e vivemos em uma democracia. Agora, defender a REGULAMENTAÇÃO DA CAPOEIRA ENQUANTO

PROFISSÃO porque você acha que terá mais reconhecimento, benefícios trabalhistas, organização e outros. Lamento, mas estão escondendo de você as verdadeiras intenções. Já existem diversos dispositivos legais que contemplam muitos dos anseios de quem acha que só vai alcança-los se a capoeira for REGULAMENTADA ENQUANTO PROFISSÃO, as pessoas precisam se informar melhor. Qualquer pessoa pode pagar o INSS para se aposentar, qualquer pessoa pode se inscrever no programa de Micro Empreendedor Individual e emitir nota fiscal como professor ou como artesão, qualquer pessoa pode elaborar um projeto nas leis de incentivo, qualquer pessoa pode organizar um evento de capoeira, basta investir na capacitação e no profissionalismo.

Para o fomento de ações temos as leis de incentivo à cultura e ao esporte nas esferas federal, estaduais e municipais. Sobre a educação temos a lei 11.645/08 que traz em seu artigo 26-A a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio público e privado. No tema profissão temos o Art.170 da nossa CONSTITUIÇÃO FEDERAL que diz em seu parágrafo único que é assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.

Para o reconhecimento temos o Estatuto da Igualdade Racial – Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 que em seu Art. 20 diz que O poder público garantirá o registro e a proteção da capoeira, em todas as suas modalidades, como bem de natureza imaterial e de formação da identidade cultural brasileira, nos termos do art. 216 da Constituição Federal. E no Parágrafo único deste mesmo artigo diz que O poder público buscará garantir, por meio dos atos normativos necessários, a preservação dos elementos formadores tradicionais da capoeira nas suas relações internacionais. Ainda tem o Art. 22 que diz A capoeira é reconhecida como desporto de criação nacional, nos termos do art. 217 da Constituição Federal. § 1o A atividade de capoeirista será reconhecida em todas as modalidades em que a capoeira se manifesta, seja como esporte, luta, dança ou música, sendo livre o exercício em todo o território nacional. § 2o É facultado o ensino da capoeira nas instituições públicas e privadas pelos capoeiristas e mestres tradicionais, pública e formalmente reconhecidos.

E mais, em 2008 a roda de capoeira e o ofício de mestre foram inscritos no Registro dos Saberes pelo Iphan. Depois a roda de capoeira, que é onde se reúne tudo que engloba a capoeira, foi reconhecida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A escolha foi feita durante a 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, em Paris, em 26 de novembro de 2014.

Nenhum esporte olímpico tem esse reconhecimento, nenhuma luta tem esse reconhecimento, nenhuma religião tem esse reconhecimento, nenhum time de futebol tem esse reconhecimento, nenhuma banda famosa tem esse reconhecimento e a nossa capoeira conquistou isso graças a sua diversidade e liberdade!

Precisamos ser profissionais de fato. No meu entender, a profissionalização está totalmente relacionada a pessoa que exerce a profissão. É uma ação que depende somente do individual. Será que todos os capoeiristas ao longo dos anos preocuparam com sua formação? Será que todos preocuparam em se instruir? Todos preocuparam com a forma de se comportar perante a sociedade?

Bom, se analisarmos dentro do tri pé, valorização, reconhecimento e profissionalização de qualquer profissão e/ou atividade, em uma rápida pesquisa chegaremos à conclusão que houve um marco na história onde esses objetivos começaram a ser alcançados, um ponto de partida, uma movimentação totalmente ligada ao agente que a representa, pois

foram suas atitudes, dedicação, doação e profissionalismo que produziram esse resultado.
Se repararmos em outras áreas, conseguiremos ver que em algum momento da história, um agente ou um conjunto de pessoas, foram a mola propulsora para que uma profissão ou arte alcançasse novos ares e viesse a ter seu pleno desenvolvimento e reconhecimento. Pense nos grandes historiadores que deram o devido valor a sua profissão, pense nos grandes pintores, nos grandes jogadores de futebol, nos grandes médicos, nos grandes advogados, eles deram valor a sua profissão. O mérito individual de cada um, dignificou o ofício por eles representado.
No caso da capoeira é fácil identificar os grandes capoeiristas que contribuíram mundialmente e contribuem para que esse processo de evolução cultural esteja sempre em movimento.
E você o que está fazendo pela capoeira?
Entendo que sempre podemos fazer algo diferente para valorizar nossas ações. Se o vendedor de picolé começar a melhorar o seu serviço, com certeza ele vai vender mais e será mais valorizado. Basta ele começar a imprimir mais qualidade, mais seriedade, mais comprometimento, estar atento ao que está acontecendo ao seu redor e no mundo, melhorar seus equipamentos, melhorar o atendimento, ser mais comprometido, melhorar a matéria prima usada para fazer seu picolé, enfim, ficar atento aos detalhes e entre linhas para fazer a diferença.
Será que os capoeiristas que estão defendendo a regulamentação da profissão, achando que isso trará mais resultados e benefícios, estão atentos aos detalhes e as entre linhas para fazerem a diferença?
Quem precisa de reconhecimento é o capoeirista ou a capoeira? O capoeirista está investindo nele para ter esse reconhecimento?
Eu aprendi que a profissão do capoeirista é ser um poli artista, estar preparado para agir e atuar de acordo com que o momento determinar. Como diz meu Mestre, "Nem tudo que é bom para o capoeirista é bom pra capoeira, mas tudo que é bom pra capoeira é bom para todos os capoeiristas."
Sendo assim, eu não sou a favor da regulamentação pois entendo que esse processo não vai fazer a capoeira ter reconhecimento. Esse processo vai engessar a capoeira e vai criar uma desigualdade política e cultural a nossa arte, prejudicando o grande público que vive da capoeira e precisa dela. É muito claro os desdobramentos gerados por uma regulamentação de profissão. Podemos citar a criação de sindicatos de classe, reserva de mercado, perseguição política, limitação da criatividade e liberdade, direcionamento, manipulações, enfim, todas as conquistas que a capoeira conseguiu ao longo dos anos serão prejudicadas.
Hoje estamos em um novo momento, um momento de encontro de aproximação dos diversos estilos, um momento de estudo e troca de saberes. Sou a favor de muitos congressos, fóruns, simpósios, seminários e outros mecanismos de encontro e discussão de ideias, mas penso que eles devem ser desenvolvidos pelos capoeiristas. Agradeço aos admiradores da capoeira, mas se querem nos ajudar que tragam o caminho das pedras, mas deixem que os capoeiristas andem por eles.
Obrigado e pode ter certeza que estaremos cada vez mais unidos para que as nossas diferenças continuem sempre crescendo em harmonia, com liberdade de escolha e comprometidos com a construção desse painel cultural que se chama capoeira.

Leonardo Dib Boiadeiro – ABADÁ-CAPOEIRA

Ficha de matéria

Nº: 43

Secção: Publicações e Artigos
Data: 5 de março, 2018
Autor/Autora: André Luis de Oliveira
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Capoeira? Não existe. O capoeirista sim.
Texto da matéria

Professor Me. André Luis de Oliveira, professor de Educação Física pela Unesp – Rio Claro (1989), Especialista em Educação Física pela Unesp – Rio Claro (1990), Mestre em Educação pela PUC/SP (1993), Professor de Culturas Corporais de Lutas da Uninove (SP), Professor de Capoeira da Projete Liberdade Capoeira.

Resumo:
A capoeira normalmente é tratada como algo que tem existência em si, separada de seu sujeito, o capoeirista. Assim, esse trabalho resgata na literatura a origem do nome "capoeira", seus significados possíveis e sua relação com o jogo-de-luta-dançada capoeira. Por fim, se quer recuperar a importância do professor ou mestre de capoeira: os que dão existência a ela.

Etimologia da palavra capoeira.

A palavra "capoeira", esta longe de ser precisamente definida na sua origem. Isto porque há dois vocábulos, um de origem portuguesa e outro de origem do tupi, que podem ter originado capoeira para designar luta e como é usado em nosso país. Assim, o termo "capoeira" é registra a primeira vez no ano de 1712 (Bluteau in ARAUJO, 2004), e "usado para designar cesto, gaiolas ou locais determinados para se guardar aves" (ARAUJO, 2004, p.17). Para o vocábulo Tupi, que somente no século XIX aparece referenciado (op.cit. p.17), "capoeira" seria a junção de "ka'a", mata e "PÛER", passado, velho, superado, que já foi. Em tupi existe o tempo do substantivo. (NAVARRO, S/D). Assim, capoeira seria lugar que foi mata, mas já não é mais.

Também o termo tem sito usado para designar um tipo de ave: uru ou capoeira (Odontophorus capueira, Spix, 1825 in http://www.taxeus.com.br/especie/odontophorus-capueira).

A palavra "capoeira" para designar um indivíduo associado a um modo de conduta onde a luta física é usada, aparece somente em 1789, e esta registrado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (ANRJ — Tribunal da Relação — cód. 24, livro 10) e foi apontado por Cavalcanti (2004): O mulato Adão, escravo de Manoel Cardoso Fontes, comprado ainda moleque, tornou-se um tipo robusto, trabalhador e muito obediente ao seu senhor, servindo-lhe nas tarefas da casa. Manoel resolveu explorá-lo alugando-o a terceiros como servente de obras, carregador ou outro qualquer serviço braçal. Tornou-se Adão deste modo uma boa fonte de renda para seu senhor. Com o passar do tempo, o tímido escravo, que antes vivera sempre caseiro, tornou-se mais desenvolto, independente e começou a chegar tarde em casa, muito tempo depois do término do serviço. Manoel questionava-o: o que levava à mudança de conduta? As desculpas eram as mais inconsistentes para o senhor. Até ocorrer o que já o preocupava: Adão não mais voltou para casa. Certamente fugira para algum quilombo do subúrbio da cidade. Para sua surpresa, Manoel foi encontrar Adão por trás das grades da cadeia da Relação. Havia sido preso junto a outros desordeiros que praticavam a capoeira. Naquele dia ocorrera uma briga entre capoeiras e um deles fora morto. Crimes gravíssimos para as leis do reino: a prática da capoeiragem, ainda resultando em morte. No decorrer do processo constatou-se que Adão era inocente quanto ao assassinato, mas foi confirmada sua condição de capoeira, sendo, por isso, condenado a levar 500 "açoites" e a trabalhar "dois anos nas obras públicas". Seu senhor, após Adão cumprir

alguns meses de trabalho e ter sido castigado no pelourinho, solicitou ao rei, em nome da Paixão de Cristo, perdão do resto da pena argumentando ser um homem pobre e, portanto, muito dependente da renda que seu escravo lhe dava. Comprometeu-se a cuidar para que Adão não mais voltasse a conviver com os capoeiras, tornando-se um deles. Teve o pedido homologado pelo Tribunal em 25.04.1789.

Esta citação desmitifica alguns mitos em torna da capoeira:

A referência mais antiga da luta capoeira é carioca, para decepção dos baianos;

Capoeira, nas origens, está associada à contravenção e suas referências históricas mais antigas encontram-se em boletins de ocorrência, e não como prática lúdica entre escravos (jogo);

Capoeira aparece em meio urbano, não em fazendas, senzalas ou quilombos;

Capoeira é usada como luta de escravo contra escravo, de escravo contra policia quando são reprimidos ou entre maltas de capoeiras, e não como "mandinga de escravos em ânsia de liberdade" (Mestre Pastinha apud Zulu, 1995, p.6);

Capoeira como luta só aparece referendada a partir do final do século XVIII (1789) e não com a vinda dos primeiros escravos (1539).

O que, neste momento, me parece mais importante a tudo isto, é a associação da prática ao praticante. "Capoeira", a partir de um processo associativo entre etimologia da palavra + atitudes e ações dos indivíduos pertencentes a grupos marginalizados + manifestações corporais de caracterizadas por exercícios de agilidade e destreza corporal, segundo Araújo (2004, p. 49) poderemos ter:

Muitos dos indivíduos considerados capoeiras eram malfeitores;

Alguns dos indivíduos considerados capoeiras eram apenas fugitivos;

Alguns dos indivíduos considerados capoeiras, logo malfeitores, eram praticantes da capoeiragem;

Alguns dos indivíduos considerados capoeiras, logo fugitivos, eram praticantes da capoeiragem;

Alguns dos indivíduos praticantes da capoeiragem, e considerados capoeiras, não eram malfeitores nem fugitivos.

A partir da análise semântica e histórica, Araújo (op.cit. p. 50) conclui que:

"Muitas das expressões (capoeira) que atentavam contra a ordem pública nem sempre foram realizadas por aqueles que praticavam e exerciam a luta/jogo de agilidade e destreza, e que a atribuição de culpa a eles era por demais perniciosa tanto para a manifestação referida como para os seus executores".

Soares (1999) corrobora com essa associação de sujeito e prática ao falar de outro personagem. O "capoeiro", escravo carregador dos grandes cestos (capoeira), assim como açougueiro, leiteiro e aguadeiro formariam os ofícios da escravaria urbana. (SOARES, 1999). Para Rios Filho (in SOARES, 1999 p.23) capoeira luta teria nascido das disputas da estiva destes "capoeiros", nas horas de lazer, nos "simulacros de combate", que pouco a pouco se tornaram hierarquias de habilidades, onde se duelava pela primazia no grupo. Dessas disputas de perna teria nascido o "jogo da capoeira" ou dança do escravo carregador da capoeira. Ou seja, nem todo capoeira era jogador de capoeira.

Vê-se assim que associar capoeira (luta) ao capoeira (sujeito contraventor) foi sempre uma constante, mesmo quando descabida. O artigo 402 do Decreto Lei número 847, de 11 de outubro de 1890 (capítulo XIII – Dos vadios e capoeiras) também não faz nenhuma distinção entre "exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem" e malfeitor, contraventor, homicida, assassino, fugitivo, ladrão. Todos eram capoeiras e considerados praticantes da capoeiragem (exercício de agilidade e destreza corporal) e punidos no rigor da lei. Araújo (2004, p.59) corrobora a

isto afirmando que:
"Acreditando que as autoridades judiciais, ao identificarem uma prática corporal de caráter lúdico ou mesmo de luta e desconhecendo sua origem e denominação, por certo, vincularam-na diretamente aos indivíduos dos grupos marginais (capoeiras) que as realizavam, depreendendo-se daquela manifestação de agilidade e destreza corporal que se lhes apresentava como sendo uma luta/jogo de capoeiras, evidenciando-se preponderantemente, neste caso, o vocábulo designativo de tais personagens como determinante para a qualificação nominal da coisa."
Corriqueiramente, associamos práticas e profissões a determinados indivíduos, ou seja, a prática ou ofício vai denominar o praticante ou profissional. Assim temos:
Advogado, aquele que advoga, defende (alguém ou alguma causa) em juízo ou fora dele;
Artesão, aquele que faz arte e técnica do trabalho manual não industrializado, artesanato,
Estivador, trabalhador portuário que, recebendo a carga de um navio, a arruma devidamente no porão ou num compartimento, ou a descarrega de bordo, estiva;
Jogador, aquele que tem por profissão jogar ou aquele que joga;
Marceneiro, aquele que trabalha com marcenaria, artesão ou operário industrial que trabalha com madeira em tábua;
Mecânico, aquele que monta, conserva e conserta máquinas e motores;
Professor, aquele que professa uma crença, uma religião ou aquele que ensina, ministra aulas;
Torneiro: aquele que trabalha com o torno.
No caso da capoeira (jogo/luta), não é o que ocorre. O sujeito CAPOEIRA vai nomear sua prática de jogo-de-luta-dançada – a capoeira, e não ao contrário. A expressão corporal capoeira foi denominada por indivíduos que receberam a mesma denominação. O Capoeira era um personagem que não tinham um meio de subsistência e domicílio certo, vivia em mocambos nas matas próximas (capoeiras) às vilas e cidades, logo um "capoeiro", e que através do uso popular e de adaptações vocabulares popularizou-se e afirmou-se como sendo a luta/jogo do (indivíduo) capoeira, ou da capoeira, pois tal prática vinha destes espaços. Com o tempo passou-se a denominar exclusivamente como capoeira (ARAUJO, 2004, p.60).
O Capoeira: quem é ele hoje?
Como vimos, capoeira jogo/luta é uma prática típica brasileira associada a um personagem histórico (o Capoeira) visto e perseguido como contraventor, embora não o fosse sempre. Vimos também que o praticante dá nome a pratica e não ao contrário: o modo de vida do capoeira é capoeiragem; a luta criada pelo capoeira é a capoeira. Posto isto, vê-se que a capoeira jogo/luta está estritamente ligada a seu praticante: o capoeira, hoje chamado de capoeirista. Sozinha, ela não existe.
No Brasil, estima-se 6 milhões de praticantes (ATLAS DO ESPORTE NO BRASIL, 2014). Há uma certa unanimidade em gratidão a essa prática. Numa pesquisa simples e rápida, encontram-se dezenas de depoimentos e músicas aludidos a uma gratidão e ajuda da capoeira:
Agradeço a capoeira do fundo do coração (http://www.realcapoeira.ru/capoeira/song/agradeco-a-capoeira-m-casquinha);
Agradeço à capoeira, Por todo que me ensinou Sou de coração marcado, Por essa arte que o negro criou (https://es-la.facebook.com/permalink.php?story_fbid=141225046061135&id=124456147738025 visto em 16/nov/2014);
Agradeço a Capoeira, Do fundo do meu coração, Pra vocês todos os presentes, Eu

dedico essa canção (http://www.capoeira-music.net/all-capoeira-songs/all-capoeira-corridos-songs-m/mandei-cair-meu-sobrado/ visto em 16/nov/2014);
Um dia a capoeira ela lhe ajudou, Tirou você da miséria lhe transformou; Você não sabe o valor que a capoeira, tem, Ela tem valor demais, Ê se segura rapaz; A Capoeira me ajudou. Ela me fez ser na vida. Hoje quem eu sou (http://capoeiralyrics.info/Songs/Details/2104 visto em 16/nov/2014); .
Agradeço a Capoeira, Por tudo que me tornei, Hoje estou aqui rimando, Foi nela que me criei (http://www.ondeachocapoeira.com/ondeacho/noti_detal.php?id=585&pag=1&tipocat= visto em 16/nov/2014);
Agradeço à capoeira porque ela me resgatou; Acho a capoeira um apoio de vida porque ela me tirou de muita coisa ruim http://www.vitoria.es.gov.br/noticias/noticia-9015 visto em 16/nov/2014);
A capoeira me ajudou; A capoeira vai me curar (http://www.capoeira-music.net/all-capoeira-songs/all-capoeira-corridos-songs-m/mas-que-saudade/ visto em 16/nov/2014);
Ela é quem me ensinou, É ela quem vive a me ensinar, Ela é quem me ajudou https://www.facebook.com/pages/M%C3%BAsicas-Da-Abad%C3%A1-Capoeira/543758379075509 visto em 16/nov/2014);
Ela me ajudou não só no meu físico, mas também na parte de caráter, responsabilidade, disciplina (http://m.tvg.globo.com/novelas/malhacao/2012/por-tras-das-cameras/noticia/2013/04/rodrigo-simas-declara-sua-paixao-pela-capoeira-eu-ginguei-antes-de-andar.html visto em 16/nov/2014);
"E foi a capoeira que me ajudou a levantar da cadeira de rodas" a capoeira vem trazendo reflexos na vida escolar e nos planos para o futuro (http://quiririmnews.com.br/seminario-gera-inclusao-social-na-cecap/#.VGk7FPnF9vA, visto em 16/nov/2014)
Será mesmo que se deve agradecer à capoeira? Será que a capoeira jogo/luta tem esse poder de, sozinha, fazer tanto pelas pessoas?
De tal maneira, muito se tem escrito sobre as contribuições da capoeira para a Educação em geral e a Educação Física em particular – FALCÃO, 1996; FREITAS, 1997, 2003, 2005, 2007; MENEZES, 2007; RADICCHI, 2013; REIS, 2001, 2006; REIS, 2011; RIBEIRO, 1992; SILVA, 1993; SILVA e HEINE, 2008. Mas como a capoeira jogo/luta faz isso dissociado de seu produtor, fazedor ou professor/mestre?
No momento em que se produz este texto, discute-se o projeto de lei destinado a reconhecer a prática da capoeira como profissão (PLC 31/2009). A visão predominante é de que regulamentação só será legítima se reconhecer a capoeira como atividade multidimensional – ao mesmo tempo luta, dança e arte – além de fator de socialização, criação de identidade e de transmissão de memória ancestral. Parece-nos tão relevante quanto esta legalização é a definição de quem será este profissional: qual sua formação mínima? Em quanto tempo? Qual sua escolaridade/capacitação? Quais instituições estarão autorizadas a capacitá-lo? Quem serão os capacitores destes profissionais?
Capoeira? Não existe. Capoeirista sim
Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Paulo Coêlho de. Capoeira: um nome – uma origem. Juiz de Fora, MG: Irmãos Justiniano, 2004.
CAVALCANTI, Nireu O. Crônicas históricas do Rio colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2004.
FALCÃO, José L.C. A escolarização da capoeira. Brasília: Royal Court, 1996.

FREITAS, Jorge L. Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo. Curitiba: Ed. Gráfica Expoente, 1997.
_____. Capoeira infantil: jogos e brincadeiras. Curitiba: Torre de Papel, 2003.
_____. Capoeira pedagógica. Curitiba: O autor, 2005.
_____.. Capoeira na educação física: como ensinar? Curitiba: Editora Progressiva, 2007.
MENEZES, Lilia B. Capoeira; benefícios psicofisiológicos. Niterói: La Salle, 2007.
NAVARRO, Eduardo. Curso elementar de Tupi antigo. http://tupi.fflch.usp.br/node/16 visto em 12 de novembro de 2014.
RADICCHI, Marcelo R. Capoeira e escola: significados da participação. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.
REIS, André L.T. Educação física & capoeira: saúde e qualidade de vida. Brasília: Thesaurus, 2001.
_____. Capoeira: saúde e bem estar social. Brasília: Thesaurus, 2006.
REIS, Ronaldo. Capoeira, educação e educação física: inter-relações e práticas pedagógicas. São Paulo: Livro Pronto, 2011.
RIBEIRO, Antonio L. Capoeira: terapia. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1992.
SILVA, Gladson de O. Capoeira: do engenho à universidade. São Paulo: O autor, 1993.
SILVA, Gladson de O. e HEINE, Vinícius. Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.
SOARES, Carlos Eugênio Líbano, A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890. Rio de Janeiro: Access, 1999.
TÁXEUS, Listas de espécies. http://www.taxeus.com.br/especie/odontophorus-capueira, visto em 13 de novembro de 2014.
ZULU. Idiopráxis de Capoeira. Brasília: Editora do Autor, 1995;

Autor:
André Luis de Oliveira
Mestre em Educação – PUC/SP, Projete Liber…

Ficha de matéria
Nº: 44
Secção: Publicações e Artigos
Data: 22 de janeiro, 2018
Autor/Autora: Cincinato Palmas Azevedo
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
BRINCADEIRA DE CAPOEIRA
Texto da matéria
OLHA AÍ, mestre… merecida homenagem ao seu/nosso PORTAL e ao amigo ! Abs, do NATOAZEVEDO ** BRINCADEIRA DE CAPOEIRA (mote / glosa) Séculos de “brincadeira” sem incomodar ninguém… mesmo levando “rasteira” a Capoeira vai bem !

I
CAPOEIRA se reparte…
está em todo lugar,
só não na Estação Lunar
e nem nos confins de Marte.
Hoje não há uma parte
desse Mundo sem fronteiras
que não tenha Capoeira
e o som de um Berimbau.
Vem resistindo, afinal…
séculos de brincadeira !

I I
Mas, segue com pouca ajuda
ou sem sequer um apoio,
tendo um ou outro "joio"
que a mensagem dela muda…
e que é "um Deus nos acuda" !
Embora com tais "porém"
Capoeira nos faz bem,
melhora todo o sistema,
é canto, dança e poema,
sem incomodar ninguém.

I I I
Capoeira é diversão
e bela Filosofia,
tem música e alegria,
é magia e oração !
Nos eleva o coração,
"brincadeira" bem maneira
que nos segue a Vida inteira,
sempre em nosso pensamento.
Sobreviveu aos "tormentos"
mesmo levando "rasteira" !

I V
Hoje está na Internet(e)
e em tod'os cantos da Terra.
Perdeu o seu "tom de guerra",
quando se "pintava o 7" !
Tem esclarecido escrete
e jovens mestres também
que lhe querem muito bem
e seu Presente engrandecem.
Nossa Arte-Luta só cresce…

"A CAPOEIRA vai bem" !
"NATO" AZEVEDO

(em 26/dez. 2017)

OBS: justa homenagem a Mestre "GUARÁ" levando — na gélida Paris — as tradições de seus (e nossos) ancestrais, com prazer e beleza.

Ao LUCIANO MILANI pela positiva mensagem de seu site "PORTAL CAPOEIRA", divulgando nosso (ainda) Folclore no Mundo. "Allons-y, camarás"!

Cena do Filme Cordão de Ouro: Participação de Mestre Leopoldina, Mestre Nestor Capoeira e Leiteiro.

"NATO" AZEVEDO (em 26/dez. 2017)

Ficha de matéria
Nº: 45
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 17 de Dezembro, 2022
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
TSE lança cartilha "Expressões racistas: por que evitá-las"
Texto da matéria

TSE lança cartilha "Expressões racistas: por que evitá-las"

Cartilha alerta para terminologia ofensiva à população negra e que deve ser banida

Publicação lista 40 termos que devem ser abandonados, pelo teor preconceituoso que carregam na esfera idiomática

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) publicou a cartilha Expressões racistas: por que evitá-las, que traz uma lista de 40 termos e expressões que não devem ser usados pelas brasileiras e brasileiros, em sua linguagem cotidiana ou formal, por seu teor racista e ofensivo. A publicação foi produzida pela Comissão de Promoção de Igualdade Racial do TSE, instituída em março, para combater o preconceito racial na Justiça Eleitoral.

Na apresentação, o ministro Benedito Gonçalves, coordenador institucional da Comissão, diz que o material "visa promover a mudança de hábitos e comportamentos nas pessoas e facilitar a exclusão de expressões idiomáticas que possam embutir preconceito racial". Para facilitar que esse objetivo seja alcançado, a cartilha explica o motivo pelo qual cada uma das expressões possui conotação racista.

Racismo escancarado

Um exemplo muito comum é a palavra "escravo". Conforme a explicação, a palavra certamente deriva do termo latino "sclavus, ou seja, pessoa que pertence a outra, ou de slavus, isto é, eslava ou eslavo, um povo bastante escravizado na antiguidade".

Capa da cartilha do TSE

Outro ponto fundamental apontado é que "os termos escrava e escravo passam a ideia de que a pessoa já nasceu sem liberdade, como algo inato à sua condição, ignorando o fato de que as africanas e os africanos foram trazidos(as) ao Brasil e forçados(as) a trabalhar nessa condição". Assim, como se explica na cartilha, "a palavra mais adequada para designar essa condição seria 'escravizado(a)'".

Racismo escondido

Em outros casos, porém, “à primeira vista, não há nada de errado com a palavra e seu uso, contudo embute-se nela o racismo a partir do instante em que transmite a ideia de que a compreensão de algo só pode ocorrer sob as bênçãos da claridade, da branquitude, mantendo no campo da dúvida e do desconhecimento as coisas negras”. Esse é o caso de “esclarecer”, que, conforme a publicação do TSE, “mais adequado, nessas circunstâncias, seria o uso das palavras ‘explicar’ ou ‘elucidar’, por exemplo”.

Inúmeros outros termos são usados sem que a pessoa que os pronuncia sequer note que está difundindo um conteúdo preconceituoso e racista. Entre eles, estão “humor negro” (quando o mais adequado seria humor ácido), “denegrir” (difamar ou caluniar), “cabelo ruim” (cabelos crespos) e “a coisa tá preta” (a situação está difícil).

Racismo estrutural

Para o secretário de Combate ao Racismo da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Almir Aguiar, o lançamento de uma cartilha como essa “é fundamental para o avanço social no Brasil, porque se trata de uma publicação de Estado, que não apenas reconhece um problema sério que se verifica de norte a sul do país, mas também porque mostra a origem desse preconceito, argumenta contra ele e apresenta soluções”.

Almir, que também é militante do Movimento Negro Unificado (MNU), ressalta ainda que “a cartilha mostra o quanto o racismo é estrutural no Brasil e se manifesta de modo sistêmico, até mesmo na fala de pessoas que muitas vezes não têm essa intenção, mas acabam difundindo preconceitos. Por isso, todos devem conhecer esses termos e evitá-los, para reduzir a reprodução da discriminação racial”.

A publicação deverá ter novas versões no futuro, por isso, quem conhecer algum termo racista que não esteja nela poderá encaminhá-lo à comissão responsável por sua realização, para que seja incluído em edições futura, pelo e-mail nid@tse.jus.br.

Acesse aqui a cartilha Expressões racistas: por que evitá-las, em PDF, ou diretamente na biblioteca digital do TSE.

Portal Capoeira TSE lança cartilha “Expressões racistas: por que evitá-las” Cultura e Cidadania Notícias - Atualidades

Os termos

Confira as palavras e expressões, usadas com frequência no cotidiano brasileiro, mas que devem ser abolidas por causa de seu cunho racista, de acordo com a cartilha Expressões racistas: por que evitá-las, do TSE.

1- A coisa tá preta
2- Barriga suja
3- Boçal
4- Cabelo ruim
5- Chuta que é macumba!
6- Cor de pele
7- Criado-mudo
8- Crioulo
9- Da cor do pecado
10- Denegrir
11- Dia de branco
12- Disputar a negra
13- Esclarecer
14- Escravo
15- Estampa étnica
16- Feito nas coxas

17- Galinha de macumba
18- Humor negro
19- Inhaca
20- Inveja branca
21- Lista negra
22- Macumbeiro
23- Magia negra
24- Meia-tigela/de meia tigela
25- Mercado negro
26- Mulata
27- Mulata tipo exportação
28- Não sou tuas negas!
29- Nasceu com um pé na cozinha
30- Nega maluca
31- Negra com traços finos
32- Negra de beleza exótica
33- Negra de alma branca
34- Ovelha negra
35- Preto de alma branca
36- Quando não está preso está armado
37- Samba de crioulo doido
38- Serviço de preto
39- Teta de nega
40- Volta pro mar, oferenda!
Cartilha do TSE Expressões racistas: por que evitá-las

Ficha de matéria
Nº: 46
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 02 Agosto, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
O Teatro Gil Santana precisa de você!
Texto da matéria
O Teatro Gil Santana em Salvador Bahia precisa de você! Ator, diretor, autor, educador e produtor, GIL SANTANA acumula uma média de 70 espetáculos, entre peças adultas e infantis. Nestes últimos anos montou inúmeras peças e diversos projetos infantis em Salvador-Bahia. Até esse mês de julho de 2021, o TEATRO GIL SANTANA ficava localizado no Rio Vermelho, em Salvador-BA. Por conta da pandemia, não houve receita por muito tempo e ele foi obrigado a devolver o espaço, que também era sua moradia. O teatro Gil Santana já sobreviveu a incêndios, mudanças de sedes e outras dificuldades, mas hoje encontra na pandemia o seu maior desafio. Nos ajude a manter de pé o sonho desse profissional de ver o seu amor pelo Teatro infantil cativar novas gerações de público. Qualquer valor já é uma ajuda e divulgar essa mensagem mais ainda. Contamos com a empatia de vocês. Ah, e ajudem compartilhando esse texto e o video. Gratidão.

Facebook: Gil Santana

Instagram:@teatrogilsantanaoficial

Pix: 22954511591

Ficha de matéria
Nº: 47
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 25 de Junho, 2021
Autor/Autora: Saulo Yassuda
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Trans Point – The Arts of Fusion: Espetáculo mescla balé e capoeira
Texto da matéria
Thiago Soares, um dos mais importantes e prestigiado dançarino brasileiro, estreia em São Paulo, espetáculo de balé com elementos de capoeira. O ex-primeiro bailarino do Royal Ballet de Londres ainda prepara lançamento de autobiografia e musical sobre sua vida Um dos mais prestigiados dançarinos brasileiros, o carioca Thiago Soares estreia Trans Point — The Arts of Fusion com o grupo Talentos, de sua escola, a StudioTS+Dança. O ex-primeiro bailarino do Royal Ballet de Londres e recém-anunciado diretor artístico do Ballet de Monterrey, no México, é responsável pela coreografia e direção do espetáculo que mescla balé clássico com elementos como capoeira e street dance — o artista começou a carreira nos passos do hip-hop. As apresentações presenciais são compostas de sete atos — o idealizador integra três: um solo, um dueto e um número coletivo. Com 40 anos completados em maio, Soares celebra o lançamento de sua autobiografia ainda neste ano e a estreia de um musical sobre sua vida em 2022, além do convite para fazer parte do conselho consultivo do King's Brazil Institute, da King's College London (80min). Livre. Teatro J. Safra. Rua Josef Kryss, 318, Barra Funda. Sáb. (26) e dom. (27), 19h. R$ 50,00 a R$ 120,00. eventim.com.br. Fonte: Veja SP Por Saulo Yassuda

Ficha de matéria
Nº: 48
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 22 de junho, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
"Apropriação cultural"
Texto da matéria
Já há muito tempo que a semente foi plantada… A exportação da nossa capoeiragem já tem segurante cerca de 6 décadas! Existe hoje um enorme emaranhado de conexões e ramificações de diversas correntes de ensino e matrizes culturais de diferentes

regiões do Brasil espalhados pelos 4 cantos do mundo… Quando este fenômeno da exportação começou, talvez quase ninguém imaginasse onde isso iria nos levar… A matéria apresentada fala de uma estudante com 13 anos de idade, super talentosa natural do Japão, aluna do querido amigo Jean Pangolin – Gueto, que ganhou uma competição online de capoeira.
Fica a minha profunda gratidão, respeito e admiração para com tod@s aqueles e aquelas que se despencaram pelo mundo afora com seu berimbau, sua cultura e saberes populares em busca de algo diferente… de algo melhor… Existe também quem, através da cultura e do espetáculo, ajudou a disseminar esta semente… Um grande salve a Professora Emília Biancardi, responsável pelo Grupo Para folclórico Viva Bahia. Estes grandes "guerreiros e guerreiras" levaram a capoeira e diversas outras manifestações correlatas (samba de roda, maculelê, ciranda, jongo, puxada de rede, caboclinho, frevo, coco, etc…) para outros países e culturas… hoje a capoeira está presente em mais de 175 países! Uma verdadeira escola de cidadania!

Luciano Milani
"Apropriação cultural"
Reflexão postada no site: https://www.h2foz.com.br de autoria de Claudio Siqueira.
Algum tempinho atrás vimos nas redes a notícia de uma estudante japonesa de 13 anos que ganhou o campeonato mundial online de capoeira * (Ver video). A competição consistia em enviar um vídeo com os movimentos para serem avaliados por uma banca de especialistas. Não houve participação de brasileiros. Isso não é novidade já que a maior federação de capoeira do mundo hoje é uma criada nos Emirados Árabes. Tal fato apenas reforça a necessidade de valorizarmos nossa cultura e tradição, pois se não o fizermos, outros farão e tomarão para si.
Neste mesmo período, outra notícia ocupou as redes: a de uma adolescente brasileira de 13 anos que ganhou o campeonato mundial online de karatê. Um "quiproquó" cultural. Ou seria um tema sobre apropriação cultural?
A apropriação cultural – segundo a Wikipédia, "ocorre quando uma cultura adota elementos específicos de outra cultura". "Estes podem ser ideias, símbolos, artefatos, imagens, sons, objetos, formas ou aspectos comportamentais que, uma vez removidos dos seus contextos culturais originais, podem assumir significados muito divergentes".
Evidentemente num mundo globalizado isso cada vez torna-se tendência. Apenas precisamos perguntar antes de qualquer coisa, quem lucra?
Ano passado a DC Comics anunciou sobre o futuro dos seus principais heróis e heroínas. Uma nova versão da Mulher-Maravilha foi apresentada, será Yara Flor, uma indígena brasileira da floresta amazônica. As grandes produtoras e editoras estadunidenses investem nessa receita, a de "criarem" suas narrativas e roteiros "adaptando" contos e lendas de outras culturas, como Thor, o deus nórdico do trovão, Bast, divindade gato egípcia e Zeus, bem conhecido da mitologia grega, entre outros.
A Disney mesmo não esconde que Branca de Neve e os Sete Anões foi a apropriação de um conto alemão. E mantém ainda os "direitos autorais" e de uso das imagens perto de completar um século de produção cinematográfica.
Enfim, assim como o ouro que os invasores europeus levaram das Américas, o norte permanece usurpando das riquezas do sul, sejam elas metal, artefatos ou mesmo narrativas orais. Eles lucram aqui com aquilo que tomam daqui.
Assunto espinhoso que pede mais que apenas um simples debate.
Girls Under 14 Round2 Akari Tachi
Enquanto isso não acontece, o debate e algo além, podemos buscar na produção

nacional e sul americana conteúdo pop como HQs de divindades regionais.
Em 2016, por exemplo, os paraenses Joe Bennett e Alan Yango publicaram com ajuda de financiamento coletivo o "'Esquadrão Amazônia". Vale lembrar que Joe Bennett é o nome comercial de Bené Nascimento, que acumula artes bem sucedidas na Marvel e DC e foi contratado para desenhar o prelúdio do confronto entre Batman e Superman,"A origem da justiça", de Zack Snyder.
Temos ouro em casa. Vamos valorizar.

Ficha de matéria
Nº: 49
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 21 de junho, 2021
Autor/Autora: Silvia Maria
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?
Texto da matéria
Fui convidada para participar de um encontro com educadores, sobre a importância de ressignificar o dia 13 de maio, que para além da suposta Abolição da Escravatura é o Dia Nacional de Combate ao Racismo. Também pensaríamos caminhos para a escola construir práticas antirracistas. Faríamos um percurso histórico sobre as ações que excluíram a população negra da sociedade a partir do dia 14 de maio de 1888, dentre elas, a proibição de frequentar escolas, possuir terras, a mudança do Código Penal que criminalizou a capoeira e a vadiagem, a luta do povo negro para libertação e por fim, abordaríamos estratégias pedagógicas. Enquanto organizava o material recebi um vídeo onde um ciclista negro, o jovem youtuber Felipe Ferreira filmou a abordagem feita por policiais que estavam procurando traficantes em um parque. Enquanto Felipe ouvia comandos para encostar a bike, colocar as mãos na cabeça e outras frases no imperativo, questionava as formas de tratamento, pois havia uma arma apontada em sua direção. Felipe justificava que estava dando um rolê e no momento em que foi algemado disse a frase que me incomodou: Eu sou um trabalhador! O incomodo aumentou quando o policial, respondeu ao rapaz: E eu sou vagabundo. Eu tô aqui brincando! Após digerir a notícia do ocorrido com Felipe, no dia 14 de junho me deparei com uma notícia envolvendo outro jovem negro. Matheus Ribeiro, professor de surfe foi acusado por dois jovens brancos de ter roubado uma bike no Leblon e foi obrigado a encontrar maneiras de provar que a bike era dele. Novo incomodo senti ao ler o que Matheus disse a imprensa: Eu não era alguém pedindo esmola ou vendendo jujuba. Nos dias seguintes, foi revelado que o autor do furto era um jovem branco morador da Zona Sul do Rio de Janeiro, verdadeiro tapa na cara da sociedade racista brasileira. Lembrei dos relatos que ouvi de estudantes na Educação de Adultos sobre a necessidade de abandonarem os estudos na idade adequada e só retornarem quando adultos, em decorrência de inevitabilidades e até imposição das famílias para trabalharem. Pensei nas histórias de universitários negros sobre as dificuldades em reconhecerem que o tempo dedicado por eles aos estudos acadêmicos é também trabalho e principalmente, recordei do dia em que cheguei em uma das escolas que fui

Coordenadora Pedagógica e vi um dos estudantes negros do 6 ano sendo abordado por policiais.
Fui até eles e me identifiquei como Coordenadora e disse ao policial que o garoto, era nosso aluno. O policial solicitou afastamento alegando: Professora, eu estou fazendo o meu trabalho. Eu argumentei que também estava fazendo o meu. Quando o estudante sofreu um desmaio ao ver uma arma apontada em sua direção, o policial me ajudou a leva-lo para o interior da escola. Documentos apresentados, a situação foi encerrada.
Tanto Felipe, quanto os policiais e eu utilizamos o trabalho que fazíamos como uma espécie de escudo social que nos legitimasse, humanizasse e protegesse. Fico me perguntando: E se eu e o jovem Felipe não trabalhássemos? Se fizéssemos parte dos milhões de brasileiros desempregados? Se fossemos integrantes dos milhares de desalentados que desistiram de procurar emprego e estivéssemos em um farol vendendo jujubas? Como nos identificaríamos aos policiais?
Se fizermos um percurso histórico para o passado, entenderemos as raízes profundas que deram origem ao pensamento que esteve presente nos comportamentos não só do Felipe, meu, do Matheus e dos policiais, mas está na psiquê de muitos brasileiros: Negros que não estão trabalhando são criminosos em potencial.
Na minha infância, os mais velhos ensinavam que era necessário andar com a carteira profissional no bolso, pois se houvesse um registro de trabalho, problemas seriam evitados ao sair as ruas.
Atualmente sabemos que jovens negros aprendem muito mais do que sempre portarem uma documentação, mas principalmente que vivemos em um pais historicamente racista, onde o projeto colonial para a população negra ainda está em continuidade. Como disse Sueli Carneiro: o plano do governo Bolsonaro para negros é o extermínio ou a submissão.
O abandono estratégico do povo negro ocorre desde o dia 14 de maio 1888. A desigualdade racial entre negros e brancos no mercado de trabalho está presente há séculos, assim como nas demais instituições que possibilitam mobilidade social, como as escolas e universidades.
As disparidades de raça e gênero ainda fazem parte do plano de extermínio dos indesejáveis. Em contrapartida, há muita luta por parte dos que almejam a justiça social. Dentre as conquistas obtidas entre 1888 e os dias de hoje, destaco que já é que possível comprovar através da ciência, dos dados, da literatura e também nas filmagens atualmente feitas por anônimos, que o projeto genocida está fortemente em continuidade no Brasil.
Sabemos que a luta para que pessoas negras possam dar um rolê em um parque sem precisar explicar durante uma abordagem, para onde vão e tão pouco por medo, utilizar o trabalho que desempenham como instrumento de proteção contra o encarceramento ou a morte, ainda tem um longo percurso para percorrer.
É demorado, mas possível destruir uma construção histórica secular que ainda hoje protege uma parcela da sociedade, que permanece no poder porque herdou dos seus ancestrais os benefícios recebidos pela escravização. Dentre os privilégios, podem escolher se desejam ou não trabalhar e jamais vivenciarão uma abordagem policial enquanto transitam desocupados pelas ruas, ou passeiam de bikes no Leblon, porque raramente suspeitarão que sejam criminosos, a exemplo do ocorrido com Matheus e também no parque público onde Felipe esteve.
Fonte: Carta Capital: Este texto não reflete necessariamente a opinião de CartaCapital. https://www.cartacapital.com.br/

Foto: RIO DE JANEIRO – FUZILEIROS NAVAIS PARTICIPAM DE OPERAÇÃO NA FAVELA KELSON'S, ZONA NORTE DA CIDADE (FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL)

Ficha de matéria
Nº: 50
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 15 de junho, 2021
Autor/Autora: Ana Virginia Pinheiro
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares
Texto da matéria
Presidente da Fundação Palmares faz contagem regressiva para expurgo de livros do acervo do órgão Sérgio Camargo afirma que obras que integram patrimônio da instituição promovem 'doutrinação marxista', 'pedofilia', 'sodomia' e 'necrofilia'… Presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo tem postado em suas redes sociais, desde o início do mês, fotos de livros que serão expurgados do acervo do órgão por serem, em suas palavras, relacionados à "doutrinação marxista" ou a "pedofilia, sexo grupal, pornografia juvenil, sodomia e necrofilia". (O Globo, em 9 de junho de 2021, sob o título "Palmares conta os dias para expurgo de livros" (ÉBOLI; GOBBI, 2021)) "Todas as obras que corrompem a missão cultural da Palmares serão excluídas… Um livramento!", anunciou Camargo no Twitter. Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares Considerando a notícia publicada no jornal O Globo, em 9 de junho de 2021, sob o título "Palmares conta os dias para expurgo de livros" (ÉBOLI; GOBBI, 2021), com o lide: "Sérgio Camargo tem publicado nas redes imagens de títulos que serão retirados do acervo, como 'O capital' de Marx […]"; e o Relatório Público do acervo da Fundação Cultural Palmares, publicado em seu portal sob o título "Retrato do acervo: três décadas de dominação marxista na Fundação Cultural Palmares" (2009), destacando os trechos abaixo transcritos: [Palavra do Coordenador-Geral] Cada livro é escrito com um objetivo declarado ou velado. Ele pode educar ou deseducar. Pode informar ou desinformar. Pode conduzir à delinquência ou à honestidade. Nesse sentido, a biblioteca de uma instituição é o retrato fiel do espírito de sua missão. Também é uma tipificação daqueles que a criaram e a nomearam como um conjunto de obras de alto valor cultural (FRENETTE, 2021, p. [6], grifos do autor). Leitura das Obras Inadequadas As obras inadequadas foram lidas pela equipe técnica do CNIRC, seja no decorrer do levantamento, seja porque já constavam da bagagem cultural da equipe. Não há nessas obras nada que as liguem à temática negra ou à promoção do negro na sociedade brasileira. (p. 13, grifos nossos; cabeçalho destacado, no original). Triagem dos Livros Inadequados A separação do que permanecerá no acervo da Palmares do que será descartado obedeceu ao que determina o Regimento Interno, em pleno respeito à Missão Institucional. Não houve julgamentos subjetivos na triagem. Foram aplicados critérios rigorosamente técnicos e legais, os quais conduziram à identificação e separação do material inadequado (p. 15, grifos nossos; cabeçalho destacado, no original);

Desserviço à Cultura
[…] Hoje, quem desejar ler na Palmares, por exemplo, "Papéis Avulsos", de Machado de Assis, encontrará uma edição de 1938, a qual prestará um desserviço ao estudante brasileiro, pois ele aprenderá a escrever "chronica" em vez de crônica; "Hespanha" em vez de "Espanha"; e "annos" em vez de "anos". É um exemplar que só pode ser utilizado por linguistas ou estudiosos machadianos, mas não pelo público em geral. Quem consultar o clássico "Dicionário do Folclore Brasileiro" terá em mãos um livro não só gramatical e ortograficamente desatualizado, mas com páginas soltas e exibindo um forte cheiro de mofo (p. 29, grifos [negritados] nossos; grifos [entre aspeados] do autor; cabeçalho destacado, no original).

Comprovação do Pensamento Delinquencial

O material comprobatório foi dividido em quatorze grupos:

Iconografia Delinquencial;

Iconografia Sexual;

Intromissão Partidária;

Livros com Selos da Palmares;

Sexualização de Crianças;

Pornografia Juvenil;

Técnicas de Vitimização;

Palavras-chaves do Acervo;

Livros Esdrúxulos e Destoantes;

Livros Eróticos, Pornográficos e "Pedagógicos";

Livros de/e sobre Karl Marx;

Livros de/e sobre Lênin e Stalin;

Material Obsoleto;
Processo de Triagem – Equipe CNIRC (p. 36, grifos do autor; cabeçalho destacado, no original);
Considerando ainda que a Fundação Cultural Palmares tem como missão, expressa em seu estatuto através da finalidade de "promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira […]" (BRASIL, 18 maio 2009), endossada no Art. 1º de seu regimento interno (BRASIL, 18 set. 2009);
Temos a ponderar:
Não consta na literatura científica da Biblioteconomia (área de conhecimento no âmbito da Documentação, associada às Ciências da Informação, reconhecida por lei e cuja competência

de formação é atribuída a Instituições de Ensino Superior), qualquer referência aos critérios de seleção arrolados no Relatório supracitado. O relatório foi emitido pelo Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (CNIRC) – uma das "estruturas administrativas finalísticas" da própria fundação, conforme consta no segmento "Estrutura organizacional", em seu portal (FUNDAÇÃO…, 2021).

Políticas e critérios para formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas devem ser alicerçados em literatura específica, técnica e especializada, baseados em princípios bibliométricos e princípios regulados por diagnósticos do estado da arte da coleção, tipologia documental predominante, estudos de uso e da comunidade a ser servida, recursos que podem ser disponibilizados por instituições parceiras, estratégias de desbaste, além da formalização de critérios como a importância do autor, a contribuição da obra, a qualidade do exemplar, o contexto cultural da edição, o índice de citações da obra em fontes bibliográficas e outros que, evidentemente, não constam do Relatório, onde sequer foi arrolada uma bibliografia consultada.

A referência ao caráter do livro, como "escrito com um objetivo declarado ou velado […] que pode conduzir à delinquência" (FRENETTE, 2021, p. [6]), remete às ideias ratificadas pela obra Seduction of the Innocent [A sedução dos inocentes] do psiquiatra alemão naturalizado estadunidense Fredric Wertham (1895-1981), publicada originalmente em 1954 e que definiu as histórias em quadrinhos como baixa literatura e fator de delinquência. A obra, atualmente, é vista muito mais como produto de convicções do que efetivamente um relatório com orientação para a pesquisa científica.

São múltiplos os conceitos firmados e as funções atribuídas aos livros – especialmente, quando se trata de selecioná-los, sem critérios relevantes no âmbito da Bibliografia. Há um exemplo consagrado num clássico da literatura universal, que a vida real insiste em repetir, no sexto capítulo de "Dom Quixote de la Mancha", de Miguel Cervantes (1547-1616), publicado originalmente em 1605, quando um padre, um barbeiro e a sobrinha do engenhoso fidalgo, para salvá-lo dos livros, decidem expurgá-los e, no processo, a eles se referem como pessoas que serão lançadas às chamas ou que, por alguma exceção opinada e por enquanto, lhes será outorgada a vida. Destacando a desqualificação dos censores, Cervantes ironiza a censura que limita o poder da imaginação.

Há, nos dois casos, no século XVII e, agora, no século XXI, um fato em comum: livros foram selecionados com o objetivo de descarte e não de construir ou desenvolver uma biblioteca – atividade que, efetivamente, requer habilitação, qualificação e isenção, à luz dos Princípios da Liberdade Intelectual, declarados pela International Federation of Library Associations and Institutions (1999).

Outro aspecto verificado no Relatório é a ideia de que "a biblioteca de uma instituição é o retrato fiel do espírito de sua missão [e que] também é uma tipificação daqueles que a criaram" – isto não é fato, porque o conjunto objeto dessa opinião é o acervo básico-histórico da Fundação Cultural Palmares, é o acervo fundador de sua biblioteca, o ponto de partida para aquela definição. Um princípio básico de toda coleção é sua indivisibilidade; o todo que, pelo conjunto, evoca valores, sentimentos, escolhas, que informalizam o diálogo entre os próprios livros, verificável nas citações mútuas e que, por sua vez, justificam a ocorrência de livros na coleção – aspecto que o olhar de soslaio, desprovido de bagagem literária ou de capacidade de acolher e investigar o surpreendente, não permite entender.

A visão da biblioteca como uma "tipificação daqueles que a criaram" é anterior à interpretação dada no Relatório, porque há que se relevar a origem do acervo, o histórico das coleções que o compõem, e não apenas o produto de um processo seletivo em que, preliminarmente, dominam qualificativos como inadequado, incompatível, alheio, obsoleto, insignificante, defasado, velho, malcuidado, delinquencial, entre outros juízos de valor

subjetivos, que não relevam quaisquer normas documentárias – não há técnica, não há ciência e, por conseguinte, há que verificar a legalidade disso.
A biblioteca da Fundação Cultural Palmares é uma biblioteca de instituição pública, mas, com certeza, não tem as funções de uma biblioteca pública municipal ou estadual, não é o lugar onde o "estudante brasileiro […] aprenderá a escrever" (RETRATO do acervo…, 2021, p. 29). É o espaço da pesquisa para produção do conhecimento sobre o negro, sua cultura, sua memória, sua história. A reforma ortográfica ou o cheiro de mofo não constituem critérios de descarte nem configuram, respectivamente, obras para "linguistas" ou inservíveis, só evidenciam a idade do acervo e a necessidade de sua preservação, mediante guarda ou descarte – neste caso, em busca do leitor para aquele livro.
A seleção de obras e seu descarte são ações prevista na literatura técnica e científica, e perfeitamente razoáveis. Mas, não são recurso suficiente para definir uma biblioteca ideal, porque o conceito é relativo, inconstante. A história tem demonstrado como livros obscuros, subestimados ou de pouco impacto, escritos há dezenas de anos e até há séculos, são resgatados como registros do conhecimento e ganham significado como se seus autores fossem precursores em seu tempo.
O uso distorcido dos procedimentos de descarte alcança o sentido da inutilidade atribuída aos livros, sob visão restrita a uma época, a uma situação ou ao limite do conhecimento do avaliador. É de se esperar que os livros se rebelem e que em algum momento não se encaixem no perfil esperado, porque, como ponderou Ortega y Gasset, a respeito de tudo o que o homem inventa e cria (2006, p. 31): "precisamente porque é uma criação, permanece no mundo, fora do sujeito que o criou, goza de existência própria […] e, lançado a seu destino particular e inexorável, separa-se da intenção com que o homem o criou para se livrar de um apuro ocasional". E, vale dizer, não é o tempo, mas, o uso ou a falta dele que transforma bibliotecas em espaços vivos ou necrópoles.

É importante, ainda, ressaltar que a biblioteca em análise não resulta de mecenato governamental, comprometida em conteúdo e forma com as políticas governamentais. Não. Esta biblioteca de instituição pública é um poder-dever do Estado Brasileiro, um recurso para alcance do direito do cidadão de acesso à informação – qualquer que seja a informação buscada. É de sua competência preservar toda informação, e não a informação escolhida como certa ou adequada. Em princípio, não existe a biblioteca pública perfeita e completa em tudo, adequada e boa, porque a biblioteca pública será sempre dialética.
Cada item colecionado, por décadas nesta biblioteca, é prova de propriedade e procedência, pressupondo a guarda e o acesso como resultados de políticas de formação e desenvolvimento. Cada item, nesta biblioteca, é testemunho de leituras e intenções de leituras que alicerçaram ideias e ações, defeituosas ou não, mas que edificaram conquistas, como a própria Fundação Cultural Palmares.
A biblioteca, por tudo isto, deve ser preservada – antes de perda irremediável para uma memória que ainda está em processo de reconhecimento e de registro.

Referências

ALVARADO, Rubén Urbizagástegui. Estúdio sincrónico de obsolescência de la literatura: el caso de la Ley de Lotka. Investigación Bibliotecológica: Archivonomia, Bibliotecología e información, Mexico, D.F., v. 28, n. 63, p. 85-113, mayo/ago. 2014. Disponível em: http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/57783. Acesso em: 12 jun. 2021.

ALVARADO, Rubén Urbizagástegui. Obsolescência da literatura sob a lei de Lotka. DataGramaZero, v. 10, n. 1, fev. 2009. Disponível em:

http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6419. Acesso em: 12 jun. 2021.

BRASIL. Decreto Nº 6.853, de 15 de maio de 2009. Aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas da Fundação Cultural Palmares – FCP e dá outras providências. Diário Oficial [da União], Brasília, DF, 18 maio 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6853.htm. Acesso em: 11 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Cultura. Portaria Nº 68, de 18 de setembro de 2009. Aprova o Regimento Interno da Fundação Cultural Palmares-FCP. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=106. Acesso em: 11 jun. 2021.

CARIBÉ, Rita de Cássia V. Conspectus: um método de gerenciamento de coleções em bibliotecas. Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.12, n. 1, p.39-60, jan./abr. 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1617/pdf_53. Acesso em: 12 jun. 2021.

CERVANTES, Miguel. El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha. In: CERVANTES, Miguel de. Obras completas. Madrid: M. Aguilar, 1943. p. 997-1514.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros. Tradução Leonor Graça. Lisboa: Veja, Passagens, 1997.

CHINEN, Nobu. Reinterpretando Wertham: influência de Seduction of the Innocent nos estudos de quadrinhos no Brasil. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2., 2013, São Paulo. [Anais…]. São Paulo: USP, Escola de Comunicações e Artes, 2013. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais2asjornadas/anais/10%20-%20ARTIGO%20-%20NOBU%20CHINEN%20-%20HQ%20E%20HISTORIA.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

ÉBOLI, Evandro; GOBBI, Nelson; Palmares conta os dias para expurgo de livros. O Globo, Rio de Janeiro, 9 jun. 2021. Segundo Caderno, p. 2.

ESCARPIT, Robert. A revolução do livro. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Instituto Nacional do Livro, 1976.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Avaliação de coleções e estudo de usuários. Brasília, DF: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1979.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Desenvolvimento & avaliação de coleções. 2. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 1998.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Estudos de usos e usuários da informação. Brasília: IBICT, 1994.

FRENETTE, Marco. O espírito de uma instituição. In: RETRATO do acervo: três décadas de dominação marxista na Fundação Cultural Palmares. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2021. (Relatório Público 01 – CNIRC). p. [6]. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/. Acesso em: 11 jun. 2021.

FRIEIRO, Eduardo. Os livros, nossos amigos. Brasília, DF: Senado Federal, 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. [Portal]. Brasília, DF, [2021]. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/. Acesso em: 11 jun. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS.Access and Opportunity for All: how libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda. Hague, 2015. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/access-and-opportunity-for-all.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS.Declaração da IFLA sobre as Bibliotecas e a liberdade intelectual. Haia: Comité sobre a Liberdade de acesso à Informação e sobre a Liberdade de Expressão da IFLA, 1999. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/faife/statements/iflastat_pt.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS.Declaração de Lyon sobre o Acesso à Informação e Desenvolvimento. Haia, 2014. Disponível em: <http://www.lyondeclaration.org/content/pages/lyon-declaration-pt.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Directrizes para uma política de desarrollo de las colecciones sobre la base del modelo Conspectus. Hague: IFLA, Sección de Adquisiciones y Desarrollo de las Colecciones, 2001. Disponível em: http://archive.ifla.org/VII/s14/nd1/gcdp-s.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS.Diretrizes da IFLA para Bibliotecas Públicas. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. Missão do bibliotecário. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de lemos/Livros, 2006.

PINHEIRO, Ana Virginia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). Acervos especiais: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

PINHEIRO, Ana Virginia. Teoria do livro: uma visão holística. In: PORTAL do Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/c6300fe0b493c4d0ee69514d62e92ad9.pdf. Acesso em 11 jun. 2021.

RETRATO do acervo: três décadas de dominação marxista na Fundação Cultural Palmares. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2021. (Relatório Público 01 – CNIRC). Disponível

em: http://www.palmares.gov.br/. Acesso em: 11 jun. 2021.

ROUVEYRE. Édouard. Dos livros. Tradução Claire de Levys. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

VERGUEIRO, Waldomiro. Desenvolvimento de coleções. São Paulo: Polis: APB, 1989.

VERGUEIRO, Waldomiro. Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2010.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. TransInformação, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez. 2012.Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/16292271.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

WEITZEL, Simone da Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 7 n.1, p.61-67, jan./jun. 2002. Disponível em: http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/414/227. Acesso em: 11 jun. 2021.

WERTHAM, Fredric. Seduction of the Innocent. New York: Rinehart Hardcover, [c1954].

Rio de Janeiro, 12 de junho de 2021.

Ana Virginia Pinheiro

Bibliotecária

CRB7/2761

—

Bibliotecária, especialista em Administração de Projetos Culturais (FGV/EIAP) e Mestre em Administração Pública (FGV/EBAPE), foi Bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional brasileira por 38 anos (1982-2020), sendo 16 como Chefe e Curadora das Obras Raras. É Professora adjunta da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), integra o Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco (em demanda de reinstalação/renovação), além de grupos de pesquisa sobre memória, raridade e preservação de acervos. Dedica-se ao estudo e à avaliação de coleções bibliográficas especiais.

Lattes/currículo: http://lattes.cnpq.br/1451014589696902

Google Scholar: https://scholar.google.com.br/citations?user=asyz3PQAAAAJ&hl=pt-BR

Ficha de matéria
Nº: 51
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 15 de junho, 2021

Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Bahia: Avenida Bonocô ganha painel de grafite sobre Capoeira
Texto da matéria
Quem passa diariamente pela Avenida Bonocô, em Salvador, vai notar uma bela diferença na paisagem urbana. Agora um dos pilares da estação de metrô de Brotas conta com um painel de grafite com cinco metros de altura. A obra é do artista Hilton Baga e foi inspirada na capoeira, manifestação cultural tradicional da Bahia. A ideia do artista é trazer a história deste movimento cultural, que é reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade desde 2014. Confira o painel: Situado na Bonocô, painel foi grafitado por Hilton Braga | Foto: divulgação Segundo o artista Hilton Braga, aproveitar o espaço da rua em um ponto por onde passam milhares de pessoas por dia é valorizar a arte e inseri-la na rotina da população. Dessa forma, surgiu a ideia de colorir a cidade de forma criativa e responsável através da arte urbana, transformando os espaços ocupados. “O metrô sem sido também um espaço de valorização artística na cidade, com um calendário de exposições, ações culturais e com a presença do grafite, transformando muros em arte”, explica o Gestor de Comunicação da CCR Metrô Bahia, Álvaro Britto. O projeto foi idealizado pelo Coletivo Cultural e a Maré Cheia Produções Criativas e Sustentáveis e apoio financeiro da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Fonte: https://www.ibahia.com/

Ficha de matéria
Nº: 52
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 13 de Junho, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
PORQUE
Texto da matéria
Este poema, de Sophia de Mello Breyner Andersen, denuncia as injustiças e desigualdades sociais, traz uma reflexão contundente sobre o atual panorama da nossa arte-luta… nossa capoeiragem… Fica ai um importante exercicio de sensibilização e reflexão sobre posicionamento… pois todos os outros se calam… mas TU NÃO!!! PORQUE Porque os outros se mascaram mas tu não Porque os outros usam a virtude Para comprar o que não tem perdão Porque os outros têm medo mas tu não Porque os outros são os túmulos caiados Onde germina calada a podridão. Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
Sophia de Mello Breyner Andresen foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.

Ficha de matéria
Nº: 53
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 22 de Maio, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de "escória maldita"
Texto da matéria
De todos os descalabros, incoerências e inconsistências que possamos imaginar, este sujeito é capaz de merecer um lugar de destaque no que tange ao desrespeito à cultura e à cidadania… Este fulano, está para o respeito e a tradição, assim com Bolsonaro está para Obama… Conhecido na comunidade pelas suas façanhas e pela sua politica enviesada e desprovida de qualquer negritude, o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo Nascimento, fecha a semana com chave de ouro* Do lado de cá do oceano, tento refletir… tento entender… talvez me faltem alguns neurónios?!? Como este capitão do mato pode estar a frente desta instituição… como pode representar algo intitulado de PALMARES!!! Luciano Milani Presidente da Fundação Palmares é investigado por chamar Mãe Baiana de Oyá de "macumbeira" e "filha da p*" Em reunião a portas fechadas, Camargo também afirmou que quem é 'macumbeiro' não terá um centavo da autarquia. BRASÍLIA – O presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo, classificou o movimento negro como "escória maldita", que abriga "vagabundos", e chamou Zumbi de "filho da puta que escravizava pretos". A portas fechadas, Camargo também manifestou desprezo pela agenda da "Consciência Negra", se referiu a uma mãe de santo como "macumbeira" e prometeu demitir diretores da autarquia que não tiverem como "meta" a demissão de um "esquerdista" O Ministério Público Federal (MPF) instaurou um inquérito para investigar declarações do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo Nascimento, que chamou Adna Santos, mais conhecida como Mãe Baiana de Oyá, de "filha da puta", "macumbeira" e "miserável". Segundo informações de Lauro Jardim, no jornal O Globo deste sábado (22), a Procuradoria da República no Rio apura denúncia do Conselho Estadual dos Direitos

do Negro por discriminação.
Áudio vazado de uma reunião no dia 30 de abril de 2020, mostram Nascimento xingando Adna.
"Tem gente vazando informação aqui pra mídia. Vazando pra uma mãe de santo, uma filha da puta de uma macumbeira. Uma tal de Mãe Baiana, aquela que infernizava a vida de todo mundo. É. Além de fazer macumba pra mim, essa miserável tá querendo agitar invasão aqui de novo. Eu sei, tem gente no grupo dela de WhatsApp. Tinha esquema. Não vai ter nada, nada pra terreiro, da Palmares, enquanto eu estiver aqui dentro. Nada, sério. Macumbeiro não vai ter nenhum centavo", disse.
Sérgio Camargo
As afirmações do presidente da Fundação Palmares foram feitas durante reunião com dois servidores, no dia 30 de abril. O Estadão teve acesso ao áudio da conversa (ouça abaixo este e outros áudios) e apurou que o encontro ocorreu, na tarde daquele dia, para tratar do desaparecimento do celular corporativo de Camargo. Ao ser cobrado pelo ressarcimento do telefone, ele ficou irritado e alegou que o aparelho sumiu no período em que estava afastado do cargo, por decisão judicial.
No diálogo, Camargo diz que havia deixado o celular numa gaveta da fundação e insinua que o furto pode ter sido proposital, com o intuito de prejudicá-lo. É nesse momento que ele se refere ao movimento negro de forma pejorativa.
As afirmações do presidente da Fundação Palmares foram feitas durante reunião com dois servidores, no dia 30 de abril
"Eu exonerei três diretores nossos (…). Qualquer um deles pode ter feito isso. Quem poderia? Alguém que quer me prejudicar, invadir esse prédio para me espancar, invadir com a ajuda de gente daqui… O movimento negro, os vagabundos do movimento negro, essa escória maldita", disse o presidente da Fundação Palmares. "Agora, eu vou pagar essa merda aí", completou, numa referência ao telefone.
A gravação veio à tona na esteira dos protestos antirrascistas nos EUA após a morte do segurança George Floyd, asfixiado por um branco.
Discípulo do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo, Camargo se apresenta no Twitter como um "negro de direita, antivitimista, inimigo do politicamente correto, livre". Jornalista de formação, ele coleciona polêmicas. Em um post recente, após o assassinato de Floyd – vítima da brutalidade policial norte-americana –, Camargo afirmou, por exemplo, que "nosso inútil movimento negro tenta importar para o Brasil os atos anarquistas e criminosos do Black Lives Matter, a antifa negra dos EUA".
Em 30 de abril, na conversa com dois servidores — um deles coordenador de gestão —, Camargo afirmou ter sido afastado do comando da Palmares, durante três meses, por uma liminar que censurou suas opiniões em redes sociais. Na época, a Justiça considerou suas declarações, minimizando o crime de racismo, incompatíveis com o cargo. Camargo contou que, por causa da suspensão, teria de devolver o salário de dezembro de 2019 e tentaria parcelar o débito em dez vezes, pois havia contraído cerca de R$ 50 mil em dívidas. Logo depois, ameaçou fazer retaliações.
Entre um palavrão e outro, o presidente da Fundação Palmares assegurou que o processo para tirá-lo do comando da autarquia "não vai dar em nada" porque teria havido "usurpação" do poder do presidente Jair Bolsonaro. "Esses filhos da puta da esquerda não admitem negros de direita. Vou colocar meta aqui para todos os diretores, cada um entregar um esquerdista. Quem não entregar esquerdista vai sair. É o mínimo que vocês têm que fazer", advertiu.
Sob o argumento de que suas opiniões refletem "liberdade de expressão", Camargo mais uma vez criticou Zumbi dos Palmares, que dá nome à autarquia. "Não tenho que

admirar Zumbi dos Palmares, que, para mim, era um filho da puta que escravizava pretos. Não tenho que apoiar agenda consciência negra. Aqui não vai ter, vai ter zero da consciência negra. Quando cheguei aqui, tinham eventos até no Amapá, tinha show de pagode no dia da consciência negra", protestou.

O Ministério Público Federal (MPF) encaminhou representação à Procuradoria da República no Distrito Federal, no mês passado, pedindo que o presidente da Fundação Palmares responda na Justiça por improbidade administrativa. A iniciativa foi tomada depois de Camargo ter determinado, no dia 13 de maio – data em que a abolição da escravatura completou 132 anos –, a publicação de uma série de artigos depreciativos sobre Zumbi, símbolo do movimento negro no Brasil, no site oficial da instituição e nas redes sociais.

No áudio ao qual o Estadão teve acesso, Camargo também se referiu a uma mãe de santo como "macumbeira" e avisou que não daria verba para terreiros, numa alusão a locais usados para cerimônias de candomblé e outras religiões de matriz africana. "Tem gente vazando informação aqui para a mídia, vazando para uma mãe de santo, uma filha da puta de uma macumbeira, uma tal de Mãe Baiana, que ficava aqui infernizando a vida de todo mundo", disse ele, numa referência a Adna dos Santos.

Conhecida como Mãe Baiana, Adna é uma das lideranças mais atuantes do candomblé no Distrito Federal. "Não vai ter nada para terreiro na Palmares enquanto eu estiver aqui dentro. Nada. Zero. Macumbeiro não vai ter nem um centavo", garantiu Camargo. Em outro trecho da gravação, ele trata com desdém a cultura afrodescendente. "Eu não vou querer emenda dessa gente aqui. Para promover capoeira? Vai se ferrar", esbravejou.

As polêmicas de Sérgio Camargo

Escolhido por Bolsonaro em novembro do ano passado, o presidente da Fundação Palmares teve a nomeação suspensa pelo Tribunal Regional da 5.ª Região após defender a extinção do movimento negro e dizer, entre outras coisas, que o Brasil tem um "racismo nutella". Em fevereiro, porém, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) acatou recurso da Advocacia Geral da União e ele pôde assumir o cargo. Organizações do movimento negro acionaram, então, a Defensoria Pública da União (DPU), que recorreu da decisão ao STJ, protocolando ação civil pública contra a nomeação.

Na reunião de abril, Camargo afirmou que a Defensoria Pública da União é um órgão "totalmente aparelhado". "Essa miserável da DPU está com recurso no STJ para tentar me tirar daqui de novo. E o caso segue sub judice. Totalmente aparelhado, totalmente de esquerda", criticou o dirigente. Na sequência, um de seus interlocutores disse que a DPU é "o PSOL do Ministério Público".

Além de já ter considerado a escravidão como "benéfica para os descendentes", Camargo sempre negou a existência do racismo no Brasil e chamou as cotas raciais de "um absurdo". Em mais de uma ocasião, o presidente da Fundação Palmares descreveu o Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, como sendo uma data da qual a esquerda se apropriou para propagar vitimismo e ressentimento racial.

Sérgio Camargo diz que gravação da reunião foi 'ilegal'

Em nota divulgada nesta terça-feira, 2, Camargo disse que a gravação da reunião de 30 de abril foi "ilegal". Afirmou, ainda, que a Fundação Palmares está em "sintonia" com o governo Bolsonaro, sob novo modelo de comando, voltado para a população (…) "e não apenas para determinados grupos que, ao se autointitularem, representantes de toda população negra, histórica e deliberadamente se beneficiaram do dinheiro público".

Ouça os áudios da reunião (Clique no título para abrir a pagina do Estadão e ouvir os outros audios)
1. Neste trecho, Sérgio Camargo afirma que a Defensoria Pública da União (DPU) é um órgão "miserável" e "totalmente aparelhado, totalmente de esquerda". A DPU recorreu ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) contra a liberação de Camargo para assumir o atual posto. O presidente da Fundação Palmares também chama Zumbi, que dá nome à instituição que comanda, de "um filho da puta que escravizava pretos".
2. Trecho no qual Sérgio Camargo chama uma mãe de santo de "macumbeira". E fala que "não vai ter nada para terreiro" , uma referência às religiões de matriz africana, enquanto ele presidir a Fundação Palmares. "Macumbeiro não vai ter nem um centavo".
3. Trecho no qual Sérgio Camargo fala que a sua suspensão da presidência da Fundação Palmares foi uma intromissão indevida e compara com situação da tentativa de nomeação de Alexandre Ramagem como diretor-geral da PF, que acabou barrada pela Justiça. Também diz que vai colocar meta para diretores "entregarem" pelo menos "um esquerdista" cada para ser demitido, exonerado ou transferido da fundação.
4. Sérgio Camargo reforça para que funcionários denunciem supostos "esquerdistas" que trabalham na instituição.
5. Sérgio Camargo diz que não vai aceitar emendas de deputados do PT com recursos para promover capoeira, esporte de origem africana trazido ao Brasil no período da escravidão.

Leia a nota de Sérgio Camargo na íntegra
O presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, lamenta a gravação ilegal de uma reunião interna e privada. Assim, reitera que a Fundação, em sintonia com o Governo Federal, está sob um novo modelo de comando, este mais eficiente, transparente, voltado para a população e não apenas para determinados grupos que, ao se autointitularem representantes de toda a população negra, histórica e deliberadamente se beneficiaram do dinheiro público.
"Infelizmente, ainda existem, na gestão pública, pessoas que não assimilaram esta mudança e tentam desconstruir o trabalho sério que está sendo desenvolvido. Seguimos firmes em prol do Brasil e dos brasileiros!" (Sérgio Camargo)
Fontes: https://revistaforum.com.br/ e https://politica.estadao.com.br/

Matéria indicada por: Letícia Vidor

Ficha de matéria
Nº: 54
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 22 de Maio, 2021
Autor/Autora: (Repostado) Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Ireti : Teatro online – Inspirada na mitologia Iorubá, peça aborda necropolítica brasileira
Texto da matéria
Cia. do Despejo faz crítica à necropolítica brasileira na videoarte online 'IRETI', inspirada na mitologia Iorubá Com dramaturgia de Ingrid Alecrim e direção de Thaís Dias, a distopia narra a

história de uma mãe preta que pariu o Brasil e, depois de ser preterida pela nação, reivindica seus direitos de criação

Com a missão de dar voz às culturas afrodiaspóricas – que foram depreciadas ao longo da História -, a Cia. do Despejo estreia a videoarte online "IRETI", inspirada no espetáculo de mesmo nome. A obra é uma crítica à necropolítica brasileira e às violências sofridas pelas mulheres negras em nosso país. O texto ficou em 4º lugar no edital de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos, realizado pelo CCSP – Centro Cultural São Paulo em 2019.

As cenas foram gravadas sem plateia e seguindo todos os cuidados para garantir a segurança do elenco. O resultado será transmitido entre os dias 15 e 18 de abril, 13 a 16 de maio, 19 a 22 de junho e 17 a 19 de julho, sempre às 20h, pelo canal da Cia. Mungunzá de Teatro no YouTube.

A montagem, que tem dramaturgia de Ingrid Alecrim e direção de Thaís Dias, é inspirada na mitologia Iorubá, sobretudo na figura de Nanã Buruku, orixá que cedeu a lama do seu domínio para a criação dos corpos humanos. Ela também é responsável pela desencarnação, uma vez que exige de volta a matéria criadora da vida.

"O texto surgiu da ideia persistente de que o Brasil (conforme nominado após a colonização) foi parido e aleitado por mulheres indígenas, africanas e afrodescendentes. "Nosso 'mundo' é moldado através das mãos dessas mulheres e, muitas vezes, contra suas vontades. Na colonização, tudo o que é frutífero ficará arrasado: a terra e suas preciosidades, o corpo feminino e sua capacidade de gerar os povos miscigenados, que já nascem sob dominação", revela a dramaturga Ingrid Alecrim.

A narrativa é conduzida por uma mãe preta e pobre, a personificação de Nanã Buruku. Ela ergueu o Brasil com os próprios braços, mas foi preterida pelo país e, agora, mergulhada em um contexto de miséria, violência, fome e terror, assiste a seus filhos serem mortos e presos e a suas filhas serem estupradas.

A matriarca furiosa reivindica seus direitos de criação, exige que a matéria humana retorne para si e procura alguma maneira de acabar com o mundo em desequilíbrio. A personagem é inserida em uma distopia, na qual as guerrilhas urbanas e rurais expandem uma guerra contra a governança brasileira. E, nesse contexto, ela reflete sobre o que precisa ser mudado se quisermos viver em um país mais justo e menos violento.

"Ela toma as rédeas da existência humana, se colocando como uma figura central da história do Brasil, e não aceita ser musa, escrava, empregada ou ladra. Ela deixa de ser protagonista de uma história silenciada e solitária e se assume como protagonista da nação. Com essa história, a Cia do Despejo, da qual sou cofundadora, valoriza as narrativas das mulheres brasileiras ao dar voz às verdades desagradáveis, às culturas afrodiaspóricas depreciadas e à configuração de uma realidade apocalíptica convergente com os acontecimentos atuais", comenta a autora.

Além de denunciar todos os tipos de atrocidades cometidas contra a população negra desde a colonização, a peça tem a proposta de valorizar as ancestralidades.

"A todo momento são reavivados saberes e costumes ancestrais que chegam a nós através da afrodiáspora e das culturas orais indígenas. Ritos de cura e presenças míticas permeiam a narrativa e seus acontecimentos. A mitologia Iorubá chegou ao Brasil por meio das pessoas escravizadas e sobrevive através de muita resistência, também inevitavelmente mesclada à cultura do colonizador", acrescenta.

Segundo Thaís, a encenação nasceu de uma estética uterina, "gestada coletivamente por uma equipe desejante desse nascimento/estreia/partilha cênica. Plasticamente

composta de elementos suspensos, a cenografia e os objetos cênicos de Lui Cobra trazem em suas formas e funcionalidades as possibilidades de jogo entre os atuadores e o local da montagem. São camadas de tecidos, paredes-véus a serem costuradas, defumação flutuante, uma banheira parideira: nosso trono de assentamento para esperança não vindoura nesse Brasil-Terra-Chão", afirma.
O figurino criado por Duda Viana funciona como uma segunda pele, obedecendo aos tons terrosos do cenário e fazendo uma alegoria das figuras a serem interpretadas. "Um elemento que liga a espacialidade e as vestimentas são as máscaras feitas por Cleydson Catarina, que representam as nossas vozes, as vozes das mulheres pretas desse Brasil e a das nossas ancestrais", completa.
SOBRE INGRID ALECRIM – TEXTO
Ingrid Alecrim é atriz, dramaturga, roteirista, produtora cultural e maquiadora. É cofundadora da Cia do Despejo, onde atuou como cocriadora, atriz, figurinista e maquiadora do espetáculo "Fêmea" e atualmente é dramaturga e produtora do espetáculo "IRETI".
Formada como atriz pela SP Escola de Teatro, iniciou sua trajetória artística através do Teatro Vocacional nos anos de 2006 a 2011. Atualmente, cursa licenciatura em Artes Cênicas na ECA/USP.
SOBRE THAIS DIAS – DIREÇÃO
Artista piracicabana atuante como atriz, figurinista, produtora cultural, arte educadora e diretora artística. Atriz formada pela Escola Livre de Teatro de Santo André-ELT (2009).
Atriz do Grupo de Teatro Forfé, Coletivo Quizumba. Cantora nos rspetáculos de Repertório da Cia Treme Terra; e da Cia Zona Agbara. Atuou como diretora artística das obras "Degredo", em 2015, e em "IRETI", montagem em andamento em 2021.
Encontra-se em pesquisa para elaboração do figurino dos processos artísticos dos grupos: Zona Agbaras, Coletivo Okan e a Coletiva de Teatro. E em processo criativo temporariamente intitulado: "Camadas da Pele /ou/ Parir a si mesma" onde investiga sua negritude, pele, feminismos e matriarcado.

SINOPSE
A narrativa é guiada por uma mãe preta inspirada na personificação de Nanã Buruku. Na história ela aparece como a mulher que pariu e levantou com seus braços o Brasil. País que a pretere, mata seus filhos e lhe relega a ingratidão e as sobras.
Vislumbrando este mundo onde suas crianças vivem numa realidade cruel de fome, violência e dor, ela deseja a matéria da criação de volta para si, buscando uma maneira de acabar com um mundo desequilibrado. Nana reivindica seus direitos a uma boca que fala e a mãos que curam e matam. Ela se assume como a terra aberta, pulsando e se preparando para voltar ao início.

FICHA TÉCNICA
Dramaturgia: Ingrid Alecrim
Encenação: Thaís Dias
Direção de movimento: Carol Ewaci
Intérpretes: Breno Furini, Isamara Castilho e Jennifer Souza
concepções luminosas: Carolina Gracindo
Composição sonora: Aline Machado
Concepção de figurino e costura: Duda Viana
Concepção de cenografia e cenotécnica: Lui Cobra
Orientação de percussão: Helena Menezes Garcia

Orientação de máscaras: Renata Kamla
Mascareiro: Cleydson Catarina
Fotografia: Duda Viana
Artes de divulgação: Afrobela
Produção: Ingrid Alecrim
Assessoria de Imprensa: Bruno Motta Mello e Verônica Domingues – Agência Fática
Este projeto foi contemplado pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais do Município de São Paulo – VAI.
SERVIÇO
IRETI, da Cia do Despejo
Apresentações: 15 a 18 de abril, de quinta a domingo, às 20h
13 a 16 de maio, de quinta a domingo, às 20h
19 a 22 de junho, de sábado a segunda, às 20h
17 a 19 de julho, de sábado a segunda, às 20h
Transmissão pelo canal do YouTube da Cia Mungunzá: https://www.youtube.com/c/CiaMungunz%C3%A1deTeatro
Ingressos: grátis
Duração: 30 minutos
Classificação: 16 anos
Facebook: @ciadodespejo
Instagram: @ciadodespejo
Imagem Crédito: Duda Viana

Ficha de matéria
Nº: 55
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 25 de Janeiro, 2021
Autor/Autora: (Repostado) Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
50 anos de tombamento da cidade de Cachoeira – BA
Texto da matéria
Aniversário de tombamento de Cachoeira, no recôncavo baiano, será celebrado com evento online Cachoeira foi reconhecida como Cidade Monumento Nacional em 1971 e tombada no mesmo ano. O município reúne um dos mais importantes acervos arquitetônicos barrocos do Brasil. Para comemorar os 50 anos de tombamento do conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Cachoeira, situada no recôncavo baiano, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) promoverá a partir da segunda-feira, 25 de janeiro, um webnário. O evento online seguirá até a sexta-feira, 29 de janeiro, sempre com início às 19h30, e será transmitido pelo canal oficial do Iphan no YouTube. A programação vai contar com a participação de professores, pesquisadores, representantes culturais e autoridades, que ministrarão debates em formato de mesas-redondas e apresentações. O webnário contará também com apresentações das filarmônicas Lyra Ceciliana, Minerva Cachoeirana e do grupo Gegê Nagô. Cachoeira foi reconhecida como Cidade Monumento Nacional em 1971 e tombada no mesmo ano. O município reúne um dos mais importantes acervos arquitetônicos

barrocos do Brasil.
No total, o conjunto urbano de Cachoeira possui cerca de 670 edificações e, além do acervo colonial, a Ponte D. Pedro II, o mercado, a ferrovia e a hidrelétrica são importantes marcos culturais.
Veja abaixo a programação para todos os dias de evento:
25/01 – Segunda-feira
19h30 – Tema: Atribuição de valores do conjunto tombado de Cachoeira e instrumentos de gestão implementados por órgãos governamentais
Prof. Dr. Nivaldo Andrade – Arquiteto e Urbanista PPGAU/UFBA
Prof. Dr. Paulo Ormindo de Azevedo – Arquiteto e Urbanista PPGAU/UFBA
Bruno Sampaio Tavares – Engenheiro Civil/Superintendente do Iphan na Bahia
João Gustavo Andrade – Arquiteto e Urbanista/Chefe do Escritório Técnico do Iphan em Cachoeira
Mediação: Camilla Souza
26/01 – Terça-feira
19h30 – Tema: A etnomusicologia do Samba de Roda em Cachoeira e no Recôncavo Baiano
Apresentação Filarmônica Lyra Ceciliana
Eliana Gonzaga – Prefeita do município de Cachoeira-BA
Davi Rodrigues – Secretário de Cultura e Turismo de Cachoeira-BA
Prof. Dra. Francisca Helena Marques – Cientista Social/CAHL/CECULT/UFRB
Dra. Dalva Damiana de Freitas – Cantora e Compositora/Fundadora do Grupo de Samba de Roda Suerdieck
Ananias Viana – Integrante do Samba de Roda Suspiro do Iguape
Mediação: Camilla Souza
27/01 – Quarta-feira
19h30 – Tema: As irmandades católicas de Cachoeira-BA e seus rastros urbanos: celebrações, procissões e fé
Apresentação Filarmônica Minerva Cachoeirana
José Luiz Anunciação Bernardo – Vereador do município da Cachoeira-BA
Prof. Me. Vanhise da Silva Ribeiro – Cientista Social / CAHL/UFRB
Ir. Joselita Sampaio – Integrante da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte
Leonardo Marques – Integrante da Irmandade de Nossa Senhora D'Ajuda
Mediação: Camilla Souza
28/01 – Quinta-feira
19h30 – Tema: Diáspora e raízes africanas: a capoeira e os Terreiros de Candomblé em Cachoeira-BA

Apresentação grupo Gegê Nagô.
Roberaldo Galiza – Presidente do Conselho de Políticas Culturais de Cachoeira-BA
Prof. Dr. Antônio Liberac Pires – Historiador e Antropólogo CAHL/PPGMPH/UFRB
Jorgenei Gomes dos Santos (Ney Pontão) – Músico e compositor/Instrutor do Grupo de Capoeira Ginga Mundo/Coordenador do Ponto de Cultura Muleki é Tu
Edvaldo de Jesus Conceição (Buda de Bobosa) – Ogã do Terreiro Zoogodo Bogun Male Rundô (Roça do Ventura)
Antônio dos Santos (Pai Duda de Candola) – Ogã do Terreiro Ilê Axé Icimimó Aganjú Didê
Mediação: Camilla Souza
29/01 – Sexta-feira
19h30 – Tema: Experiências empíricas e acadêmicas no conjunto urbano de

Cachoeira: conquistas, desafios e novas perspectivas
Dyane Brito Reis Santos – Diretora do CAHL/UFRB
Prof. Dr. João Carlos Salles – Reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro – Geógrafo – PPGG/UFRJ/MP Centro Lúcio Costa/IPHAN
Jomar Lima – Museólogo/Diretor da Fundação Hansen Bahia
Mediação: Camilla Souza

Ficha de matéria
Nº: 56
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 19 de Agosto, 2020
Autor/Autora: (Repostado) Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Grupos artísticos buscam doações para se manter em Maringá
Texto da matéria
Dois dos mais tradicionais grupos de Maringá na área artística abriram financiamento coletivo. A Companhia Pedras Teatro e Circo e a Associação de Capoeira Centro Cultural Sucena estão em busca de doações para manter as atividades. Embora estejam funcionando, as duas iniciativas tiveram as ações diminuídas devido à pandemia da Covid-19. Com isso, a situação financeira se complicou. Com 26 anos completados recentemente oferecendo diversas formas de arte e resistência cultural, a Cia Pedras buscou se inovar. Começou a dar aulas online, a vender livros e artesanatos. O grupo pretende arrecadar R$ 4 mil para o pagamento de despesas básicas e melhorar a produção audiovisual, diz a diretora da companhia, Iara Ribeiro. Funcionando há cerca de 30 anos em Maringá, a associação Sucena trabalha para preservar a memória da cultura afro, focando principalmente na capoeira. O grupo recebe dinheiro com aulas e oficinas, além de outras ações. Houve redução dos trabalhos devido à pandemia, mas as contas permaneceram. O grupo quer arrecadar R$ 12 mil, explica a contramestra Lissandra Silva. Os interessados em ajudar devem acessar os seguintes links: apoia.se/ciapedras e benfeitoria.com/sucena. Ver tambem: Coletivo Capoeiragem

Ficha de matéria
Nº: 57
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 18 de Agosto, 2020
Autor/Autora: Allan Carlos Moreira Magalhães
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Patrimônio cultural imaterial: o que comemorar?
Texto da matéria
Patrimônio cultural imaterial: o que comemorar? O Decreto nº 3.551, que regulamenta em âmbito federal o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, completa neste mês de agosto duas décadas de existência, o que torna inevitável questionarmos: há razões para comemorarmos? A resposta é sim.

E podemos pontuar alguns desses motivos.
‘Defender o patrimônio histórico é garantir nosso direito à memória e contribuir para o futuro’
O primeiro é que num país cuja legislação é feita para não ser aplicada, essa é uma norma cuja prática administrativa rapidamente lhe deu efetividade, de tal forma que o seu status jurídico, situado abaixo das leis, não foi obstáculo para a implementação de uma mudança de rumo na política de proteção do patrimônio cultural.
O referido decreto rompe a hegemonia do tombamento (Decreto-Lei nº 25, de 1937) dos bens culturais ligados a fatos memoráveis da História ou dotados de valor excepcional, dando espaço a um novo conjunto de bens culturais, cuja dimensão imaterial é predominante. O bem a ser protegido pelo Registro não é o patrimônio de “pedra e cal” de natureza estática e que anseia a imutabilidade, mas os saberes, as formas de expressão, as celebrações e os lugares aonde se reproduzem práticas culturais coletivas.
Essa mudança cria um importante espaço para o desenvolvimento de uma democracia cultural que pode ser considerada um outro motivo para festejar o respectivo decreto, pois mesmo em construção e precisando ser aperfeiçoada, ela viabiliza o reconhecimento do valor cultural dos bens pertencentes a grupos não hegemônicos, que reivindicam o seu espaço legítimo na construção da identidade cultural brasileira, a partir da diversidade.
A capoeira é exemplo dessa mudança. O Código Penal de 1890 considerava crime “fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem”. A pena: “prisão cellular por dous a seis mezes” (Art. 402). Atualmente, a capoeira (Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira) é patrimônio cultural brasileiro registrado pelo Iphan (2008) nos Livros dos Saberes e das Formas de Expressão e a UNESCO (2014) lhe conferiu o título de patrimônio da humanidade.
O Brasil possui 48 bens culturais imateriais registrados pelo Iphan com fundamento na referida norma. A dimensão territorial do país e a diversidade cultural existente pode induzir alguns a pensarem que não seja um número expressivo. Contudo, mais importante que a quantidade é a continuidade dos registros, sendo este um terceiro motivo para celebrar as conquistas desta norma, pois desde 2002, ano dos primeiros Registros (Ofício das Paneleiras de Goiabeiras e Arte Kusiwa), mantém-se uma regularidade, de forma que a norma nunca caiu em desuso, mas, ao contrário, está em processo de consolidação de uma política cultural que tem o desafio de se redesenhar a cada ação de salvaguarda e se adequar às peculiaridades de cada bem cultural imaterial, pois são dinâmicos e mutáveis.
Mas, além de dar visibilidade às comunidades não hegemônicas, o Registro dos bens imateriais evidencia a importância dos detentores desse patrimônio (mestres de capoeira, paneleiras, rendeiras, artesãs, entre outros) e das comunidades a que pertencem, tornando-os sujeitos essenciais na construção da política de salvaguarda, como intérpretes do seu próprio patrimônio.
Assim, o quarto motivo para saudar as conquistas da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial é a mudança, mesmo tímida, mas que tende a consolidar a participação comunitária na construção da política cultural de salvaguarda dos bens culturais intangíveis conjuntamente com o poder público.
Esses motivos de celebração do Decreto nº 3.551, de 2000 (efetividade, democracia cultural, continuidade e participação comunitária) não estão consolidados, mas apontam um importante caminho a ser trilhado para a efetivação dos direitos culturais. Para tanto, é preciso dar continuidade às atividades de instrução dos

processos que se encontram em curso perante o Iphan, para permanecer priorizando o saber construído e não o saber dado.
Escrito por: Allan Carlos Moreira Magalhães, doutor em Direito, articulista do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais (IBDCult), professor e pesquisador com estudos no campo dos Direitos Culturais
Fonte: https://politica.estadao.com.br/

Ficha de matéria
Nº: 58
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 21 de Abril, 2019
Autor/Autora: (Repostado) Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Campinas: Multidão acompanha Lavagem da Escadaria da Catedral
Texto da matéria

A lavagem celebra a resistência do povo negro e o legado cultural e religioso trazido por eles de várias partes do mundo
Muita gente foi conferir na manhã deste Sábado de Aleluia (20) a tradicional lavagem das escadarias da Catedral Metropolitana de Campinas. Nesse ano o ato, que é uma mistura de fé, religião, tradição e cultura, chegou a sua 34º edição.
A lavagem celebra a resistência do povo negro e o legado cultural e religioso trazido por eles de várias partes do mundo.
Antes da Lavagem, os participantes fizeram um cortejo que saiu da Estação Cultura, desceu pela Rua 13 de Maio até chegar à Catedral. Durante o trajeto os participantes entoaram cânticos, e entregaram flores com muita água de cheiro. A mesma água também foi usada para lavar as escadarias da igreja.
Depois da celebração uma extensa programação com várias atividades culturais e sociais tiveram início com apresentações de jongo, congada, folia de reis, catira, dança afro, capoeira e samba. A festa termina às 17h.

A MANIFESTAÇÃO
Conforme estudo de Marcela Bonetti, especialista cultural da Secretaria de Cultura de Campinas, no decorrer dos anos a cerimônia da Lavagem das Escadarias foi recebendo outras manifestações culturais afro-brasileiras presentes no município, como a capoeira, o jongo e o samba de bumbo. “Em função desses movimentos estarem relacionados à população afrodescendente, o racismo atribuído a essa população se estende aos elementos de sua cultura. Deste modo, analisar a cerimônia da Lavagem da escadaria é também tratar das relações sociais envolvidas e a intolerância presente”, afirma.
“A história da Lavagem da Escadaria em Campinas é relevante também no sentido de compreender como se construiu uma relação de aproximação com a Igreja, na representação do Bispo, ao sugerir que a data ocorresse no Sábado de Aleluia, único momento que a Igreja Católica se encontra fechada. A cerimônia no adro da Catedral, com as portas fechadas da Igreja, transformam também o espaço como um ato de festa”, complementa.
A partir de 1998, a manifestação cultural da cerimônia da Lavagem da Escadaria da Catedral de Campinas foi incorporada ao Calendário Oficial do Município de Campinas, pela Lei Municipal nº 9515/97 e a partir de 2005, incluída no Calendário

Turístico do Estado de São Paulo, pela Lei Estadual nº 12.097/05.

Fonte: https://www.acidadeon.com

Ficha de matéria
Nº: 59
Secção: Cultura e Cidadania
Data: 14 de Março, 2018
Autor/Autora: (Repostado) Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Diversidade e resistência marcam abertura do Fórum Social Mundial
Texto da matéria

Evento é realizado em Salvador, palco histórico de lutas negras e populares. "Outro mundo não é só possível, é urgente e necessário", diz presidente da Unegro

São Paulo – Por volta das 15h desta terça-feira (13), a movimentação já era intensa no Campo Grande, local de concentração da tradicional Marcha de Abertura do Fórum Social Mundial (FSM 2018), em Salvador. É a primeira vez que o evento é realizado em uma cidade do Nordeste desde que foi criado, em 2001.

Diferentes grupos, bandeiras e lemas se misturavam em harmonia. Uma comunidade indígena do sul da Bahia realizava o "toré", ritual sagrado que celebra a amizade, enquanto ali próximo um grupo agitava faixas em defesa da reforma urbana e da luta por moradia. Não muito distante, uma agitada roda de capoeira atrai a atenção. "Capoeira é uma luta de resistência. Trazemos a tradição e o legado dela, além de uma capoeira empreendedora. É a luta por resistência, negando o opressor dentro das comunidades", afirmou Tonho Matério.

Conforme a tarde avançava, outros grupos marcavam presença na concentração da Marcha de Abertura. Entre eles, Ângela Guimarães, presidenta da União de Negros pela Igualdade (Unegro). "Vivemos tempos difíceis em âmbito global. Governos que reprimem e incentivam uma economia que não cabe o povo, só o mercado. Esse Fórum é também um grito pelo direito à vida, o direito de existir e resistir", disse Ângela, durante transmissão feita pela TVE da Bahia. "É um brado contra o genocídio da mulher negra, contra o ódio religioso que atinge as comunidades de matrizes africanas no Brasil. Outro mundo não é só possível, é urgente e necessário."

Após sair do Campo Grande, por volta das 16h30, a Marcha de Abertura do Fórum Social Mundial passou pela Avenida Sete até chegar a Praça Castro Alves. Conhecida como "Praça do Povo", local de grandes manifestações de luta e resistência baiana, na Praça Castro Alves um palco com apresentações culturais e performances artísticas encerra o primeiro dos cinco dias do evento, que continua na capital baiana até sábado (17).

Bahia, palco de lutas

O evento terá como território principal o Campus de Ondina, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de outros locais da capital baiana, como o Parque do Abaeté, em Itapuã, e o Parque São Bartolomeu, no Subúrbio Ferroviário da cidade. Segundo os organizadores, são esperadas cerca de 60 mil pessoas, de 120 países, reunidas para debater e definir novas alternativas e estratégias de enfrentamento ao neoliberalismo, aos golpes e genocídios que diversos países enfrentam na atualidade.

Com mais de 1.500 coletivos, organizações e entidades cadastradas, e em torno de 1.300 atividades autogestionadas inscritas, o Fórum Social Mundial reunirá representantes de entidades de países como Canadá, Marrocos, Finlândia, França,

Alemanha, Tunísia, Guiné, Senegal, além de países sul-americanos e representações nacionais.
Antes do início da Marcha de Abertura, também em entrevista para a TVE da Bahia, Gilberto Leal, diretor de Entidades Negras da Bahia, destacou a importância do Fórum Social Mundial se realizar desta vez em Salvador, um território de forte presença negra e, consequentemente, também de resistência – justamente o slogan do FSM: "Resistir é criar, resistir é transformar".
"Temos um forte legado de resistência nesta cidade e neste estado", afirmou Gilberto Leal, lembrando da Revolta dos Malês – um levante protagonizado por escravos em Salvador, em 1835 – e da Revolta dos Búzios, de 1798, quando a capital baiana amanheceu com diversos cartazes colados em prédio públicos proclamando a população à luta armada e defendendo o fim da escravidão.
Na mesma entrevista, Salete Valesan, diretora da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), ponderou que o FSM, após nascer em Porto Alegre, em 2001, e depois ser realizado na Índia, Quênia e Senegal, ao voltar para o Brasil e, principalmente para a Bahia, tem um significado importante. "Era mais do que justo e natural que esse processo construído fizesse o trabalho de voltar para o Brasil e, agora, para a Bahia e Salvador, onde fazemos uma ponte com nossa história mundial, ligando África e Brasil", disse.
Entre as mais de 1.300 atividades que ocorrerão nos próximos dias em Salvador, numa programação diversificada e autogestionária, Gilberto Leal, diretor de Entidades Negras da Bahia, destacou a que o grupo realizará quinta-feira (15) de manhã: "Diálogos Internacionais – Convergência de lutas negras entre África e a diáspora no século 21".
"Nossa ideia é instalar uma rede mundial que troque experiências entre a luta dentro da África e a luta na diáspora", afirmou, ressaltando que os negros representam cerca de 1,5 bilhão da população mundial.

Fonte: http://www.redebrasilatual.com.br

Ficha de matéria
Nº: 60
Secção: Cultura e Cidadania – Pesquisando palavras-chave: (Racismo)
Data: 26 de Agosto, 2020
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
TODOS JUNTOS ATO DE REPÚDIO #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem
Texto da matéria
TODOS JUNTOS ATO DE REPÚDIO #mestrenene #repudio #think #todosjuntos #naoaoracismo #naoaviolencia #capoeira #capoeiragem

Ficha de matéria
Nº: 61
Secção: NOTÍCIAS - ATUALIDADES | CIDADANIA– Pesquisando palavras-chave: (Racismo)
Data: 23de Agosto, 2020
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Violência policial: Policia Militar de São Paulo agride mestre de capoeira com filho no colo
Texto da matéria
Com o filho no colo, Valdenir Alves dos Santos, conhecido como mestre Nenê, teve sua casa na Vila Madalena, zona oeste de São Paulo (SP), invadida na noite da última quinta-feira (19) por policiais militares da 2ª Cia do 23ª Batalhão de Polícia Militar (BPM), de Pinheiros. Ele foi arrastado e agredido pelos agentes e levado até a delegacia – sem máscara -, mantido algemado e trancado na viatura por 4 horas. Mestre Nenê, 45 anos, referência da capoeira de São Paulo, um dos pilares da Roda da Praça da Republica, sofreu um violento e injustificado ataque por parte da Policia Militar. O ataque covarde e desproporcional, teve como justificativa a suspeita de um "roubo". Mestre Nenê estava sentado em frente a sua casa com seu filho no colo e conversando com amigos. Sem nenhum motivo aparente os Policiais abordaram o Mestre e agiram de forma violenta, ultrapassando todos os limites conforme relata o próprio mestre Nenê (ver video depoimento de Mestre). A cena foi assistida por vizinhos e alunos do capoeirista, que reclamaram com os agentes pelo uso excessivo da força. "Naquele momento, por ter um filho no colo, o Nenê desceu a viela para deixar a criança em casa, mas os policiais foram atrás dele e tudo começou", lembra Stefania

Faro Barbosa Lima, companheira do capoeirista.
“Não esperaram ele nem entregar o menino, começaram a bater enquanto o filho ainda estava em seu colo, depois arrancaram nosso filho dos braços dele”, conta.
Segundo a companheira do mestre Nenê, os policias não informaram o motivo de deter o marido e nem para onde o levariam.
“Meu filho, cadê meu filho?”, grita o capoeirista no vídeo que o mostra sendo imobilizado e contido pelos policiais militares armados dentro da casa de um dos seus amigos. Enquanto isso, as pessoas perguntam por qual motivo o mestre estava sendo preso, mas os PMs não respondem.
Segundo mestre Nenê, os agentes usaram o ‘mata-leão’, golpe de imobilização aplicado no pescoço, que a PM proibiu seus comandados usarem no estado desde o dia 31 de julho, em razão da série de casos anteriores de violência policial durante abordagens.
A prisão do Mestre Nenê foi gravada por testemunhas, vizinhos e seus discípulos na Rua Fidalga, na comunidade do Mangue
O que diz a Secretaria da Segurança Pública:
A Secretaria da Segurança Pública se posicionou por meio de nota, informando que a abordagem da Polícia Militar foi realizada na Rua Fidalga porque havia a suspeita de que o ladrão estivesse no local.
“Durante diligências, os agentes encontraram quatro homens parados próximos ao local indicado pelo sinal de localização do celular. Ao iniciar a abordagem, um dos indivíduos desobedeceu a determinação legal e tentou deixar o local, resistindo à ação dos policiais que precisaram contê-lo. Enquanto ele era detido, outra equipe da PM, na mesma rua, prendeu o autor do crime recuperando todos os objetos roubados, o que reforça a suspeita fundamentada dos agentes para a realização de abordagem naquele local”, informa o comunicado da SSP.
A pasta comentou ainda que todas as denúncias sobre o caso serão apuradas pela Polícia Civil e pela Polícia Militar.
Fontes:
https://g1.globo.com/
https://www.brasildefato.com.br/
https://revistaforum.com.br/

Ficha de matéria
Nº: 62
Secção: CAPOEIRA – Pesquisando palavras-chave: (Racismo)
Data: 04 de Junho, 2021
Autor/Autora: Paulão Kikongo
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Capoeira, não finja que não viu: Pode ser abuso!
Texto da matéria
A Constituição Federal, em seu artigo 227, afirma que é “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Já no artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é previsto que "nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais".

Portanto, como prevê o nosso ordenamento jurídico, qualquer ato por ação ou omissão poderá ser punido na forma da lei. Entendemos que diante dos fatos noticiados pela Agência Pública (primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil) no dia primeiro de junho envolvendo a nossa capoeira, com depoimentos por parte das vítimas muito contundentes e cujo título é: "Capoeiristas denunciam mestres de um dos maiores grupos do país por crimes sexuais", precisam ser apurados e, provada a culpabilidade, punidos conforme os preceitos legais. Não há como passar pano em um fato com denúncias substanciais e que, de uma forma ou de outra acaba afetando toda a comunidade da capoeira.

Importante destacar que, infelizmente, nossas crianças e adolescentes vêm sofrendo diversos tipos de violações, de caráter sexual ou não, há muito tempo. Sejam violências perpetradas por parte do Estado (morte por "bala perdida" em escolas e na sua própria residência); morte no elevador (ontem fez um ano da morte do Miguel) dentre tantas outras violações, como as que vêm recebendo as crianças indígenas por descaso dos órgãos competentes que deveriam zelar por sua proteção.

Segundo dados oficiais do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no ano de 2019 foram feitos 159 mil registros pelo Disque Direitos Humanos. Destes, 86,8 mil foram por violações de direitos de crianças ou adolescentes, significando um aumento de quase 14% em relação ao ano anterior. Para estre grupo específico (crianças e adolescentes), a violência sexual figura em 11% das denúncias, correspondendo a 17 mil ocorrências.

O Jornal O Globo, em matéria de 2019, aponta que o Brasil registra, por ano, 500 mil casos de exploração sexual contra crianças e adolescentes, ocupando o segundo lugar nesta triste estatística no ranking internacional de exploração sexual infanto-juvenil, ficando atrás apenas da Tailândia.

Importante destacar que a relação sexual com menores de 14 anos é classificada pela legislação brasileira como estupro de vulnerável, com pena que vai de 8 a 15 anos de reclusão. Caso a vítima tenha entre 14 e 18 anos e o sexo envolver pagamento em dinheiro ou qualquer outro benefício, o crime é classificado como exploração sexual e a pena é de 4 a 10 anos de prisão para quem teve a relação. Caso haja intermediários desta prática, os mesmos também serão punidos na forma da lei.

Segundo Eva Dengler, gerente de programas e relações empresariais da Childhood Brasil (Organização Civil de Interesse Público que tem como objetivo a proteção à infância e a adolescência, com foco no enfrentamento do abuso e da exploração sexual contra crianças e adolescentes "a exploração sexual é algo que acontece no Brasil inteiro) em entrevista ao Observatório do Terceiro Setor, "nas regiões com maior vulnerabilidade econômica e onde os valores são pautados no adultocentrismo, machismo, homofobia e racismo, acabam intensificando a probabilidade de crianças nesta situação".

O que podemos perceber nos depoimentos das vítimas deste flagelo denunciado pela Agência Pública e divulgado em diversos outros veículos de imprensa e nas redes sociais, é que foi justamente esta vulnerabilidade que, segundo as denúncias, eram utilizadas pelos denunciados para cometerem os seus atos.

A nossa Capoeira e nós, capoeiristas de todas as matizes precisamos nos posicionar diante de tais acontecimentos, pois não há como se omitir em acusações tão graves como esta. A Rádio Capoeira, veículo a serviço de nossa comunidade, se coloca ao

lado das vítimas e EXIGE punição exemplar para os que forem declarados culpados.
Desta vez não poderá valer o que diz o refrão de uma música de capoeira: "Passar bem ou passar mal, pois tudo no mundo é passar, camará…". Que esta violação dos direitos humanos não passe, e a PUNIÇÃO venha com o rigor que este CRIME exige, pois, se você não conhece o rigor da lei, precisa conhecer. Doa a quem doer.
"Iê volta do mundo camará!"
Por Mestre Paulão Kikongo – Fonte: https://radiocapoeira.com.br/capoeira/capoeira-nao-finja-que-nao-viu-pode-ser-abuso/

Ficha de matéria
Nº:63
Secção: Cidadania - Pesquisando palavras-chave: (Racismo)
Data: 06 de Maio, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
Preconceito e Ódio no Altar
Texto da matéria
Quando não existem argumentos e onde o preconceito, a falta de amor e a ignorância fazem "casa" … é ai… onde normalmente nasce o ódio, a intolerância e o desrespeito… Pastor da Igreja GERAÇÃO JESUS CRISTO, foi flagrado em video incitando ódio contra a capoeira, de uma forma incoerente e preconceituosa. Fica a reflexão sobre o palco onde tudo isso acontece… no seu mais descabido e incoerente modo de comunicar os cartazes sobre o altar revelam uma absurda e deformada maneira de entender todo o amor e ensinamentos de Jesus: GERAÇÃO JESUS CRISTO: UM CENTRO DE SELEÇÃO E JUSTIÇA Geração de mártires ENSINANDO A MORRER POR JESUS CRISTO (ensinando a morrer???) O pastor Tupirani da Hora Lores, chefe da Igreja Pentecostal Geração Jesus Cristo, foi alvo de uma operação da Polícia Federal (PF) Saiba Mais: Outra do "BOM PASTOR": https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/12/pf-cumpre-mandado-no-rj-contra-intolerancia-religiosa.ghtml (Fonte: G1 – Globo) A religião foi um meio de demarcar o poder político e controlar a população. Houve, inclusive, um período em que os cristãos foram perseguidos e criminalizados no Império Romano. Hoje, o pensamento republicano e, em especial, a democracia impedem que, ao menos teoricamente, exista um vínculo direto entre Estado e religião, formando o que chamamos de Estado laico. Durante o período colonial, a religião católica não admitia nenhuma outra religião e as crenças indígenas passaram a ser vistas como maléficas e, portanto, desprezadas. Com a chegada dos negros escravizados a mesma atitude se repetiu. Para escapar da perseguição dos senhores e do clero, os negros usavam as imagens dos santos católicos em suas cerimônias quando na verdade estavam cultuando seus orixás. Assim começou a relação entre o sincretismo e as religiões afro-brasileiras. Já foram registradas destruição de imagens de santos em templos católicos, bem como ataques em terreiros de candomblé e umbanda…. Em breve a Roda e ou treino de capoeira pode a vir a ser vandalizado!!!

Infelizmente, a intolerância religiosa ainda é uma realidade que assola comunidades em todo o mundo. No Brasil, esse problema está relacionado majoritariamente ao racismo, pois a intolerância religiosa é praticada, em maior escala, contra os adeptos das religiões de matriz africana. Nesse caso, a intolerância religiosa carrega uma vontade de anular e depreciar uma cultura, uma arte, um património da humanidade chamada CAPOEIRA.
Nosso amigo do Grito marcial também fez uma chamada:
!!ABSURDO!! IGNORÂNCIA TOTAL, Não como descrever o tamanho da minha indignação para discurso de ódio!!! DEIXE SUA OPINIÃO lembrando que…
Art. 208. Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena — detenção, de um mês a um ano, ou multa. Parágrafo único. Se há emprego de violência, a pena é aumentada em um terço,sem prejuízo da correspondente à violência. Existe no presente tipo penal três condutas ilícitas distintas, cujo fim é tutelar ordem constitucional expressano art. 5º, inciso VI, da Constituição Federal a qual dispõe que "é inviolável a liberdadede consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosose garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias"
Nosso Parceiro e Amigo mestre Paulão da Rádio Capoeira também "já chamou pro jogo".
Acabamos, via nossa instituição, de fechar parceria com o Doutor Hédio Silva, que atuará Pro Bono entrando com uma Representação Criminal contra este "pastor" e sua igreja e ainda solicitará que este infame vídeo seja retirado da rede social onde foi publicado.

Ficha de matéria
Nº: 64
Secção: EVENTOS - AGENDA - Pesquisando palavras-chave: (Racismo)
Data: 23 fevereiro, 2021
Autor/Autora: Luciano Milani (Divulgação)
Grau com Capoeira: Mestre
Título da matéria
VIVA TRADIÇÃO VIVA: NOSSOS SABERES VÊM DE LONGE
Texto da matéria
Iêeeeeeee! Se achegue mais, camará! Seja bem vinde à página do nosso evento de extensão, a nossa roda "VIVA TRADIÇÃO VIVA: NOSSOS SABERES VÊM DE LONGE", que tem como eixo principal a capoeira, o racismo e a formação de professores, organizado coletivamente e ofertado pelo Departamento de Lutas da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com parcerias, até o momento, do Museu Vivo do São Bento, do Museu Afro-digital da UERJ, da Rádio Capoeira, da Universidade da Capoeira, da Revista Ibamó, do Acervo Cultural de Capoeira Arthur Emídio de Oliveira, do Acervo Digital Capoeira Nômade, da Editora da UFBA, do IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (PROEX e COEX/CDuC), e do Grupo de Capoeira Só Angola (GCASA). Nossa roda vem contribuir para os estudos sobre Capoeira, para praticantes e com seus praticantes, com inspiração em e na direção de uma educação popular baseada nas tradições populares, em especial, das culturas negras diaspóricas, destacadamente da Capoeira.

Esse encontro pretende reunir para o debate pesquisadores acadêmicos ou não, de diversas áreas de conhecimento, com destaque para pesquisadores capoeiristas, e capoeiristas pesquisadores, além da presença de mestres e mestras de capoeira, a exemplo do Encontro de Saberes e de eventos importantes acontecidos nesse formato com o tema Capoeira, como as mesas do FORPOP, do Congresso Virtual da UFBA, como o Roda de Debates, em parceria entre UFPI e UNILAB, e o Outra roda é possível, do Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira Marias Felipas.
O evento pretende acontecer entre 1 e 18 de março de 2021, com quatorze mesas virtuais, acontecendo de segunda a sexta, entre 19h e 21h30, com vistas a potencializar o acesso e o aproveitamento das pessoas interessadas em participar ao vivo dos debates. As mesas ficarão salvas em plataformas digitais.
Entre os temas, temos:
Mesa 1: Capoeira, pandemia e racismo
Mesa 2: Capoeira e formação de professores
Mesa 3: Capoeira na escola
Mesa 4: descolonização e tradições negras na escola
Mesa 5: branqueamento e Capoeira "gospel"
Mesa 6: Capoeira e patrimônio cultural
Mesa 7: Capoeira, corpo e racismo
Mesa 8: espiritualidade e ancestralidade na Capoeira
Mesa 9: organizações de mulheres na Capoeira
Mesa 10: masculinidades diversas na Capoeira
Mesa 11: movimentos trabalhistas e Capoeira
Mesa 12: genealogias da Capoeira do Rio de Janeiro
Mesa 13: Capoeira na diversidade
Mesa 14: pesquisa e pesquisadores/as de Capoeira
E é com muita alegria que convidamos você para participar dessa roda, pois acreditamos que a maior contribuição para o evento será a SUA!
Aguardamos ao pé do berimbau a sua presença nessa roda, para podermos jogar um pouquinho, mesmo que virtualmente.
Inté!
Equipe da Organização
Nossa logo possui fundamento.
Ao fundo, a estampa de uma cabaça. Na capoeira, sua importância é destacada tanto como componente do berimbau, amplificando seu som, como também compõe o caxixi. Mas para além dessa objetividade relacionada a instrumentos usados hoje na capoeira, a cabaça representa o ventre, em diversas culturas de matriz africana, em especial, as tradições espirituais que foram mantidas aqui no Brasil pelos terreiros. E é com o sentido de gerar vida e com a certeza de que capoeira é mãe, que a cabaça vem ser o pano de fundo de toda nossa escrita e de todo nosso trabalho.
O símbolo que usamos é um Adinkra, escrita dos povos Akan, da África Ocidental, na região do Sael (entre o Saara e Golfo de Guiné). Como diz Anani Dzidzienyo, essa escrita destaca "o universo filosófico e estético Asante que se tornou patrimônio de todo o país de Gana" e que depois viajou ao outro lado do rio chamado Atlântico. Ele comenta ainda que "a sabedoria, como os ganeses costumam dizer, não é uma mercadoria para ficar trancada no estojo".
É na esteira do saber e de sua difusão que foi escolhido o adinkra "A ONNIM NO SUA A, OHU" ou "Quem não sabe pode saber aprendendo", símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua do saber. Queremos saber mais CAPOEIRA!

Curiosidade: “De acordo com a história oral”, escreve Elisa Larkin Nascimento, “o conjunto dos adinkra tem origem numa guerra que o rei dos Asante – Asantehene – Osei Bonsu moveu contra o rei Kofi Adinkra de Gyaaman, hoje uma região da Costa do Marfim. O rei Adinkra teve a audácia de copiar o gwa, banco real do Asantehene e símbolo da soberania e do poder do Estado. Assim provocou a ira do Asantehene, que foi à luta. Vencida a guerra, os Asante dominaram a arte dos adinkra, passando a ampliar o espaço geográfico onde impunham sua presença. Antes disso, eram patrimônio dos mallam e dos denkyira, povos da África ocidental que desenvolveram a técnica no passado remoto”.
Obs: os trechos citados foram retirados do livro “Adinkra: sabedoria em símbolos africanos”, organizado por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, pela editora Pallas, em 2009.
Saiba mais:
https://vivatradicaoviva.wixsite.com/

Ficha de matéria
Nº: 65
Secção: Capoeira - Pesquisando - palavras-chave: (Racismo)
Data: 15 fevereiro, 2021
Autor/Autora: Sergio Pardal Freudenthal
Grau com Capoeira: Capoeirista
Título da matéria
Capoeira é coisa bem brasileira
Texto da matéria
Capoeira é coisa bem brasileira Resolvi falar de Capoeira, matéria em que sou, há quase quatro décadas, apenas um aluno apaixonado e relapso, que nunca chegará a mestre A Capoeira é um patrimônio cultural brasileiro, como o Samba, e nossa região ocupa lugar importante em sua evolução. Saúdo três gerações de destaque, Mestre Sombra, Roberto Teles de Oliveira, Mestre Fábio Parada, me apresentou ao esporte, cultura e filosofia, e Mestre Márcio Capoeira dos Santos. Legítimos representantes da combativa africanidade brasileira, a Capoeira e o Samba fazem suar com paixão, mobilizam, atuam, e exigem parceria. Qualquer exercício individual é valioso, mas, dançar samba e jogar capoeira, e com parceria, é impagável! A Capoeira é instrumento de luta, musical e histórico. Para escravos fugidos era a dança de bichos, pernadas que os faziam imbatíveis na capoeira, no campo aberto. Para a malandragem de um século atrás, meia lua de compasso podia contar com a navalha nos dedos do pé. Pela metade do Século XX, alcança academias; Senzala, Movimentos, Capoeira Santista, Capitães da Areia e tantas outras, atingindo ampla diversidade na sociedade. Queixada, armada, meia lua de compasso, aú, macaco e rabo de arraia, sem encostar no parceiro, um bom jogo, exercício, amizade. Para quem vislumbra qualquer violência, lembro que nas rodas de capoeira, o praticante convida para jogar o capoeirista com quem tem afinidade. Jogar capoeira é um exercício de amizade. Nos tempos atuais, a Capoeira, além de salutar exercício físico, é parte de nossa cultura, conquistando seu devido espaço nas escolas. E, sem negar, de forma alguma. sua origem, é importante ferramenta para inclusão social, observando a acessibilidade para os com deficiências, e valorizando a inclusão dos financeiramente

hipossuficientes.
Em livre tradução do dialeto quimbundo, capoeira significa ‘humanidade para com os outros’ (Isabela Carrari/PMS)
Márcio Rodrigues Santos
Formado Mestre de Capoeira por Fábio Parada, que, por sua vez, é o primeiro Mestre diplomado pelo Sombra, na Associação de Capoeira Senzala – apresenta seus projetos, Capoeira Escola e Capoeira para Todos, há 25 anos. Além de conquistar cada vez as escolas, a Capoeira que todos podem praticar bem representa sua função social. Do Lar das Moças Cegas ao GALP, de Apoio aos Lares Pobres, além da sua efetiva participação nas Universidades, Mestre Márcio Capoeira ainda convence o idoso escrevinhador a seguir treinando, mesmo que seja on line.
A Capoeira é cultura brasileira presente em todo o mundo. Na Europa e nas Américas, inclusive do Norte, na Ásia e no Oriente Médio, joga-se capoeira, cantando em português, em português do Brasil. E muitos desses mestres, lecionando em todos os rincões do mundo, são formação de nossa Região.
Capoeira é inserção social, abre portas para os que tem suas dificuldades, e exige o antirracismo e o combate a todos os preconceitos. Capoeira é esporte, cultura e filosofia, em defesa dos que mais necessitam. Muito além das lutas físicas, a Capoeira batalha pelo espaço dos com deficiências, físicas, psíquicas ou mesmo econômicas.
Saudação que bem define a Capoeira, Ubuntu, em livre tradução do dialeto quimbundo significa “humanidade para com os outros”.
Fonte: https://www.atribuna.com.br/
Autor: Sergio Pardal Freudenthal é advogado e professor universitário, especialista em Direito Previdenciário, atua há mais de três décadas em Sindicatos de Trabalhadores na Baixada Santista.

Ficha de matéria
Nº: 66
Secção: CONTEMPLAÇÕES | CAPOEIRA - palavras-chave: (Racismo)
Data: 21 de Abril, 2019
Autor/Autora: Filósofo
Grau com Capoeira: não especificado
Título da matéria
O Profissional e o “papo furado”
Texto da matéria
Nos últimos tempos, escutando vários discursos sobre ‘ser profissional’ na capoeira, me pergunto: – o que isso quer dizer de uma pessoa para outra e o que realmente está por trás dessa afirmação? Essa reflexão me lembra uma conversa lamentável que ouvi há uns anos atrás entre ‘profissionais’ da capoeira: “hoje em dia a gente nem está mais preocupado em o aluno ficar bom, a gente só está preocupada em ter aluno”. No momento que isso foi dito, parecia ser a constatação de um fato e que todos os presentes professores pareciam estar de acordo, sem a mínima preocupação nas consequências do conteúdo, daquela frase. Sim, a capoeira é uma reflexão da sociedade em que vivemos, uma sociedade que gira em torno de um esquema de acumulação, o dito capitalismo. E para quem vive da capoeira, em outras palavras, quem depende da capoeira para pagar as contas e sustentar uma família, um aluno também representa capital, sobrevivência. Mas será que a gente não pode fazer melhor do que isso? Será que os capoeiristas se deixam vencer tão facilmente por um sistema que tem base em – e é causa – da mesma

miséria onde a nossa arte se criou; a escravidão? E isto mesmo, ‘ser profissional’?
Para quem não tinha noção, a escravidão não só foi a situação onde a capoeira nasceu; ela também foi a base de um sistema econômico baseada na exploração do produtor da riqueza – o escravo, que, quando o sistema escravocrata foi deixado por ser ineficiente e caro demais, se tornou trabalhador ‘livre’. O racismo e a opressão das expressões culturais da população negra – contra que a capoeira sempre se resistiu – foram parte e em função do sistema económico da exploração – e a base do capitalismo.[1]A economia se desenvolveu, mas na base não se mudou – será que o papel da resistência da capoeira deveria se mudar?
O ‘profissionalismo’ entrou numa nova fase com o desenvolvimento das certificações e diplomas para capoeiristas que querem dar aula – e se tornar ‘profissional’ – dentro do sistema nacional de educação ou até fora dele. Com a preocupação do nível e qualidade dos professores, e o ensinamento de capoeira, os certificados arriscam virar mais um esquema de acumulação, ou capitalização – dentro da “profissionalização da capoeira”; Certificações que precisam ser renovadas de tantos em tantos anos, através dos investimentos financeiros que são justificados como investimento em conhecimento. Como um preço para o novo documento também, é claro. Assim também desprezando o tipo de conhecimento que a capoeira representa, e em que ela tem a sua base, que é o conhecimento prático através da experiência prática – a educação não-formal, da tradição oral.
Não quer dizer que o conhecimento teórico não tem lugar na capoeira, ou que não deveria existir um certo‘controle de qualidade’, especificamente fora do Brasil onde não há uma tradição enraizada, para trabalhos com crianças e nos sistemas nacionais de educação. E que um bom professor – não importa de qual modalidade – deveria estar em dia com os desenvolvimentos na sua área, e nas áreas abordadas.
Mas será que uma estrutura de certificação e educação contínua, um sistema baseado nas profissões médicas – onde o não ser em dia do médico em termos de novos conhecimentos, pode ser causa da morte do paciente – é o mais adequado? Quando a variedade de estilos, formas de pensar e ensinar a capoeira é um lado forte dela em termos de criatividade, desenvolvimento e abertura social? E essa variedade ao mesmo tempo representa uma proteção contra a dominação, qualquer que seja ela? Vamos abrir mão para um sistema de uniformização ou normatização? Sem perguntar para nós mesmos para que, e para quem, a capoeira serve? Ainda mais quando não temos um sistema de valorização do conhecimento que já existe em cada um de nós e na própria capoeira? Somente para poder ser identificado como ‘profissional’ e tentar arrumar mais trabalho?
O que é ser ‘profissional’? Começamos com a palavra ‘profissionalismo’, que tem dois significados: o significado mais antigo, que a primeiro vez foi usado em 1856[2]e se desenvolveu desde então, é: “comportamento, objetivos ou qualidades que marcam ou caracterizam uma profissão ou um profissional”.[3]Um significado que tem a ver com postura, atitude, visão e preocupação com o aluno, o conteúdo ensinado e o resultado.
O segundo significado é usado hoje, por exemplo, em quase todos modalidades desportivas, que fazem uma distinção entre profissionais e amadores: “o profissional é aquele que ganha, ou tenta ganhar, a vida com o seu desporto, e faz disso a sua ‘profissão’.
Note bem a diferença entre o primeiro e o segundo significado: O primeiro tem conteúdo, e compromisso com a atividade. O segundo está relacionado coma acumulação de dinheiro. Quer dizer que os dois são incompatíveis? Claro que não, e há vários exemplos de bons profissionais de capoeira que também se dão bem em

termos financeiros. Mas talvez é hora de se perguntar qual tipo de 'profissional' nós queremos ser: aquele que é mais preocupado em ganhar dinheiro, ou aquele que primeiramente tem compromisso com a sua arte; uma arte que inclui um compromisso com uma tradição de oralidade, com uma ética dentro essa oralidade e com uma transmissão do conhecimento que a arte represente. É bom ter esses princípios claros, porque o poder corrompe, e dinheiro – como a fama – são formas de poder.

E assim uma pergunta simples precisa ser perguntada cada vez de novo – no momento de aceitar e preparar um show, de fazer e vender um instrumento ou roupa, de fazer um CD ou DVD, de fazer pesquisa e escrever um livro, e de escolher em quais eventos de capoeira nós vamos participar – aquele que paga mais, ou aquele que tem e/ou segue uma tradição e filosofia, ou aquele que é do nosso amigo? Exemplos das respostas – e resultados delas – podemos achar na história da capoeira.

E ainda nem falei do 'profissionalismo' do professor da capoeira: porque um professor – de qualquer modalidade que seja – só existe pelo fato que é aquele/a que ensina. Cuja primeira preocupação então – só pela definição da palavra – sempre deveria ser a educação, e o crescimento do conhecimento e a pessoa; no caso o aluno, mas também em si mesmo. Voltando ao primeiro significado da palavra 'profissional' então. Que também tem nada a ver com o ego ou o abuso de poder – um tema onde eu volto nas próximas colunas.

Por isso iniciativas que tem como objetivo e preocupação, a educação e a pedagogia, e são baseados no princípio de democratizar o conhecimento e a informação (ao tornar lhes acessível para todos) – como por exemplo o IBCE de mestre Ferradura, ou a Capoeira à la Une de mestre Beija-Flor e alunos – são louváveis.

Porque um compromisso com uma arte, e uma preocupação com a educação, não necessariamente deveria levar ao empobrecimento; mesmo num sistema onde a educação é cada vez mais falada, e menos valorizada. Mas esse compromisso é sim fundamental. Porque um bom professor é reconhecido e valorizado com o tempo

[1]Veja por exemplo: Beckert, S. & Rockman, S. (org.) (2016) Slavery's Capitalism: a new history of American Economic Development, Pennsylvania, Penn Press. Cardoso, F.H. (1977) Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional, São Paulo, Paz e Terra. Williams, E. (2012)Capitalismo e Escravidão, trad. D. Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras [1944]. Marquese, R. & Salles, R. (org.) (2016) Escravidão e Capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil, Estados Unidos, Rio de Janeiro, José Olympio. Corrêa do Lago, L.A. (2014) Da Escravidão ao Trabalho Livre: Brasil 1550-1900, São Paulo, Companhia das Letras.

[2]Em 1856 a primeira escrita expressão de 'profissional' é usada pela Glasgow Institute de Contabilidade, para indicar os membros como parte do instituto e então como contabilistas registradas. Que deveria representar uma certa garantia de qualidade. Walker, S. P. & Lee, T.A. (Eds.) Studies in Early Professionalism: Scottish Chartered Accountants, 1853-1918. London, Routledge.

[3]Merriam-Webster Dictionary Online. www.merriam-webster.com

Ficha de matéria
Nº: 67
Secção: NOTÍCIAS – ATUALIDADES - palavras-chave: (Racismo)
Data: 08 janeiro, 2019
Autor/Autora: Omri Breda Ferradura
Grau com Capoeira: não especificado
Título da matéria

Capoeira: O Último Movimento Novo
Texto da matéria
O “Movimento Novo” da Capoeira foi um encontro cultural anual organizado com o objetivo de promover a união e a troca de conhecimentos em um ambiente de comunhão e aceitação das diferenças. Nascido em 2008 e finalizado em 2018, O Movimento Novo se caracterizou pela qualidade dos jogos e da música; pela filmagem e edição profissional dos vídeos na Internet; pelo incentivo a uma cultura de aceitação das diferenças; pelo cuidado ao bem-estar físico e emocional dos participantes e pelo protagonismo dos jovens. Os eventos do Movimento Novo marcaram a capoeiragem da segunda década do século 21, influenciando toda uma geração, tanto na forma de jogar, quanto na forma de pensar. Histórico do Movimento Novo Em 2008, três jovens capoeiristas (Itapuã, Ferradura e Lobisomem) se reuniram informalmente para conversar sobre questões como: “Por que não existem mais diversas rodas de rua como na década de 70?”; “Por que capoeiristas de escolas diferentes não se encontram sem que a roda acabe em violência generalizada?”, “O que podemos fazer para mudar este cenário?”. A partir destes questionamentos, decidiram fazer uma roda com um máximo de 30 capoeiristas convidados, de estilos diversos, que trouxessem diferentes experiências para compartilhar. A primeira edição do Movimento Novo, em 2008, trouxe estas reflexões. Durante a roda, vários jogos interessantes foram filmados e divulgados na internet. Os 3 mais vistos foram estes: É interessante notar que o vídeo mais visto em 2008 teve, à época, milhares de visualizações na recém divulgada rede do Youtube, algo que ainda era totalmente inovador. Vale lembrar que estamos falando dos primórdios da rede de compartilhamento de vídeos, popularizada apenas dois antes do primeiro Movimento Novo. Não havia celulares com câmeras e poucos capoeiristas postavam vídeos. No ano seguinte, o Movimento Novo estourou na web. O vídeo mais visto foi este. Analisando a quantidade atual de visualizações, vemos um crescimento total de 2000%, ou seja, de 25.000 views em 2008 para 500.000 views em 2009. Na sequência, vieram outros jogos das edições seguintes, sempre com a marca de centenas de milhares de visualizações, como Com a vinda de vários participantes de forma contínua, decidiu-se fazer um CD, gravado de forma colaborativa e registrado em vídeo, com extratos como este: Críticas ao Movimento Novo Como era de se esperar, o Movimento Novo não veio sem enfrentar críticas, que variavam de frases como “primeiro tem que aprender o movimento velho para depois fazer o novo” até “o ritmo favorece os angoleiros”, passando por acusações de “desvirtuação da tradição” ou de “superexibição” dos participantes. Era normal que o evento chocasse os mais conservadores. Afinal, o Movimento Novo não era um “grupo” ou um “estilo” de Capoeira; não “filiava” capoeiristas; não tinha fins lucrativos; não usava uniforme nem emblemas; não tinha uma hierarquia com liderença centralizada nem planos de expansão. Fora isso, utilizava a nascente mídia da Internet para divulgar os jogos em um momento em que isto não existia. Todas estas “novidades” chocavam aqueles que não entendiam que o Movimento Novo simplesmente recriava o ambiente das antigas rodas de rua, onde ninguém mandava em ninguém e todos se confraternizavam para vadiar.

No fim, o que era para ser apenas um encontro de jovens cariocas se tornou um conceito inovador que marcou toda uma geração.
Mas como isso foi acontecer?
Em 2008 a grande questão dos organizadores era conseguir reunir jovens que nunca haviam convivido e que eram separados por ideologias de grupo.
Politicamente, os idealizadores do MN cresceram no mundo pós-guerra fria, onde já não fazia sentido o pensamento muito polarizado, como entre capitalismo e comunismo. Viram o nascimento da aldeia global integrada pelos celulares e pela internet e viveram no Brasil pós-ditadura, com liberdade de imprensa e de expressão.
Em termos econômicos é a primeira geração que conseguiu ganhar a vida somente dando aulas de Capoeira; a que viveu o período de maior violência, de 1990 a 1995, a ascensão da Capoeira como moda, de 1995 a 2000, e o declínio dos anos de ouro desta mesma moda, de 2000 a 2005.
A geração seguinte já foi diferente.
A galera que nasceu entre 1990 e 2000 nunca viu a Capoeira estourar como moda. Não assistiu semanalmente o mestre-e-modelo Beto Simas "Boneco" nos programas da Globo. Tampouco viu as estrelas populares da época, como Tiazinha ou Feiticeira, estampadas nas diversas revistas especializadas disponíveis em bancas de jornal Brasil afora.
Portal Capoeira Capoeira: O Último Movimento Novo Notícias - Atualidades

Ficha de matéria
Nº: 68
Secção: CAPOEIRA | CIDADANIA - palavras-chave: (Racismo)
Data: 20 de novembro, 2018
Autor/Autora: Tainá Morais
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Brasília – DF: Grupo leva capoeira a escolas públicas e fala sobre cultura negra
Texto da matéria
A história da África e a luta dos negros do Brasil ensinadas de uma maneira diferente. Para sensibilizar crianças e adolescentes sobre a cultura negra brasileira, o grupo Grito de Liberdade leva a escolas públicas do Distrito Federal o espetáculo "Quilombo da liberdade, raízes". A caravana está na nona edição. O presidente do grupo, Luiz Cláudio França, 38 anos, conhecido como Minhoca, atualmente é o principal responsável pelo projeto. O mestre capoeirista destaca a satisfação após as apresentações: "Chegamos a alcançar pessoas que estavam no mundo do crime e, por conta do projeto, já superaram o problema", ressalta. A intenção é ampliar os horizontes dos alunos. "Quanto mais contato tiverem com a cultura, eles se tornarão pessoas mais conscientes e com uma visão de mundo mais ampla", acrescenta Luiz. Atividade procura abordar o papel do negro na formação da identidade brasileira e apresentar a cultura de origem africana As apresentações são realizadas por meio de cantos e danças de capoeira, com um toque especial de circo e poesia. Por meio da arte, o grupo aborda os mais variados temas cotidianos, entre eles racismo, agressões em ambiente escolar e machismo. "Diante do aumento da violência nas periferias do Distrito Federal, é fundamental que a comunidade escolar contribua com seu olhar sobre as causas e consequências do envolvimento de jovens e crianças com o álcool e outras drogas", diz diretor da peça,

Ankomárcio Saúde, que compara: “Até onde os ônibus lotados de hoje não são os navios negreiros de ontem, e as favelas, quilombos urbanos?”.
O espetáculo leva aos jovens mitos e ritos dos afrodescendentes numa mescla de capoeira regional e angola e das danças de puxada rede, dança do bastão e maculelê, em que os negros são protagonistas. “Uma fusão em que a beleza dos movimentos junto a plástica do figurino prende a atenção de todos os alunos para aprenderem sobre a história negra do país como processo formador de nossa identidade”, explica Ankomarcio.

Experiência positiva
Para os educadores, a iniciativa é mais do que importante para o crescimento dos estudantes. Rivailda Muniz, professora do 5º ano da Escola Classe Kanegae (Riacho Fundo I), ficou feliz com a oportunidade e também entrou na roda para gingar.
“É um projeto muito bom, inclusive pelo fato de eles virem até a escola. A inciativa é maravilhosa porque nossos alunos têm poucas chances de vivenciar isso”, considera a docente.
E, para os pequenos, a experiência foi única e de pura alegria. “É muito legal a gente ver e experimentar coisas novas. Foi a primeira vez que eu ‘dancei’ capoeira”, disse um dos alunos do 5º ano. Colega do garoto, Ana, 8 anos, também entrou na brincadeira. “Os meninos conseguem dar ‘mortais’ muito mais rápido do que nós meninas. Eu já tentei e nunca consegui, mas gostei muito de o tio ter ensinado a gente a gingar”, afirmou.

Quase 40 anos de história
Há 38 anos o grupo Mestre Cobra trabalha a capoeira como forma de perpetuar a história das culturas de matriz africana. Os capoeiristas se reúnem na Candangolândia desde os anos 1980, época em que a capoeira era alvo de preconceito na região e praticada às escondidas, no mato. Em 1994, Mestre Cobra começou a desenvolver seu trabalho no Riacho Fundo, onde deu início ao grupo Grito de Liberdade.
Luiz Cláudio França está na equipe há 30 anos e representa o Mestre Cobra por todo o DF. Além de Brasília, as apresentações já chegaram até a Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco, onde foi assistida por mais de 10 mil pessoas. Neste ano, 20 mil alunos serão atingidos.
Uma das principais características da capoeira é a possibilidade de qualquer pessoa poder participar. A arte não faz distinção de situação financeira ou crença: qualquer um pode interagir com o grupo. “Às vezes alguém tem dificuldade em fazer as manobras no momento do gingado, mas ao mesmo tempo se identifica com a música ou instrumentos que utilizamos. Tudo é válido”, destaca o mestre Minhoca.

Tainá Morais – redacao@grupojbr.com
http://www.jornaldebrasilia.com.br

Ficha de matéria
Nº: 69
Secção: CAPOEIRA | CIDADANIA - palavras-chave: (Racismo)
Data: 24 junho, 2018
Autor/Autora: Omri Breda Ferradura
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Quem Tem Medo Da Capoeira Gospel?

Texto da matéria
Na última semana bombaram na net as diversas opiniões a respeito da Capoeira Gospel. Uns, defendendo a ideia de liberdade religiosa; outros, atacando veementemente o que seria uma apropriação cultural. Há tempos a polêmica acerca deste fenômeno vem indo e vindo, com mais ou menos força. Neste outro artigo já havíamos falado brevemente sobre isso: http://www.capoeirariodejaneiro.com.br/pb/geral/capoeira-polemicas/ Agora, o estopim das reações apaixonadas foi este vídeo, onde supostos praticantes do "estilo gospel", vestidos com camisas de Capoeira e tocando os instrumentos típicos fazem um sessão de culto, onde alguns deles parecem estar incorporados por uma força espiritual. Mas o que é a Capoeira Gospel? Historicamente, os mestres tradicionais de Capoeira eram praticantes das religiões de matriz africana. De Bimba a Pastinha, de Caiçara a Cobrinha Verde, todos os mestres estavam inseridos em um contexto onde a "mandinga" não era somente um termo relacionado ao jogo, mas principalmente um modo de se colocar no mundo, intimamente ligado ao candomblé. Com o fortalecimento do avanço das religiões pentecostais nas comunidades populares pelo Brasil afora, a partir da década de 1980, muitos mestres de Capoeira abraçaram o evangelho, abandonado as antigas religiões de matriz africana a que pertenciam. Alguns, como Mestre João Pequeno, seguiram conduzindo a Capoeira sem a misturar com a sua nova crença; outros abandonaram a prática, considerando-a incompatível com a postura que se espera de um cristão; um outro grupo a adaptou e reinventou a forma de se enxergar a Capoeira, conciliando a atividade religiosa com a cultural. Este último grupo é o que vem sendo genericamente chamado de "Capoeira Gospel". Quais as características da Capoeira Gospel? Apesar de não serem um grupo coeso e de não levantarem uma bandeira única, há características próprias comuns a todos os "capoeiristas gospel". A rejeição aos rituais oriundos das religiões afro é a principal delas. O louvor a Jesus Cristo é outra. Em geral, a acompanham também um discurso moralista contrário à homossexualidade, às drogas e às discussões sobre gênero. Muitos se recusam a cantar cantigas que tenham menções a "marinheiro"; "vaqueiro", "boiadeiro" ou "pomba" por apresentarem personagens típicos da umbanda ou do candomblé de caboclo. Alguns adaptam as músicas, colocando personagens cristãos em seu lugar; outros compõem músicas autorais em louvor à sua crença. Onde encontrar um capoeira do gospel? Os praticantes estão espalhados por todo o Brasil, em grupos ou "ministérios", como muitos se denominam. Atuam fortemente nas periferias e em projetos sociais, com ênfase na evangelização. Se reúnem em eventos próprios, com características peculiares, onde músicas em louvor a Jesus são constantemente cantadas. Uma busca rápida no Youtube permite encontrar músicas com letras "capo-gospel" cantadas por diversos mestres, de diferentes estilos e grupos, como esta extensa playlist, com 20 sucessos da Capoeira Evangélica:

Dentre estes mestres, há desde aqueles que veem a Capoeira unicamente como ferramenta de evangelização, utilizando o berimbau para alcançar novas "ovelhas para o rebanho", quanto outros que conciliam a prática da Capoeira evangélica com a liderança em seus grupos laicos

Talvez os maiores críticos da vertente evangélica da Capoeira esteja entre os próprios pentecostais.

Grande parte dos convertidos à estas religiões são oriundos do candomblé ou da umbanda. Muitas vezes, ao trocarem de religião, são encorajados a queimar o passado para "renascer em Cristo". Vários se tornam ferrenhos adversários dos antigos companheiros, não raro afirmando que todos estão "possuídos pelo demônio" e que necessitam "aceitar a Verdade Divina".

Por este motivo, rejeitam veementemente a conciliação entre a Capoeira e o Evangelho. Para eles, a Capoeira é por origem uma prática satânica a serviço de espíritos do inferno. Os instrumentos, as cantigas e o gestual reforçariam esta tese.

Capoeiristas criticam a Capoeira Gospel

Do outro lado, há também uma rejeição por parte dos capoeiristas das vertentes "tradicionais" da Capoeira, que julgam que o uso do nome "capoeira" pelos evangélicos seria uma forma de apropriação cultural, com a perda do que acreditam ser o sentido original que historicamente organizou a forma de agir dos antigos mestres e a lógica do ritual e da liturgia das rodas.

Uma outra questão diz respeito ao que seria uma deturpação da própria natureza da Capoeira. Se a arte é fundamentalmente ligada pelas suas raízes ao candomblé, como fazer uma separação destas raízes sem derrubar a árvore toda?

O próprio nome "Angola", como usado na "Capoeira Angola" se referiria mais à "nação Angola" do candomblé do que ao país africano.

Em suma, a retirada dos símbolos tradicionais das religiões de matriz africana e a adaptação à fé evangélica seria somente a ampliação do racismo religioso que afeta todas as manifestações de origem negra no Brasil.

No momento em que este artigo está sendo escrito, há um abaixo-assinado (clique aqui para ver) com mais de 1000 assinaturas digitais circulando na rede, onde os críticos apresentam argumentos contra a Capoeira Gospel e pedem atenção ao IPHAN para que exclua esta denominação de possíveis linhas de apoio.

Os "capoeira-gospel" rebatem as críticas

Os capoeiristas evangélicos refutam tanto as críticas dos seus pares de culto quanto as dos capoeiristas "tradicionais". Afirmam que a Capoeira é uma atividade física não-religiosa e que o capoeirista tem o livre-arbítrio para decidir seu caminho.

Aos evangélicos contrários a adoção da Capoeira como ferramenta de evangelização, respondem dizendo que o pastor de berimbau teria o poder de chegar onde os pastores de terno não chegam, alcançando os corações de um público que não se converteria de outra forma.

Aos capoeiristas tradicionais, repetem que não demonizam os atabaques, nem discriminam os "irmãos" que professam outra fé. Reclamam justamente do inverso, pois se sentem vítimas de intolerância religiosa por não associarem a Capoeira às religiões afro.

Dizem que a Capoeira absorve diversas influências, e que a fé católica já teria penetrado na cultura da Capoeira a ponto de ser normatizado o capoeirista fazer o "sinal da santa cruz" ao pé do berimbau ou de chamar os toques de "São Bento Grande" e de cantar "Santa Maria é Mãe de Deus".

Na visão deles, se alguns capoeiristas defumam suas academias e outros creem em santos católicos, não haveria nenhuma deturpação em inserir elementos evangélicos em suas rodas. Ressaltam que a Capoeira hoje se encontra nos países onde se professam as religiões muçulmana, judaica ou hinduísta, sem que ninguém reclame disso.
Em suma, reclamam que sofrem exatamente os ataques que se atribuem a eles.

Atualidades
Apesar das críticas, a quem afirme que esta é a vertente que mais cresce no Brasil, com centenas de adeptos utilizando a Capoeira Gospel como porta de entrada para alcançar novos fiéis.
Observando o processo histórico, podemos refletir sobre alguns aspectos.
Há décadas a Capoeira tem se modificado e se adaptado à diversas realidades. Originalmente uma forma de expressão afro-brasileira, foi apropriada pelo Estado Novo, compondo a ideologia do "Esporte Genuinamente Brasileiro", ao ponto de atualmente uma academia considerada "típica" ter sempre símbolos de brasilidade, com as cores da bandeira nacional espalhadas nas indumentárias dos alunos ou pelas paredes do salão.
Muitos perguntam também se atualmente a Capoeira praticada na Europa, na Ásia ou nos Estados Unidos pode ainda ser considerada uma arte afro-brasileira.
Na esteira das adaptações, outros questionam: "Se existe "Hidro-Capoeira", "Capo-Terapia", "Capoeira Adaptada", "Capo-Jitsu" e tantas outras vertentes, qual a grande questão com a "Capoeira Gospel"?
A resposta é simples
A diferença básica é que nenhuma destas vertentes ou adaptações está ligada a um projeto nacional de tomada do poder como o "gospel". A "Capoeira-Fight" não tem o poder de ameaçar o ofício tradicional dos mestres. A "Hidro-Capoeira" não tem emissoras de TV e rádio que difundem sua ideologia. O "Capo-Jitsu" não elege governadores nem tem uma bancada no Congresso Nacional.
Por sua vez, as palavras "gospel" e "evangélica" são usadas como um grande guarda-chuva que inclui desde os "capoeiristas-gospel" até a bancada congressista da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que conta hoje com quase 200 signatários no Congresso Nacional e que historicamente mantém posições retrógradas perante questões de raça ou gênero, tendendo a discriminar as manifestações de matriz religiosa africana.
A grande questão é que, apesar dos protestos dos puristas, a ligação entre o Evangelho e a Capoeira é uma realidade.
Isso acontece pelo simples fato de tanto a Capoeira, quanto a religião evangélica, compartilharem os mesmos espaços populares.
A Capoeira é uma atividade popular, presente nas mais diversas comunidades, como nos morros, favelas e nos projetos sociais.
A religião evangélica ocupa estes mesmos espaços. Em comunidades onde antes todas as pessoas iam aos domingos à paróquia local, agora estas mesmas pessoas se dividem em dezenas de micro templos espalhados em garagens improvisadas.
Os poucos terreiros de umbanda e candomblé foram e vem sendo gradativamente removidos e perdendo seguidores.
Os evangélicos convertem nas ruas, nos ônibus, nas prisões e até nas cracolândias. Ocupando o vazio deixado pelo Estado, pastores fazem redes de proteção social, promovem campanhas beneficentes, organizam atividades de lazer e mediam

conflitos entre os fiéis.
Os capoeiras-evangelizadores estão presentes no seio do povo. Atuam nas periferias, nas cadeias, nas comunidades populares. Passam em seu discurso mensagens contra as drogas, a favor da saúde e do esporte. Trazem para a Capoeira pessoas que antes a demonizavam.
Segundo o IBGE, em 2000, cerca de 25 milhões de brasileiro se declaravam evangélicos; em 2010, mais de 40 milhões; em 2018, já são mais e continuam em crescimento.
Ou seja, cerca de 1 em cada 4 brasileiros é evangélico e a onda não para de crescer. Obviamente, a Capoeira não irá ficar de fora dela.
O Gospel incorpora tudo que seus fiéis apreciam e faz adaptações à sua realidade. Se existe "Heavy Metal Gospel", "Pagode Gospel", e até "Axé Gospel"– por mais contraditório que seja encontrar os termos "axé" e "gospel" lado a lado – é de se esperar que a Capoeira seja também cada vez mais influenciada e adaptada.

O perigo real
Existe uma outra dimensão na discussão da Capoeira Gospel, que se baseia no racismo religioso contra as religiões afro.
No início do século XX as autoridades enviavam a polícia para reprimir as casas de candomblé no Rio de Janeiro. Hoje em dia, facções criminosas ligadas a igrejas pentecostais fazem o mesmo, como se pode assistir no vídeo acima.
Em diversas comunidades populares do Grande Rio as casas de axé estão sendo queimadas e as mães de santo proibidas de seguir suas práticas religiosas, isso quando não são expulsas das favelas ou assassinadas. Bares não podem mais expor imagens de São Jorge, os filhos de santo são proibidos de andar de branco ou de portar guias nos pescoços e até mesmo festas juninas ou doces de Cosme e Damião são proibidos.

E a Capoeira com isso?
Como a Capoeira é tradicionalmente alvo de ataques preconceituosos, muitos cristãos a julgam "coisa do demônio". Os capoeiristas que se declaram abertamente praticantes do candomblé ou da umbanda encontram barreiras ao tentar estabelecer pontes e diálogos com esta nova realidade.
Pode ser que, em breve, escutemos relatos de capoeiristas que se viram proibidos de praticar sua arte nas comunidades onde residem.
Qualquer um que trabalhe em comunidades populares já passou pelo problema de ter crianças cujas mães retiram seus filhos das aulas de Capoeira ou proíbem seu ingresso, baseadas nos preconceitos religiosos.
A questão é real e já atinge a Capoeira de frente.

Qual a solução?
Para uma situação complexa são necessárias estratégias igualmente complexas.
Os "capoeira-gospel" se ressentem dos ataques vindos tanto dos "puristas" da Capoeira, quanto dos "puristas" cristãos.
Os capoeiristas defensores das tradições afro-brasileiras, adeptos ou simpatizantes do candomblé e da umbanda, se veem ameaçados pela onda gospel.
No centro do imbróglio se encontram também as redes sociais, que mais dificultam e criam muros discursivos do que promovem diálogos e pontes entre as diferenças.
A quem uma "guerra santa" será benéfica? Qual o risco que ofereceria aos capoeiristas? Será que os pastores e os "capoeira-gospel" poderiam ser aliados para facilitar a entrada ou permanência da capoeira tradicional nas comunidades

populares? Será que não é chegada a hora de pensar em estratégias de diálogo entre os diversos segmentos da Capoeira, incluindo os "capoeira-gospel"? Será que existe algum outro caminho que não seja o encontro presencial com pessoas que pensam diferentemente, mas utilizam igualmente a bandeira da Capoeira?
Será que podemos falar de cultura popular sem levar em conta o povo real?
São perguntas como essas que teremos que nos fazer nos próximos anos, pois o Brasil caminha a passos largos a uma revolução evangélica silenciosa, com base popular, e a Capoeira não ficará de fora.
Axé para quem é de axé! Amém para quem é de Amém!

Ferradura
PS – Deixe seu comentário abaixo! Compartilhe e marque seus amigos para fazer a discussão mais abrangente.
PS 2 – Após escrever este texto, fiz dois vídeos ao vivo sobre o assunto. Assista agora:
Fonte: CAPOEIRARJ

Ficha de matéria
Nº: 70
Secção: CAPOEIRA | CIDADANIA - palavras-chave: (Racismo)
Data: 20 fevereiro, 2018
Autor/Autora: Ana Ehlert
Grau com Capoeira: Não especificado
Título da matéria
Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira
Texto da matéria
Câmara de Curitiba aprova moção de repúdio contra humorista por piada com capoeira A moção de repúdio ao comediante Dihh Lopes por piadas com a capoeira foi proposta pelo vereador e capoeirista Mestre Pop, do PSC, e aprovada sem unanimidade na Câmara Municipal de Curitiba. De acordo com o parlamentar, o humorista desrespeitou o esporte, que é reconhecido como patrimônio cultural e imaterial da humanidade. "A capoeira é reconhecida como patrimônio cultural imaterial da humanidade. Existe toda uma luta para tirá-la da marginalidade. A capoeira chegou a ser proibida no Brasil [até a década de 1930], e precisou ser disfarçada em dança", declarou. "A capoeira chegou aqui [ao país] dentro de um navio negreiro. Foi arma de resistência contra escravatura. Não aceito, não admito [as piadas]." "Ele compara a capoeira a fezes, para não usar o termo pejorativo que ele usa", continuou Pop. No vídeo, Lopes pergunta ao público se tem alguém que "luta ou joga capoeira" e diz ter "vergonha" da prática. "Desculpa, não tem como respeitar", afirma, em outro trecho. "Dois negões gigantes rebolando, é capoeira ou parangolê? Quem tá [sic] ali quer ver sangue. Juro, a galera queria ver. Capoeira só ameaça. Não consigo respeitar", declara o humorista. Ele debocha, na sequência, dos nomes dos golpes e da capoeira ser considera uma arte. "Não fiz para todos assinarem porque 30% não iam assinar, assim como foram pedir para eu retirar. A Confederação Brasileira de Capoeira e outras estão em movimento,

para que isso não se repita", complementou o autor da moção de repúdio, para quem a capoeira "é a maior representação cultural brasileira". "Arte tem sua liberdade, mas para no momento que você desrespeita alguém. Arte tem limite", disse Pop.
Osias Moraes (PRB) argumentou que também há casos de desrespeito a outros segmentos, como aos evangélicos e a padres. "Já tivemos aqui o Thiago Ferro [PSDB], ridicularizado por um humorista", acrescentou. "Temos sim que combater esse humorismo, esses espetáculos que têm como fundamento ridicularizar um segmento e pessoas. Me somo ao senhor pela capoeira e vários outros segmentos." Também declararam apoio a Mestre Pop os vereadores Professor Euler (PSD), Professor Silberto (MDB), Ezequias Barros (PRP) e Oscalino do Povo (Pode).

"Censura"
Contrária à aprovação da moção de repúdio, Julieta Reis (DEM) foi à tribuna debater o requerimento. "Uma coisa é a valorização da capoeira, como patrimônio cultural brasileiro e mesmo internacional. Outra é um pedido de repúdio a um comediante, que nem sei quem é, envolvendo a Câmara como um todo. Uma censura", avaliou. "A maior parte dos comediantes hoje fala mal dos políticos, faz uma sátira. Nós teríamos que fazer voto [moção] de repúdio todo dia. Temos que pensar bem. Uma coisa é você [Pop] fazer de forma individual, por uma associação", completou.
"É uma linha tênue entre valorizar a capoeira e os votos de repúdio da Câmara a uma piada de mau gosto, que acontece todo dia. Poderia ser ao balé. Vamos censurar todos os comediantes por piadas de mau gosto, a maior parte delas sobre políticos? Nós [vereadores] não podemos, vai do público não aceitar", continuou a vereadora. "Não é o momento desta Casa fazer nenhum pronunciamento", concordou Jairo Marcelino (PSD).
Professora Josete (PT) se absteve e justificou o voto devido à censura. A parlamentar disse concordar com a importância da capoeira e que existe racismo no país, mas alegou que "neste momento de exceção, com intervenção militar [federal] no Rio de Janeiro, tenho grande temor com censura". "É um debate muito delicado", completou. Para ela, as associações de capoeira e outras entidades "têm todo o direito de fazer a crítica a esse humorista".
Fonte: Ana Ehlert – http://www.bemparana.com.br